

VACCLAV

A NOVEL



LENIA

HALEY TANNER

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

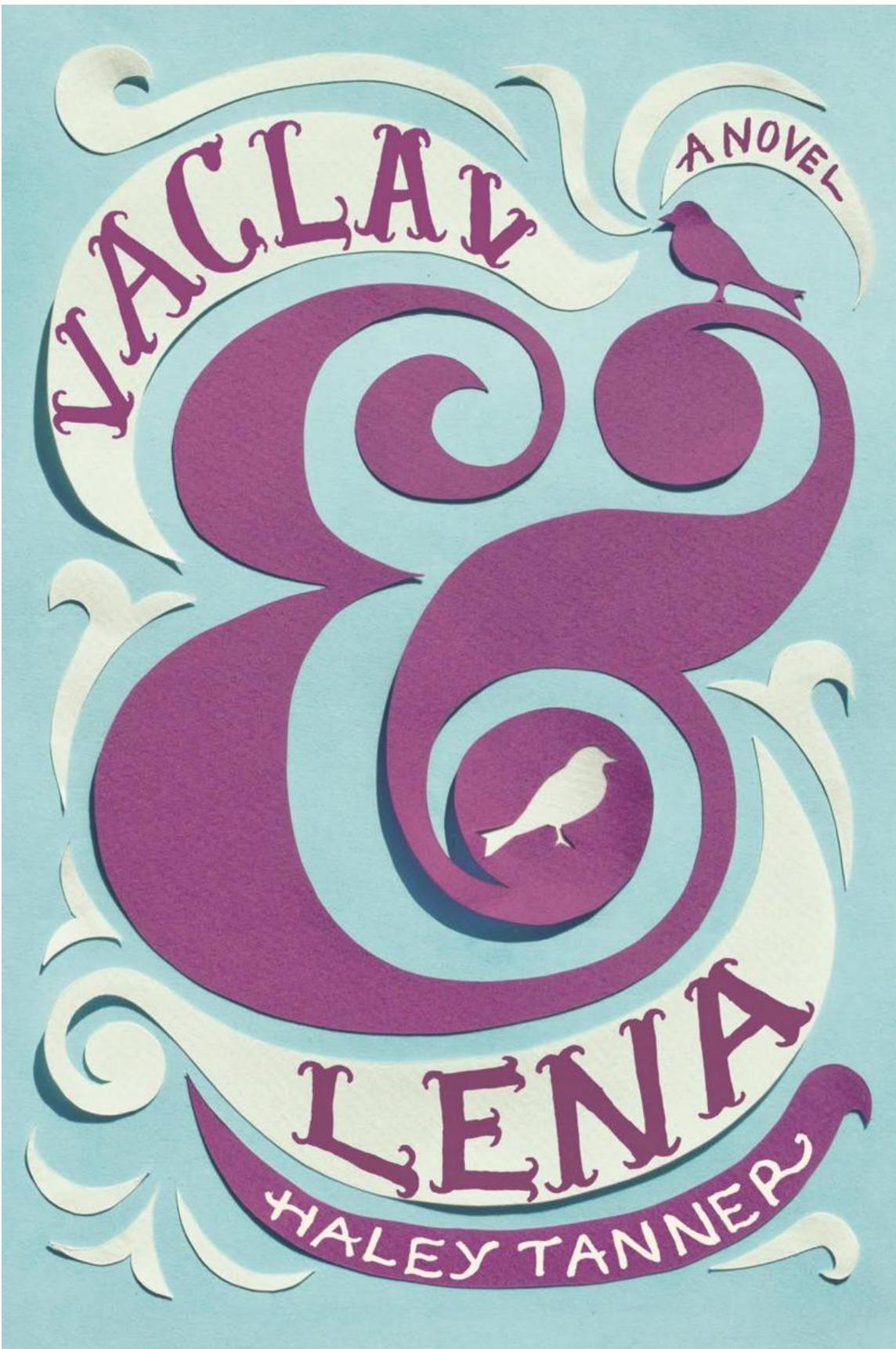
É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***





VACLAV

A NOVEL

LENA

HALEY TANNER



## **HALEY TANNER**

*C Gavin, meu cúmplice no crime, meu lindo assistente,  
meu camarada e o melhor marido que alguém poderia ter,  
você ainda é meu sol nascente.*

*Você enche minha vida todos os dias  
com encantamento e alegria e possibilidades.*

*Você sempre esteve em cada página deste livro  
e agora também é parte do grande, indômito, magnífico universo.  
Sei que está se divertindo muito aí, posso sentir.*

*Amo você.*

1

.

2

# **SEM ASSISTENTE**

## **NÃO EXISTE MÁGICO**

\*\*\*

— Pronto, agora eu vou ensaiar, e você ensaia também. Ahem. AH-

em. Sou Vaclav, o Magnífico, e meu aniversário é dia 6 de maio, o famoso

dia que as próximas gerações vão comemorar e em que vão se alegrar,

um dia que no futuro vai eclipsar o Natal, o Hanucá, o Ramadã e todas as

festas pagãs, nascido numa terra muito, muito, muito, muito, muito,

muito, muito distante daqui, uma terra de segredos antigos e magníficos,

uma terra de conhecimentos encantados repassados através dos tempos

desde os ancestrais, uma terra de ilusão (Rússia!), nascido lá e tendo

reaparecido aqui, nos Estados Unidos, em Nova York, no Brooklyn (que é

um bairro), perto de Coney Island, que é um famoso lugar de mágicas na

grande terra das oportunidades (a América, é claro), onde todo mundo

pode se tornar qualquer coisa, onde um sem-teto hoje pode vir a ser amanhã um homem de negócios de terno, e o homem de negócios de

ontem pode virar um sem-teto hoje à tarde, Vaclav, o Magnífico, que sem

dúvida será convocado por duques e presidentes, tsares e aiatolás para

realizar suas formidáveis proezas com encantamentos, deixando todos ao

mesmo tempo e da mesma forma estarrecidos e admirados, e, sendo

assim, um dia nos anos futuros vai ser o arauto de uma nova era (que é

um período de tempo) de paz na terra. . Senhoras e senhores, trago-lhes

agora, apresento-lhes, e aviso antecipadamente sobre a chegada dele para

que possam fechar os olhos ou cobrir o rosto com as mãos se ficarem com

medo, Vaclav o Magnífico, o Menino-Mágico.

— É... — resmungou Lena.

3

— Lena, o que você viu é a introdução perfeita para o número de mágica. É longa, perfeita, composta apenas das melhores e mais

complicadas palavras do dicionário — diz Vaclav.

— Depois da terceira frase, diga: —Mágica é a arte de controlar os acontecimentos usando poderes sobrenaturais|| — diz Lena.

Essa é a frase favorita dela, decorou-a de O Almanaque do Mágico, que é um grande livro negro com páginas de bordas douradas, todo sobre

truques e ilusionismo. Vaclav não parava de pegar esse livro emprestado

na biblioteca, então, no ano anterior, no aniversário dele, Lena o colocou

dentro da mochila e o levou para casa, para dar a ele de presente e assim

o livro passar a ser dos dois para sempre.

— Soa bem, mas não faz parte do número. Eu já disse isso a você.

Essa é a introdução, completa. Agora você tem de selar a introdução com

a vela mágica de aniversário.

Vaclav dobra a folha de caderno na qual está escrita a introdução

ao número de mágica e a estende para Lena. Lena não a pega da mão

dele. Ela está segurando a vela mágica de aniversário na mão esquerda e

esfregando suas caneluras em espiral com o polegar. Na mão direita,

segura o isqueiro com o qual vai acender a vela. O lacre com cera derretida no papel é parte importante de tudo o que Vaclav e Lena escrevem, e cabe a Lena, exclusivamente a ela, acender a vela mágica de

aniversário, segurá-la no alto e depois deixar a cera pingar no papel dobrado, lacrando-o para todo o sempre.

Debaixo da cama de Vaclav, ao lado de um pé de meia esquecido, entre uma porção de coisas indistintas e empoeiradas, há uma caixa de

sapatos cheia de folhas de caderno dobradas e seladas com a cera

4

derretida de Lena. As coisas escritas nelas são importantes declarações,

pactos, listas e outras invenções da vida dos dois jovens mágicos.

— Nós escrevemos e acabamos agora, Lena, e hoje à noite vou pedir permissão para fazer um espetáculo.

— Impossível — objeta Lena.

— Não, é possível. Posso conseguir isso. Talvez não hoje à noite, mas em breve. E então selamos a introdução, o que significa que podemos

começar a preparar o número. Assim que tivermos a permissão, nós nos

apresentamos. Acenda. Derreta a cera. E pronto.

— Desdobre o papel. Escreva. Mágica é a arte de controlar os acontecimentos usando poderes sobrenaturais.

— Não, Lena, não vou escrever. Isso não faz parte da introdução do número. É uma frase muito bonita, mas não se encaixa. Esta aqui é a

introdução, que temos de lacrar para que assim seja e a gente comece a

ensaiar o número de mágica.

Lena olha para o isqueiro que furtou do bolso do roupão da Tia.

Lena sabe que é errado roubar, a não ser que se precise muito de algo e a

pessoa não esteja em casa e nem chegue a perceber que aquilo sumiu.

Roubar o isqueiro provocou-lhe medo, deu-lhe uma sensação boa, de

coragem. Lena sente-se corajosa com o isqueiro na mão, muito madura.

— Por que é sempre você quem manda? — Lena pergunta.

— Primeiro, porque eu sou o mágico e você é a assistente. O assistente vem depois do mágico em importância. Não existe assistente

sem mágico — explica Vaclav.

— Sem assistente não existe mágico — retruca Lena.

5

— Sou um ano mais velho do que você — rebate Vaclav.

— Dez é só um pouquinho mais do que nove anos e onze meses —  
insiste Lena.

— Mágico é mais importante do que assistente porque... — diz

Vaclav, preparando-se para dizer mais uma coisa que prove que ele  
deve

ter autoridade sobre Lena. Ele quer ganhar essa discussão, apesar  
de

saber que vão discutir isso outra vez. É uma briga que eles sempre  
têm.

Feito a famosa discussão sobre o ovo e a galinha, qual veio primeiro,  
e

qual é mais importante e melhor do que o outro. A briga nunca  
termina

porque é impossível provar qual veio primeiro ou quem é melhor  
quando, na verdade, ambos são a mesma coisa.

Ouve-se uma batida na porta. Lena e Vaclav fitam a porta com  
olhos arregalados, apavorados. Ouvem-se três batidas fortes e então  
a

maçaneta gira, mas não abre porque a porta está trancada.

Vaclav enche-se de arrependimento. Trancar a porta foi uma péssima ideia. Para a mãe de Vaclav, a porta trancada indica que algo

ilícito pode estar acontecendo no quarto do jovem mágico.

— Vaclav! Abra esta porta agora mesmo ou abro eu! Quer que seja do jeito mais fácil ou do mais difícil?

Lena e Vaclav enfiam suas coisas mágicas debaixo da cama, as escondem atrás dos babados perfurados por ilhoses da saia da cama.

— Já vai, já vai! — diz Vaclav, pondo-se de pé às pressas.

Assim que destranca a porta, esta se escancara, empurrando-o para trás.

6

Os olhos de Rasia esquadrinham o quarto. Rasia não sabe o que está procurando, mas se preocupa o tempo todo. Todo dia, às 17h10, ela

corre para casa o mais rápido que pode porque seu filho está crescendo e

mudando a cada segundo, e ela tem poucas horas para moldá-lo como se

ele fosse de barro. Tem poucas horas para mostrar a ele que é importante

fazer o dever de casa, jantar em família, não usar drogas, nem roubar nem

ser uma pessoa preguiçosa ou trapaceira. Tem de protegê-lo dos pedófilos, dos estranhos, dos valentões, das armas e do envenenamento

por monóxido de carbono. Ela se preocupa porque quando ele chega da

escola a casa está vazia; ele é uma daquelas crianças que andam com a

chave de casa e ela é uma dessas mães que trabalham, e eles moram

numa área urbana, e Vaclav frequenta uma escola pública movimentada,

e todas essas coisas são ingredientes de problemas quando se escuta as

notícias, o que ela faz, cuidadosa, vigilante, sempre para saber qual é a

próxima coisa que deve temer.

— Não estou gostando do que vejo aqui. O que está acontecendo aqui enquanto não estou em casa?

— Nada! Não estamos fazendo nada! Dever de casa. Só estamos fazendo o dever de casa — responde Vaclav.

— Nada e dever de casa durante três horas? Isso não acredito.

Quero ver todo o dever de casa depois do jantar.

Rasia afasta-se na direção da porta, olhos fixos em Lena. Está preocupada com Lena por causa da conhecida ocupação da Tia. É e não é justo ao mesmo tempo.

— Certo, nada e dever de casa, e também um pouco de ensaio do número de mágica — admite Vaclav.

7

Rasia volta a entrar no quarto.

— Também um pouco de ensaio do número de mágica?

— Na verdade, é, sim, estávamos ensaiando o número de mágica

— diz Vaclav, tentando parecer sério. — Talvez, também, se você deixar,

porque o dever de casa está todo pronto, talvez... — Vaclav levanta os

olhos para a mãe, e Rasia baixa os olhos para o filho, que dança enquanto

pede o que quer, seus tênis de velcro cavando pequenos círculos nervosos

no tapete.

— Talvez o quê? — pergunta Rasia.

— Talvez, antes do jantar... — responde Vaclav.

— Diga logo o que você quer — diz Rasia, semicerrando os olhos.

— Será que Lena e eu podemos fazer um espetáculo de mágica para vocês na sala antes do jantar? — Vaclav dispara, muito depressa, num fôlego só.

— O dever de casa está todo pronto? — pergunta a mãe .

— Está, está todo pronto — responde Vaclav, embora seu dever de casa esteja, na verdade, quase pronto.

— Lena, você vai ficar para jantar? — pergunta Rasia.

— Da — responde Lena.

— Em inglês! — diz Rasia.

— Vo-ou — diz Lena num resmungo.

— Antes de acontecer qualquer mágica, o dever de casa tem de ser feito — declara Rasia.

8

Vaclav sorri, porque sabe que aquela é a maneira de ela dizer sim.

Rasia olha de cara feia para o quarto por um minuto a mais, só para erradicar qualquer coisa esquisita que possa ou não estar acontecendo, e

então, satisfeita, finalmente sai, puxando a porta até quase fechá-la atrás

de si. Assim que ela sai, Vaclav e Lena pulam e gritam de animação e em

seguida começam a se preparar freneticamente para seu magnífico número.

## SENHORA E SENHOR

\*\*\*

Vaclav e Lena desligam a televisão de tela grande na sala de estar.

Empurram a enorme mesa de centro feita de mogno para trás, para junto

da parede; é um palco perfeito, preto, sólido e brilhante. Eles já

arrastaram a mesa de mogno desse jeito uma porção de vezes; é fácil

empurrá-la por cima do grande e gasto tapete persa.

Vaclav e Lena ficam parados no palco, esperando a plateia tomar seus lugares.

— Papai! — grita Vaclav. — Venha logo, estamos prontos!

Rasia já está sentada no grande sofá preto de couro, esperando o espetáculo começar. O pai de Vaclav chega com um copo de vodca na

mão e afunda no sofá.

— Pronto, estou aqui. O que vamos ver? O que vocês vão nos mostrar? — pergunta o pai de Vaclav.

— Só observe, está bem? — Vaclav está vestindo seu uniforme da escola, jeans e uma camiseta verde, uma gravata-borboleta pendendo do

pescoço e a cartola de mágico na cabeça. Lena usa sua roupa normal,

jeans e camiseta, porque ainda não fez seu traje de assistente.

— Primeiro, dou as boas-vindas à minha linda e inteligente plateia.

Senhora e senhor, vocês vão ter uma grande surpresa. Sou Vaclav, o

Magnífico, e esta é minha assistente, a Linda Lena. — Vaclav faz um gesto

largo com o braço esquerdo para indicar Lena, que faz uma demorada,

profunda e séria reverência.

Vaclav e a plateia esperam em silêncio que ela retome a postura ereta.

— Esta noite, temos para vocês uma atração especial que vai deixá-los espantados e impressionados. Por favor, alguém na plateia pode me

dar a honra de oferecer uma moeda para ser usada num truque de mágica?

— Isso é golpe — diz o pai de Vaclav.

— Papai! — exclama Vaclav.

— Oleg, dê a moeda a ele — resmunga Rasia, e, com muitos

gemidos e grunhidos, o pai põe a mão no bolso traseiro da calça e apanha

uma moeda quente, que entrega ao filho.

— Obrigado, gentil senhor. Agradeço muito. — Vaclav segura a moeda entre o polegar e o indicador e a apresenta ao exame da plateia.

— Lena, por favor, o papel.

Lena tira uma folha de papel de trás de si. Dá um passo à frente e mostra à plateia a frente do papel, o verso do papel e as bordas laterais do

papel. Ergue a folha de papel contra a luz, depois recua um passo.

10

— Como a minha linda assistente está mostrando, essa é uma folha de papel normal, sem furos, cortes nem rasgos. Obrigado, Lena.

Lena acena com a cabeça.

— Por favor, olhem com atenção. Agora estou dobrando o papel em torno da moeda. — Vaclav dobra o papel várias vezes, de modo que a

moeda fique dentro dele como se estivesse em um envelope. Rasia desloca-se um pouco para a frente do assento no sofá, atendendo às

instruções do filho para olhar com atenção. Oleg cruza os braços.  
Como

estava dormindo, Oleg está com marcas fundas como cicatrizes no  
rosto e

no pescoço e pelos brotam da gola de sua camisa.

— Podem ver que a moeda está completamente embalada pelo  
papel.

Lena aproxima-se de Vaclav e estende a mão de lado para chamar a  
atenção da plateia para a misteriosa moeda envolta em papel.

Concentrando toda a sua atenção, Vaclav passa a moeda envolta no  
papel da mão esquerda para a direita. Sem explicar o movimento.  
Lena

estende os braços rígidos para o ar e gira, gira o corpo sem parar,  
aproximando-se perigosamente da borda da mesa de centro. Rasia  
prende a respiração, temendo que ela caia.

— Usando minha varinha mágica, agora vou fazer a moeda

desaparecer no ar — anuncia Vaclav, segurando firme o embrulho  
com a

moeda e, nervoso, enfia a mão esquerda no bolso de trás da calça.  
Lena

tenta se requebrar, balançando os ombros ossudos para a frente e  
para

trás.

11

Vaclav mantém a mão no bolso durante o momento dos requebros de Lena, depois a tira, sorridente, mostrando à plateia sua varinha mágica.

A varinha mágica de Vaclav é um de seus bens mais preciosos. É uma varinha mágica de verdade, de uma loja de mágicas de verdade em

Manhattan. Sua mãe o levou até lá, e tiveram de viajar mais de uma hora

de metrô para chegar. Na loja, eles pediram ao dono para ajudá-los a

escolher a melhor varinha e depois foram almoçar num restaurante, e

Vaclav manteve a varinha no colo o tempo todo.

Vaclav bate três vezes com a varinha no embrulho de papel.

— Abracadabra! — diz Vaclav, ao bater pela última vez. — A moeda desapareceu!

— Lena — diz ele —, minha linda assistente, por gentileza, faça-me o favor de pegar este embrulho de papel e rasgá-lo em dois. Lena pega o

pacotinho de papel da mão dele e, sem esforço, rasga-o ao meio.  
Em

seguida, mostra os pedaços de papel à plateia, e, tendo a plateia visto

provas suficientes do desaparecimento da moeda, lança-os para cima

para obter um efeito dramático.

Vaclav e Lena curvam-se para a plateia saber que é hora de começar a aplaudir.

— Fantástico! — diz Rasia, apesar de não saber com certeza qual parte do truque foi o truque propriamente dito. Está quase certa de que

não deveria ter visto Vaclav deixar a moeda cair do pacote de papel para

sua mão aberta, assim como não deveria tê-lo visto botar a moeda no

bolso quando tirou a varinha de lá.

Vaclav e Lena curvam-se novamente.

12

— Bravo! — diz Rasia.

Vaclav e Lena descem da mesa.

— Cadê minha moeda? — pergunta Oleg.

— Um mágico nunca revela seus segredos — declara Vaclav.

— Oleg — repreende Rasia ao pai de Vaclav, querendo dizer não pergunte pela moeda novamente.

— Obrigado — diz Vaclav. — Estou contente por vocês terem gostado. Lena e eu vamos apresentar este número no sábado para os fãs

no deque de Coney Island. — Vaclav está radiante.

— Vaclav. — Rasia respira fundo. Ela vem tentando ignorar essa ideia de um espetáculo em Coney Island, mas Vaclav não a esquece. Ele é

muito persistente. Não sabe que é uma péssima ideia.

— Não acho que seja uma boa ideia — diz ela.

— Por quê? — pergunta Vaclav.

— Porque não é.

Como dizer a verdade a ele? Ela não pode falar que os bêbados e os adolescentes em Coney Island vão rir dele. Não pode lhe dizer que ele vai

ser humilhado. Não pode lhe dizer que ninguém vai aplaudir, ninguém

vai fazer ooh nem aah.

— Por quê? — pergunta Vaclav.

— Porque não é seguro.

Isso talvez esteja perto de ser uma resposta sincera, pensa ela. Não é seguro, para Vaclav, estar lá fora no mundo, com os olhos abertos para

13

tudo e o coração exposto, com seus sonhos nas mãos, prontos para se

mostrarem e se revelarem.

— Isso não é justo! Temos de ensaiar para apresentar o espetáculo para uma plateia de verdade! — grita ele.

Deixe estar, pensa ela com seus botões, é melhor que ele pense que ela é a pessoa mais malvada do mundo. É melhor ele pensar que ela não

quer que ele apresente sua mágica.

— E ponto final. Não discuto mais isso — conclui ela.

— Não acredito! — exclama Vaclav.

— Vá lavar as mãos e se preparar para o jantar — diz a mãe. —

Lena, você também.

Rasia para junto à porta enquanto Vaclav e Lena marcham para um jantar que não é a coisa da qual têm fome.

## JANTAR

A cozinha da casa de Vaclav é muito quente, e o ar é pesado. Inalar o ar é como sugar um milk-shake por um canudo. Assim que Lena entra

na cozinha, já se sente saciada, como se o cheiro estivesse enchendo sua

barriga. O jantar na casa de Vaclav é sempre assim. Basta o cheiro para

alimentar; a pessoa nem precisa comer.

— O que tem para o jantar? — pergunta Vaclav.

— Isso é uma piada? — pergunta Rasia, porque o filho sabe qual vai ser o jantar. A casa está tão repleta do cheiro de borche que quase se

14

espera ver o ar meio colorido de vermelho-arroxeadado; que possa haver

uma condensação de borche no teto, nas paredes, nas vidraças.

Lena abre uma gaveta ao lado do grande traseiro de Rasia, que

balança quando ela mexe o borche na panela. Ela tira quatro garfos, quatro colheres e nomeia cada talher em sua cabeça para ter certeza de

que apanhou um para cada pessoa. Mãe colher, pai colher, Vaclav colher,

eu colher. Ela diz mãe e pai em sua cabeça, mas quer dizer a mãe de

Vaclav e o pai de Vaclav. Não é algo confuso para ela porque jamais confundiria a mãe de Vaclav com a sua mãe, porque Lena não vê a própria mãe desde antes de poder se lembrar dela.

Lena pensa em sua mãe de um modo muito diferente do modo como pensa em Rasia. Rasia tem um cheiro parecido com perfume forte.

É uma mulher grande com um grande traseiro, que usa vestidos gastos e

desbotados e mocassins de couro, que faz uma sopa fedorenta que ela

mexe, que faz as cadeiras rangerem quando se senta nelas. A mãe de

Lena é uma ideia. A mãe de Lena é um mistério.

Lena coloca os talheres e senta-se no seu lugar de sempre, ao lado de Vaclav, em frente ao pai dele, ao lado da mãe dele.

Vaclav se desincumbe rapidamente de sua tarefa, distribuindo os guardanapos e pondo um copo de água diante de cada prato.

Lena senta-se enquanto Vaclav enche primeiro o copo dela, depois

o de Rasia, depois o próprio. Ela observa Vaclav encher o copo do pai

com vodca.

Vaclav e Oleg sentam-se em seguida. Vaclav, em silêncio, Oleg,

com um gemido baixo, desagradável. Rasia não se senta logo; ficará de pé

até servir borsche com carne para todos, e então vai se sentar.

15

Rasia segura a tigela de borsche ao lado do corpo com as duas mãos,

sua axila escura visível acima deles. Coloca a panela com um baque surdo

sobre o descanso de aço em forma de Hello Kitty que está em cima da

mesa, depois mergulha a concha no borsche e a retira como se fosse um

pistão. A concha é branca, manchada de castanho. O borsche é da cor do

carpete da biblioteca da escola, pensa Lena. Rasia enche a tigela do

marido. O borsche é da cor das flores. Rasia mergulha a concha no borsche

várias vezes, servindo Vaclav. O borsche é da cor de um vestido que uma

rainha poderia usar. O borsche inunda a tigela de Lena. O borsche é cor de

sangue. O borche é cor de sangue, e não são pedaços de carne que estão

dentro dele, mas verrugas que caíram das muitas dobras do queixo de

Rasia. Quando a cabeça de Lena começa a funcionar desse jeito, ela não

consegue mais fazê-la parar.

Rasia senta-se pesadamente em sua cadeira. Acomoda a barriga

imensa por cima do elástico da cintura de sua calcinha. Segura a colher

acima da tigela de sopa e abaixa a cabeça, mas, antes de pôr a colher na

boca, olha rapidamente para Lena. O ar na cozinha está úmido e denso.

Cada vez que Lena respira, inala borche, inala o cheiro entre as dobras de

pele suadas da barriga de Rasia, inala o sopro que vem dos molares

posteriores de Oleg, dos pedaços de verrugas boiando na sopa.

— Coma, Lena, coma! — Rasia está concentrada nela. Lena leva a

colher até a sopa. Ajeita o talher para tentar encher uma colherada sem

verrugas.

— Qual é o seu problema? Quer um convite especial para comer?

Os gritos sobressaltam Lena, que mergulha a colher no borsche.

— Ela está tão magricela quanto as crianças das ruas da Índia. Não fica bonitinha assim, só pele e osso! — diz Rasia, depois sorve sua sopa.

16

Uma coisa estomacal quente está subindo pela garganta de Lena, enchendo sua boca. Ela se levanta da mesa, pensando em chegar ao banheiro, onde ninguém a verá, e vai lavar a boca e voltar para a mesa,

talvez com as faces um pouco afogueadas, mas a não ser por isso ninguém saberá nada. Ela está pensando, o banheiro é tão perto, o banheiro é tão perto, e se ela conseguir manter a boca fechada, tudo vai

ficar bem. Mas então vem outro soluço quente, outra bolha, e ela não

consegue manter tudo dentro da boca como pensava que poderia, e tudo

jorra na blusa dela e no chão, e ela está a três passos da mesa de jantar.

Rasia corre na direção dela enquanto Oleg joga o guardanapo em cima da mesa e afasta a cadeira. As costas de Rasia se suavizam quando

seu braço enorme e macio se estende em torno de Lena e ela conduz a

menina trêmula para o banheiro. Oleg apanha seu copo comprido e vai

para a sala de estar sentar-se no sofá e assistir a novelas da Rússia na

televisão de tela grande. Quando terminar de beber, vai começar a roncar,

e roncará no sofá até a hora de roncar no quarto.

Vaclav puxa os pés para cima do assento da sua cadeira para

mantê-los longe do vômito, e olha para o chão. O vômito de Lena não é

igual ao vômito dele. O dele, atrás dos balanços da escola, quando ele

comia demais e se balançava demais, era substancial e costumava ser da

cor do borche. O vômito de Lena é como a espuma do mar na praia de

Coney Island, aerado, rançoso e menos amarelo do que xixi. Vaclav se

levanta da cadeira, com cuidado para não pisar no lindo vômito de sua

linda assistente, e vai buscar um pano para limpar a sujeira insignificante

de Lena.

No banheiro, Rasia passa uma toalha úmida no rosto da menina.

Os olhos de Lena são mesmo tão escuros e grandes, Rasia se pergunta, ou

17

só parecem assim porque a pele dela é tão clara, o rosto tão pequeno e

delicado? Lena está sentada no tampo fechado do vaso sanitário segurando a camiseta vomitada embolada nas mãos. Rasia decide, enquanto limpa o rosto assustado de Lena, lavar e secar a camiseta da

menina e não comentar o assunto com a Tia.

Rasia se pergunta se alguém já conversou com Lena sobre as coisas de menina que ela diria a uma filha se tivesse uma. Ela se pergunta se um

dia Lena terá de pedir à Tia um sutiã de adolescente a fim de treinar seus

seios para fazerem o que os seios devem fazer, ou se ela vai economizar o

dinheiro da mesada e ir sozinha à loja de departamentos. Rasia se

pergunta se Lena sente falta de ter mãe, depois diz a si mesma que isto é

bobagem. Claro que ela sente falta. É difícil, na cabeça de uma pessoa,

resolver onde situar Lena; é difícil de saber o que fazer com tanta pena.

Rasia diz a Lena para esperar no banheiro enquanto ela vai buscar uma

camiseta limpa. Lena fica sentada em cima do vaso, sem camiseta, os

braços cruzados sobre o tronco, fitando os azulejos.

## **DIFÍCIL DE SABER**

Quando Rasia leva Lena a pé para casa, repara que Lena segura a mão dela com mais força do que de costume. Talvez isto seja coisa da sua

cabeça. Parece também, para Rasia, que Lena está mais magrinha do que

de costume, mas quando se trata de crianças é difícil saber. Quando

Rasia abre a porta para levar Lena para dentro, acende a luz e olha em

torno, vê que tudo está igual ao que estava na noite anterior. Rasia

acredita que a Tia não tenha estado em casa, nem para arrumar a bagunça

nem para aumentá-la. Lena foi deixada sozinha. Na mente de Rasia, não

18

há dúvida de que aquilo não é lugar para uma menina pequena morar.

Disso ela tem certeza, e isso, isso é difícil de saber.

**VACLAV TEM PENSAMENTOS EXCELENTES DURANTE O**

## **BANHO DE ESPUMA**

Vaclav acorda cedo, sem ajuda do seu despertador. Nessa manhã, ele toma a decisão clara e firme de vencer sua campanha para obter a permissão de realizar um espetáculo de mágica no deque de Coney Island.

Ainda de pijama, senta-se diante da escrivaninha de seu quarto, apanha seu dicionário e começa a redigir uma lista.

PROVAS AOS PAIS DA FIDEDIGNIDADE DE VACLAV A FIM  
DE SOLICITAR PERMISSÃO PARA REALIZAR ESPETÁCULO DE  
MÁGICA NO DEQUE DE CONEY ISLAND

1. Limpar o quarto
2. Realizar as tarefas domésticas
3. Colocar a mesa
4. Terminar o dever de casa
5. Passar de ano
6. Atividades extracurriculares
7. Devoção à carreira de mágico

Vaclav repõe o lápis no porta-lápis, satisfeito por um momento com sua lista. Então caminha com passos leves até o banheiro para escovar os

dentes, com cuidado para não despertar a mãe e o pai, que estão roncando.

Vaclav prepara um banho de espuma, porque é dentro do banho de espuma que tem excelentes pensamentos sobre sua mágica. Deita-se de

costas, submergindo o corpo até as orelhas, e escuta os sons do próprio

corpo, os sons de sua casa, através da água. Seu coração batendo é igual

às batidas de alguma coisa dura e pesada demais dentro da secadora de

roupas da Sra. Ruvínova no andar de cima. O gorgolejo de sua barriga é

igual ao gorgolejo dos canos dentro da parede.

Vaclav fecha os olhos e o rugido em seus ouvidos é o mesmo de

uma multidão agitada. Ele é grande e alto, um homem agora. Está usando

um smoking brilhante com reflexos negros e azuis sob as luzes do palco.

Atrás dele, uma cortina sobe e revela Lena, com seu futuro corpo de

adulta, presa a uma roda giratória para o número do arremesso de facas.

A plateia prende a respiração. De repente, Vaclav tira uma porção de facas afiadas. Abre o conjunto de facas como se fossem cartas de baralho e

levanta-as para a plateia a fim de intensificar a ansiedade geral. Para comprovar a veracidade das facas e o seu corte, ele faz um grande talho

na cortina atrás de si. Para fazer o público pensar no horror de uma lâmina dessas perfurar a bela pele de Lena, ele joga um tomate no ar e o

corta em dois. Lena, girando na roda, parece apavorada, mas não está,

realmente. Na verdade, ela confia em Vaclav e na precisão, na perfeição

do número, pois eles o aprimoraram durante os muitos anos de prática

juntos.

20

Ainda assim, ela está completamente, totalmente em harmonia com cada ligeira contração muscular de Vaclav, com cada piscadela de seus

olhos. Até sinais invisíveis ele pode lhe enviar com sua mente — ela os

escuta como um rádio que capta canções silenciosas no ar.

Há uma batida forte na porta do banheiro.

Oleg muitas vezes precisa fazer xixi de repente de manhã, porque grandes copos de vodca não caem da melhor maneira do mundo na bolsa

de mijão de um homem de 50 anos.

Vaclav está sempre dizendo a seu pai que a palavra certa é bexiga, e seu pai sempre responde que não foi para aprender como dizer mijar e

cagar que ele fez aquela longa viagem da Rússia para lá. Ele veio da Rússia, está sempre dizendo a Vaclav, para Vaclav aprender sobre dólares, ações e negócios americanos e um dia comprar para seu papai

uma banheira quente cheia de garçonetes do American Hooter.

Vaclav ergue-se da banheira e pousa um pé encharcado no tapete do banheiro, uma das mãos pingando destranca a porta e a outra mão

pingando sobre você-sabe-o-quê, de modo que seu pai não queira fazer

graça com ele.

Assim que a porta é destrancada, Oleg entra depressa, sem dar

tempo ao escorregadio Vaclav de voltar a se colocar sob a proteção das

bolhas de sabão e da água. Ele vê o filho segurando o que não deveria

estar segurando e deixa escapar uma barulhenta gargalhada.

Vaclav se deixa cair de volta na banheira e afunda enquanto Oleg urina, gemendo de alívio. Vaclav mergulha a cabeça na água para se esconder do cheiro amarelo que está no vapor, que está por toda a parte.

21

Oleg acaba de urinar e põe tudo de volta dentro das calças de seu pijama. Então olha para a banheira, para seu filho debaixo da água com

os olhos bem fechados. Oleg resmunga e sai do banheiro, mas não fecha a

porta.

Não é fácil para Vaclav retomar sua visão do futuro, mas ele

guarda a visão em sua mente, no fundo dela, de modo que seu sonho

nunca se afaste dele. Enxuga o corpo e se enrola numa grande toalha

felpuda, depois sai com passos cautelosos para o corredor, devagar,

ouvidos e sentidos atentos. Seu pai já voltou a dormir; ele ouve os pais

roncando juntos no quarto. Terá tempo para estabelecer as bases de seus

planos.

Vaclav esmera-se ao pentear o cabelo, enfiando a camisa para

dentro da calça, usando um traje para a escola que agrada à sua mãe. Vai

na ponta dos pés para a cozinha e, sem acender a luz, põe a mesa, silenciosamente. Chega até a encher a chaleira e a coloca no fogão, e o

acende com cuidado. Como sua mãe tinha lhe ensinado que é possível

girar o botão do fogão e deixar o gás vazando sem fogo para queimá-lo, e

que isso faria a casa explodir igual a Chernobyl, ele certifica-se de que o

silvo do gás vá ao encontro do snap-snap-snap que acende o fogo para

esquentar a água para o chá. Vaclav até fatia o pão e faz torradas, e

arruma as torradas nos pratos com capricho, e apanha a geleia favorita da

mãe para o café da manhã. Então Vaclav senta-se à mesa e espera.

Ouve o despertador soar no quarto dos pais, depois os passos

pesados da mãe no banheiro e finalmente o pai tossindo sua tosse matinal, portanto Vaclav sabe que não vai ter de esperar muito mais.

Quando Rasia entra na cozinha, ela nota tudo com um só olhar.

Vaclav a vê catalogar o ambiente inteiro, e dá para vê-la começar a sorrir.

22

Mas já no início o sorriso dela é do tipo errado de sorriso. Não é um sorriso feliz, é um sorriso nervoso que atravessa seu rosto em vez de se

curvar nas pontas.

— Vaclav, temos de conversar sobre o que está acontecendo no banheiro — diz ela.

Mesmo sem saber o quê, Vaclav tem certeza de que fez algo errado.

Sente-se de repente encabulado e ansioso, porque Rasia está olhando fixo

para ele e parecendo nervosa, e isso não é bom.

— Estou sabendo sobre a sua hora do banho — diz ela, tentando falar baixo e com delicadeza.

Quer ter uma conversa aberta com o filho, uma conversa que transmita seu apoio, porque todo mundo diz para se conversar com as

crianças sobre essas coisas a fim de que não haja segredos nem vergonha.

Ela pretende ser calorosa, não julgar, mas ser objetiva. Como Oprah.

— Você vai para lá durante a madrugada para que ninguém saiba?

Isso está acontecendo toda noite? — Rasia pressente que não está falando

igual a Oprah.

Vaclav sabe do que ela está falando, e sabe que não estava fazendo aquilo dentro da banheira. Vaclav sabe agora que, na hora em que o pai

entrou no banheiro e ele cobriu seu mekki com a mão porque estava com

vergonha de que seu pai o visse, o pai achou que ele estivesse se

masturbando na banheira. Vaclav sabe sobre isso por causa das conversas

com meninos da escola, que aprendem um bocado dessas coisas com os

irmãos mais velhos ou nos canais de televisão que têm em casa.

Rasia respira fundo e tenta outra vez.

23

— Onde você aprendeu isso?

Ela ainda tem a intenção de manter uma conversa agradável, mas

está dando tudo errado, e ela está falando igual a um comandante da

KGB em vez de como uma mãe americana legal. Não quer ter a mesma

conversa horrível que teve com a mãe dela. Não quer que Vaclav cresça

como ela cresceu, acreditando que se você tocar ou mesmo coçar sua

perereca ela vai apodrecer e cair no chão e murchar como uma batata

velha.

Vaclav sabe que não importa o que ele diga, a mãe não vai acreditar

nele, e que, se ele discutir, ela vai falar ainda mais sobre o assunto, vai

fazer mais perguntas e ele vai morrer de vergonha. Se negar, ela vai dizer

que ele é mentiroso, além de ser uma pessoa que se masturba na banheira

à noite. Vaclav sabe que o melhor é ficar parado e mudo.

— Vaclav, não tem problema falar sobre isso: você pode me contar.

— Está bem — diz Vaclav, e, apanhando sua mochila, dispara para a porta sem sequer levantar a questão da permissão para fazer uma apresentação no deque de Coney Island.

— Tenha um bom dia na escola! — grita a mãe para o filho, ela mesma agradecida pela fuga dele.

## AMERICANOS FAMOSOS

Só depois que Vaclav sai correndo de casa é que Rasia nota que o filho fez torradas para ela, que botou a mesa com tanto capricho, pegou

sua geleia favorita, até pôs a água do chá para esquentar. Rasia desliga o

fogão e senta-se à mesa. A princípio, fica em pânico achando que a lista é

24

o dever de casa que Vaclav esqueceu e quase se precipita porta fora para

entregá-la a ele, mas vê as palavras pais e espetáculo de mágica, então

para. Lê a lista, todas as razões por que devem lhe dar permissão para

fazer um espetáculo de mágica.

Rasia quer que ele pare com a mágica, com mágica o tempo todo.

Mas compreende.

Eles passaram muito tempo esperando para vir para os Estados

Unidos. Ele esperou um tempo enorme para ter Vaclav porque as coisas

estavam horríveis, depois veio a glasnost, e quando Rasia pensou que as

coisas estivessem melhorando elas pioraram e tudo se desmantelou.

E foi, grávida de oito meses de Vaclav, esperar na fila para se

inscrever na lista dos que queriam ir para os Estados Unidos. Oleg tinha

um bom emprego como arquiteto e não queria ir embora, mas disse que,

se ela quisesse entrar na fila para pôr os nomes deles numa lista, tudo

bem. Ela não percebeu na época porque ainda era jovem e estava

apaixonada, mas ele era o mesmo que é agora, seu traseiro sempre colado

em qualquer cadeira em que estivesse sentado, por mais desconfortável

que fosse.

Disseram a ela que o número de judeus russos que os Estados

Unidos receberiam era limitado, que isso poderia levar anos.

Disseram

que poderiam colocá-la num avião para outro país ainda na semana

seguinte. Ela disse que não, muito obrigada, que preferia esperar.

Vaclav

nasceu, e Oleg perdeu o emprego como todo mundo, como ela sabia que

aconteceria. Agora era um pai recente que não podia comprar as fraldas

do filho, e saía todos os dias para se queixar com outros homens.  
Voltava

para casa cheirando a vodca, mas Rasia achava que, se conseguisse fazê-

25

lo sair, se conseguissem ir para os Estados Unidos, tudo ficaria bem,  
e ele

poderia ser carinhoso e fazer suas piadas outra vez.

A economia piorou, e Vaclav cresceu e eles continuaram esperando.

Nesse meio-tempo, ela comprou livros e fitas, aprendeu inglês e ensinou

a Vaclav. Não queria que ele tivesse medo de sair de seu país, como ela

tinha, queria que ele ficasse animado para ser americano. Gastou uma

pequena fortuna no mercado negro em livros em inglês para crianças

sobre americanos famosos, como Abraham Lincoln, Rosa Parks, George

Washington Carver e Molly Pitcher, mas o preferido dele, o que pedia a

ela para ler sem parar, toda noite, era o livro sobre Harry Houdini.

Vaclav gostava especialmente da parte do livro sobre como

Houdini tinha ido para os Estados Unidos quando tinha 4 anos,

exatamente como Vaclav, como se tornou o mágico mais famoso da América, como ele impressionou o presidente Theodore Roosevelt com

seus truques e como se apresentou na Feira Mundial, como ele conseguia

escapar de grossas correntes, como conseguia, algemado, pular de pontes.

Gostava das partes em que Houdini se esforçava para aprimorar seu número, de quanto ele praticava e nunca desistia.

Rasia achava que aquele tal de Houdini provavelmente levara a própria mãe para a sepultura mais cedo, preocupando-a com todas aquelas façanhas que desafiavam a morte e fazendo tortura chinesa da

água, e que não era uma pessoa por quem Vaclav devesse se interessar

tanto. Mas Vaclav queria escutar uma história sobre um menininho que

foi para os Estados Unidos e se tornou um grande e corajoso mágico, e

isso ela entendia.

Toda noite ela lia sobre Houdini, até ele decorar cada palavra.

Quando finalmente obtiveram seus documentos e Rasia contou a Vaclav

que iam se mudar para a América, ele já sabia tudo sobre o lugar onde

iriam morar: Brooklyn, onde fica Coney Island, o local onde Harry Houdini apresentou seu primeiro espetáculo de mágica. Foi apenas uma

coincidência — Rasia conhecia alguém que estava em Brighton Beach,

que podia arranjar-lhe trabalho como guarda-livros e ajudá-los a encontrar uma casa — mas, para Vaclav, era um sinal.

Para Oleg, nos Estados Unidos foi pior. Ele não tinha licença para ser arquiteto ali; teria de ir para uma escola, fazer provas para mostrar

que sabia o que já sabia. Ele disse a Rasia que iria dirigir o táxi até poder

pagar por ele, mas acabou mesmo gastando todo o dinheiro na antena

parabólica para ver os canais de TV russos e na vodca para beber

enquanto lhes assistia. Ele detestava sair; detestava quando o funcionário

da loja tratava-o como um imbecil porque ele não conhecia palavras como

desentupidor de pias ou bolas de algodão. Rasia lembrava-se do Oleg por

quem se apaixonara, um sedutor, um daqueles tipos benquistos ao estilo

das cidades pequenas, que flertava com as senhoras de idade, sempre

tirando balas e brinquedos dos bolsos para as crianças, que cantava

canções para fazê-la rir. Ela sabe agora que provavelmente nunca mais o

terá de volta.

### **LENA ESTA COM VONTADE DE RIR**

Vaclav conta os passos enquanto percorre a avenida U, da rua

Treze até a Doze, até a Onze, durante todo o percurso até a Sete, onde

dobra a esquina e vê Lena sentada na sacada diante da entrada de sua

casa, balançando suas pernas magricelas. Ele sempre fica animado ao vê-

la, mas hoje está especialmente animado porque tem um grande plano

27

para dividir com ela. Vaclav sorri, e acena, e tropeça um pouco na calçada

bem defronte de Lena, mas não cai.

Lena tenta se conter, mas ri muito alto de Vaclav. Vaclav está

contente que Lena esteja com vontade de rir porque assim vai ser mais

fácil convencê-la a aderir aos novos grandes planos.

— Você obteve permissão? — Lena pergunta a Vaclav, descendo da beirada com um pulo.

— Muito bem, Lena, bonito inglês! — diz Vaclav.

Lena revira os olhos com a bajulação, entrega-lhe sua pilha de livros e eles começam sua caminhada rumo à Escola Pública 238.

— Tudo bem, tudo bem. Puxa. Plateia difícil. Conseguir permissão não é a melhor maneira. Conseguir permissão não é para isso. Isso, que é

parte do destino. Não é preciso permissão.

— Você não conseguiu — Lena resmunga.

— Posso conseguir essa permissão se eu quiser, mas não é por aí.

Isso é um teste, um teste do universo para nós, e temos de passar por esta

prova e superar esta adversidade. Deveríamos ser gratos às adversidades

por nos darem a oportunidade de forjar nossa força, como Houdini, que

nunca desistiu de tentar, e estava sempre acrescentando mais correntes e

cadeados ao seu número.

Lena revira os olhos outra vez, porque Vaclav fala essas coisas sobre Houdini e adversidade e destino o tempo todo.

— Nós fazemos sozinhos. Dá menos trabalho. É melhor, não é? —

Vaclav para de andar e apela para Lena com o olhar.

Lena apoia as mãos nos quadris minúsculos.

28

— Não. Sua mãe tem de dar permissão.

— Lena!

— Eu não vou fazer sem permissão. É encrenca — diz Lena, e sai batendo os pés na frente de Vaclav.

— Lena, sem encrenca, não vai ser encrenca — Vaclav pleiteia. —

Vamos planejar sozinhos. Ninguém vai saber. Vamos fazer um espetáculo

secreto em Coney Island, com números secretos, e vamos planejar em

segredo. Sem encrenca. Nenhuma.

Lena gosta de ter segredos, isso Vaclav sabe. Ela diminui a marcha e inclina a cabeça de lado só um pouquinho. A luz do sol brilha em torno

da penugem negra do cabelo que escapou de sua trança embutida.

— Lena, como você é a melhor pessoa para guardar segredos, claro, você vai ficar encarregada do planejamento secreto do número secreto.

Você vai ser a chefe. — Vaclav sabe que isso vai agradar Lena, que essa é

a chave de tudo. Vaclav também sabe que ele vai continuar sendo o chefe

do planejamento secreto.

— Não.

— O quê?

— Você está aí pensando que vai continuar sendo chefe. Não, é fingimento, não vou fazer isso.

Vaclav acelera bastante o passo, pensando em todos os piores cenários. Estão numa lista que ele ainda não escreveu, que só organizou em sua cabeça.

*PIORES CENÁRIOS:*

29

1.

*Permissão não é dada para fazer espetáculo no deque*

*E*

2.

*Lena não vai concordar em fazer espetáculo sem permissão dos pais.*

Vaclav pensa em fazer o show sem Lena, mas o show não pode continuar sem Lena, por mais que o show tenha que continuar. Lena é

necessária para todos os truques; eles já realizaram tanta coisa juntos.

Lena é insubstituível. Mesmo que Lena fosse substituível, nenhuma garota da escola iria substituí-la; nenhuma delas sequer fala com Vaclav,

nem olha para ele no corredor.

— O plano não é bom, Vaclav... — diz Lena, tentando ser gentil, mas interrompendo os pensamentos de Vaclav.

— Não pense agora. Vamos conversar depois. Chega de conversa agora — diz Vaclav.

Lena faz um barulhinho com a garganta e eles continuam pela rua Sete rumo à avenida P, na direção da escola.

## **COMO SÃO AS COISAS NA ESCOLA**

A E.P. 238 é uma escola que foi construída há muito tempo, com grandes tijolos e enormes portas e janelas. Há uma imensa porta na frente

da escola, por onde pais e professores e visitantes podem entrar. Os alunos, inclusive Vaclav e Lena, têm de usar as portas laterais.

Todas as manhãs, os alunos brincam no pátio ao lado, que é só asfaltado, com uma porção de linhas pintadas em lugares diferentes para

30

se jogar amarelinha, quatro quadras, basquete e bola de gude. As crianças

também jogam cartas, sentadas no asfalto quente. Quando o sinal toca, os

meninos fazem fila junto à porta dos meninos e as meninas, junto à porta

das meninas. A porta dos meninos é à direita, e acima da porta há uma

placa de pedra onde está escrito MENINOS. A porta das meninas é à esquerda, e acima dela há outra placa de pedra onde está escrito

MENINAS. A escola não usa oficialmente as entradas separadas há anos,

mas os meninos ainda se recusam a entrar pela porta das MENINAS, e,

embora as meninas se desafiem umas às outras, dando risadinhas, a entrar pela porta dos MENINOS, nenhuma jamais entra. Quando Lena e

Vaclav chegam nessa manhã, já perderam o recreio porque se demoraram

no caminho, conversando sobre o número de mágica. Vaclav vai para o

fim da fila dos meninos e Lena, para a das meninas. As filas penetram

lentamente na única entrada do prédio. Vaclav e Lena olham para os próprios pés. Não há nenhuma menina para falar com Lena e nenhum

menino para falar com Vaclav.

Lá dentro, ambos sobem dois lances de escada para chegar ao terceiro andar. Vaclav vai para a sala do Sr. Hunter e Lena para a da Sra.

Walldinger. Não se verão mais até a aula de ISL, Inglês como Segunda

Língua, quando ambos descerão dois lances de escada, junto com todas as

outras crianças que têm lanches fedorentos.

Na sala do Sr. Hunter, Vaclav é o único garoto de lanche fedorento do ISL na mesa verde. O outro garoto é Ulysses e as duas meninas são

Nachalie e Genesis. Cada mesa tem dois meninos e duas meninas; nenhuma mesa tem mais de uma criança com lanche fedorento.

Em cima da mesa, há uma folha de exercícios com o cabeçalho:  
Faça

AGORA! Há sempre quatro cópias da Faça AGORA! em cada mesa, e as

31

crianças devem começar a trabalhar nelas imediatamente, assim que entram na sala de aula.

Vaclav acha que essa deve ser a melhor parte do dia para o Sr.

Hunter. Durante esse tempo, o Sr. Hunter fica parado do lado de fora da

porta que dá para o corredor, um pé dentro da sala, o outro fora, procurando alunos desgarrados, mesmo quando todo mundo já está sentado dentro da sala. Na porta ao lado, a Sra. Troani também fica plantada na soleira da porta de sua sala de aula, e os dois conversam

como artistas de TV, com uma porção de piadas e gestos e piscadelas e

risadas.

Vaclav concentra sua mente, fazendo força para não pensar em

Lena ou em obter a permissão, e lê a Faça AGORA! Há um parágrafo sobre incêndios. Depois há perguntas sobre segurança contra incêndios.

Em seguida, há instruções para que as crianças discutam com seu grupo o

que procurariam salvar em suas casas em caso de incêndio.

Vaclav sabe o que ele levaria, e não adianta nada desviar sua mente de seu problema com Lena.

— Ei, V! O que você salvaria? — Os garotos da turma de Vaclav não dizem seu nome inteiro, só a primeira letra. Vê. Vaclav não sabe muito bem se isso é uma coisa amigável, uma coisa habitual ou se é ruim,

se é maldade. Não parece muito ruim, caso seja ruim mesmo.

Vaclav decide dar uma resposta mentirosa à pergunta, porque falar a verdade seria constrangedor. A verdadeira coisa que ele salvaria num

incêndio seria Lena.

— A coleção de DVDs do David Copperfield, eu salvaria, claro. —

Vaclav considera essa uma resposta segura porque todos os outros

32

garotos falam sobre DVDs. De imediato, sabe que acertou porque todos

sorriem. — Ou meu livro favorito: Harry Houdini: Americano Famoso.

— Pensei que ele fosse citar alguma coisa polaca, ou algo assim —

disse Genesis.

— Minha família não é da Polônia. Minha família é da Rússia —  
explica Vaclav. — Você deve ter feito confusão porque meu nome é  
polonês, porque me deram o nome de meu bisavô, que era polonês  
e se

chamava Vaclav. Mas eu sou russo.

— Desculpe. Russo, polonês. Tanto faz. Não faz muita diferença,  
não é? — diz Genesis.

— Não... — começa Vaclav, e não continua, porque Nachalie já  
está interrompendo para defendê-lo.

— Genesis, é como daquela vez em que aquele menino falou que  
você era mexicana e você chorou, porque só seu pai é do México, e  
você é

dominicana como sua mãe, certo? — diz Nachalie.

— Quem é David Copperfield? — pergunta Ulysses.

— David Copperfield é o mais incrível mágico americano vivo  
desde Harry Houdini — responde Vaclav cheio de orgulho.

— Acho David Blaine mais legal. Esse David Copperfield não é um  
velho? David Blaine se congelou no gelo. Genial. Se eu quisesse,  
também

podia fazer isso, só que nunca quero — diz Ulysses.

— É isso o que você quer fazer? Congelar a si mesmo no gelo? Isso é horrível, minha mãe contou. Quer dizer, ele só aparece assim, e coisa e

tal — diz Nachalie.

33

— Não, eu pratico a mágica e a arte do ilusionismo — Vaclav diz, fitando seus companheiros de mesa com um olhar concentrado ao explicar sobre a arte da mágica, a arte do ilusionismo, e fica animado e

cheio de vigor, e decide fazer algo que nunca fez antes: decide correr um

risco, na frente deles, seus possíveis primeiros fãs.

— Isto aqui — diz Vaclav, abrindo o zíper de sua mochila — é um DVD do famoso espetáculo de ilusionismo e mágica de David Copperfield.

Vaclav coloca teatralmente a caixa no centro da mesa. Carrega aquilo consigo porque ainda não deixou de ser novidade para ele: continua a ficar empolgado com a visão do DVD em sua mochila, embora

já esteja ali há meses. Às vezes, gosta de deslizar a mão dentro da mochila

durante a aula e sentir a caixa plástica.

Nachalie ri. Genesis ri, mas ela não sabe por que está rindo. Ulysses pega a caixa, abre-a e tira o disco.

— Isso é muito pirata! — E ri.

Vaclav arranca o disco da mão de Ulysses e estende o braço para pegar a caixa, mas Ulysses mantém a mão fora do alcance dele.  
Ulysses

lança um olhar para ele como se dissesse Ei, cara, calma aí! Como se não

houvesse razão para Vaclav ficar nem um pouco chateado, o que ele está.

Segurando a caixa longe de Vaclav, Ulysses abre-a e mostra-a para as meninas. Aponta para a etiqueta.

— Olhem, esta etiqueta foi escrita à mão! Este DVD é completamente pirata — anuncia, e devolve a caixa a Vaclav.

— O que é isso, pirata? — pergunta Vaclav.

34

— Ah, sabe, é quando no túnel do trem B tem aquele homem com um pano no chão e uma porção de DVDs espalhados em cima...

— "*Quato é cinco dólar!*" — Genesis imita o bordão do homem, o homem do metrô, o ambulante dos vídeos.

*Sim*, pensa Vaclav, ele já viu esse homem no metrô, quando estava

indo para Coney Island. Como com todos os adultos que ele encontra no

metrô ou no ônibus, ele se comporta em relação a esse de acordo com as

instruções de sua mãe: dirige os olhos para o chão e continua andando,

nunca encarando, mas sempre atento, nunca, jamais deixando de estar

atento.

— Isso é daquele cara, ou de algum outro cara igual a ele — diz Ulysses.

O Sr. Hunter pigarreia: a aula está começando. Ulysses baixa a voz, sussurrando:

— Eles fazem uma cópia do verdadeiro e depois vendem a cópia bem barato, na rua ou por aí.

— Mas foi meu pai que comprou isso para mim... — diz Vaclav.

— Pois é, comprou — diz Ulysses — do vendedor de DVD pirata.

Vaclav decide investigar muito, ir ao fundo dessa questão, da questão das cópias piratas, pois não está acreditando em Ulysses, para

descobrir como o grande mágico David Copperfield pode ser tão explorado.

Mas por enquanto Vaclav precisa chegar ao fim do dia. Vaclav precisa acalmar seus pensamentos sobre Lena e seu grande não, os pensamentos sobre sua mãe e a conversa apavorante, e especialmente os

35

pensamentos sobre seu pai, que delata o filho em vez de conversar sobre

as coisas, ou ser paternal e partilhar segredos de adultos como fazem os

pais na televisão americana.

Porém o mais difícil é parar de pensar que o vídeo que seu pai lhe deu de presente pode não ser um vídeo de verdade, mas pode até ser um

vídeo praticamente roubado do Sr. David Copperfield, o que não é do

feitio do mágico, e para Vaclav é algo muito perturbador, porque ele vai

ter de dar a volta ao mundo ganhando tudo de modo que um dia ele

ganhe a confiança e o crédito da nação e de seus muitos fãs, e também

porque esse vídeo, que pode ser uma coisa terrível, era, até agora, a melhor coisa que seu pai jamais fez por ele em toda a sua vida além de

lhe dar a oportunidade de vir como ser humano para a terra e para a existência, o que não é algo pelo que Vaclav ache que lhe deva ser tão

grato assim, porque o que mais ele iria fazer?

## OS DOS LANCHES FEDORENTOS

Vaclav está ansioso para ver Lena durante a aula de ISL e contar a ela sobre o DVD pirata, porque ela vai fazê-lo sentir-se melhor, seja dizendo algo inteligente sobre o DVD ou apenas o escutando. Isso é algo

que Lena faz por Vaclav: ela torna tudo melhor apenas por estar ali. Isso é

algo que Vaclav espera que também seja capaz de fazer por Lena.

Na porta da sala de ISL há um cartaz dando boas-vindas em várias línguas — incluindo algumas, como russo, japonês, chinês, coreano e

árabe, que possuem o próprio alfabeto.

Quando Vaclav entra na sala da aula de ISL, ele vê, escrito no quadro-negro: *Bem-vindos! Por favor, peguem seus deveres de casa e comparem*

36

*suas respostas com as de um colega.* De repente, Vaclav sente-se péssimo. Ele

não terminou seu dever de casa. Isso não é comum para ele; Vaclav sempre faz todo o dever de casa. É uma meia verdade, ou uma mentira,

dizer que Vaclav não terminou seu dever de casa. A verdade é que

Vaclav nem ao menos começou seu dever de ISL e não o terminou.  
A

verdade é que Vaclav esqueceu completamente de seu dever de ISL.

Quando sua mãe perguntou se todo o dever de casa estava feito, ele camuflou a verdade um pouquinho e disse que sim, apesar de ainda ter

só mais uma coisa para fazer: um exercício de ISL. Planejava fazê-lo mais

tarde, mas depois aconteceram tantas coisas que ele esqueceu.

Agora a sensação ruim de ter se esquecido de fazer seu dever de casa está se misturando com a sensação ruim sobre o vídeo pirata e a

sensação ruim do não de Lena e a sensação ruim da conversa horrível

com sua mãe, e essas sensações, todas juntas, estão enchendo os olhos de

Vaclav de lágrimas quentes.

— Em seus lugares! Todos tomem seus lugares! — diz a Sra.

Bisbano.

Essa frase, que a Sra. Bisbano usa com frequência, está confundindo

Vaclav, porque ele sabe que ela quer dizer que todos os alunos devem

sentar-se em seus lugares, não que todos os alunos devam de alguma

forma tomar seus lugares, pois, como seria isso, como se toma um lugar?

Agora Vaclav não tem mais tempo de contar a Lena sobre o vídeo pirata. Além disso, ele queria dizer baixinho e em particular à Sra.

Bisbano que esqueceu, pela primeira vez no ano inteiro, de fazer o dever

de casa, e ele queria dizer a ela que vai levar o dever de casa no dia seguinte para ser corrigido, mas agora é tarde demais para fazer o que

quer que seja.

37

Lena entra na sala de aula com Marina e Kristina, as únicas meninas populares que estão no ISL. Elas têm cabelo louro e ambas usam

exatamente o mesmo penteado, um rabo de cavalo de um lado só da

cabeça que parece que vai fazê-las perder o equilíbrio. Marina e Kristina

estão conversando com Lena e Lena está sorrindo. Vaclav acena para

Lena para que ela o veja e venha para perto dele, porque ele quer muito

contar a ela sobre o DVD pirata antes que a aula comece. Ele também

gostaria que ela sentasse a seu lado, ou na carteira à sua frente, ou na

carteira atrás, como sempre faz.

Lena lança um olhar rápido para Vaclav, mas parece que a maneira como ele a está chamando não é suficiente, que a atração de Marina e

Kristina é mais forte, porque Lena as segue e depois senta-se junto delas.

Vaclav ainda está olhando Lena sentar-se do outro lado da sala, muito

longe dele, quando a Sra. Bisbano surge por trás dele.

— Vaclav, onde está seu dever de casa? — pergunta isso num tom de voz comum, como se não fosse a coisa mais apavorante de se dizer no

mundo inteiro.

— Uhhhh... — diz Vaclav, o que não é realmente dizer nada, é só um som que se faz.

— Onde está seu dever de casa, Vaclav?

Vaclav tenta dizer à Sra. Bisbano que sente muito, e que vai resolver aquilo o mais rápido possível, que vai até ficar na sala durante a

hora do lanche só para resolver aquilo, mas, quando tenta abrir a boca

para dizer essas palavras, só o que sai é choro.

A Sra. Bisbano se inclina para Vaclav e diz:

38

— Está bem. Vá ao banheiro assoar o nariz e podemos conversar sobre isso depois da aula. Vaclav tenta dizer que sim, que tudo bem, mas

sua voz é interrompida por mais choro tentando subir por sua garganta

acima. Vaclav olha para Lena, e ela está olhando para outro lado. Todo

mundo está olhando para ele. Lena está olhando para outro lado.

## **ESQUIMOLOGIA**

Quando Vaclav voltou para a sala de ISL depois de sair do

banheiro, a Sra. Bisbano disse que seria tolerante com a falta do dever de

casa naquele dia se ele o trouxesse no dia seguinte, já que ele nunca

deixara de cumprir uma tarefa antes, e Vaclav sentiu-se muito melhor.

Não teve oportunidade de falar com Lena, pois ela não fazia parte do seu

grupo de trabalho, e, depois da aula, ela saiu bem depressa com Marina e

Kristina, antes mesmo que Vaclav tivesse tempo de guardar seus lápis e

borrachas.

O resto do dia transcorre muito lentamente, e, apesar de Vaclav

tentar prestar atenção no professor, seus olhos volta e meia se dirigem

para o relógio. Quando as aulas finalmente acabam, Vaclav espera por

Lena lá fora. Fica parado num ponto de onde pode ver todo mundo que

sai de ambas as portas e onde pode ser visto. Sabe que dali verá  
Lena

quando ela sair. Vaclav sempre espera por Lena de manhã do lado  
de

fora da casa dela e fora da escola à tarde, e é assim que ele se  
certifica,

todo dia, de que vão caminhar juntos. Vaclav agora se pergunta, por  
um

momento apenas, se Lena esperaria por ele caso ele não esperasse  
por ela,

mas sabe que isto é bobagem, que, sim, claro que ela esperaria.

39

Vaclav espera ali de pé e pensa no pátio. No inverno, quando faz  
muito frio do lado de fora e tudo ao redor é neve, muito suja, com  
pedras

e misturada com o solo congelado que está embaixo, ele sempre se  
lembra

da primeira etapa do processo de preparar bolo de sua mãe, quando  
ela

mistura açúcar e baunilha e açúcar mascavo e um pouco de  
manteiga e

um ovo. Isso faz a neve suja parecer algo bom e maravilhoso, e faz  
Vaclav

sentir-se aquecido, mesmo no frio.

Vaclav pensa em como, às vezes, quando está frio lá fora, você pode se sentir aquecido porque há pessoas ou lembranças de pessoas que o aquecem como uma fogueira, ou fazem você se sentir como um esquimó que não se incomoda muito com o frio extremo, mesmo que você sinta um frio extremo. Outras vezes você pode sentir que tudo no mundo inteiro está frio por certo motivo, e que está frio só para você, e você vê todas as outras pessoas com um fogo para aquecê-las, e você tem a sensação de que vai sentir frio para sempre. Às vezes a gente pode sentir um frio assim até no verão.

Nesse momento é outono, e há uma brisa fria soprando, mas Vaclav está esperando por Lena, e pode sentir o sol em seu rosto, e sente-se aquecido.

Mas então, à medida que espera mais e mais, sente cada vez mais frio, principalmente porque está vendo todas as outras crianças saindo da escola, e alguns são irmãos e irmãs detestando-se e adorando-se, e outros

são amigos e estão dando risadas, e outros são amigos e estão correndo

para jogar bola na rua de macadame, e outros são os garotos

guatemaltecos cujas mães já estão comprando para eles churros quentes

envoltos em açúcar cristalizado da senhora que os vende na esquina.

40

Então de repente lá está Lena com quatro meninas de sua turma.

Ela olha diretamente para Vaclav, dentro dos seus olhos, depois abre a

boca e ri alto de alguma coisa que uma das meninas disse, e aí todas elas

saem juntas e andam para a rua como se Vaclav não estivesse ali,

esperando na localização mais central, onde ele pode ver todo mundo e

todo mundo pode vê-lo.

Vaclav segue Lena e suas novas amigas, olhando apenas a calçada

passar sob seus pés enquanto faz todo o trajeto da avenida P para a

avenida U e a rua Sete. Quando chega à casa da tia de Lena, vê Lena

afastar-se do grupo e sacudir o cabelo e subir correndo as escadas para a

porta da frente e entrar e fechar a porta atrás de si sem olhar para trás e

ver Vaclav, parado sozinho, sentindo frio.

## **KEBABERIA FAMILIA FELIZ**

Vaclav deixa sua mochila cair na calçada e abre o bolso da frente para verificar se tem ali, no meio de cacarecos, lápis e papéis de bala

velhos, um dólar trocado, e tem, e sendo assim anda dois quarteirões até

a Kebaberia Família Feliz para tomar um refrigerante e pensar em seu

plano sobre o que fazer em seguida. A Kebaberia Família Feliz fica bem

ao lado do supermercado russo aonde sua mãe vai às vezes comprar gulodices, sempre apontando para o que é um roubo e para o que ela

faria melhor com apenas uma das mãos.

A Kebaberia Família Feliz tem lambris de madeira e um grande

balcão envidraçado cheio de enormes bandejas de comida, como kebabs

de cordeiro cobertos com filme plástico e repolhos recheados crocantes na

parte de cima, e linguiças caseiras de cordeiro e cebola de um tom de cor-

de-rosa forte porque eles fritam para você na hora em que você faz o

pedido. Vaclav abre a geladeira dos refrigerantes e tira um Dr. Pepper,

que coloca em cima do balcão.

— Um dólar certinho — diz Zev, o proprietário, e Vaclav põe um dólar certinho no balcão em troca. E

Em geral ele gosta de bater papo com Zev, sobretudo quando Zev testa seu inglês com Vaclav, mas hoje Vaclav não está a fim.

Zev apanha a lata de Dr. Pepper e a enfia num saco de papel pardo que é do tamanho exato de uma lata, depois a entrega a Vaclav, que leva

o Dr. Pepper para um lugar junto à janela. Fica ali sentado um tempo

enorme, sentindo muita pena de si mesmo, apesar de ao mesmo tempo

estar muito contente por se sentir aconchegado dentro de seu casaco,

tomando o Dr. Pepper de canudo na lata e observando pela janela as pessoas que passam lá fora na calçada e, embora esse refrigerante seja

quase a metade do custo de uma possível ida a Coney Island para ver o

Sideshow, ele pensa que às vezes a gente sabe que é preciso percorrer um

longo caminho para se tornar um mágico famoso, e às vezes é preciso

gastar seu último dólar comprando um refrigerante de modo que tenha

algo pelo qual agradecer naquele dia, mesmo que dure só um momento.

Vaclav respira fundo e lembra a si mesmo que esses são, no âmbito geral, problemas muito pequenos. Vaclav lembra a si mesmo que certas

coisas no universo são o destino. Às vezes um jovem mágico precisa lembrar a si mesmo que seus sonhos estão escritos nas estrelas. Ele tira o

Dr. Pepper de dentro do saco de papel pardo e achata o saco em cima da

mesa. Com um lápis que pega em sua mochila, começa uma lista importante no saco de papel pardo.

COISAS QUE são:

42

1. Um dia se tornar um mágico famoso

2.

Lena ser a linda assistente

3.

Perseverança para atingir estes objetivos apesar de todo e qualquer obstáculo

## **SEJA COMO FOR**

Vaclav sabe o que vai fazer. Vai esperar por Lena todos os dias na frente da casa dela para ir para a escola, e vai esperar por ela depois da

escola, e vai caminhar com ela, e vai conversar com ela e fazer-lhe muitas

propostas para convencê-la de alguma forma a concordar em trabalhar no

espetáculo, com ou sem a permissão de seus pais. Vaclav sai apressado da

Kebaberia Família Feliz, sentindo-se de novo como um esquimó, capaz de

caminhar muitos quilômetros no frio, e corre quatro quarteirões até em

casa, com a mochila batendo nas costas durante todo o percurso. Vaclav

está decidido a fazer seu dever de casa bem depressa para ter tempo de

pensar e planejar. Basta pensar no dever de casa e lhe vem a ideia da

proposta que vai fazer a Lena, e na mesma hora ele sabe que vai dar cem

por cento certo.

Na manhã seguinte mesmo, Vaclav está esperando por Lena do lado de fora de sua casa para acompanhá-la até a escola e fazer a proposta

que sabe que ela não vai recusar.

Quando Lena abre a porta e vê Vaclav, ela para com a mão ainda na maçaneta, e olha para ele e revira os grandes olhos castanhos. O cabelo

está arrumado num rabo de cavalo do lado da cabeça, um penteado que

ela nunca usou antes. Suspira alto, depois desce as escadas batendo os

43

pés até a calçada e começa a andar na direção da escola, sem parar para

falar com Vaclav.

Vaclav sente-se confiante e sai trotando atrás dela, e começa o seu discurso.

— Lena, tenho uma ideia para propor a você. Vamos continuar a trabalhar no espetáculo. Vamos continuar tentando com muita insistência

obter a permissão de fazer o espetáculo sem encrenca. — Lena continua

andando. Vaclav prossegue: — Mas, se for necessário, fazemos  
nosso

espetáculo sem permissão, em segredo.

Mas Lena não diminui o passo, nem olha para trás, nem diz não a  
Vaclav. Apenas continua andando e fingindo que ele não está ali.

Então, para não ser atropelada pelos carros, Lena para na esquina  
da rua Oito com a avenida R, porque é um cruzamento muito

movimentado. Por causa disso, é obrigada a ficar ao lado de Vaclav,  
mas

mantém uma expressão dura no rosto e recusa-se a olhar para ele.

— Faço o seu dever de casa — diz Vaclav, e pode ver de soslaio que  
uma das sobrancelhas dela se levanta e, pela penugem do cabelo,  
dá para

ver que está criando pequenas rugas.

— Todos — diz ele, e a sobrancelha permanece no alto. — Todo  
dia.

A sobrancelha de Lena desce.

— ISL? — pergunta ela.

— Até ISL — responde ele.

Ela respira fundo e o encara.

— *Da* — diz ela. — Mas é segredo. Minhas amigas não sabem e nós não conversamos na escola. — Ela olha para os dois lados e, quando se

certifica de que não há ninguém por perto, diz: — Nos encontramos na

sua casa depois da escola. Fora, não. E nada de ir junto para a escola.

— OK! Está combinado. Aqui. Depois da escola. Nós começamos os ensaios.

— Primeiro, dever de casa — determina Lena. — Depois, começar. Até logo!

Lena dispara, andando tão depressa que Vaclav é deixado para trás na esquina, vendo os carros passarem depressa. Está tão empolgado por

ter sua assistente de volta, de boa ou de má vontade, que não lhe ocorre

sentir mágoa ou tristeza. Não lhe ocorre que Lena, que é sua única amiga

desde que eram pequenos, não quer ser vista com ele. Ele pensa que ela

será sua linda assistente para sempre, e um dia sua esposa. Vaclav não

fica triste nesse dia, no dia em que para de acompanhá-la na ida e na

volta da escola, no dia em que ela lhe diz para não envergonhá-la  
diante

de suas novas amigas.

## **SER O ALGUM LUGAR DELA**

Depois da escola, Vaclav faz exatamente o que Lena exigiu. Quase.

Sim, ele faz algumas coisas que não são o que Lena queria. Espera por ela

fora do prédio depois da escola, sim. Deixa sua mochila arrumada antes

mesmo que a aula termine a fim de que possa correr para fora quando o

sinal tocar, sim. Senta e espera, com o corpo elétrico com a expectativa

pelo sinal, sim. Ele dispara para fora da sala assim que o sinal toca, sim.

Sai correndo pelo corredor, sem fazer caso dos avisos anteriores de não-

45

corra-no-corredor, sim. Irrompe lá fora e se esconde furtivamente atrás de

uma árvore, de onde pode ver a porta pela qual Lena vai sair, sim. Segue-

a até em casa a uma curta distância, perto o suficiente para ouvi-la rir

com Marina e Kristina, sim. Mas, ora! Ele fica na retaguarda atrás de

arbustos e caixas de correio e carros, de modo que Lena não saiba que ele

está ali, que nem mesmo saiba que ele pode escutá-la.

Não, ele não deixa Lena totalmente sozinha até a hora de ensaiar o número. Não, ele não vai diretamente para casa esperar por ela, que foi o

que ela lhe pediu. Em vez disso, ele a segue até a casa da Tia. Vaclav fez

uma coisa ótima, seguindo-a, de modo que ela nunca ficasse realmente

sozinha. Vaclav acha que isso é ótimo, estar sempre por perto para alguém, mesmo não sendo exatamente o que Lena quer.

Vaclav observa da rua, mas não compreende exatamente o que

Lena está fazendo. Ela está voltando para sua casa com Marina e Kristina,

despedindo-se delas na calçada, rindo, e em seguida subindo saltitante a

escada para entrar na casa da Tia, pondo a mão na tranca da porta telada

para entrar na casa da Tia, mas não está entrando. Vaclav espia por detrás

de uma grande caixa azul de correio do outro lado da rua e vê Lena colocar a mão na porta acompanhando com o olhar Marina e Kristina

dobram a esquina. Assim que o fazem, Lena desce a escada saltitando

sem ao menos entrar na casa da Tia. Vaclav surge de trás da grande caixa

azul de correio e sorri e acena. Lena para de saltitar.

Vaclav nota que Lena está zangada porque ela faz uma cara de brava, não a cara boba habitual de concentração, e porque ela respira

fundo e seus olhos ficam grandes e ela lança um olhar duro para Vaclav.

Vaclav sabe que não fez exatamente o que Lena lhe pediu para fazer. Não sabe ao certo, contudo, por que Lena está zangada com ele.

46

Eles sempre fazem tudo juntos. Ele não cogita que Lena possa querer

estar sem ele, possa querer dizer e pensar e fazer coisas sem ele, possa

querer fazer essas coisas com outras pessoas e não com ele. Está

pensando apenas que Lena agora tem amigas que são meninas, que agora

é a hora das meninas e que isso é natural, como ele vê na televisão. Ele

pensa que Lena vai ficar animada de poder vê-lo assim que a hora das

meninas terminar, que ele está ali para encontrá-la e ir com ela da casa da

Tia para a sua casa, e está entusiasmado porque não vão perder tempo e

podem começar logo a ensaiar o número.

Vaclav sabe que Lena precisa de ajuda para fazer seu dever de casa,

mas não sabe como Lena se sente por não ter para onde ir. Não conhece

as razões por que Lena não entrou na casa da Tia, nem por um único

segundo, para pousar sua mochila, beber um gole de água e ir ao

banheiro. Vaclav conhece apenas a letra, não o espírito da lei da vida de

Lena, e às vezes ele nem sabe todas as letras.

Vaclav não sabe que, para Lena, ele é algum lugar para onde ir em

vez de nenhum lugar. Se ele soubesse, poderia ficar feliz por ser o algum

lugar dela, mas ele não sabe.

## **SER O NENHUM LUGAR**

Até descobrir que Vaclav a seguia, Lena estava tendo um bom dia.

As meninas populares, que desde sempre a ignoravam, a deixavam de

lado e não a convidavam para suas festas de aniversário, convidaram-na

para se sentar junto delas à mesa do lanche e conversaram num inglês

realmente rápido sobre muitas coisas, e ela não entendeu a maior parte,

47

mas não deixou de rir nem de concordar. Lena, em geral, não conversa,

porque seu inglês não é bom suficiente.

Marina e Kristina estão na turma de ISL de Lena porque elas

também não são muito boas em inglês. Para dizer a verdade, elas são

ainda piores do que Lena. A diferença é que Marina e Kristina não

precisam se sentir envergonhadas como Lena porque vieram da Rússia há

somente dois anos. Quando alguém pergunta a elas há quanto tempo

estão nos Estados Unidos e elas respondem dois anos, todo mundo, pais e

professores, até outras crianças, fica impressionado e diz a elas como

estão indo bem, e que continuem praticando, que elas são muito inteligentes.

Lena está nos Estados Unidos desde bebê. Quando chegou, morava no apartamento de sua *babushka*, e só conhecia sua *babushka*, e sua

*babushka* falava com Lena na única língua que conhecia, o russo, e assim

essa também se tornou a única língua que Lena conhecia.

Quando Lena entrou no jardim de infância, ela só falava russo, de modo que passava metade do dia na turma de ISL, que é para alunos que

não falam bem inglês ou não falam nada de inglês. E Lena sempre se

sentiu encabulada ou receosa de falar alto e de praticar o inglês que ela

estava aprendendo, e, quando voltava para casa, ninguém lá sabia falar

inglês, só russo. Em casa, era muito bom dizer o que ela queria, e ir ao

banheiro exatamente quando queria, e não ter de se preocupar em

levantar a mão e lembrar o que deveria falar quando queria ir ao banheiro ou, pior, dizer a coisa errada quando era chamada. E era pior

ainda quando o que Lena dizia fazia todos rirem sem que ela soubesse

por quê.

48

Quando as pessoas perguntam a Lena há quanto tempo ela está aqui nos Estados Unidos e ela responde —Desde que eu era bebê||, elas

não dizem nada do tipo —Como você está indo bem|| ou —Continue praticando|| porque acham que ela teve tempo de sobra para aprender a

falar inglês, e presumem que ela é provavelmente mais uma aluna —especial|| do que uma de ISL. Sendo assim, apesar de Lena ser por dentro uma pessoa de voz alta, e muito engraçada e inteligente, que canta

canções e tem pensamentos grandes e berrantes, por fora ela parece

quieta e tímida. Ninguém sabe quanto Lena é inteligente porque ela não

responde a perguntas em sala de aula, e os professores sempre franzem a

testa para ela, e ela é sempre a última a terminar seus exercícios.

Ninguém percebe que, apesar de os números serem os mesmos em todas as línguas, é muito difícil compreender uma divisão longa quando

a pessoa que está ensinando a você o que é o quociente e o que é o divisor

e a técnica do vai um está falando uma língua que você não entende.

Todo mundo tem uma ideia errada de Lena, menos Vaclav.

Hoje, porém, foi diferente; foi tudo novo. Hoje Lena sentou-se à grande mesa de almoço com as garotas legais, em vez de sozinha com

Vaclav no canto das latas de lixo. Ela não se sentiu esquisita nem rejeitada

por ser a única menina sem outras amigas. Lena sentiu-se feliz, porque, à

mesa do almoço, ninguém pareceu reparar que ela não falava. Na realidade, parecia que as outras meninas estavam muito felizes por Lena

estar ali, por ela rir e balançar a cabeça para tudo o que elas diziam.

Pareceu a Lena que havia algumas meninas ali que se esperava que falassem e outras que não. Se a presença das meninas que não se esperava

que falassem também era desejada ali, Lena estava feliz por ser uma

delas. Lena descobriu que era desejada porque era bonitinha e quieta.

49

E então viu Vaclav sorrindo e acenando do outro lado da rua, escondido atrás de uma caixa de correio, e tudo foi destruído. Ela não se

sentiu bonitinha e não se sentiu quieta. Sentiu-se zangada e burra. Sentiu-

se uma coisa feia, como uma pessoa que só tem um amigo e é tão feia que

os outros são cruéis com seu único amigo.

Lena só quer encontrar um espaço para estar, entre Vaclav e as garotas legais, entre o que ela quer e aquilo de que precisa. Lena não quer

magoar ninguém, e acha que talvez tenha encontrado um jeito de fazer

isso.

**BRIGANDO E MORDENDO**

## **E CHUTANDO E GRITANDO**

– Oi, Lena! Surpresa, estou esperando por você! — exclama Vaclav, e percebe que Lena está furiosa, mas pensa que, se o seu humor for bom o

bastante, se ele disser uma porção de coisas animadoras, ela vai deixar de

ficar zangada, vai esquecer que está zangada e vai ficar contente de ir

ensaiar o número com ele.

Vaclav não tem medo de brigar com Lena. É amigo dela desde que tinha 6 anos, portanto, é claro que brigam um com o outro. Quando existe

alguém que é seu destino, alguém que você ama muito mais do que qualquer um, às vezes você implica com essa pessoa e tem vontade de

magoá-la. Brigar é algo que acontece quando existe alguém que é a única

pessoa que você tem no mundo, alguém que você não escolheu, e é por

isso que irmãos e irmãs estão sempre brigando e mordendo e chutando e

gritando.

Lena para nos degraus da escada da Tia e encara Vaclav. Vaclav está parado na calçada, ao pé da escada, e olha sorrindo para Lena lá no

alto. Se alguém passasse, pensaria que é uma cena muito romântica, como

Romeu e Julieta. Que é exatamente o que Lena não quer que aconteça;

não quer que ninguém saiba sobre o tempo que ela passa com Vaclav,

sobre o tempo que ela passa naquela casa fazendo coisas bobas e

constrangedoras. Não quer que ninguém saiba como ela e Vaclav

conversam sobre um dia serem marido e mulher. Ela sente-se

constrangida pela maneira como pediu a ele para jurar, e perguntou uma

porção de vezes seguidas se aquelas coisas seriam verdade um dia, uma

porção de vezes, até ela acreditar e até ele acreditar também.

— Ande — ordena ela.

— Para onde? — pergunta Vaclav.

— Para a sua casa — diz Lena. — Sem olhar.

— Sem olhar para onde? — pergunta Vaclav.

— Para trás — responde Lena. — Sem olhar para trás.

Então Vaclav se vira e caminha na direção de sua casa, afastando-se das escadas da entrada da casa de Lena, e não olha para trás durante todo

o percurso. Lena espera e, assim que Vaclav dobra a esquina, ela o segue,

a um quarteirão de distância, nunca no mesmo quarteirão, mas ainda

junto com ele. Ele sabe, sem perguntar nem olhar, que ela está atrás dele.

Sabe que foi Lena quem perguntou, várias vezes seguidas, se ele jurava

ser marido dela um dia, não importa o que acontecesse, portanto ele não

está preocupado.

51

Quando Vaclav chega em casa, ele entra sem olhar para trás e,

claro, dois minutos depois, Lena entra direto, sem tocar a campainha nem

bater à porta.

## **PRIMEIRO, NADA. DEPOIS, DEVER DE CASA**

Não há ninguém na casa de Vaclav. Oleg ainda está no trabalho,

porque ele é motorista (uma palavra de que Vaclav gosta mais do que de

chofer de táxi), e seu turno quase todos os dias vai de bem cedo de manhã

até logo antes do jantar. Rasia ainda está trabalhando na empresa de

material médico na Kings Highway, onde ela atende o telefone e faz ligações e todo tipo de tarefas com arquivos e administração de estoques

e outras coisas muito chatas sobre as quais Vaclav não gosta de escutar.

A casa de Vaclav é a metade de baixo de uma casa inteira. Parece ser uma grande casa, mas há uma escada que vai até a porta de entrada

da casa da Sra. Ruvínova, e há também uma porta debaixo da escada, que

é a porta da casa de Vaclav. Como a casa de Vaclav é debaixo de outra

casa, ele às vezes tem a sensação de que está se escondendo num lugar

aconchegante, como a toca de uma raposa, e às vezes se sente como se

estivesse no metrô, porque é muito barulhento e apertado. Ouve todas as

peçoas no teto de sua casa, que é o assoalho da casa delas, e, apesar de as

casas serem do mesmo tamanho, talvez fosse melhor ser a pessoa cujo

assoalho é o teto da casa dos outros do que a pessoa cujo teto é o assoalho

dos outros. Talvez também fosse melhor ser a pessoa que vê de sua janela

um pouco das árvores em vez de um pouco do subsolo e um pouco de

folhas mortas.

52

Vaclav e Lena atravessam a sala de estar, que é onde mais tarde

Oleg vai roncar enquanto assiste a programas russos na televisão, passam

pelo banheiro, pela porta do quarto de Vaclav, pela porta do quarto dos

pais de Vaclav e entram na cozinha, onde ambos largam as mochilas no

chão com um baque surdo.

Lena senta-se à mesa e Vaclav dirige-se para a geladeira. Vaclav

sempre segura a porta da geladeira e se inclina para a frente para ver o

que há lá dentro, exatamente como seu pai faz, mesmo que Vaclav seja

mais baixo e, ao se inclinar, não consiga enxergar metade da geladeira.

— Primeiro, lanchinho. OK, para beber temos Brita, temos suco de toranja, temos ponche de frutas. O que você gostaria de beber, Lena?

Vaclav começa a tirar a caixa de ponche de frutas para si e

permanece parado diante da geladeira esperando a resposta de Lena,

embora saiba que ela não vai querer beber nem comer nada. De vez em

quando, porém, quando os pais de Vaclav ainda não chegaram em casa,

Lena diz que precisa usar o banheiro, mas vai para a cozinha e come às

escondidas algo que tira da geladeira, às vezes até pega algo da despensa

e põe dentro da mochila para levar para casa. Vaclav percebe, mas não

diz nada.

— Primeiro, nada. Depois, dever de casa. Terminar o dever de casa.

Então, lanchinho, depois, ensaiar — diz Lena.

Vaclav sabe que Lena não vai fazer lanchinho nenhum depois de

terminar o dever de casa. Ele nota a necessidade dela de fazer o dever de

casa o mais rápido possível. Vaclav sente uma pontinha de algo que não é

bom, uma pontinha de certa raiva de Lena, algo que não deseja que Lena

o apresse, mas que ele deixa passar enquanto fecha a geladeira e derrama

53

o ponche de frutas num copo que foi um pote de geleia, bebe um grande

gole e depois enche o copo de novo.

Quando senta ao lado de Lena e pousa o copo na mesa, parece que está com um batom de ponche de frutas e um bigode de ponche de frutas.

— O que você quer fazer primeiro? — pergunta ele a Lena, tirando seu fichário da mochila e colocando-o sobre a mesa.

— Matemática — responde Lena, e tira do fundo da mochila uma folha de exercícios de sua aula de matemática, que é a mais atrasada das

turmas de matemática.

A turma de matemática de Vaclav é a mais adiantada. As turmas de matemática não são classificadas como atrasada ou adiantada, nem

mais burra ou mais inteligente, nem mais lenta ou mais rápida, chamam-

se turma amarela, roxa e verde, mas todo mundo sabe que na amarela há

mais crianças ISL e mais imagens nas folhas do dever de casa. A parte de

baixo da folha de exercício que Lena tira de sua mochila parece um leque

extravagante, por ter ficado impressada sob todos os livros dentro da

mochila dela.

Os exercícios são sobre divisão longa, que Vaclav estudou em sua aula de matemática do ano anterior, de modo que consegue explicar a

Lena. Vaclav acha que deveria dizer a Lena que o principal problema dela

é não ser organizada, que se ela fosse mais organizada, se tivesse algumas

pastas e etiquetas, então sua cabeça poderia se organizar melhor, que se

ela não impressasse e amassasse todas as folhas de exercícios e tarefas de

casa ela poderia ser mais cuidadosa ao fazê-los e ter notas melhores. Mas

Vaclav está pressentindo que Lena não quer ouvir isso, que as coisas

entre eles estão esquisitas, porque mesmo que Vaclav esteja fazendo uma

coisa legal para Lena, está tendo de agir de modo extralegal com ela,

54

sentindo-se como se tivesse de agradecer por alguma coisa ou oferecer-

lhe um presente, e isso está fazendo a sensação incômoda voltar, mas

Vaclav a ignora.

— Aqui — diz ele, e dirige o olhar dela para o primeiro problema.

— Esse aqui está perguntando quantas vezes o número 2 entra em 627.

— O que significa —entra||? — pergunta Lena.

— É quantos 2 existem em 627 — responde Vaclav.

— Um — responde Lena, apontando para o algarismo 2 em 627.

— Não, é assim: você é uma, eu sou um. Juntos, somos dois, certo?

— *Da* — responde Lena.

— Juntos, somos Vaclena, uma coisa só. Mas ocupando dois

espaços; duas cadeiras — diz Vaclav, formulando em sua mente, enfim, a

maneira como irá explicar a questão a ela. — Se existissem 627 cadeiras,

quantos VaLenas poderiam se sentar nelas?

— Não sei.

— Lembre, cada VaLena precisa de duas cadeiras, e eles não podem ser separados.

— Por que não? — pergunta Lena.

— Porque senão existe um resto, que é a próxima coisa — diz Vaclav.

— O que é —um resto||? — pergunta Lena.

55

— É quando separamos VaLena, se por acaso existe só mais um lugar; se sobra uma cadeira. Então existe somente Vaclav ou somente

Lena.

— E isso não pode ser — conclui Lena.

— Muito bem, Lena, bonito inglês! — incentiva Vaclav.

## **O TEMPO PASSA RÁPIDO E DEVAGAR**

Leva uma hora inteira para Vaclav ensinar matemática a Lena, e em seguida é preciso fazer também uns exercícios para a aula de ISL, e

depois há também uma redação para a aula da turma normal de Lena.

Quando começam a redação, Rasia chega em casa, está escuro lá fora e o

copo de suco de Vaclav foi enchido e esvaziado muitas vezes. Na hora da

redação, Lena amolece o corpo na cadeira de tal modo que Vaclav tem a

impressão de que ela possui macarrão no lugar dos ossos. Até a cabeça de

Lena cai para a frente, e quando Vaclav lhe pede para olhar para uma

frase que escreveram ou para a grafia de uma palavra, ela suspira e apoia

o braço na mesa, depois deita a cabeça no braço e mal abre os olhos.

— Você precisa pegar esta caneta e escrever a frase, Lena! Posso ajudar você, mas se eu escrever com a minha letra o professor vai desconfiar! — exclama Vaclav.

Lena suspira, alto e fundo, soltando o som todo de uma vez de seu corpo inteiro. Rasia está fazendo barulho na cozinha, dificultando muito

a concentração de Vaclav, e Lena está agindo como um pacote de

macarrão se derramando toda pela cadeira, e, lá em cima, na casa da Sra.

Ruvinova, as pessoas estão assistindo a um filme cheio de gritaria, berros,

56

tiros e estrondos de coisas se quebrando. Essas pessoas provavelmente

não são a Sra. Ruvinova, mas os filhos dela, que são grandes e cujo cabelo

parece que está sempre molhado e com cheiro de papel de revista, que

usam jaquetas de couro que nunca tiram e que fazem um ruído engraçado nos sofás de couro da Sra. Ruvinova.

Vaclav já viu esses filhos nas vezes em que foi lá em cima pedir açúcar, farinha de trigo ou vodca. Não sabe quantos são porque são todos

muito parecidos. Fazem-no sentir-se tenso e inseguro, porque quando ele

sobe e fica esperando a Sra. Ruvinova trazer a xícara de açúcar, os filhos

estão sentados no sofá e não dizem oi.

Vaclav está pensando nos filhos da Sra. Ruvinova, nos sons e cheiros de sua mãe cozinhando, e no que ela está cozinhando, que até

agora é algo que leva cebola e repolho, algo que produz um bocado de

fumaça e vapor. Está achando muito difícil pensar no que Lena deve escrever em seguida em seu dever de casa sobre a Revolução Americana,

principalmente porque Lena não está ajudando nada, só fica sentada na

cadeira ao seu lado igual a um macarrão em forma de Lena.

— Tirem esse dever de casa daí de cima e ponham a mesa para o jantar agora — ordena Rasia.

Ela fala com voz doce e terna, embora as palavras que usa soem maldosas, porque aprendeu muito do seu inglês assistindo episódios piratas de Law& Order toda noite quando ainda estava na Rússia esperando pela papelada, os carimbos, os cartões e as cartas que lhe

permitiriam se mudar com a família para os Estados Unidos. Vaclav fecha seu fichário e o caderno de redação de Lena, tira todos lápis e borrachas e livros de cima da mesa. Lena arrasta seu corpo de macarrão

para fora da cadeira e vai contar os talheres, e Rasia pergunta:

57

— Lena, você vai jantar?

— *Da* — responde Lena.

— Em inglês! — ordena Rasia.

— Voo-ou — grunhe Lena, como faz toda noite, porque nada mudou apesar de alguma coisa ter mudado.

Vaclav tem de empilhar todo o material de dever de casa e colocá-lo de lado, e ele se sente péssimo, porque nem sequer começou o próprio

dever de casa e já está na hora do jantar, e parece muito tarde. Começa a

compreender que não haverá tempo para terminar seu dever de casa,

nem o de Lena e então ensaiar o número de mágica.

Vaclav roça em Lena enquanto estende o braço para pegar os pratos e Lena cochicha:

— Não acaba dever, não ensaia nada — com a voz de um gato velho e malvado.

E Vaclav compreende que, de agora em diante, toda noite, ele vai fazer o dever de Lena para ela sem lhe ensinar coisa alguma. Vai dizer a

ela exatamente o que escrever em suas redações, nem mesmo vai perguntar o que ela está pensando sobre a questão — por exemplo, se ela

seria legalista ou revolucionária caso estivesse viva em tal e tal tempo e

lugar —, só vai fazer tudo para ela sem nenhuma ajuda, porque isso é o

necessário, porque é isso que Lena quer. E Vaclav quer o mesmo que

Lena, porque eles são Vaclena, sem resto.

## **OITO VACLENA, RESTA UMA LENA**

58

No dia seguinte, Vaclav e Lena voltam da escola para casa

exatamente como combinado. Vaclav volta sozinho, enquanto Lena vai

com Marina e Kristina para a casa da Tia e finge entrar. Os dois se

encontram na casa de Vaclav, onde Lena não precisa tocar a campainha;

entra simplesmente pela sala de estar que tem o tapete macio e a grande,

a enorme TV, e vai direto para a cozinha, onde Vaclav já está começando

a trabalhar freneticamente em seu dever de casa para que haja tempo de

ensaiar o número.

Lena coloca sua mochila no chão perto da mesa da cozinha e vai

para a geladeira. Hoje Vaclav vai fazer o dever de casa dela, todo, inteiro.

Hoje eles vão trabalhar no número de mágica. Ela não vai se sentir culpada, não vai se sentir mesquinha. Vai sentir satisfação por seu dever

de casa estar feito e por ser amiga de Marina e Kristina e de Vaclav, porque eles vão ensaiar o número. Vaclav está fazendo o dever de casa e

não está falando nada, nem para oferecer lanche a Lena ou sequer dizer

olá. Mas não faz mal. Hoje Lena quer fazer um lanchinho.

Lena abre a geladeira, apanha um queijo em tiras, senta-se à mesa da cozinha ao lado de Vaclav e come o queijo, uma tira de cada vez, enquanto Vaclav murmura rápido por cima do dever de matemática dela.

Vaclav não esconde de Lena a rapidez com que faz o trabalho que na véspera ela demorou horas para fazer. Lena sente-se mal por não compreender matemática, mas está acostumada a esse tipo de sensação, e

observar como ele faz depressa o que ela não consegue fazer é bom,

porque lhe dá a certeza das coisas sem muitas perguntas, sem nenhuma

dúvida.

59

## LENA FAZ UM LANCHINHO

Lena fica sentada à mesa da cozinha até terminar todo o queijo,

depois joga a embalagem fora e pega um copo grande, que enche do leite

que está na geladeira e bebe até o fim, põe o copo dentro da pia, depois

apanha um pão de forma Wonder na caixa de pão e separa três fatias, e

começa logo a comer uma delas cortando pedaços pequenos com os

dedos, depois procura dentro da geladeira algo com o qual fazer um

sanduíche, desiste, então passa mostarda nas fatias de pão, junta as duas,

senta-se ao lado de Vaclav à mesa da cozinha e come um sanduíche de

mostarda enquanto Vaclav faz seu dever de casa, e, quando acaba de

comer o sanduíche de mostarda, levanta-se, vai até a geladeira, tira a

manteiga de amendoim, pega uma colher na gaveta de talheres, mergulha

a colher na manteiga de amendoim e tira uma colherada, então vai sentar-

se junto de Vaclav à mesa da cozinha e lambe o doce, que depois come,

então volta ao pote de manteiga de amendoim e enche outra grande colherada, que dessa vez come de pé, e come outra de pé, e mais outra até

quase acabar com a manteiga de amendoim, e então ouve Rasia abrindo a

porta da frente e põe depressa a tampa no pote de manteiga de amendoim, mas nem chega a rosqueá-la até o fim, colocando-a em seguida bem no fundo da geladeira, depois senta-se ao lado de Vaclav e

finge estar muito interessada no que ele está fazendo, até balançar a cabeça.

## **RASIA NÃO SE ENGANA**

60

Rasia viu Lena sair apressada de perto da geladeira. Às vezes, ser mãe é como quando você acende as luzes e as baratas todas saem correndo para se esconder e, se você está olhando diretamente para o

chão na expectativa de ver a correria, então você a verá, mas se você

estiver pensando no que vai comer, ou olhando para o ventilador de teto

e pensando quanto tempo faz que não tira o pó dele, então não verá nada.

Quando Rasia entra em casa, olha imediatamente na direção da cozinha e,

da mesma forma que com os insetos, mesmo se você não viu o que eles

estavam fazendo antes de correrem, dá para ver onde eles estavam, para

onde correram e de que correram, e assim ter pistas ou ideias sobre o que

está acontecendo.

Rasia também viu Lena fingindo interesse no trabalho de Vaclav,

de modo que ela vai direto para a mesa da cozinha e percebe que Vaclav

está trabalhando numa folha de exercícios com o nome de Lena no alto.

Então, Rasia abre a geladeira e vê a manteiga de amendoim com a tampa

torta, e ao olhar dentro do pote encontra as marcas de todas as pequenas

colheradas, não as curvas que se faz com uma faca quando se passa manteiga de amendoim num sanduíche.

Hoje, Rasia está em alerta máximo por causa do estranho

comportamento das últimas noites. Ela reprisa esse estranho

comportamento em sua mente como se fosse um detetive. Primeiro, foi

Lena vomitando. Depois, foi voltar para casa e encontrar Vaclav ainda na

cozinha, ainda fazendo o dever de casa, com Lena caída sobre a mesa ao

lado dele. Isso é indício de algo ruim, porque não é normal. Normal é

chegar em casa e encontrar Vaclav e Lena trabalhando com afinco em um

número de mágica no quarto de Vaclav, mas com as luzes acesas, a porta

aberta e os pés no chão, porque a casa dela é uma casa onde há princípios

morais.

61

Ela reparou, durante o jantar da véspera, o terrível mau humor de

Vaclav, o humor de alguém que perdeu um longo e difícil jogo de csyak

svoi kozyi. E agora a pequena Lena está apanhando na geladeira coisas

para comer e disfarçando, querendo que Rasia pense que ela está ajudando Vaclav com o dever de casa, quando não está.

Rasia quer saber exatamente o que está se passando e também

exatamente por quê.

## ISSO HOJE DEVE SER ENSAIO

Para o jantar, Rasia fez *shchi*. Ela descobriu, quando veio para a América, que, com muito pouco dinheiro, podia encher a panela de pressão com carne e repolho de manhã e encontrar pronta uma refeição

rusa tradicional ao chegar em casa à noite. Em geral, Lena apenas empurra a carne acinzentada para as bordas de sua tigela até a hora de se

tirar a mesa, mas hoje ela come todo o seu *shchi* antes mesmo de Rasia

sentar e pegar no garfo. Enquanto isso, Vaclav está usando seu garfo para

afastar todos os pedaços que não está com vontade de comer: pedaços de

repolho queimados nas beiradas ou o umbigo do tomate, de onde sai o

talo.

Rasia olha para seu marido, que não larga o copo de vodca para poder dar um golinho entre uma garfada e outra.

Rasia observa Lena de esguelha; ela está raspando o fundo de sua tigela com a colher como se o *shchi* fosse a última comida sobrando no

planeta Terra.

— O dever de casa está todo pronto? — pergunta.

62

— Todo. Todo pronto, e por isso Lena e eu vamos nos preparar para ensaiar nosso número assim que terminarmos de jantar, muito obrigado.

— De nada — diz Rasia, ainda olhando para Lena, cuja concentração não se deslocou nem um pouco do *shchi*. — Lena, você está comendo tão depressa que vai passar mal outra vez. Coma devagar; você pode repetir.

Lena levanta os olhos para Rasia, encabulada.

— Vaclav, encha a tigela de Lena — diz ela.

— Vocês vão ensaiar uns truques hoje? Um pouco de mágica?

Umas brincadeiras trapaças? — Oleg pergunta a Lena.

Lena tem medo de Oleg, porque o rosto dele é feio de se olhar e coberto de buraquinhos, porque ele cheira mal, porque um pedacinho da

barriga cabeluda dele sempre sai por baixo da camisa e porque ele só fala

gritando.

Vaclav não está com vontade de responder ao pai, nem de comer muito, e também não está mais a fim de ficar sentado à mesa da cozinha.

Vaclav não está sequer com vontade de ensaiar o número.

Quando Vaclav fica desanimado, ele gosta de ler seu livro sobre Houdini e lembrar a si mesmo que Houdini teve de superar muitas dificuldades antes de ficar famoso, e que ele acreditava que a perseverança e a complacência eram as qualidades mais importantes que

uma pessoa podia ter. Houdini trabalhou duro por muitos anos sem dinheiro nem fama, e foi quando adquiriu todas as suas habilidades importantes. Pensar em Houdini lembra a Vaclav que batalhar e ser perseverante é importante para forjar o caráter, e ele lembra a si mesmo

63

que, um dia, no futuro, talvez agradeça a Lena por fazê-lo passar pelos

problemas e dificuldades daquele momento, pois isso o tornará grande e

magnífico. É o que ele diz a si mesmo uma porção de vezes seguidas em

sua mente para não esquecer.

Ainda assim, Vaclav está se sentindo desestimulado com todo o tempo que gasta fazendo o dever de casa de Lena além do próprio, que

toda essa trabalhadeira está tomando o tempo da mágica, que precisa ser

praticada para que ele se torne o mais bem-sucedido e famoso mágico.

Vaclav sente uma nostalgia repentina, uma saudade de um lugar que não

existe.

— Com licença? — pede Vaclav, baixando os olhos para a mesa, para os restos do ensopado de repolho roxo em sua tigela.

— Claro — responde sua mãe, enquanto o pai dá uma risada resfolegada, que pode ser uma risada de amor por Vaclav ou pode ser

uma risada maldosa.

Vaclav levanta-se da mesa e põe sua tigela de shchi dentro da pia,

enquanto Lena empurra goela abaixo as últimas garfadas de sua segunda

tigela e sai logo atrás de Vaclav, apavorada com a ideia de ficar sozinha

com os pais dele.



## **LUVAS**

Vaclav senta-se imediatamente diante de sua escrivaninha e começa a fazer uma lista nova, uma lista zangada.

— Número para praticar primeiro: caixa de desaparecimento. Eu acho — sugere Lena.

64

Vaclav não responde e começa a acrescentar à sua lista:

## **TRAJES**

— Não? — pergunta Lena.

Vaclav não responde a Lena e começa outra lista:

### **LISTA DE COISAS NECESSÁRIAS PARA TRAJES DO ESPETÁCULO EM CONEY ISLAND**

— Ou carta. Truques de carta — diz Lena, olhando por cima do ombro de Vaclav.

— Truque de cartas — corrige ele.

— Isso! — diz Lena.

Lena começa a se preocupar que algo esteja errado, que seu plano de deixar Vaclav feliz, ou a sua tentativa de manter o equilíbrio entre dar

e receber, não esteja funcionando.

— Não, não estou dizendo sim para o truque de cartas, só estou dizendo que não é truques de carta, com a letra s no final de truque, mas

truque de cartas, com a letra s no final de carta — explica Vaclav.

— O que está errado? — pergunta Lena, embora perceba

ligeiramente o que está errado. Vaclav não responde a essa pergunta e

continua a sua lista como se não a tivesse escutado:

65

## **LISTA DE COISAS NECESSÁRIAS PARA TRAJES DO ESPETÁCULO EM CONEY ISLAND CARTOLA CAPA SMOKING**

Vaclav sabe que há mais que acrescentar à sua lista, mas de repente não consegue pensar nas coisas que compõem o traje de um mágico,

apesar de já vir imaginando o traje há muitos anos. Vaclav sabe que seus

pensamentos e sentimentos sobre Lena estão prejudicando sua memória.

O fato de não conseguir lembrar é culpa de Lena, e é culpa de Lena eles

não terem ensaiado o número tanto quanto precisavam.

— O que os mágicos usam? Não consigo pensar no que os mágicos usam! — exclama Vaclav, e está querendo fazer apenas uma pergunta,

mas sua raiva por causa da culpa de Lena transparece ao mesmo tempo.

— Chapéu — diz Lena, temerosa.

— Isso eu já botei! — diz Vaclav. — Hummm, aquela coisa comprida, no ombro, aquela... — Lena está procurando as palavras, e

isso também faz Vaclav esperar e o deixa irritado.

— Capa? Já escrevi isso também — diz Vaclav, e sabe que sua voz está deixando Lena assustada a ponto de espantar suas palavras para longe.

— Hummm... — diz Lena. — O quê? — diz Vaclav. — Estou esperando.

— Hummm — diz Lena, seus hummms cada vez mais trêmulos.

— Deixa pra lá! — diz Vaclav, e volta a escrever as listas.

— Hummm — diz Lena, e seus hummms agora são como o som de um violino cujas notas oscilam.

66

— Esqueça! — exclama Vaclav.

Então Lena senta-se no chão atrás da cadeira de Vaclav, onde ele não pode vê-la, para que possa esconder as lágrimas que transbordam de

seus olhos e escorrem pelas faces, e diz:

— Luvas.

Fala muito baixo, com a letra *l* da palavra muito pesada, e com a letra *u* muito extensa para uma pronúncia americana, mas Vaclav escuta

seu / e u soarem como russo, e o v prolongado e surdo, e o a saindo com

apenas uma quantidade minúscula de ar da boca e o s mal se

prolongando, e Vaclav compreende, e sabe exatamente a que luvas ela se

refere.

Vaclav não repara que Lena está chorando. Sente-se incrivelmente

feliz porque as luvas brancas do mágico completam a imagem que ele

quer ter no espetáculo no deque de Coney Island. Está feliz porque consegue se ver parecido com um mágico profissional.

Precisa das luvas brancas, das luvas muito brancas que darão

destaque a cada um de seus movimentos e chamarão a atenção da plateia

para suas mãos como se ele tivesse os globos oculares das pessoas presos

com linha de pesca às pontas dos dedos. É muito importante, em mágica,

ter os globos oculares das pessoas presos às pontas dos seus dedos,

porque às vezes o mágico está mexendo com a mão e dizendo: olhem, o

truque é aqui, mas na verdade o truque é em outro lugar. Vaclav

aprendeu isso em O Almanaque do Mágico, que diz que, se você quiser

aprender como um mágico realiza suas ilusões, quando ele disser:

—Observem com cuidado o que vou fazer||, você precisa olhar com cuidado para outro lugar porque ele está tentando distrair você.

67

— O que você quer vestir para o espetáculo em Coney Island? —

pergunta Vaclav, porque a aparência da linda assistente é muito importante para a arte da mágica, da mesma forma que as luvas brancas

que prendem os olhos da plateia às pontas dos seus dedos como se com

uma linha de pescar. A assistente está ali para que, enquanto o mágico

cria uma ilusão, todos olhem atenciosamente para outro lugar. Às vezes a

assistente é o outro lugar.

— Como acha que deve ser a sua roupa? — Vaclav pergunta outra vez.

Lena para de chorar e respira fundo repetidas vezes. Está

começando a esquecer a perturbação porque ficou muito animada. Lena

vai usar o biquíni dourado de franjas de Heather Holliday.

Lena viu Heather Holliday pela primeira vez quando tinha

somente 5 anos, e também foi a primeira vez que viu o famoso Sideshow

de Coney Island, e também a primeira vez que viu o mar, e a primeira

vez que viu uma montanha-russa, e que sentiu o cheiro de cachorro-

quente, e a primeira vez que foi à casa de Vaclav, e a primeira vez na vida

que teve um amigo.

**COMO ACONTECEU: A PRIMEIRA VEZ QUE VACLAV**

## ENCONTROU LENA

A tia de Lena, Ekaterina, estava sempre se queixando de precisar tomar conta de Lena, de sempre perder os melhores turnos, os turnos que

davam melhores gorjetas, porque precisava buscar Lena, ou pôr Lena

para dormir, ou servir o jantar a Lena. Uma das pessoas a quem a Tia se

queixava era a seu namorado, cujo emprego era pegar caixas e ficar de

68

camiseta fumando parado na rua, e ele fazia esse trabalho para a empresa

de material médico na Kings Highway onde Rasia era a recepcionista. O

namorado da Tia conhecia a mãe de Vaclav e sabia que ela tinha um filho

de uns 5 anos, a mesma idade de Lena.

O namorado estava cansado de ouvir a Tia reclamar, cansado de

ver a Tia não ganhar dinheiro e cansado de sempre encontrar Lena no

apartamento, atrapalhando com a sua mudez, sobretudo depois que a

escola fechou para as férias e ela passou a ficar em casa o tempo todo, de

modo que ele falou com Rasia e combinaram um encontro das crianças

para brincar.

## COMO FOI PARA VACLAV

Rasia estava feliz por seu filho poder brincar com alguém que estava na mesma escola que ele porque o menino era aluno novo ali e

porque, tendo acabado de chegar da Rússia, ainda não tinha muitos amigos. Na realidade, ele não recebera um amigo para brincar em casa

desde que se mudaram da Rússia, e ela estava tão entusiasmada que

correu para casa com a novidade para contar a Vaclav.

— Vaclav. Desliga televisão. Tenho uma coisa para contar.

Ela ainda não estava acostumada a falar só inglês com o filho. A

decisão de trocar, de rigorosamente falar apenas inglês em casa, era fácil,

mas falar com o filho numa língua que não era a sua, isso era dureza.

Nem sempre encontrar as palavras para as coisas que queria dizer era

especialmente difícil, sobretudo quando ela tentava conversar sobre algo

para que talvez não encontrasse as palavras nem em russo, ou até se

também falasse árabe ou a língua de estalidos que falam na África  
no

69

National Geographic Channel. Mesmo que ela soubesse falar

perfeitamente todas as línguas do mundo inteiro, talvez não fosse capaz

de explicar ao filho as coisas que estava sentindo. O que sentia era algo

próximo do seguinte, mas não exatamente igual:

*Sinto muitíssimo que você esteja solitário, que não tenha amigos e que as*

*outras crianças pensem que você é estranho, e isso me dói como se arrancassem a*

*minha pele e derramassem ácido nela, mas fizemos algo que para você no fim será*

*o melhor, e mesmo que você nunca, jamais saiba disso, nós saberemos e, quando*

*você olhar para nós e nos culpar por escolhermos uma coisa difícil para você, nós*

*saberemos e, quando você olhar para nós e nos culpar por sermos seus pais, então*

*também nós saberemos.*

— É vídeo. Posso pausar — disse Vaclav, revirando os olhos e

apontando o controle remoto para a tela da grande TV e parando David

Copperfield no ar justo quando ele estava descendo do teto de um imenso auditório.

Rasia acomodou-se no enorme sofá. Então, bateu de leve no assento

ao lado dela e Vaclav levantou-se do chão, de onde assistia à TV. Vaclav

sentara-se a meio metro da tela a fim de ver de perto e descobrir os segredos por trás dos truques de David Copperfield.

— Encontrei uma moça hoje que tem uma menina da mesma idade que você. — Rasia fez uma pausa e olhou para Vaclav, que levantou uma

sobrancelha. Cético. OK, pensou Rasia, ao menos ele não está zangado.

Está interessado. — Essa menina, ela veio da Rússia quando era bebê, ela

não tem mãe nem pai por perto e ela é muito tímida. — Vaclav não a

70

interrompeu, portanto Rasia continuou. — Ela não tem muitos amigos e o

inglês dela não é muito bom, então acho que você encontra ela para

brincar, talvez ajuda com inglês, talvez até faz amiga.

Vaclav revirou os olhos com repugnância, desinteresse, aborrecimento, tudo ao mesmo tempo, depois perguntou:

— Qual é o nome dela?

— Yelena. Mas é chamada de Lena — disse Rasia.

— Ok — disse Vaclav. Ele sabia quem era a garota, a tímida do ISL, mas ela nunca falara com ele nem com mais ninguém, que ele soubesse.

— Ela vem sábado brincar — disse Rasia. — Talvez para passear, a gente vai para Coney Island.

## COMO FOI PARA LENA

Lena acordou num sábado de manhã e foi para a cozinha.

Ekaterina, sua tia, estava sentada à mesa da cozinha usando um roupão,

tomando café, fumando um cigarro e lendo o jornal. Apesar de ser bem

cedo, a Tia acabara de chegar do trabalho e não fora dormir ainda. A Tia

olhou para Lena mas não disse nada, e Lena também não disse nada mas

lembrou-se de que devia ficar calada. A Tia não se sentia bem de manhã;

as manhãs davam-lhe dor de cabeça e ela detestava quando Lena fazia

qualquer ruído.

Lena procurou algo para comer de desjejum, mas não havia muita

coisa lá, nem cereal, nem mistura para panqueca ou algo parecido, e na

geladeira não havia leite, nem suco de laranja, nem ovos, nem queijo em

71

tiras. A única coisa dentro da geladeira era Slim-Fast, e a única coisa no

freezer era vodca, e a única coisa na despensa eram latas de coisas que

não são realmente boas para comer, especialmente quando você não é

muito hábil com um abridor de latas.

Lena fechou a despensa devagarzinho para que não fizesse

nenhum barulho. Ela planejava desistir, voltar para seu quarto e talvez

deitar na cama e dormir um pouco mais para passar o tempo. Estava

esperando a Tia ir para a cama de modo que ela pudesse pegar uma nota

de dólar da carteira da Tia e comprar um petisco qualquer na mercearia

da esquina, ou então beber uma das latas de Slim-Fast da geladeira, caso

houvesse bastante para que a Tia não reparasse que faltava uma e gritasse

com ela.

— Vá se vestir. Você vai para a casa do seu amigo — disse a tia de

Lena.

Lena ficou confusa, porque não tinha amigo nenhum.

Lena também percebeu que não tinha escolha, porque a Tia disse

que ela iria de um jeito que não admite perguntas, que era o jeito como

ela dizia quase tudo. Assim, Lena foi para o seu quarto e pôs a roupa,

calçou os sapatos e certificou-se de que estava vestida e pronta para ir

para a casa do seu amigo.

## **SABADO DE MANHA**

Vaclav acordou muito cedo e sua mãe já estava de pé, e Vaclav

sentiu o cheiro de lustra-móveis, de limão, de água sanitária, e a casa

cheirava como nas manhãs em que receberiam visitas mais tarde ou como

72

nas manhãs em que, pela primeira vez no ano, o tempo lá fora está bom o

bastante para se abrir todas as janelas e todas as coisas parecem estar

energizadas.

Os dois tinham bolado um plano. Rasia levaria Vaclav e Lena a

Coney Island de metrô, eles andariam nos brinquedos e depois voltariam

para casa e almoçariam sanduíches. Vaclav e a mãe estavam muito

contentes com esse plano, ambos sabendo que Vaclav teria uma nova

amiga e ambos sabendo que fariam algo bom para Lena. Não podiam

saber que muitas coisas ruins viriam com aquele dia junto com as coisas

boas. Não sabiam que as coisas boas iriam acontecer e interagir com as

ruins como elementos químicos e torná-las piores, e o contrário também.

Não sabiam que Vaclav e Lena iriam passar pelo famoso Coney Island

Sideshow e ver truques de mágica, e ver Heather Holliday em seu biquíni

dourado de franjas pela primeira vez. Não podiam saber que isso seria o

começo de tudo.

## **DING DONG**

Ekaterina levou Lena até a porta de entrada da casa de Vaclav, e Lena sentiu-se muito mal e confusa, porque não queria que a Tia a deixasse ali, mas também não queria que ninguém visse a Tia ainda com sua maquiagem de trabalho. Infelizmente, não havia nada que Lena pudesse fazer. A Tia segurava seu pulso com muita força e um tanto alto demais, de modo que Lena precisava torcer o corpo para que seu ombro não doesse, e elas pararam e tocaram a campainha. Assim que a campainha soou, Lena pôde escutar movimentos atrás da porta.

73

Do outro lado da porta, Vaclav e sua mãe estavam ambos sentados no grande sofá, com tudo limpo no apartamento e a TV desligada, sem falar em quanto os dois estavam empolgados. Quando a campainha tocou, Vaclav e sua mãe levantaram ao mesmo tempo e Vaclav correu para seu quarto, fingindo de repente precisar de alguma coisa, agitado e

nervoso, não querendo dar a impressão de que estava sentado esperando

Lena chegar.

Rasia abriu a porta e encarou Ekaterina, que, quando a porta foi aberta, estava apertando a campainha pela segunda vez. O cabelo de

Ekaterina começava castanho-escuro na raiz, tornava-se alaranjado por

um momento e depois surgia um louro-branco reluzente, puxado para

trás e apertado num rabo de cavalo que brotava no alto da cabeça. Estava

vestida com um daqueles macacões cor-de-rosa felpudos que todas as

mães jovens estavam usando, o que dava a Rasia a impressão de que

existia um clube a que ela não pertencia, e, nos pés, sapatos de saltos

muito finos e altos feitos de plástico transparente. Tudo no rosto dela era

pintado, como se antes não tivesse nada ali: grandes sobrancelhas negras

que não combinavam com nenhuma parte do cabelo que crescia em sua

cabeça, traços grossos e escuros em torno dos olhos, traços grossos cor-

de-rosa em torno dos lábios, até um traço grosso na altura do queixo,

onde o rosto terminava, e que não se misturava com seu pescoço.

Rasia olhou para Ekaterina e depois para Lena, agarrada à mão de Ekaterina com um ar apavorado, e seu coração se partiu um pouco, primeiro por não ter uma filha, depois por causa do que ouvira falar a

respeito da história da vida de Lena e dos boatos sobre o trabalho de

Ekaterina, e ela teve vontade de recolher a garotinha, alimentá-la, botá-la

no colo e dar-lhe segurança.

74

— *Zdravstvuite* — disse a Tia.

— *Zdravstvuite*, prazer em conhecê-la — disse Rasia, trocando para o inglês. A Tia fulminou-a com o olhar.

— Tenho de ir agora. Busco de noite — disse a Tia.

— Sim, claro — disse Rasia, envergonhada ao perceber que

imaginara que Ekaterina entraria e se sentaria, que ela lhe serviria o chá

que já estava preparado na cozinha, que Lena correria para brincar com

Vaclav, que ela e Ekaterina falariam sobre Lena e Vaclav, sobre maternidade, sobre a vizinhança, sobre os desafios de encontrar quem

cuidar bem das crianças depois da escola e sobre os desafios de estar

naquele país, e se tornariam amigas improváveis. Rasia estava surpresa e

constrangida por se sentir tão sozinha. Isso lhe acontecera antes, algumas

vezes: uma solidão que a acometera no mercado ou no ônibus e a pegara

desprevenida.

— Do *svidaniya* — disse a tia de Lena, Ekaterina, virando-se para andar pela calçada esburacada e torta com seus sapatos de salto alto de

plástico sem dizer uma palavra sequer a Lena, como —Até logo||, ou

—Divirta-se||, ou —Amo você||, ou —Comporte-se||, ou —Não ligo se nunca

mais vir a sua cara: detesto você||, ou —Divirta-se no Ciclone e aproveite

para ver o mar pela primeira vez||.

A Tia simplesmente deu as costas e largou Lena lá.

Rasia notou que Lena ainda tinha pequenas remelas no rosto, e seu coração se partiu um pouco mais. Ficou parada na soleira da porta aberta, olhando, embasbacada, enquanto a Tia se afastava batendo os pés, acendendo um cigarro enquanto andava.

75

— Do *svidaniya* — respondeu Rasia, embora Ekaterina já estivesse longe demais para escutar.

## VACLAV FAZ UMA ENTRADA TRIUNFAL

— Lena, entre, por favor, é um prazer ter você conosco... Tire seus sapatos aqui, por favor — disse Rasia, e apontou para a fileira de sapatos

de sua família junto à porta: seus mocassins, os sapatos feios de trabalho

de seu marido e os novos sapatos especiais de Vaclav, com luzes nos calcanhares e velcro para todo lado, porque nos Estados Unidos ninguém,

nem as crianças pequenas, tem tempo de amarrar os sapatos, e tudo

precisa ter luzes piscando.

Lena se dirigiu à fileira de sapatos e parou de tal modo que seus pés ficaram alinhados com todos os outros sapatos. Lena calçava uns

tênis de lona branca e, sem abaixar os braços ou entortar o tronco, usou o

dedão de seu pé esquerdo para tirar o sapato do pé direito, depois o dedão do pé direito para tirar o sapato do pé esquerdo. Dessa forma,

tirou os sapatos sem se mexer muito e sem despregar os olhos de Rasia.

Vaclav estava espiando do corredor e viu o que Lena fizera, tirando

os sapatos com um mínimo de esforço, deixando-os no lugar exato onde

queria que ficassem para não ter de arrumá-los quando saíssem dos seus

pés. Ele sorriu de leve por dentro e aproximou-se para se apresentar.

— Olá, sou Vaclav. Prazer em conhecer você. Seja bem-vinda à minha casa. Quer beber alguma coisa? — disse ele, esforçando-se para

não dar a impressão de ter ensaiado.

Lena limitou-se a olhar para baixo, encabulada.

76

— OK — disse Vaclav.

Vaclav começou a se sentir envergonhado quando refletiu por que

Lena não lhe respondera, por que ela olhara para o chão, encabulada. Ele

disse —Prazer em conhecer você||, mas, claro, não era a primeira vez que

encontrava Lena porque estudavam na mesma escola e tinham sido da

mesma turma de ISL no jardim de infância. Vaclav sentiu seu rosto

esquentar. E preocupou-se com isso, mas viu que o rosto de Lena também

parecia quente e preocupado.

Os três, a mãe, o jovem mágico e a menina minúscula, ficaram parados em silêncio, olhando para o chão entre eles.

— Alguém precisa ir ao banheiro antes de sairmos? — perguntou Rasia.

— Não — respondeu Vaclav. — Eu já fui. — E olhou para Lena, mas ela não disse nada.

— Certo, então vou fazer xixi e depois nós vamos — disse Rasia, virando-se e indo para o banheiro, deixando Vaclav e Lena olhando juntos para o chão.

## **CRIANÇAS COM MENOS DE UM METRO E DEZ**

## **CENTIMETROS**

Enquanto caminhavam juntos para a estação do metrô, Vaclav e sua mãe fizeram estranhos esforços para manter uma conversa que fosse

do interesse de Lena, e em inglês claro e simples para que ela escutasse e

se sentisse incluída, mas que de nenhuma forma exigisse que Lena respondesse ou fizesse perguntas. Conversaram sobre como eles iriam

77

iniciar o primeiro ano do primeiro grau no fim do verão, sobre programas

de TV de que Vaclav gostava e sobre como estava fazendo calor ali fora,

mas Lena não participou da conversa.

Ao longo do percurso da rua Dezesesseis Leste, pela avenida U, o

tempo todo dentro da estação de metrô e na subida da escada para a

plataforma, Vaclav e sua mãe executaram uma dança em torno de Lena,

sempre tentando mantê-la entre eles, mas Lena andava devagar, olhando

apenas para o chão, e assim Vaclav e sua mãe toda hora recuavam para

que ela ficasse no meio dos dois e para conservar a ilusão de que estavam

aproveitando a manhã juntos.

Lena não sabia bem o que fazer. Nunca saíra com mais ninguém

além da sua *babushka* e da Tia. Quando a *babushka* era viva, elas raramente

saíam, porque a *babushka* era fraca e recebia refeições entregues

gratuitamente pelos amáveis voluntários do Meals on Wheels, e Lena e

sua *babushka* dividiam essas refeições. Portanto, iam principalmente à loja

da esquina para comprar papel higiênico ou sacos de lixo, e isso muito de

vez em quando. A Tia dificilmente levava Lena a qualquer lugar.

Além do mais, Lena nunca andara de metrô, e estava muito

assustada, porque não tinha dinheiro. Não pensava da mesma maneira

que Vaclav, com a confiança total de que, caso precisasse de alguma

coisa, sua mãe lhe daria, saberia ou prepararia. Lena muitas vezes

precisava de dinheiro para certas coisas e a Tia não lhe dava nenhum. Só

pedira dinheiro à Tia uma vez, e nunca mais o fez.

À medida que se aproximavam mais e mais do metrô, Lena estava com medo de ter de pagar de algum jeito, e ficaria envergonhada e teria

de pedir dinheiro a Vaclav ou à mãe dele, e, além disso, mesmo que tivesse dinheiro, não tinha a menor ideia do que deveria acontecer dentro

78

do metrô, não sabia como pagar para embarcar no trem, estava apavorada.

Quando se aproximaram da estação de metrô, Lena ficou para trás e recusou-se a andar mais, porque não sabia aonde ir no estranho emaranhado de portões que pareciam gaiolas, e viu as pessoas passando

cartões amarelos pela máquina, e ela não tinha um cartão daqueles.

Vaclav parou ao lado de Lena e acenou através das grandes gaiolas de metal para o homem sentado na cabine do outro lado. Vaclav apontou

para a própria cabeça e para a de Lena e então levantou dois dedos. A

gaiola giratória zumbiu, Vaclav segurou a mão dela e disse:

— Vamos, nós passamos juntos! — E então acrescentou, para

garantir que Lena não ficasse constrangida: — É mais divertido irmos

juntos.

Lena ficou surpresa por Vaclav conhecer o homem da cabine, espantou-se por ele saber os gestos para fazer o homem abrir o portão

complicado e deixar eles dois entrarem de graça. Ela ainda não sabia,

como mais tarde Vaclav contaria a ela, que crianças com menos de um

metro e dez centímetros viajam de graça em metrô e ônibus locais

quando acompanhadas por um adulto pagante, e, quando ele lhe contou,

o mistério do metrô se dissipou e foi substituído por uma nova e

surpreendente sensação de liberdade, mas a sensação de segurança de

Vaclav segurando sua mão nunca foi embora.

Dentro do trem, Vaclav mostrou a Lena o melhor lugar para sentar

(na parte de trás, virados para o fundo, junto a uma janela), e Rasia

sentou-se diante deles com a bolsa no colo, observando Lena observar

tudo e Vaclav observar Lena.



## **ANDANDO NO TREM Q**

No trem, Lena viu: uma senhora branca com uma grande bolsa de couro e grandes botas de couro e uma grande cabeleira crespa conversando com um homem negro que falava consigo mesmo; uma garrafa de vidro com suco pela metade que rolava para a frente e para

trás pelo vagão, chocando-se com os pés de todo mundo; um homem de

terno que apanhou um jornal no chão, leu o jornal e enfiou-o debaixo do

braço para levá-lo consigo quando se levantasse; um homem com um

braço só; uma senhora que usava luvas como se fosse um médico; uma

senhora magricela comendo frango num prato de papel; três moças maquiando os rostos umas das outras; duas senhoras mais velhas de

mãos dadas; um adolescente com um bigode pequenino e imensos fones

de ouvido; uma senhora com uma sacola plástica cheia de sacolas plásticas; três homens com grandes chapéus pretos e cachos dos lados das

faces; três senhoras com exatamente o mesmo penteado empurrando

bebês em carrinhos; um homem dormindo por cima dos próprios joelhos;

uma mulher alimentando o bebê por baixo da blusa; uma mulher chorando atrás dos óculos escuros; e duas garotas de camisetas brancas e

saias vermelhas rindo e cochichando.

Vaclav viu Lena observando tudo. Vaclav olhava principalmente pela janela quando andava de metrô, e precisava ser algo muito especial,

como um sem-teto sem sapatos vestido como um alienígena ou alguém

cantando muito, muito alto para fazê-lo olhar para dentro.

Quando Lena já tinha visto tudo o que estava dentro do trem, ela olhou pela janela. Fora da janela do trem, Lena viu: casas com pequenos

quintais cheios de brinquedos, varais e mais varais, grafites de cores

vivas, lixo que parecia familiar e esquisito, o alto dos edifícios, cartazes

80

grandes de que alguém se esquecera, cartazes grandes com o nome de

alguém escrito com tinta spray preta, o céu, pombos nas árvores, a parada

para a Neck Road, a parada para Ocean Parkway, e, então, finalmente, o

letreiro para Coney Island/avenida Stillwell, que foi quando chegou a hora de saltar do trem.

## O MUNDO EM CORES

Vaclav segurou de novo a mão de Lena quando chegou a hora de saltar do trem, e ainda apontou para o vão entre o trem e a plataforma

para mostrar a ela que precisava ter cuidado. Os dois andaram pela plataforma rumo às escadas, com Rasia logo atrás. Vaclav conhecia o

caminho para sair da estação de metrô porque já estivera em Coney Island antes, mas deu uma olhadela para trás só para ter certeza de que

sua mãe estava vindo também.

Soprava um vento quente quando eles desceram as escadas da plataforma elevada, e nas beiradas do vento Lena percebia um cheiro

igual ao dos fundos do supermercado, onde o peixe ficava guardado. Ao

atravessarem a avenida Surf, Lena e Vaclav avistaram o Ciclone

serpenteando acima das barracas de cachorro-quente, da moça do tarô,

das crianças e das senhoras em shorts de sarja azul apertados. No espaço

entre as ruas, além do Ciclone, dos cachorros-quentes e das pessoas, Lena

avistou a praia e, adiante, o mar.

Para Lena, que crescera num apartamento minúsculo marrom-acinzentado, com sua minúscula *babushka* marrom-acinzentada, e que

andava por ruas de cimento para ir à grande escola de tijolos, parecia que

tinham colorido o mundo.

81

Juntos, eles circularam rapidamente entre os jogos e as barracas vendendo bonés e camisetas, e todas as coisas loucas e pessoas loucas e

comidas fritas. Parecia que todo mundo estava no caminho deles, e para

Vaclav era como se já estivessem perdendo tempo. Lena, segurando a

mão dele com força, não olhava ao redor para todas as pessoas como

fizera no metrô. Olhava através de tudo, direto à sua frente, e nem por

uma única vez desviou o olhar do enorme mar azul.

Eles se esgueiraram e se desculparam pelo caminho todo, e saíram na outra extremidade, no deque quente de madeira, onde as tábuas rangiam de leve a cada passo como se fossem teclas de piano. Rasia

dirigiu-se para um banco e sentou-se.

— Um minuto — disse ela. — Vamos descansar.

Fazia muito calor ali fora, Rasia estava transpirando por todo lado e sua dor ciática subia-lhe furiosa pela perna.

— Ande, mamãe, vamos para os brinquedos — disse Vaclav.

— Um minuto — pediu Rasia.

— Um Mississippi, dois Mississippi, três Mississippi, quatro

Mississippi... — começou Vaclav, contando os segundos de um minuto.

— Escute aqui, seu apressadinho, não quis dizer um minuto exato, mas que vamos descansar um pouco — disse ela.

Vaclav parecia que ia explodir.

— Vamos logo! — exclamou ele. — O tempo está passando!

Estamos perdendo os brinquedos!

Ele mal conseguia se controlar. Rasia levantou os olhos para a monstruosa roda-gigante que se erguia diante deles. Dava para enxergar,

82

de onde ela estava sentada, as cestas e o alto da cabeça das pessoas dentro

delas. Não parecia ir muito rápido.

— Vamos! — disse ele. — Vamos vamos vamos!

— Está bem, escute aqui — disse ela. — Vocês vão direto para a roda-gigante, andam uma vez e depois voltam direto para cá. — E entregou 10 dólares em notas de 1 a Vaclav.

Ela e Vaclav tinham conversado à exaustão sobre todas as regras a seguir para evitar que todas as coisas horríveis que ela via toda semana

na televisão americana acontecessem com seu filho. Ele sabia que não

devia falar com estranhos, como devia pedir socorro a um guarda, como

gritar e berrar se alguém o importunasse e que devia ficar parado exatamente onde estivesse caso se perdesse. Ficaria bem por cinco minutos.

— Certo! — disse ele. — Lena, vamos!

Enquanto via Vaclav entrar na grande multidão americana, sob as grandes montanhas-russas americanas, Rasia sentiu o mundo rodopiando

loucamente para longe dela, e sentou-se e chorou por estar feliz e triste ao

mesmo tempo porque ele não olhara para trás, porque amava tanto o

corpinho dele e o rodamoinho em seu cabelo e o tórax pequenino, e a

maneira como ele já sabia segurar a mão de uma menina se ela estivesse

amedrontada.

## **CRIANÇAS COM MENOS DE UM METRO E DEZ CENTÍMETROS,**

## **PORÉM COM MAIS DE NOVENTA CENTÍMETROS**

83

Vaclav e Lena seguiram pelo deque de madeira distanciando-se do mar, Vaclav arrastando Lena pela mão atrás de si porque Lena continuava a olhar para o mar lá atrás, sempre querendo ver se estava se

mexendo porque parecia vir na direção dela, indo e voltando, e parecia

que iria subir, ou iria correr até ela de repente e esmagar tudo. Ela imaginava a água inundando todas as barracas e todos os brinquedos;

imaginava tudo debaixo d'água; imaginava como seria flutuar na superfície da água, sentada no alto da roda-gigante.

— Primeiro, vamos andar na roda-gigante! Não tem fila! —

exclamou Vaclav ao arrastar Lena para a entrada, apressando-se para

chegar na frente das hordas imaginárias.

Vaclav e Lena esperaram no portão que o homem viesse pegar o dinheiro. O portão fora pintado de azul, e onde estava descascado dava

para ver que também já tinha sido pintado de verde, de laranja, de preto e

que, no fundo, era vermelho e enferrujado.

O homem disse:

— Ei, garotinha, você é muito pequena para andar neste brinquedo.

— E apontou para um palhaço feito de compensado estendendo a mão de

compensado com a palma para baixo. Na barriga do palhaço estavam

pintadas as palavras: VOCÊ PRECISA SER DESTA ALTURA PARA ENTRAR!

O homem falou alto com Lena, que não compreendeu o que ele

dizia e olhou para Vaclav, assustada. Vaclav olhou para o palhaço, olhou

para Lena e viu que não haveria jeito de talvez fazer o homem pensar que

Lena era alta o suficiente, mesmo que ficasse nas pontas dos pés.

— Tudo bem. Não tem tanta graça mesmo — disse Vaclav.

Lena não entendeu o que acontecera, não entendeu sobre o palhaço nem as palavras no palhaço, só compreendeu que ela não tinha permissão

para andar naquilo, mas que Vaclav a perdoava.

Vaclav e Lena voltaram para o banco de Rasia.

— Não podemos andar naquele brinquedo; não é para nós — disse

Vaclav. — Vamos andar em outro... — Virou-se para trás e apontou para

o Ciclone. — Naquele — disse.

— Está bem, vocês andam naquele e depois voltam direto para cá

— disse Rasia.

Mas na entrada do Ciclone outro palhaço anunciava que dessa vez nenhum dos dois tinha altura suficiente. Vaclav achou que sua mãe não

se importaria se tentassem só mais um brinquedo.

Andando por entre todas as barracas, Vaclav e Lena encontraram mais e mais brinquedos, todos vigiados pelo palhaço **VOCÊ PRECISA SER DESTA ALTURA.**

Quando achavam que finalmente podiam ter avistado um

brinquedo que não tinha um palhaço, de repente alguém saía da frente,

revelando que na verdade o palhaço estivera ali à espreita o tempo todo.

Vaclav não desistiu, contudo, e arrastou Lena entre as pessoas e os brinquedos até sair do outro lado, de modo que quase voltaram para a

avenida Surf de onde Lena não conseguia mais ver o mar de jeito

nenhum. Se tivessem ido para o outro lado, teriam encontrado todos os

brinquedos de criança, mas não foram.

Vaclav e Lena pararam numa esquina, com os brinquedos atrás

deles, o metrô e todo o Brooklyn e Manhattan e os Estados Unidos da

América inteiros na frente deles.

85

Ainda não sabiam, mas estavam parados bem na frente do

mundialmente famoso teatro Sideshow de Coney Island.

O MUNDIALMENTE FAMOSO TEATRO SIDESHOW DE

CONEY ISLAND

– Só 5 dólares!

Viraram-se e depararam com um homem de chapéu preto e

smoking, de pé num palco minúsculo diante de um prédio pintado de

cores extravagantes. Havia cartazes em torno de todo o prédio anunciando CIRCO DE HORRORES e CERVEJA, e foi isso, além da escuridão na entrada, que fez Vaclav pensar que ele e Lena fossem, mais

uma vez, pequenos demais para entrar.

— Homens, mulheres e crianças! Seres humanos de todas as idades, formas e tamanhos, adiantem-se! Entrem! — chamava o homem.

Ele dissera —todas as idades, formas e tamanhos||, mas, apesar do que o homem dissera, Vaclav achou que ele e Lena deveriam ficar longe

dali, porque aquele lugar lhe dava uma sensação estranha, que lembrava

o Video Palace, onde ele podia assistir a qualquer vídeo ou DVD na parte

da frente da loja, mas também onde, quando ele sem querer passou para

trás de uma cortina preta não por curiosidade, mas por acaso, o funcionário da locadora gritou com ele e o deixou com vergonha, com

medo, afogueado e zangado.

Vaclav queria que algo de bom acontecesse para que Lena ficasse

feliz, mas não havia mais brinquedos. Portanto, ele resolveu se arriscar.

86

Pegou todas as suas notas de dólar e as entregou ao homem que gritara

—Entrem!|. O homem se inclinou para trás e enfiou as notas de Vaclav no

bolso traseiro, depois estendeu a mão para apertar a mão de Vaclav.

Vaclav apertou-a, ainda com medo de que o homem os mandasse

embora, e que como castigo ficasse com seu dinheiro. O homem sacudiu a

mão dele para cima e para baixo.

— Fez uma boa escolha, filho! O espetáculo está começando, pode entrar!

O homem soltou a mão de Vaclav e os dois entraram por um

corredor escuro. No final do corredor havia um cartaz pintado em cores

vivas dizendo FAMOSO TEATRO SIDESHOW DE CONEY ISLAND,

com uma grande seta embaixo apontando para uma porta pintada de

preto com marcas empoeiradas de pés nela.

Vaclav abriu a porta, e ele e Lena entraram no teatro, um arrepio

percorrendo o corpo deles do alto da cabeça até os dedos dos pés dentro

de suas meias e de seus tênis, e ambos guardaram seus sons dentro de si,

sons de arquejo, risadinhas ou gritos, mas os sons se empurraram dentro

de suas cabeças e os olhos deles foram ficando cada vez maiores com o

empurra-empurra dos sons, a fim de que pudessem ver mais, mais e mais

do que havia para ver. Tiveram que sair no meio para que a mãe de Vaclav não ficasse preocupada, mas o que viram foi suficiente para mudar tudo.

Depois do espetáculo, Vaclav e Lena voltaram direto para onde

Rasia estava. Sem ao menos comentarem o assunto, eles sabiam que iriam

manter a ida ao espetáculo em segredo. A gente sabe se uma coisa deve

ser secreta quando fica muito próxima do nosso interior, de modo que

caso a gente conte e alguém diga uma coisa ruim sobre aquilo, ou, pior, se

87

alguém ri daquilo, então a gente fica muito magoado. Além do mais,

Vaclav sabia que não seguira rigorosamente as regras, que o espetáculo

não era exatamente igual a um brinquedo, e que podia se meter numa

encrenca se contasse para a mãe. Sendo assim, virou um segredo.

Quando Rasia perguntou a eles como fora o passeio, Vaclav

respondeu que tinha sido ótimo, mas que ele queria ir para casa, porque

estava fazendo muito calor e porque o restante dos brinquedos era bobo e

chato. Quando chegaram em casa, Vaclav e Lena foram imediatamente

para o quarto de Vaclav a fim de ficarem a sós com o que tinham presenciado.

A primeira coisa que fizeram foi uma lista dos artistas do

espetáculo, dos truques que eles tinham apresentado e de todas as coisas

que tinham usado.

### **CINCO ANOS DEPOIS, ALGO MAIS QUE VIROU SEGREDO**

– O biquíni dourado de franjas de Heather Holliday — diz Lena.

Ela fala baixinho, como se sussurrasse, não como se estivesse dizendo isso

a Vaclav, mas como se estivesse dizendo isso para o universo, como se

estivesse fazendo uma prece. De sua cadeira, ele olha para Lena. Lena vê

a preocupação no rosto de Vaclav, principalmente nas sobrancelhas e um

pouco em volta do nariz.

— O biquíni dourado de franjas de Heather Holliday — diz Lena

— é perfeito.

Vaclav sabe que não é uma boa coisa para Lena usar, mas também sabe que Lena quer muito usá-lo.

88

— Está bem — diz Vaclav. — Para você vai ser assim.

Lena sorri e começa a pensar em como copiar o traje mais incrível já usado por uma assistente de mágico no mundo.

— Hoje começamos a planejar o número. Começamos com listas.

Vaclav diz isso a Lena, e Lena deita-se de bruços no chão ao lado da cama e estica o corpo, das mãos aos dedos dos pés, para poder alcançar

debaixo da cama e com as pontas dos dedos tocar e puxar a caixa de

mágica onde estão todas as listas e planos para o primeiro espetáculo de

mágica deles, o primeiro de todos. Vaclav se atira no chão na frente dela

com seu bloquinho pautado e sua caneta, pronto para fazer mais listas.

Lena levanta com delicadeza a tampa da caixa, cerimoniosamente, com

cuidado para não perturbar mágica nenhuma que possa estar se processando ali dentro.

Começam abrindo os lacres de cera das muitas listas dobradas,

uma de cada vez, lendo cada uma com cuidado. Em primeiro lugar, as

listas que fizeram no primeiro dia em que se encontraram, quando

voltaram de Coney Island e Vaclav anotou tudo o que viram, e todas as

coisas que o mestre de cerimônias disse sobre os artistas.

## **ESPECIALIDADES DO GRANDE FREDINI**

1. Pior mágico do mundo\*
2. Cabeça-dura
3. Engolidor de espadas
4. Ventríloquo

89

5. Metamorfose, ilusionismo e levitação\*\*

\* O Grande Fredini não é o maior mágico vivo do mundo; David Copperfield é que é. Também não é o maior mágico de todos os tempos;

Harry Houdini, que está morto, que é. Com certeza também não é o pior.

Este é um número engraçado, com comédia, e a piada é que ele é realmente um bom mágico, que realiza muitos truques e ilusões excelentes.

\*\* Essa é a parte favorita de Vaclav.

## **TRAJE E APARÊNCIA FÍSICA DO GRANDE FREDINI**

O Grande Fredini tem 2,10 metros e pesa uns 135 quilos, na avaliação de Vaclav.

Usa uma grande variedade de trajes, que inclui:

1. Casaca zebrada bordada de paetês
2. Smoking
3. Traje do tipo Aladim

## **ESPECIALIDADES DE HEATHER HOLLIDAY**

1. Engolidora de espadas

90

2. Engolidora de fogo

### **TRAJE E APARÊNCIA FÍSICA DE HEATHER HOLLIDAY\***

Heather Holliday usa uns poucos trajes selecionados, incluindo:

1. O biquíni de franjas dourado

\* Lena acha que as coisas importantes a dizer sobre Heather

Holliday são que ela é a mais jovem engolidora de espadas do mundo,

que é linda e que fugiu de casa porque sua família é mórmon, o que soa

como algo ruim. Além disso, ela foi atingida por um raio. E chega. Lena

acha que é importante saber que Heather Holliday foi atingida por um

raio, e é óbvio que o raio deu a ela certo poder mágico.\*\*

\*\*Isso é uma coisa legal para Lena saber porque ela está esperando por sua mágica, mas Vaclav já é mágico porque nasceu assim. Tem poderes mágicos indiscutíveis desde recém-nascido, e isso é verdade.

Vaclav passa os olhos pelas listas, que são muito bonitas, com a letra de Vaclav e desenhos de Lena, e, um dia, quando Vaclav, o Magnífico, e sua assistente, a Linda Lena, forem mágicos muito famosos, lotando mais estádios até do que David Copperfield, as listas serão

91

vendidas assim: —Vendida! Por um bilhão de dólares americanos!!  
Há

mais listas.

# **LISTA DAS LISTAS**

## **Trajes**

Material necessário para os trajes

Lugares onde conseguir material necessário para trajes

Ilusões

Material necessário para ilusões

Lugares onde conseguir material necessário para ilusões

Programação

Coisas a fazer

Coisas a conjurar

Coisas para levitar

Coisas para fazer desaparecer

Coisas para transformar em pombos

Pombos para transformar em coisas

Estas são as listas.

92

## **ILUSÕES PARA DESCONCERTAR**

Para Vaclav, está claro que as primeiras coisas a serem planejadas

são as ilusões, portanto ele apanha a lista intitulada —Ilusões|| e começa a

relê-la. Há muitas ilusões possíveis na lista. Há a incrível garota que encolhe, o truque do pombo dividido em quatro e, finalmente, o impressionante truque da plateia que desaparece.

— Lena, vamos praticar primeiro essas três ilusões para o espetáculo no deque. Precisamos também, estou notando, de uma lista de possíveis nomes para o espetáculo. Vou acrescentar à lista das listas

—Nomes Possíveis para o Espetáculo no Deque||, e aí começamos uma

lista. O primeiro nome possível vai ser —O Espetáculo no Deque de Coney

Island||, e depois vamos acrescentando mais e mais nomes. Quando já

tivermos praticado e aperfeiçoado as três ilusões, então acho que vou

acrescentar um truque de desaparecimento e um de levitação, talvez encerrando o espetáculo com o desaparecimento. Vou fazer uma lista que

seja a lista da ordem dos truques no espetáculo, e acrescentar essa lista à

lista das listas.

Enquanto Vaclav atualiza suas listas e suas listas de listas, Lena cria sua nova lista própria.

## **BIQUÍNI OURO FAZIMENTO**

Comprar biquíni ouro Levar pano ouro segredo Cola Franja Vaclav consegue ler a lista de Lena por cima do ombro dela e fica cada vez mais

93

nervoso, mais nervoso até do que quando Lena comentou sobre o biquíni

dourado de franjas pela primeira vez, preocupado que algo muito ruim

possa acontecer a Lena de tanto ela pensar sobre isso o tempo todo.

Vaclav pensa outra vez que aquela não é uma boa roupa para Lena, um

biquíni que tem duas peças e nenhuma peça no meio, mas Lena está

apaixonada pela ideia.

— Lena, vamos ensaiar primeiro, depois nos preocupamos com os

trajes — diz Vaclav, e Lena concorda, mas só porque já terminou sua lista

e está feliz com o plano.

Vaclav e Lena começam praticando o truque da moeda que

desaparece, com Vaclav narrando e orientando a paciente e fascinada

plateia a olhar para cá e prestar muita atenção ali, enquanto Lena assiste e

planeja e aperfeiçoa a maneira certa de girar seus pulsos para atrair a

atenção para o lugar certo e desviá-la do lugar errado.

A apresentação vai ser secreta. Eles decidem que provavelmente

vão construir a caixa de desaparecimento no quarto de Vaclav e escondê-

la no armário de Vaclav. Depois só vai ser preciso levá-la para fora de

casa quando Rasia não estiver olhando. Lena concorda com esse plano

porque uma das coisas que Heather Holliday faz no Sideshow de Coney

Island é desaparecer dentro da caixa de desaparecimento, e Lena quer ser

igual em tudo a Heather Holliday. Vaclav e Lena ensaiam até muito

tarde porque, felizmente, Rasia adormece diante da TV e não os

interrompe até quase as 22 horas.

— Lena, sua tia ligou e pediu para eu levar você para casa — diz

Rasia.

## A HORA DE DORMIR DE LENA

94

Vaclav sabe que sua mãe está mentindo, Lena sabe que ela está mentindo e, claro, Rasia sabe, porque é ela quem está contando a mentira,

mas todo mundo finge que a tia de Lena realmente ligou, e eles são bons

de fingimento porque fingem toda noite.

Lena arruma sua bolsa, feliz por guardar seu dever de casa feito e cem por cento correto para amanhã, e amarra os sapatos enquanto Rasia

calça seus mocassins. Então Rasia e Lena saem e vão para a casa de Lena.

No primeiro cruzamento, Rasia segura a mão de Lena, só por segurança,

para atravessar a rua, mas não larga mais a mão de Lena até o fim da

caminhada.

Toda noite que Ekaterina não vai buscar Lena, toda noite que

Ekaterina mostra como é irresponsável, como não é confiável, não é afetuosa, Rasia se certifica mais uma vez de que tem o direito de amar

Lena tanto quanto ama, que é muito.

Lena sobe um degrau de cada vez, devagar, para que Rasia possa acompanhá-la. Abre a porta de tela e a segura para Rasia, depois abre a

pesada porta da frente e entra no apartamento escuro. Rasia entra atrás

dela, murmurando sobre precisar certificar-se de que Lena vai estar em

segurança, de que não há ninguém em casa, que tudo está bem. Murmura

a mesma coisa toda noite que leva Lena para casa.

Hoje, Lena acende a luz da entrada e ao redor Rasia pode ver que a bagunça é a mesma da véspera.

Rasia espera um minuto para Lena entrar no quarto onde dorme,

que Rasia jamais, em tempo algum, veria como um quarto de dormir,

somente como o quarto onde Lena dorme, porque não é um quarto

95

apropriado para uma menina pequena, não como Rasia teria decorado

um quarto caso Vaclav fosse uma menina.

Rasia espera para ouvir os sons de Lena se aprontando, que são os seguintes:

*Sons de Lena abrindo e fechando gavetas*

*Sons de Lena desencostando o colchão da parede onde está apoiado*

*Sons do ar se deslocando enquanto o colchão cai no chão*

Tendo ouvido todos esses sons, Rasia entra no quarto onde Lena dorme e, sem dizer nada, vai até o canto e pega o cobertor de feltro gasto

com bordas de seda, cor de pêssego com manchas amarelas, enquanto

Lena espera sentada na cama.

— Muito bem — diz Rasia —, vamos arrumar essa cama.

Ela diz isso toda noite desde a primeira noite em que levou Lena para casa, que foi o dia em que Lena conheceu Vaclav e viu o biquíni dourado de franjas de Heather Holliday.

De pé junto ao colchão, Rasia segura o cobertor por duas pontas.

Levanta os braços depressa e faz o cobertor ondular para cima e por cima

de Lena, depois o deixa cair suavemente sobre a cama inteira, até sobre a

cabeça de Lena.

Na primeira vez, ela fez isso porque era o mesmo que fazia com

Vaclav toda noite; era a rotina deles da hora de dormir. Ele deitava na

cama e ficava muito quieto, e ela fingia não o ver, fingia fazer a cama com

ele ali sem querer, fingia ficar aborrecida com um calombo misterioso e

96

então, finalmente, contava uma história de dormir na esperança de que

de alguma forma isso fizesse o calombo obstinado ir embora.

Na primeira noite, Rasia fez com Lena exatamente o que fazia com

Vaclav porque não sabia o que fazer, tendo esperado que alguém fosse

buscar a menina; tendo decidido, finalmente, levar a menina para casa;

tendo esperado tempo demais que Ekaterina atendesse à campainha da

porta; tendo levado tempo demais para finalmente ver o temor e a

vergonha no rosto da menina; tendo parado tempo demais na entrada,

olhando por tempo demais para os cinzeiros transbordando de pontas de

cigarro, as quinas aguçadas da mesa de centro de vidro, as roupas

jogadas por cima de tudo. Sentiu-se petrificada e sem saber o que fazer,

então fez a única coisa que sabia. Rasia disse a Lena para ir para a cama.

Lena, obedecendo às ordens, marchou direto para o quarto. Rasia a seguiu. O quarto estava vazio, a não ser pelo colchão descoberto no assoalho. Rasia ficou parada olhando fixamente até perceber que Lena

esperava ansiosa que ela saísse do quarto para que ela se despisse e vestisse o pijama.

Rasia esperou uns minutos no vestíbulo, depois voltou, dizendo:

—Vá se deitar||, o que Lena fez, e então fingiu não saber que Lena estava

lá.

Durante a encenação rotineira da hora de dormir, Lena não deu

risadinhas como Vaclav fazia quando Rasia dizia —Vamos arrumar esta

camal||, ou —De onde será que saiu este calombo?||. Lena parecia se submeter e aceitar bem o ritual, mas nem sequer sorria. Ainda assim,

Rasia jamais cogitou alterar ou omitir o menor gesto ou palavra da rotina.

Naquela noite, Rasia fez a mesma brincadeira com Lena porque era o que havia feito toda noite durante cinco anos. Portanto, prosseguiu em

suas vãs tentativas de achatar o calombo, puxando mais o cobertor, alisando-o ao lado, por cima e em torno do calombo, e depois disse:

— Está bem, calombo, você venceu. Vou contar uma história.

Quando a gente não consegue se livrar de alguma coisa, ou de alguém,

deve sempre contar histórias compridas e enfadonhas para fazer aquilo ir

embora.

## **A HISTORIA COMPRIDA E ENFADONHA**

Rasia senta-se ao pé da cama de Lena, que na realidade é somente o

colchão de Lena no chão.

— OK, então, a história é assim.

Rasia conta a Lena a história para dormir em russo, apesar de em

todas as outras ocasiões russo ser terminantemente proibido. Rasia faz

isso por Lena, para que ela não tenha de se esforçar para compreender,

mas faz também para si mesma.

— Era uma vez, na terra distante chamada Moscou, uma princesa.

Só para você ficar sabendo, caso tenha ouvido alguma coisa, Moscou hoje

é muito diferente do que era antes, naquele tempo. A Moscou desta

história é linda. A Moscou desta história não é cheia de filas para o pão,

só tem gente comprando pão fresco do padeiro da rua com dinheiro de

verdade, não dinheiro que vale menos do que o papel no qual é impresso.

Naquele tempo, em Moscou, você podia andar pela rua sem dar com um

homem sentado na sarjeta gritando para você enquanto você passasse,

mostrando os dedos que perdeu no gulag.

98

—Muito bem, onde estávamos? Bom, então, havia uma princesa, e essa princesa gostava de perambular pelos mercados vestida numa shmata andrajosa e umas calças feias, igual a uma camponesa, porque,

como muitas princesas das histórias, ela às vezes detestava ser princesa e

não sabia a sorte que tinha. Gostava de fingir que não era uma princesa

porque isto a fazia sentir-se uma garota normal.

—Num belo dia de sol, ela estava passeando pelo mercado quando esbarrou num rapaz. Na verdade, estava tão ocupada observando uma

velhinha cega que vendia ovos cozidos que trazia em um balde,

horrorizada que alguém comprasse os ovos que a mulher tocara com seus

dedos sujos e nodosos, que se chocou de frente com esse rapaz. Ela caiu, e

nesse exato momento vinha uma carroça puxada por um cavalo que

quase passou por cima da cabeça dela e a esmagou como se fosse um

melão, mas o rapaz agarrou a mão dela, puxou-a para si e salvou sua

vida. Claro que ela desmaiou nos braços dele.

—Quando a princesa acordou, o rapaz estava ajoelhado diante dela, o rosto quase encostado no seu nariz, e ela teve medo dele por um segundo, mas no segundo seguinte já se perguntou qual seria seu nome, e

no próximo perguntou-se tudo a respeito dele, e no outro apavorou-se

que ele fosse embora para sempre e ela pudesse perdê-lo. Estava apaixonada por ele e além disso ele acabara de salvar sua vida. O rapaz já

estava apaixonado por ela porque era uma princesa, embora ele não soubesse que ela era uma princesa. É sempre assim com as princesas, os

rapazes se apaixonam por elas sem nenhum motivo.

—Depois a princesa e o rapaz fizeram o que todo mundo faz quando se apaixona: se sentaram em algum lugar de quinta categoria, em baldes

virados para servir de assento numa viela fria do mercado, ou algo

parecido, e nem se importaram se estavam com fome, ou com sede, ou

cansados, ou se suas mães estavam querendo saber onde eles andavam, e

contaram um ao outro tudo o que sabiam, e tudo de que gostavam, e de

que não gostavam, e suas cores e seus livros favoritos, e que tipo de chuva preferiam, chuvisco ou chuvarada.

—E então a princesa contou ao rapaz que era uma princesa e ele contou-lhe o que ela já sabia por causa de sua roupa esfarrapada: que ele

era um camponês.

—Ela disse ao rapaz, com lágrimas nos olhos, que precisava voltar para o castelo.

—Disse a ele, com o estômago se contorcendo em terríveis nós, que eles não poderiam se ver, que o pai dela, que era um velho rei detestável,

não permitiria.

—Ele disse a ela: \_Não se preocupe. Vamos fugir juntos.’

—Ela ficou confusa porque o amava, mas também gostava realmente de ser princesa, e gostava da mãe e das irmãs, e nunca vivera

em outro lugar além do castelo, e não tinha certeza se realmente poderia

fugir para sempre.

—O rapaz disse que ela poderia ter um tempo para pensar no assunto.

—E disse que toda noite, durante cem noites, ficaria debaixo da janela dela, ao pé do castelo, e esperaria por ela, e que se ela saísse numa

dessas cem noites, os dois fugiriam juntos. Se, depois de cem noites de

espera, ela não saísse, ele teria recebido sua resposta e a deixaria em paz.

100

—A princesa voltou para o castelo. Naquela noite, o rapaz esperou junto à janela da princesa.

—Ela não foi.

—Na noite seguinte, o rapaz esperou junto à janela dela outra vez.

—Ela não foi.

—Toda noite, por noventa e nove noites, ele esperou, sentado como um inseto do lado de fora da janela, e ela não foi.

—Na centésima noite, a última noite, o rapaz não esperou debaixo

da janela dela porque não suportaria saber que a princesa nunca seria

sua, que não o amava o suficiente como ele a amava. Achou que talvez

fosse melhor não saber.

—Naquela centésima noite, a noite em que ele não esperou debaixo da janela da princesa...||

Lena interrompe a história com um ronco vigoroso debaixo dos cobertores. O ronco faz Rasia sobressaltar-se, tão absorta estava em sua

história que não notou que Lena já tinha adormecido.

## **LENA ESTÁ DORMINDO**

Rasia permanece sentada ali por vários minutos vendo Lena

dormir, olhando suas costas subirem e descerem, vendo sua boca fazer

todos os pequenos movimentos de bebê que nossas bocas só lembram

quando estamos dormindo. Sente uma necessidade de olhar Vaclav quando ele está dormindo e sabe que não há ninguém para sentir o mesmo sobre Lena.

101

Depois de ter observado Lena dormir por vários minutos, Rasia se

levanta, anda com cuidado até a porta e apaga a luz.

Na cozinha, moscas voam em torno dos pratos na pia, pequeninas moscas de frutas. Ela pensa em Lena, que pode acordar no meio da noite,

querer tomar um gole de água e não encontrar uma xícara limpa nem

achar um jeito de encher um copo limpo de água. Debaixo da pia, encontra uma garrafa de Ajax com um restinho amarelado de líquido para esguichar. Enche a pia com água quente e sabão e lava os pratos sem

deixar nenhum sujo.

Cata as pontas velhas de cigarro no ralo e joga-as fora, e esfrega a pia até ela brilhar.

Na bancada junto à pia há um escorredor de pratos, e há pequenos pontos de mofo preto em suas juntas e fendas. Rasia limpa o escorredor

até tirar o mofo.

Quando os pratos estão secos, não há onde guardá-los, porque as prateleiras nos armários estão empoeiradas, pegajosas, cobertas de respingos, de modo que, com sua esponja úmida, Rasia limpa todos os

armários.

A cozinha está limpa (não tão limpa quanto a dela, porém muito melhor), mas, caso Lena se levante no meio da noite, pode tropeçar nas

roupas que estão no chão quando for para a cozinha. Pode tropeçar e

bater com os joelhos no vidro da mesa de centro. Pode derrubar os cinzeiros que estão cheios de pontas de cigarros, fósforos e chicletes. Pode

pisar numa das caixas de pizza que estão pelo chão, cheias de pedaços

mofados de queijo de pizza.

102

Lena pode, indo sonolenta para a cozinha, pisar numa das garrafas vazias de Stolichnaya que estão jogadas pelo chão.

Rasia esvazia os cinzeiros; leva as garrafas para a lixeira azul de reciclagem na calçada; põe as caixas de pizza lá fora no lixo. Lava os cinzeiros. Joga fora os copos de restaurantes fast food que atravancam a

mesa, as embalagens de hambúrgueres, as latas de Diet Coke.

Junta nos braços uma trouxa de roupas pertencentes a Ekaterina, roupas que cheiram a perfume e fumaça. Entra no quarto de Ekaterina,

cuja porta está aberta, procurando uma cesta de roupa suja. Acende a luz

com uma das mãos.

Só está procurando uma cesta de roupa suja.

Não há cesta de roupa suja. Olha bem, para ter certeza.

Na mesa de cabeceira, ao lado do colchão descoberto, há colheres e papéis e canudos, mas nada de cesta de roupa suja. Há pequenos envelopes Ziploc, mas nada de cesta de roupa suja.

Há mais do mesmo refugio que havia na sala de estar, latas, garrafas e lixo, mas nada de cesta de roupa suja.

Há latas de spray de cabelo, embalagens de muitos tipos, mas Rasia não vai limpar esse quarto, de jeito nenhum. Esse quarto não está no

caminho de Lena até a cozinha para beber um gole de água.

Ao voltar para casa, para o próprio filho e marido, Rasia pensa com cuidado sobre Lena, como fez tantas vezes antes. Pensa sobre o estranho

comportamento de Lena e Vaclav; pensa em Ekaterina.

Rasia não é idiota; sabe o que se passa no mundo. Sabe a história daquelas colheres, papéis e canudos.

Ela não sabe o que fazer. Oleg diz que ela deve cuidar de sua própria vida. Ela não sabe o que fazer.

## **O SARCÓFAGO DE MISTÉRIO DO ANTIGO EGITO**

Na escola, Lena passa todo o tempo com as novas amigas e ignora

Vaclav. Por trás de portas fechadas, Vaclav e Lena ensaiam seu número

todos os dias nas horas que sobram entre o dever de casa e a hora de

dormir. Vaclav faz o dever de casa de Lena o mais rápido que pode, correndo pelas divisões longas, fabrica um parágrafo de inglês após outro

com o perfeito sotaque de Lena. Quer ter certeza de que terão tempo para

ensaiar uma porção de vezes seguidas. Tanto Vaclav quanto Lena pensam o tempo todo no número. Pensam no número quando acordam

de manhã, no chuveiro, enquanto o professor está fazendo a chamada,

durante o intervalo, durante a educação física e na hora de dormir, quando ambos escutam a mesma história contada pela mesma mãe.

No quarto de Vaclav, eles consultam as instruções do O

Almanaque do Mágico para construir uma caixa de desaparecimento.

— Leia de novo — pede Lena, andando de um lado para outro.

— —O sarcófago, em todo o seu aspecto externo, é uma caixa vedada por uma porta com dobradiças na parte da frente. Invisível para a

plateia, e essencial para o ilusionismo, é um fundo falso que esconde um

pequeno compartimento dentro do qual o mágico se esconde|| — lê Vaclav.

— Humm — diz Lena.

104

— Não estou entendendo — diz Vaclav. — Para onde eu vou quando desapareço?

— Você vai para dentro, fecha a porta, como um armário. Depois se esconde atrás da parte do fundo, que não é parte do fundo de verdade, é

outra porta, e aí abre a porta da frente e a plateia vê que você foi embora,

mas você está mesmo é atrás da segunda porta. Fácil — diz Lena.

— Fácil, mas para construir essa caixa, olhe só... — Vaclav segura o livro para Lena ver. As instruções para construir o Sarcófago Egípcio de

Mistério parecem incrivelmente complicadas; são cheias de números e símbolos.

— Humm — diz Lena.

— Onde vamos arranjar tudo isso? — pergunta Vaclav.

Lena pensa.

— Isso é uma coisa que leva muito tempo para ficar pronta. Se a gente encontrar um pedaço de madeira na calçada, que alguém jogou

fora, a gente pega. Depois outro dia a gente descobre que alguém tem

madeira sobrando em casa, e a gente pega. E aí quando a gente tiver

bastante madeira, a gente faz a caixa. — Ela suspira. — Só que não vai dar

tempo. Para o número.

Vaclav sabe que ela tem razão, que vão levar um tempo enorme para juntar todo o material para construir esse sarcófago. Ele dobra o

canto da página para se lembrar de voltar ali e ver o que precisam juntar,

a fim de procurar nas pilhas deixadas nas calçadas quando chegar a hora

de as pessoas jogarem fora seus sofás e seus armários de cozinha velhos.

105

Folheia o almanaque, procurando um novo truque para acrescentar ao número deles. Lena pratica seu requebrado para o truque do desaparecimento da moeda.

Quando Vaclav e Lena estão longe um do outro, Vaclav fica ansioso para contar a Lena o que está pensando sobre o número. Gosta de

contar a ela tudo sobre os problemas com os quais se preocupa. Sabe que

quando conta para ela um problema, ela o olha como se ele fosse uma

tartaruga boba porque, da mesma forma como ele encarou

imediatamente a coisa como um problema, ela verá imediatamente uma

solução para aquilo. Ele também gosta, claro, de contar a ela suas novas

ideias de truques que com certeza vão funcionar.

Quando Vaclav e Lena estão longe um do outro, Lena também tem pensamentos empolgados sobre o número, mas também se preocupa que

suas novas amigas achem o número ridículo, e ela sabe que o número é

algo de que a Tia caçoaria, mais ainda do que as crianças da escola, e de

um jeito pior.

Quando Vaclav pensa no número e em como sua mágica é um

segredo que ele partilha apenas com Lena, ele fica empolgado. Lena fica

envergonhada porque guarda seu segredo por razões diferentes.

## **O DIA ANTES DO ESPETÁCULO**

O espetáculo vai ser no sábado. Vaclav sabe que sábado é o dia em que a maioria das pessoas vai para o deque de Coney Island porque é o

dia em que a maioria não tem trabalho nem aulas. Menos seu pai e sua

mãe, que às vezes precisam trabalhar no fim de semana, e também as

pessoas que trabalham em restaurantes, as que dirigem os trens do metrô

106

e as que trabalham nos hospitais, porque essas coisas não param nos fins

de semana. Mágicos também, claro. Mágicos podem fazer mágicas todos

os dias da semana. Mesmo sendo outono, ainda está quente lá fora, e a

calçada vai estar cheia de gente aproveitando um restinho do verão antes

que fique frio demais.

Um dia antes do espetáculo, na sexta, Vaclav acorda cedo e está

numa agitação incrível. Escova os dentes e tem a impressão de que cada

momento passa devagar e depressa ao mesmo tempo. Há borboletas em

seu estômago batendo as asas tão freneticamente que parece que vão

explodir numa baforada de fumaça mágica.

Vaclav não vê Lena indo para a escola pela calçada como de

costume. Não vê Lena na entrada da escola conversando com Marina e

Kristina. Vaclav se preocupa que Lena possa estar atrasada para a escola,

e que vá ter problemas por estar atrasada.

O dia inteiro, Vaclav não consegue se concentrar em suas aulas

porque não para de pensar no espetáculo, e é como se estivesse com doce

dentro da boca tentando não mastigar. Sente-se agitado como se fosse sair

mais cedo da escola para uma ida ao médico, sabendo o dia inteiro que

sua mãe vai buscá-lo e até vai trazer petiscos para ele comer na sala de

espera. É como quando chega seu aniversário e tudo é especial o dia

inteiro, e todo mundo com quem você cruza na rua, e todo mundo na

pizzaria, e todos no mundo fazem parte do seu aniversário, mesmo que

não saibam.

Vaclav fica mais preocupado quando chega no ISL porque Lena

não está lá, e ela geralmente chega antes dele. Vaclav observa a porta com

atenção, observa cada criança que entra para ver se pode ser Lena, e

mesmo quando fica bem claro que não é, pensa só por um segundo que

107

ele ou ela pode ser Lena. Quando Colin passa pela porta, por um segundo

Vaclav pensa que ele pode ser Lena, apesar de Colin ser menino e ter

vindo de um lugar na África onde se fala francês chamado Côte d'Ivoire,

que se diz cô-di-vuar, que quer dizer Costa do Marfim, e não ser nem um

pouco parecido com Lena. Além disso, Colin é meio gordinho e Lena é

magra feito um gafanhoto. Ainda assim, a mente de Vaclav lhe prega

uma peça e por um segundo o braço escuro de Colin é a trança escura do

cabelo de Lena, e aí acaba e a pessoa é o Colin.

A cada pessoa que entra na sala de aula de ISL, o coração de Vaclav

faz sua cabeça ter um pouquinho de esperança, até Marina e Kristina

entrarem, a aula começar sem Lena e não haver mais esperança.

— Muito bem, vamos começar. Todos sentados em seus lugares...

Quem está faltando? Lena não veio? — pergunta a Sra. Bisbano, e então,

sem querer, diz algo que magoa Vaclav. — Marina, onde está Lena?

— Ela deve estar doente — Marina responde.

Vaclav se sente triste por não ser a pessoa a quem se pergunta

automaticamente o que pode ter havido com Lena. Essa tristeza na

mesma hora se transforma em felicidade, porque Vaclav pensa em como

ele e Lena são secretamente mais amigos do que Marina e Kristina e a Sra.

Bisbano imaginam. Vaclav sorri quando pensa em todos os segredos que

ele e Lena têm e que são segredos para Marina e Kristina. Vaclav não

imagina que existam segredos que Lena possa ter com Marina e Kristina,

segredos que ele talvez ignore que existem. Para Vaclav, isso é impossível.

Vaclav não está nem um pouco preocupado com Lena, porque ela deve estar só resfriada, ou fingindo estar doente e nem estar doente coisa

nenhuma. Às vezes Vaclav faz isso, finge estar doente, e sua mãe finge

108

não reparar que ele está fingindo e o deixa ficar em casa sem ir à escola, e

isso é maravilhoso.

Também, Vaclav tem certeza de que Lena, se estiver doente, vai assim mesmo participar do número em Coney Island porque ela é sua

dedicada assistente e o show tem de continuar. Mesmo que Vaclav tivesse

um braço cortado e devorado pelos pássaros, sem a menor chance de ser

costurado de novo, ele ainda assim apresentaria o número.

Lena provavelmente só não quis ir à escola. Provavelmente vai encontrá-lo em sua casa depois da aula para fazer o dever de casa, um

lanchinho e o ensaio geral. É muito provável.

## MUITO POUCO PROVAVEL

Quando Vaclav chega em casa, Lena não está lá. Vaclav pega o telefone e liga para a casa dela, ouve o toque uma vez e desliga. Isso é um

código secreto que Vaclav e Lena têm, o de ligar e deixar o telefone tocar

uma vez, e que significa: ligue de volta para mim se puder! Desse jeito,

Lena pode ligar para Vaclav sem ter de falar com os pais dele e Vaclav

pode ligar para Lena sem deixar a Tia zangada.

Vaclav espera ao lado do telefone por vários minutos. O telefone não toca.

Vaclav está preocupado com Lena, mas sabe que o show tem de continuar, e sabe que Lena sabe disso também, e que um está sempre

pensando um pouco no outro. A próxima coisa a fazer, de acordo com a

lista intitulada —Horário||, é um ensaio geral.

Vaclav põe seu traje de mágico, que consiste em:

*Camiseta do David Copperfield, da apresentação de David Copperfield no*

*Madison Square Garden.*

*Paletó velho que não cabe mais nele, mas que ainda pode usar apertado,*

*todo enfeitado com glitter e tinta para tecidos.*

*Calça preta comum.*

*Sapatos com papel-alumínio em cima para fingir que são sapatos prateados.*

*Luvas de médico foscas vindas da empresa em que sua mãe trabalha para*

*imitar as luvas brancas do mágico.*

*E ainda está faltando arranjar: uma cartola de mágico.*

Vaclav planeja fazer a cartola do mágico com material que encontrou por aí, incluindo umas caixas de camisas da loja de departamentos, um pouco de fita adesiva e tinta preta trazida emprestada da escola.

Vaclav espera que em casa, em segredo, Lena esteja animadamente preparando o biquíni dourado de franjas de Heather Holliday.

## TALVEZ ELA ESTEJA DOENTE

Rasia entra em casa segurando uma porção de sacolas do mercado, além de sua bolsa, que é muito pesada, e ela precisa fazer xixi. Larga tudo

no chão, bem na porta, arranca fora o casaco e corre para o banheiro. A

110

cada dia ela se sente envelhecer, e todo dia se surpreende com coisas

vazando que não costumavam vazar. A caminho do banheiro, vê que a

porta de Vaclav está fechada. Enquanto está fazendo xixi, resolve que,

depois que puser o jantar no fogão para esquentar, vai entrar no quarto

de Vaclav e interromper o que quer que esteja acontecendo lá. Não acha

que Vaclav e Lena estejam fazendo algo necessariamente errado, mas

sabe que estão fazendo algo secreto, e Rasia acha que algo secreto pode

ser meio caminho andado para algo errado.

Primeiro, o jantar. Rasia leva as sacolas do mercado para a cozinha

e tira um pote plástico manchado e pesado de dentro do freezer.  
Abre a

torneira e deixa correr água quente em cima do pote até o bloco  
congelado de borsche despregar-se e sair, depois sacode o pote até o  
bloco

cair com um baque dentro da panela. Enquanto o bloco congelado  
começa a derreter e se deslocar dentro da panela, e o primeiro  
líquido

derretido chia no metal quente, Rasia decide que vai bater à porta  
de

Vaclav para perguntar se Lena vai ficar para jantar, depois vai pedir  
para

Vaclav e Lena irem ajudá-la a guardar as compras. Esse plano vai  
fazer

Vaclav e Lena saírem do quarto e pararem de fazer o que quer que  
estejam fazendo e vai dar a ela uma ajuda com as compras, o que é  
um

alívio, porque se sente bastante exausta, até os ossos, dentro do  
estômago

e no fundo da garganta.

Parada junto à porta fechada do quarto de seu filho, Rasia ouve  
vozes soando num ritmo perfeito de fala e resposta, a voz dele alta e  
áspera, a de Lena com o timbre grave e arredondado do sotaque  
russo.

Sem bater, Rasia abre a porta do quarto e fica muito surpresa com o que

vê.

111

Vaclav está ajoelhado no chão, completamente absorto em seu projeto, rodeado por pedaços de fita isolante preta e papelão. Não nota

que a mãe entrou no quarto e continua a falar sozinho, mantendo uma

conversa com uma Lena imaginária. Rasia tem tanta certeza de que ouviu

a voz de Lena do lado de fora do quarto que leva um instante para realmente admitir que ele está fazendo os dois papéis.

— Onde está Lena? — pergunta ela, quebrando o encanto da concentração do filho.

Vaclav levanta a cabeça, espantado, e tenta esconder atrás das costas o projeto secreto no qual está trabalhando, perguntando a si mesmo se a mãe o teria escutado ensaiando o número com a Lena invisível.

— Acho que ela está doente — responde Vaclav.

— Ela foi à escola?

— Não — responde Vaclav.

— Não? — pergunta Rasia.

— Deve estar doente — diz Vaclav.

— Deve estar doente — repete Rasia, e reflete um instante. — Vou à casa dela ver como está. Volto já — diz, e agarra a bolsa e sai pela porta

da frente antes mesmo de vestir o casaco.

Vaclav está aliviado por sua mãe ir ver como Lena está. Por um segundo, deseja ir com ela, mas há muito que preparar ainda para o número.

Vaclav volta a trabalhar em sua cartola. A mãe aparentemente não reparou em todos os preparativos altamente secretos para o número, o

112

que é uma sorte. Vaclav pensou, por um momento, assim que ela entrou,

que notaria o que ele estava planejando, e então isso teria estragado todo

o espetáculo.

Meia hora depois, quando Vaclav vai investigar a causa do cheiro horrível que vem da cozinha e encontra o borsche queimando no fogão,

percebe que a mãe ainda não voltou para casa.

Oleg chega, o que significa que está quase na hora do jantar, e Rasia

ainda não voltou.

Vaclav liga para a casa de Lena, mas ninguém atende. Vaclav e o pai esperam durante uma hora. Vaclav liga novamente para a casa de

Lena; ninguém atende outra vez. Ele está muito preocupado.

— Cadê mamãe? — pergunta Vaclav.

— Não sei — responde Oleg. — O que ela disse quando saiu?

— Disse que ia ver como Lena está — diz Vaclav.

— Então ela foi ver como Lena está — conclui Oleg.

Mais tarde, Oleg traz duas canecas iguais de borché frio e

queimado para a sala de estar e eles jantam juntos assistindo à televisão

russo.

Está escuro lá fora, e nada é como deveria ser, e Vaclav está

começando a sentir que algo está tremendamente errado. Oleg não diz a

Vaclav que ele tem de ir para a cama. Pode ser que isso signifique que

Oleg gosta muito dele ou pode ser que signifique que Oleg se esqueceu

da existência dele. Seja como for, Vaclav sente que não poderia ir para a

cama de jeito nenhum naquelas circunstâncias, que são Lena ter sumido,

113

mamãe ter sumido e faltarem apenas algumas horas para o grande dia do

espetáculo no deque de Coney Island.

Na véspera do grande espetáculo, o jovem mágico adormece muito tarde, ao lado do pai. Seu rosto, comprimido no couro preto do sofá, é

iluminado pelo seriado russo ao qual o pai assiste no canal via satélite,

transmitido do outro lado do mundo.

ELE ESTA SECRETAMENTE ACORDADO

Tarde da noite, tão tarde que já é de manhã, Oleg acorda, ainda no sofá, e sabe, pelo fato de a TV permanecer ligada e ele e seu filho estarem

ambos dormindo no sofá, que sua mulher ainda não voltou para casa. Se

tivesse voltado, teria reclamado com ele, levado o filho para a cama e

desligado a TV, e ele teria bancado o aborrecido enquanto ia aos

trancos e barrancos pelo corredor continuar a roncar na cama. Se ela tivesse voltado para casa, ele teria agido como se se importasse com a interrupção, mas na realidade não se importaria nada. Sente-se muito

solitário acordando no sofá diante da TV sem ter a mulher reclamando

com ele.

Primeiro, desliga a televisão, depois faz uma coisa que havia anos não fazia, algo que não percebeu de que sentia falta.

Pega o filho nos braços e o carrega, ainda adormecido, para seu quarto, onde o aconchega na cama.

Secretamente, Vaclav está acordado. Mas ele também sentiu falta de ser carregado para seu quarto, então finge que dorme.

## O DIA DO ESPETACULO

Rasia vai da delegacia de polícia para casa às 5 da manhã, na hora em que o marido está saindo às pressas para o trabalho.

— Onde você estava? — pergunta ele. — Fiquei preocupado.

— Você nem imagina — diz ela.

— Já estou atrasado; conversamos mais tarde.

Ele a beija uma vez na testa e está prestes a correr para a porta, mas

para e a beija de novo.

— Vai ficar tudo bem — diz ele, então sai.

Ela vai ver o filho adormecido, só para se lembrar de que sua família está bem. Mais tarde, quando ele acordar, terá de contar o que

aconteceu com Lena, e não sabe o que vai dizer, que partes ruins da história deixar de fora, que partes boas acrescentar. Quando Vaclav acordar, vai fazer panquecas para ele e ambos vão conversar.

Rasia vai para seu quarto, tira os sapatos e num instante cai no sono em cima das cobertas.

Quando acorda, já são 11 horas, havia anos que não acordava tão

tarde. Espera encontrar Vaclav comendo uma tigela cheia de cereais em

frente à TV, ou no seu quarto, trabalhando em seus truques. Entretanto,

quando se senta na cama, tudo está quieto. Levanta rapidamente da cama

e percorre a casa.

Vaclav não está na cozinha nem na sala de estar. Verifica o

banheiro, puxando a cortina do chuveiro, e finalmente o quarto de

Vaclav, o armário dele e debaixo da cama, mas ele sumiu.

115

Rasia sabe que o filho guardou segredos dela muitas vezes, mas só

mentiu uma vez, e ela agora se lembra dessa ocasião e sabe exatamente

para onde ele foi.

## **SENHORAS E SENHORES**

Quando Rasia compra uma entrada para o famoso Sideshow de Coney Island, surpreende-se ao constatar como o pequeno canhoto vermelho da entrada tornou-se tão familiar para ela, como lhe parece

uma coisa pessoal, mesmo vendo o homem arrancá-lo do grande rolo de

centenas de entradas idênticas. Lembra o primeiro dia com Lena em Coney Island, o dia em que soube que seu filho lhe contara uma mentira,

o dia em que Lena se tornou a pessoa mais importante da vida dele.

Lembra-se de ter examinado os bolsos pequeninos dele naquela noite

diante da máquina de lavar roupa e de ter encontrado o canhoto

vermelho da entrada, lembra-se de ler o que estava escrito. Lembra-se do

aperto no estômago quando, depois de ele ter dito que os dois tinham

andado num brinquedo, ela encontrou no bolso dele os dois canhotos da

entrada para o Sideshow. O Sideshow!

Agora, ao entrar no teatro do Sideshow, passando pelo corredor

escuro, atravessando a porta negra, espera que ele esteja e que não esteja

lá, e ao mesmo tempo procura arejar um pouco os espaços em torno da

coisa terrível que tem para contar a ele.

## HEATHER HOLLIDAY

### 116

No interior do teatro há uma plateia de apenas uma pessoa, o menino-mágico. Ele está usando sua cartola de fita isolante preta e papelão, cobriu seus tênis com papel-alumínio prateado e as mãos, dentro

das luvas brancas de mágico, estão educadamente entrelaçadas no colo.

Quando vê a mãe entrar no teatro, fica surpreso e confuso, sem entender como ela soube que ele estava ali, depois com medo de estar

encrencado, mas sobretudo aliviado. Foi muito ruim, muito assustador,

ficar sentado sozinho no teatro escuro sabendo que algo de mau acontecera com Lena, algo terrível que a impedira de vir no dia do espetáculo. Não se sente nervoso por estar encrencado com a mãe porque

saiu escondido. Adivinha corretamente que hoje é um dia em que não vai

se encrencar por causa das coisas que geralmente o deixam encrencado.

Rasia se aproxima e se senta ao lado dele, o abraça e ele começa a

chorar. As luzes se apagam; o espetáculo está prestes a começar.

— Quer ir para casa? — Rasia cochicha.

— Não — responde Vaclav. — Quero ficar.

Rasia está contente porque ainda não sabe muito bem o que dizer a Vaclav e está curiosa a respeito do Sideshow. Vaclav quer ficar para ver o

espetáculo porque está com medo de que o dia avance, e sabe que em

breve o dia vai entrar em um novo tempo, e o tempo anterior, o que ele

passou sentado sozinho no teatro sem saber de nada, terá ido embora, e

ele descobrirá algo. Não se pode voltar atrás quando se sabe uma coisa

porque, daí em diante, você saberá aquilo sempre.

Juntos, assistem a Insectavora subir a escada de espadas. Depois

veem o engolidor de vidro engolir vidro, e veem um homem martelar

pregos no nariz. Vaclav aninha-se debaixo do braço de Rasia e, mesmo

117

quando o Grande Fredini entra e realiza um número de mágica que é ao

mesmo tempo espantoso e hilariante, Vaclav não consegue conter as

lágrimas que lhe sobem aos olhos.

Quando as luzes do teatro se apagam, exatamente antes do último número, Vaclav sabe o que virá em seguida.

Heather Holliday é muito bronzeada, não porque tenha pegado sol, mas porque é uma pessoa que já nasceu com a pele bronzeada, e o cabelo

dela é de duas cores, louro-claro e preto, arrumado num penteado como o

de uma senhora dos programas em preto e branco da televisão. Tem bochechas de menina e uma argola de prata no nariz. Sorri sem mostrar

nenhum dente e seu sorriso parece uma piscadela.

Está usando o biquíni dourado.

Há coisas sobre o biquíni dourado de Heather que deixam Vaclav triste com relação a Lena.

O biquíni de Heather Holliday é muito pequeno e deixa à mostra uma grande parte de sua pele, mas ela não parece nem um pouco nua. A

pele que está à mostra, a pele da barriga e a da parte mais alta das coxas,

não parece ser íntima. Ela usa meias arrastão pretas, e as pernas dela

parecem fortes, como as de um super-herói, não como as pernas fininhas

de Lena. Além disso, Heather está com sapatos de salto alto, mas ela os

usa como se pudesse correr com eles, como se pudesse fazer qualquer

coisa com eles. Os pés de Lena parecem tímidos, um sempre tentando se

esconder atrás do outro, mesmo de tênis.

A melhor coisa em Heather Holliday é a maneira como seus braços pendem descontraídos ao lado do corpo, como se estivesse dando a mão

a alguém ou segurando uma sacola de compras com somente uma

118

barrinha de chocolate dentro, quando de fato está segurando duas grandes, compridas e reluzentes espadas, como um cavaleiro dos tempos

medievais.

Ela se posta no meio do palco e fica parada ali, com seu grande sorriso de piscadela e os pés ligeiramente virados para dentro calçados

nos sapatos de saltos altos brancos.

A princípio Rasia fica horrorizada: a moça não pode ter mais de 25

anos, está quase despida e tem um anel no nariz como se fosse um touro

— repugnante. Entretanto, a maneira como ela caminha até o centro do

palco e cumprimenta, a maneira como sorri, é elegante. Quando levanta o

queixo e inclina a cabeça para trás até embaixo, Rasia tem vontade de

subir correndo no palco para não a deixar machucar o pescoço delicado

assim exposto, para dizer a ela que aquilo não é coisa para uma moça tão

encantadora fazer, que ela poderia facilmente trabalhar como assistente

administrativa; que Rasia poderia ajudá-la. Heather abre bem a boca, e

Rasia está achando aquilo tudo um horror, mas não consegue desviar o

olhar.

Quando Heather realmente engole a espada, faz com que isso

pareça fácil. Rasia está surpresa por considerar essa engolição de espada

uma beleza, e, quando Heather puxa a espada para fora, parece que não

dói nem um pouco. Rasia achou que fosse ser nojento, mas, a não ser por

um pouco de cuspe na espada depois que ela a puxa, na verdade é até

bonito.

Heather engole mais três espadas e depois sai do palco

repentinamente sem fazer as reverências, porém volta um instante depois

com o homem que martelou um prego no próprio nariz.

119

Heather empurra uma caixa sobre rodas para o meio do palco. O

homem explica que ela vai se contorcer para caber na caixa, e que então

ele vai enfiar espadas em todos os ângulos. Avisa que a plateia precisa

ficar quieta e concentrar-se muito nesse truque porque é extremamente

perigoso. Vaclav nunca viu esse truque ser apresentado antes, mas já leu

a respeito em O Almanaque do Mágico, de modo que está muito

interessado. Acha que deve ser perfeito para o número de mágica deles,

que Lena é a assistente perfeita para esse truque, já que é tão miúda.

O homem do prego no nariz ajuda Heather a entrar na caixa e observa enquanto ela dobra os pés e as pernas debaixo do corpo, depois

se acomoda, se reacomoda e desce roçando na caixa até estar completamente dentro dela. Sem aviso, o homem enfia a longa espada de

Heather Holliday na lateral da caixa. Rasia arqueja alto e Vaclav acha que

ouviu um pequeno guincho vindo de Heather Holliday de dentro da caixa. Ela foi ferida, pensa Vaclav. A mãe agarra a mão dele e a aperta

com força.

O homem do prego no nariz parece não ter notado e enfia outra espada na lateral da caixa, perpendicular à primeira. Uma tossezinha chiada vem de dentro da caixa. Rasia espera, a qualquer momento, ver

sangue pingando do fundo da caixa no palco e, quando o homem ergue

mais uma espada e se prepara para trespassar a caixa, ela mais uma vez

luta contra o impulso de correr para o palco. Ao mesmo tempo que tem

certeza de que Heather Holliday está morrendo lentamente, perdendo

sangue dentro da caixa minúscula, sabe que tudo é parte do truque.

Vaclav não quer mais saber de fazer aquele truque com Lena.

120

O homem vira-se para a plateia e anuncia que, como um brinde sem precedentes, vai convidar a plateia para subir ao palco e espiar dentro da caixa. Ele abre a tranca e olha de cima para o interior da caixa, e

Vaclav e Rasia prendem a respiração, certos de que Heather

Holliday está morta, empalada dentro da caixa, mas ele apenas sorri e

depois convida a plateia a subir ao palco. Vaclav e Rasia levantam-se devagar de suas cadeiras no teatro. Sentem-se entusiasmados por subir ao

palco e espiar lá dentro e ver segredos e, ao mesmo tempo, pouco à vontade por quererem espiar e ver. Vaclav fica nervoso por estar tão perto de Heather Holliday e olhá-la dentro da caixa.

Vaclav sobe ao palco primeiro, um tênis coberto de papel laminado depois do outro, e vira-se para ajudar Rasia. O palco só tem pouco mais

de trinta centímetros de altura e, para Vaclav, é fácil, como subir dois

degraus da escada de uma vez, mas para Rasia, mais velha e mais

corpulenta do que outras mães, ainda por cima emperrada pelas intempéries de sua vida, é difícil subir no palco.

Vaclav segura firmemente a mão dela em suas duas mãos, ela se concentra em segurar a bolsa e põe um pé no palco, e os dois dão um

pouco de impulso para cima e ela sobe, dois pés, dois tornozelos e dois

sapatos de sola grossa. Ambos sentem a estrutura oca de madeira compensada do palco debaixo de si; ambos sentem-na menos sólida do

que gostariam, menos sólida do que pensaram que seria.

Aproximam-se da caixa, ainda de mãos dadas.

O homem do prego no nariz convida-os a olhar bem de perto.

Os dois chegam um pouco mais perto.

121

A caixa é muito pequena e Heather está encolhida lá dentro igual a um bebê, exceto que seus braços estão por cima da cabeça em vez de ao

lado do corpo. As espadas estão todas em torno dela, atravessadas em

todas as direções. Uma das espadas encaixa-se ao longo do meio do corpo

dela, onde o estômago afunda junto às costelas antes de se erguer de

novo para encontrar os quadris. Há uma espada entalada entre suas coxas. Há uma espada bem acima da maçã do rosto, de tal modo que ela não pode virar a cabeça.

Vaclav e Rasia não conseguem se concentrar nas espadas e na maneira incrível como Heather Holliday se contorceu em torno delas. Tentam desajeitadamente parecer à vontade ao olhar para um ser humano com um biquíni dourado espremido numa caixa. Heather Holliday não consegue virar a cabeça, mas olha para eles de esquelha,

ainda exibindo o sorriso que é igual a uma piscadela.

Vaclav não consegue parar de olhar para a axila esquerda exposta de Heather Holliday. Há um losango de minúsculos pelos negros nascendo e traços de crosta branca nas dobras da pele dela. Vaclav reflete

que aquela é a parte mais íntima de uma pessoa que ele já viu na vida.

Nem Heather Holliday consegue ver aquele pedaço do corpo de Heather

Holliday.

Os dois passam muitos segundos olhando para dentro da caixa enquanto o homem do prego no nariz olha para eles, enquanto Heather

Holliday olha em torno, olha para o teto lá em cima, como uma pessoa na

cadeira do dentista enquanto a mão do dentista está dentro da sua boca.

Vaclav procura encontrar um bom lugar para olhar, mas, entre o biquíni

dourado, a pele, a meia de arrastão e a axila, ele não sabe o que fazer.

122

— É uma beleza — diz Rasia com sua voz pesada, carregada, surpreendendo todos eles.

## **A CLARIDADE LÁ FORA**

Depois do espetáculo, Vaclav e Rasia saem do teatro e experimentam o impacto da luz do sol, o cheiro e o movimento do tráfego. Caminham para o metrô de mãos dadas, mas não conversam.

Ao chegarem em casa, Rasia diz ao filho para trocar de roupa e vai para a cozinha, enche dois copinhos de suco e os coloca em cima da mesa

da cozinha, então senta. Escuta os sons de Vaclav vestindo suas roupas

habituais: ouve gavetas se abrirem e se fecharem.

Quando Vaclav vem sentar-se diante dela à mesa da cozinha e olha para a mãe, tão apreensivo e preocupado, ela respira fundo e começa.

— Sabe o que vinha acontecendo com Lena? — diz ela. A expressão no rosto de Vaclav revela que ele não sabe do que ela está falando. —

Você sabia que coisas não muito boas estavam acontecendo com Lena? —

pergunta ela.

— Não — responde Vaclav, pensando Talvez.

— Sabia que a tia de Lena não estava cuidando direito dela? — pergunta Rasia.

— Não — diz Vaclav.

— Eu não tinha certeza. Pensava que talvez não estivesse. Então tive de contar porque estava preocupada com Lena. — Rasia sente a

123

conversa assentar-se na cozinha, sente que está ficando mais fácil falar

sobre essas coisas.

— O que você tinha para contar? — pergunta Vaclav.

— Tinha de contar umas coisas para a polícia — diz ela.

Isso faz Vaclav achar que sua mãe pode ter ficado maluca por ter contado coisas não muito boas para a polícia. Vaclav pensa nas coisas não

muito boas que acontecem o tempo todo na escola, como quando o professor de ginástica berra com todo mundo para subir mais depressa

pela corda, ou quando os garotos se empurram na fila para o bebedouro.

Ele pensa em grandes batalhões da SWAT, como se eles estivessem na TV

e no noticiário russo, correndo o tempo todo de um lado para outro nos

corredores de sua escola, tentando impedir que todas as coisas não muito

boas aconteçam.

— Por que você fez isso? — pergunta Vaclav.

— Para que, se estivessem acontecendo coisas, eles as impedissem de acontecer.

Isso faz Vaclav pensar que talvez as coisas não muito boas sejam de fato muito sérias, para a polícia se interessar.

— Agora mesmo, a polícia também está pensando que estão acontecendo coisas não muito boas. De modo que estão levando Lena.

— O quê?

— Eles a estão protegendo.

— Onde ela está?

— Não sei. Não sou da família dela. Eles não me dizem.

124

— Como vamos descobrir onde ela está?

— Não sei. Posso perguntar à polícia. Não sei. Não sei se eles vão me dizer. Disseram que vão colocá-la num lugar seguro.

— Quem está com ela?

— Ninguém.

— Ninguém?

— Eu não posso ir porque não sou da família dela.

— E...

— E você não pode ir porque também não é da família dela.

— A tia está com ela?

— Não.

— Por quê?

— A tia não estava tomando conta dela direito. —

Ela está sozinha!

— Está.

— Ligue para a tia dela e pergunte onde ela está!

— A tia dela também não sabe. Ninguém sabe onde ela está, para ela ficar segura.

— Lena vai querer que eu saiba! Por que não posso saber?

— Ninguém pode saber.

— Não sou ninguém.

125

— Eu sei.

— Quem vai falar por ela?

— O quê?

— Quem vai falar por ela? Quem vai procurar saber se ela está bem?

— Umas pessoas.

— Que pessoas?

— Não sei.

— Onde ela está? Tenho de ir ficar com ela. Ela está sozinha e vai ficar com medo. Você tem de me dizer!

— Eu não sei, eu não sei. Desculpa! Desculpa!

E agora Rasia se dá conta de que se enganou com relação a que partes desta conversa poderiam deixá-la nervosa. Como toda mãe, receava igualmente constranger seu filho e ficar constrangida, não dar a

ele as informações certas ou lhe dar informações demais, o que o assustaria. O que não previu foi que Vaclav não se preocuparia com as

coisas acontecidas com Lena nas mãos de pessoas maiores e mais poderosas do que ele. Vaclav preocupou-se com a coisa muito ruim que

Rasia fez, que foi levar embora sua única amiga.

## **NA MESMA, POR FIM HORRÍVEL**

Quando Vaclav foi para a escola na segunda-feira, ninguém sabia coisa alguma sobre o que acontecera no fim de semana. Ninguém sabia

126

nada a respeito de Lena, sobre coisas não muito boas, sobre a Tia ou sobre

Rasia ter estragado tudo e chamado a polícia. Ninguém sabia de nada e

tudo estava na mesma, porém horrível.

A Sra. Bisbano perguntou de novo a Marina e Kristina se sabiam onde estava Lena e elas não sabiam, mas não pareceram se incomodar muito.

Vaclav achou que elas talvez fossem falar com ele, perguntar-lhe se alguma coisa acontecera com Lena, mas elas não foram.

Às vezes umas pessoas simplesmente param de ir à escola. Como a meia-irmã de Genesis, que costumava ir, mas agora está morando em

Porto Rico durante a maior parte do tempo e só vem no verão.

Lena foi embora, e foi por causa de Rasia, que nada sabe sobre os Estados Unidos e a polícia americana além do que vê em Law&Order, e

que cometeu um grande erro e contou umas coisas à polícia, provavelmente nem as coisas certas — e provavelmente eles não compreenderam o que ela disse, com sua voz retumbante e sua língua

enrolada —, fez com que eles levassem Lena embora por causa de sua

burrice; fez com que levassem Lena. Vaclav é como uma pessoa vazia

porque não tem nada.

Vaclav não tem nada, a não ser raiva.

De sua mãe.

A raiva cresce o dia inteiro e faz uma raiva nova, e está queimando o fundo de sua garganta.

Todo dia ele acorda pensando que Lena pode voltar. Todo dia, na escola, ele espera que ela entre pela porta. Depois da escola, Vaclav volta

127

para casa e vai direto para o seu quarto, e não sai para jantar, e não sai

quando é chamado, e não sai nem responde quando a mãe senta-se do

lado de fora da porta, chorando baixinho e dizendo:

— Por favor, por favor...

128

.

.

129

**UM MÁGICO, UMA MÃE,**

## UMA GAROTA AMERICANA

– Toc, toc, toc. Vou entrar — diz Rasia em voz alta para a porta fechada do quarto de Vaclav. Rasia tem esse novo hábito de bater na

porta e avisar que está batendo. Um novo hábito que começou quando

Vaclav se tornou uma pessoa mais alta do que ela, cantando no chuveiro

com uma voz tão grave que de vez em quando Rasia escuta aquela voz e

pensa: *Ah, não, um homem arrombou nossa casa e está tomando banho no nosso*

*chuveiro, um serial killer como o homem do programa de televisão Special*

*Victims Unit, que tem um ritual de limpeza que precisa praticar antes de matar*

*brutalmente suas vítimas, e esse homem vai sair do chuveiro e me matar.*

Ela está abismada com ele. Quando foi que completou 17 anos?

Sempre foi pequeno e agora de repente está grande como um homem,

tem até uma namorada.

Ela se preocupa, e é por esse motivo que Rasia bate à porta, e é

também por esse motivo que Rasia entra no quarto dele com tanta frequência.

— Mamãe! Entre! Quero lhe mostrar uma coisa — grita Vaclav.

Rasia percebe na voz de homem a suavidade e a insistência do menino que está sempre querendo lhe mostrar isso e aquilo. Essa necessidade não se foi, até agora.

Rasia abre a porta e fica aliviada porque a cama está feita e totalmente arrumada, e seu menino e a bonita moça americana não estão

nus enroscados na cama como ela temia. Seu filho está de pé segurando

uma porção de notas de dólar. Isso é parte de seu mais novo truque, que é

130

fazer as notas de dólar desaparecerem. Por que razão esse é um truque

que ele queira aprender, por que é um truque ao qual alguém queira assistir, Rasia não compreende.

A bonita moça americana está sentada no chão do quarto com as pernas estendidas para os dois lados, como uma bailarina se alongando.

Essa moça americana, cujo nome Rasia sempre esquece, nunca está

sentada numa cadeira. Está sempre sentada no chão com as pernas espalhadas pelo quarto inteiro, ou entrelaçadas como os indianos da Índia, ou em cima da escrivaninha, ou então está deitada de barriga para

baixo no chão, lendo um livro para a escola. Quem pode estudar assim,

de barriga no chão como uma cobra ou um caipira?

Por que Rasia sempre esquece o nome dessa garota? Porque é um nome de homem, como Fred ou Bob. Não faz nenhum sentido.

Outra coisa que não faz sentido: Que pais são esses que moram

numa casa chique da cidade, mas não ensinam à filha a se sentar direito

numa cadeira como um ser humano normal? Que pais são esses que não

podem comprar para a filha uma calça jeans nova sem buracos nas pernas

e bem ali abaixo do traseiro? Por que não dar a ela uma saia bonita e uma

meia-calça e ensiná-la a se sentar numa cadeira?

Rasia olha para Vaclav, segurando aquelas notas de dólar, sorrindo

seu sorriso tolo. A maioria das pessoas não sorri para valer na maioria

das vezes. O sorriso da maioria das pessoas é uma mentira, um artifício

ou uma promessa. O sorriso de Vaclav é somente um sorriso, e é sempre

para valer.

A garota está sentada no chão, olhando para Vaclav, e pelo jeito nem sequer planeja levantar-se e dizer olá para Rasia.

131

— Quem sabe se você não se sentasse assim com as pernas

esparramadas não ia precisar remendar tanto a calça, hein? — Rasia diz à

moça.

A moça dá um grande sorriso, mostrando todos os dentes. Isso não é jeito de uma moça sorrir, sem nenhum recato.

— Mãe! Ryan gosta dos rasgos nas calças dela — diz Vaclav, e Ryan ri porque, para Ryan, tudo pode virar uma piada.

— É! Gosto mesmo, é verdade.

Ryan ainda está sorrindo para Rasia como uma dançarina ou um cavalo. Rasia limita-se a olhá-la de cima. Em torno das compridas pernas

de jeans de Ryan há minúsculos pedaços de papel. No espaço em forma

de V que Ryan formou com as pernas há cola, fita adesiva, tesouras e

grossas canetas hidrográficas pretas. Ela está fazendo a maior bagunça,

uma bagunça enorme no quarto de Vaclav, e Rasia pode garantir que não

vai ser essa garota quem vai catar aquilo tudo. Vaclav, o menino, é que

vai catar no chão a bagunça que a garota fez. Isso não está certo.

Rasia não fica feliz por ter de catar tudo para Oleg, não, não

mesmo, e muitas vezes ela pensou, *Se ele lavar um prato, só um, não vou*

*abandoná-lo*, mas ainda assim ela sempre fica ali de pé lavando todos os

pratos até não restar nenhum e ele continua sentado no sofá sem levantar

um dedo sequer e até hoje ela não o abandonou. Ou então ela pensa, *Se ele*

*largar a cueca no chão do banheiro outra vez, vou abandoná-lo, mas ela pega o*

*telefone e chama o advogado para preparar o divórcio?* Não. Ela apanha a cueca

úmida e coloca no cesto de roupa suja, e ainda está casada com ele porque

se divorciar do marido por causa de uma cueca molhada não é coisa que

se faça. Casamento é isso, é catar um pouco, deixar de lado um pouco,

perdoar um tanto, e já está mais do que bom. Por que não estaria para

132

essa garota que nem sabe se sentar numa cadeira? Será que precisa de um

menino para catar as coisas para ela? Será que espera por isso? Por que

essa garota com furos no traseiro das calças tem de ter alguém de quatro

no chão fazendo tudo para ela?

A única coisa que Rasia consegue entender é que todas as garotas

bonitas querem namorar Vaclav, que é tão alto e magricela (Inacreditável!

Olhem só o pai! Olhem só a mãe! Dois pequenos tanques soviéticos.

Tentem derrubar um deles. Impossível.) e tem um cabelo lindo, e umas

sobrancelhas de artista de cinema. É tão encantador e bonito, quem pode

culpar a moça? Isso é algo a se apreciar nela. Tem bom gosto.

É bom ver Vaclav com essa garota americana? Essa garota com

sardas no rosto e um cabelo parte louro, parte ruivo? Essa garota que usa

batom com brilho nos lábios o tempo todo e sorri feito uma doida e ri tão

alto? Isso é bom? Não, não é bom. E o que mais Rasia esperava? Para que

então vir para cá, para esse lugar maluco das oportunidades, a não ser

para que seu filho arranjasse uma namorada loura americana igual a uma

alienígena de Marte, de tão diferente? Para que mais? Uma árvore de

Natal na janela da casa com fachada de arenito castanho e pais que não se

apresentam. E o que fazem essas pessoas que moram nesse lugar metido

a besta? Consultoria. Vaclav diz: —Mamãe, eles dão consultoria.|| Isso não

é trabalhar, essa história de dar conselhos para gente rica que pode pagar

por conselhos.

— O que é isso? Um projeto para a escola? — Ela aponta de forma direta, forte, para o papel em que Ryan está trabalhando.

Sempre tem intenção de ser mais parecida com as mães que vê na

televisão, mais amáveis na maneira de falar e de corpo mais amável,  
mas

é sempre dura demais, seus braços e suas cordas vocais  
impulsionam o ar

133

em torno dela com dureza demais, e sempre se espanta quando  
irrompe

duramente por esse brando ar americano.

— Não, não é para a escola. Estou só fazendo uma filipeta para a  
minha banda... Vamos fazer um show semana que vem lá no Ozzie.  
—

Ryan levanta a filipeta para Rasia ver. — A senhora devia ir! — A  
filipeta

está toda coberta com figuras de guitarras e fitas cassetes,  
xerocadas,

recortadas e coladas com fita adesiva, e diz, numa letra muito ruim,  
PINK

FLAMINGOS QUARTA-FEIRA 19 HORAS CAFÉ DO OZZIE GRÁTIS

GRÁTIS GRÁTIS!

— Por que você não usa o computador e a impressora de Vaclav?

Pode fazer isso ficar bonito com umas imagens, digitar as palavras  
para

ficar mais bonito. Assim, as pessoas vão aparecer para ouvir a  
música, e

não pensando que vocês são uns desses malucos que há por aí.  
Certo?

Faça de novo no computador — diz Rasia. Está tentando dar uma sugestão, mas as palavras lhe escapam da boca, pam, pam, pam, sempre parecendo uma ordem.

— Ah, obrigada, sei que está meio desleixado, mas é essa a ideia. Quero dizer, é mais legal. É todo um movimento, como uma estética, sabe, aquela coisa do FVM, das zines FVM originais, acho — diz Ryan.

Vaclav sorri, porque sabe que Ryan vai ter de explicar e re-explicar e re-explicar mais ainda tudo o que acabou de dizer, porque Rasia vai

querer saber o que todas essas palavras significam, e Ryan vai ter de usar

mais palavras novas para explicar essas coisas, e ver Ryan zelosamente

tentar fazer Rasia compreender por que os cartazes de sua banda parecem

feitos em casa, por alguma razão, é uma das coisas de que ele mais gosta

em Ryan, o fato de que ela vai fazer tudo isso.

— O que é isso, esse zine FVM? — pergunta Rasia.

— FVM quer dizer faça você mesmo e zine vem de magazine, uma revista pequena, independente, que a própria pessoa faz, e por isso não

tem a aparência das revistas grandes, feitas com papel brilhante e caro, é

mais legal — responde Ryan.

— Certo, mas, se você usar o computador, não é do tipo faça você mesmo? — pergunta Rasia.

— Sim, com o computador seria totalmente do tipo faça você mesmo, só que não ficaria legal — diz Ryan.

— O computador é a nova coisa legal. Todo mundo está dizendo.

Você deveria fazer o próximo no computador, mostrar para todo mundo

como pode ficar bom; é mais legal — insiste Rasia.

— Bom, é, pois é — Ryan começa a explicar. — Tudo isso é uma forma de reação a esse material pretensioso produzido em massa...

— Mamãe, quero mostrar a você um truque novo que estou ensaiando — interrompe Vaclav para salvar Ryan.

— O dever de casa está feito? — pergunta Rasia.

— Está! Nós sempre fazemos o dever de casa assim que chegamos

— responde Vaclav.

— Nisso eu não acredito — retruca Rasia.

— *É, sim, é verdade* — diz Ryan. — Não consigo me concentrar em nada enquanto não faço meu dever de casa e o tiro da minha frente. Não

consigo relaxar, sabe, fico só pensando, tenho dever de casa para fazer,

sabe como é?

Rasia sorri para ela, não diz nada, então seus olhos voltam

rapidamente para Vaclav.

135

— Está tudo feito?

— OK, talvez eu tenha deixado um pouco para mais tarde: não é importante — admite Vaclav.

— *Ach!* Eu sabia, eu sabia! A mágica acontece depois do dever de casa — declara Rasia.

Rasia começou sua campanha do dever de casa quando Vaclav era muito novo, porque ela não saiu da Rússia, deixando para trás sua mãe e

sua avó Lidia, que ela nunca mais veria neste mundo, para que seu filho

se tornasse um mendigo, que é só no que essa história de ser mágico pode

dar, até onde se sabe. Ela o obriga a fazer o dever de casa todos os dias de

sua vida até hoje, acreditando que isso vai garantir a ele aquela coisa

mágica, a educação, que é o segredo para ter sucesso no novo país. Ele irá

para a faculdade, conquistará diplomas e terá a educação costurada à sua

vida para ser bom e bem-sucedido.

Vaclav ri, abraça a mãe e beija seu rosto. Agora precisa se curvar

para abraçá-la, e sabe que isso faz sua mãe pensar que ele é grande, um

homem completamente crescido, e ao mesmo tempo ainda é seu

menininho, e esse sentimento a enche de alegria. Ela finge estar

aborrecida, mas ele sabe que, depois que a abraça assim, ela não pode

mais ficar aborrecida. Agora ela é a mamãe amorosa e sentimental, e não

pode ficar zangada com ele.

— Olha meu truque? Por favor? Por favor? Por favor? Senta aí na

cama, por favor? — Ele pega a mão de Rasia e a leva até a cama, e alisa as

cobertas como se estivesse limpando uma cadeira para ela se sentar, e ela

está encantada com ele, parece uma menina.

136

*Quando, ela se pergunta, meu filho ficou assim tão encantador?  
Quando*

*ele começou a usar calças jeans como os rapazes americanos, de tal modo que não*

*parecem ser uma roupa que está cobrindo o corpo, mas parte do próprio corpo?*

*Mais do que isso, que são parte da pessoa? Quando isso aconteceu?  
Quando o*

*cabelo dele ficou desgrenhado como o dos rapazes americanos, e quando ele parou*

*de penteá-lo? Quando ele ficou tão alto, e como, com o pai e a mãe de mais ou*

*menos um metro e meio de altura, que ele cresceu tanto chegando a quase 1,80*

*metro, de tal modo que parece que vai bater no teto? Deve ser essa comida*

*americana que ele tanto come; e come sem parar.*

— Está bem, está bem, estou olhando. Que truque é esse? —

pergunta Rasia.

Vaclav olha direto para Rasia, os olhos nos olhos dela, sua

individualidade inteira revolve em torno desse único ponto de contato e

ele muda, e ele se transforma em Vaclav, o Magnífico.

Vendo-o assim, você diria que ele mudou de roupa, agora talvez

esteja vestindo um fraque, mas ao olhar de novo se espantaria por ele

ainda usar os mesmos jeans e camiseta. Você acharia, irracionalmente,

que ele de repente ficou mais alto. Você procuraria identificar a

transformação física e tentaria em vão apontar o que está diferente. Nada

está diferente, e no entanto tudo está diferente. Ele se transformou em

Vaclav, o Magnífico, e não é mais seu filho, seu menino, a criança que

mora ali no fim do quarteirão. É um mágico, e um mágico precisa de

palco. Sua presença rebenta no ar e toma conta de quase todo o quarto, de

modo que ele parece confinado, preso, onde há apenas um momento ele

parecia estar em casa.

— Ahh, mãe, este é definitivamente o maior truque de todos.

Diante dos seus olhos, eu vou levitar. Sim, eu, Vaclav, diante dessas duas

belas damas — Vaclav acena com um gesto de cabeça para Ryan e Rasia

—, vou erguer meu corpo, os meus 90 quilos... — Ryan e Rasia riem alto

— Correção. Correção. A plateia tem razão de rir de tamanho exagero. Os

meus 75 quilos de carne e osso vou erguer do chão sem o auxílio de quaisquer recursos externos, sem fios nem arames, nada, somente com a

força de minha vontade. Confio que uma plateia como essa, tão

obviamente dedicada à verdade, vai me ajudar verificando que não há

nenhum fio ou outro dispositivo qualquer neste quarto.

A plateia concorda.

— Agora muito gentilmente devo pedir-lhes que façam silêncio.

Exijo silêncio, pois esta proeza requer concentração absoluta — diz

Vaclav, o Magnífico.

Rasia olha para Ryan, que está olhando para Vaclav de olhos

arregalados, os lábios finos e rosados ligeiramente entreabertos, em total

adoração. Rasia deseja isso para seu filho, que alguém o adore, que

alguém olhe para ele como se ele estivesse brilhando. Quer que todo o

peso do amor esteja do outro lado.

Rasia decide que não importa se ela gosta de Ryan ou de qualquer outra garota. O que significa, para uma mulher que viveu mais de cinco

décadas, gostar de uma garota que está pondo suas mãos de garotinha

por todo seu filho? Não é preciso que Rasia goste dessa namorada de seu

filho, mas é necessário que a garota o adore.

Vaclav está de pé no canto do quarto, em determinado ângulo, de modo que seu perfil está de frente para Ryan e Rasia. Vaclav olha para o

chão e respira fundo, bem fundo, por quatro vezes, e então de repente

está respirando como se tivesse corrido muitos quilômetros ou subido

depressa muitos lances de escada. Parece que está acontecendo alguma

138

coisa com ele, como se o coração dele fosse explodir ou os pulmões fossem se despedaçar com a tensão. Rasia começa a se preocupar com

esse truque. A preocupação não é novidade. Ela sempre se preocupa com

os truques de Vaclav. Claro que sabe que é apenas um truque, que não é

real, mas sabe que ele pode falhar, e ver uma pessoa falhar em algo que

ama é muito duro quando você ama aquela pessoa e tudo o que ela

sempre quis a vida inteira desde que começou a andar e falar foi ser um

grande e famoso mágico. Além disso, Rasia está um pouco ansiosa

porque sente que talvez o truque seja realmente meio mágico, e quem

sabe o que pode acontecer com uma pessoa quando ela mexe com magia?

Pode até se machucar.

Vaclav parece apavorado. Seu rosto ainda está voltado para o chão,

mas os punhos estão cerrados, e há veias saltadas em seu pescoço, veias

que estão trabalhando muito, fazendo coisas demais. Ele levanta um

pouco as mãos, e nada acontece. Deixa as mãos caírem novamente ao

lado do corpo e o rosto, o rosto dá a impressão de que ele está muito

perturbado. Então ele respira mais fundo e levanta as mãos um pouco, só

um pouquinho dos lados do corpo, e de repente ele está se movendo

lentamente para cima, suas mãos estão subindo e sua cabeça está subindo, e seus pés, sim, seus pés estão alguns centímetros afastados do

chão.

Rasia arqueja e estende bruscamente o braço diante do peito de Ryan, porque é um reflexo que tem desde que Vaclav nasceu, o de estender o braço diante da criança que está a seu lado para protegê-la

sempre que tem um sobressalto, como numa freada repentina do carro.

Isso assusta Ryan, que solta um gritinho estridente e em seguida se desmancha em risadas, achando graça de si mesma, e então, com um

pequeno plop deselegante, Vaclav está de novo com os dois pés no chão,

139

e por um momento parece que está procurando se equilibrar, de volta a

terra depois de desafiar a gravidade e levitar, mesmo tendo subido só

cinco centímetros na atmosfera. — Como você faz isso? Que negócio é

esse? O que você fez?

Rasia parece zangada, mas não está zangada, de jeito nenhum.

Ryan bate palmas alto, está tão impressionada, tão orgulhosa. Ryan sabe

exatamente como se faz esse truque; até ajudou Vaclav a treinar, ajudou-o

a encontrar o ângulo certo, ajudou-o a descobrir como ocultar o pé de

apoio, o que fica no chão atrás do pé dianteiro, e assistiu pacientemente a

ele repeti-lo uma porção de vezes até seu corpo aprender.

O que há de tão maravilhoso para Ryan nesse truque, esse truque

que ela viu tantas vezes? É o desempenho de Vaclav, seu desempenho

muito convincente, toda a arte dramática, a respiração profunda, a concentração, que ele não treinou nem discutiu a respeito com ela. Vaclav

faz essas coisas instintivamente, e ele é tão incrível que Ryan tem certeza

absoluta de que um dia será um mágico muito famoso, é evidente.

Sentada na cama, Ryan sente muito orgulho de si mesma, de ser a

namorada de alguém tão esperto e bonito, alguém que um dia vai ser um

grande sucesso em algo tão singular.

Vaclav, ignorando as perguntas, faz uma demorada reverência.

— Vocês foram uma linda plateia, realmente, verdadeiramente

linda, e não costumo dizer isso com frequência. Obrigado. Sem vocês, não

sou nada. — E neste ponto ele faz outra reverência, abaixando-se ainda

mais, sob mais aplausos. — Tudo o que faço é para vocês, para meus fãs.

140

Faz um último cumprimento e fica claro para Rasia e Ryan que a apresentação terminou e que agora o Vaclav normal, não Vaclav, o Magnífico, está de volta.

— Foi impressionante! Isso foi impressionante. Quando vai apresentar isso? — pergunta Ryan.

— Posso estar pronto para o mundo, mas será que o mundo está pronto para Vaclav, o Magnífico? — pergunta Vaclav, e Ryan abre um sorriso radiante.

Ryan abre um sorriso sedutor para Vaclav, e Rasia começa outra

vez a pensar coisas nada boas sobre essa garota magra demais, como se a

mãe dela nem ao menos a alimentasse direito, essa mãe que não se deu o

trabalho de pegar o telefone e ligar para Rasia, e ela começa a pensar que

talvez essa garota esteja vindo para cá toda tarde depois da escola fazer

sexo ou mesmo só fazer coisas sem roupa nesta mesma cama com seu

menininho.

Rasia está pensando que quer muito conversar com Vaclav sobre

certas coisas, coisas íntimas, e sente-se mal porque planejou essa conversa

tantas vezes de tantas maneiras diferentes e nem ao menos foi capaz de

fazer as palavras saírem de sua boca em voz alta. Hoje, no escritório,

Pamela da contabilidade disse que ela não precisa entrar nos detalhes.

Pamela disse a Rasia que ela só precisava estabelecer umas regras de

modo que Vaclav e ela soubessem que estavam seguindo a mesma cartilha. Pamela contou que, para o filho dela, só disse uma coisa:

—Mesmo quando eu não estiver presente, respeite a minha casa:  
porta

aberta e pés no chão. E quando você estiver no estacionamento do  
supermercado, só de camisinha.|| Todo mundo riu a essa altura, mas

141

Rasia não entendeu a piada e ficou encabulada demais para  
perguntar o

que aquilo queria dizer, qual era a graça.

Jessica, do RH, falou: —A garotada toda hoje em dia faz sexo. A  
questão não é se vão ou não fazer, mas se vão fazer com segurança.  
Você

não pode impedi-lo, mas pode dar a ele todas as informações  
necessárias.|| Que informações, porém, ela tinha para dar a Vaclav?  
O que

diria a ele? De que gostaria que ele soubesse?

Ryan e Vaclav ainda estão falando sobre o show de Ryan e aquele  
tal de Ozzie.

— Quem é esse Ozzie? — Rasia pergunta.

Rasia fala como se estivesse certa de que Ozzie é um traficante de  
drogas, ou uma pessoa com argolas no rosto, ou uma prostituta ou  
algo

assim. Fala como se estivesse se perguntando qual dessas coisas esse

misterioso Ozzie é, mas tem certeza absoluta de que, seja o que Ozzie for,

é um lugar horrível para ser frequentado por crianças.

— Mamãe, você iria adorar o Ozzie. É um café na Park Slope, um café independente, em que há milhões de tipos de chá diferentes. E à

noite eles têm uns shows pequenos dentro do café, e lá tem uns sofás e

umas coisas assim em que as pessoas podem se sentar para assistir, ou

ler, ou algo assim. Eles têm uns biscoitos muito bons. E têm *rugelach!* Uns

*rugelach* ótimos!

O filho de Rasia diz *rugelach* como um rapaz americano. Como se fosse uma coisa estrangeira. E ela não tem a menor dúvida de que não

gostaria desse lugar, esse café cheio de mães vinte anos mais novas do

que ela, com seus carrinhos de bebê chiques, onde ela não sabe quais são

as regras, quais são as palavras certas, moca isso ou venti aquilo, não sabe

onde pedir, onde pagar, onde se sentar, e vai se sentir um búfalo entrando num lugar daqueles, todo mundo olhando para ela e a deixando

constrangida, enquanto ela paga quatro dólares por uma bebida que joga

fora, de tão ruim que é o gosto.

— Tem álcool lá? — pergunta.

— Não, não. É um café. Eles nem têm autorização para vender bebida alcoólica.

— OK. Não conheço esse lugar — diz ela.

Vaclav compreende. Quando ele era pequeno, os dois descobriam lugares juntos. Talvez outros meninos tenham mães que lhes expliquem:

é aqui que você compra seu cartão do metrô, e é aqui que você entrega a

receita para o farmacêutico, e é aqui que você a recolhe, e é aqui que você

entra na fila para despachar um pacote, no entanto, quando eles chegaram aos Estados Unidos, Vaclav e Rasia aprenderam juntos.

Agora que fazem menos coisas juntos, ele está sempre fazendo algo

num lugar que Rasia não conhece. Isso é uma coisa que pode magoar

uma mãe, mas Rasia diz a si mesma que não é tão diferente do que fazem

os pais comuns dos adolescentes americanos comuns. Mas um pouquinho, ela sabe, é bem diferente.

— Sabe, mamãe, você deveria ir lá, no café do Ozzie, assistir à banda da Ryan e me ver fazer esse truque — diz Vaclav.

— OK. Vamos ver. Não sei — diz Rasia. Rasia não quer se sentir desse jeito, mas a ideia de assistir a Vaclav fazer um truque no café do

Ozzie, onde vai se sentir tão deslocada, a assusta.

143

Um silêncio triste cresce dentro do quarto, porque Rasia e Vaclav e Ryan, todos eles sabem que Rasia não vai. Ryan não sabe o que fazer com

as mãos, flagra-se pedindo desculpas. Batendo em retirada.

— Ah, tenho de ir para casa jantar. Muito obrigada por me receber

— diz ela.

Ryan raramente fica para jantar na casa de Vaclav. Diz a ele que sua mãe gosta que ela esteja em casa para jantar, o que ele compreende

ser a verdade, mas não toda a verdade.

Ryan não se incomoda com a comida da casa de Vaclav. Ela não gosta é da consciência, a muito aguda autoconsciência que ela sente, a

autoconsciência em câmera lenta de suas mãos, seus pés, da maneira

como ela estende a mão para pegar alguma coisa na mesa, da maneira

como usa o garfo e a faca, do jeito como fala —por favor|| e —obrigada||.

Incomoda-se com a maneira como Rasia serve todo mundo, em vez de

deixar cada um se servir nas grandes travessas que estão em cima da

mesa; incomoda-se com a maneira como isso a deixa ciente demais de

quanto Rasia põe em seu prato e quanto ela consegue comer, e a enorme

disparidade entre as duas quantidades. Ela se incomoda com a diferença

de temperos. Essas são coisas pequenas.

A grande é que ela tem consciência de cada palavra que sai ou que não sai de sua boca quando fala com Rasia, e especialmente com Oleg. Ela

se sente hiperconsciente de suas palavras, suas gírias, seu tom de voz;

muitas vezes fica insegura, sem saber se eles a compreenderam;

preocupa-se se está assumindo ares de superioridade ao falar com eles

devagar ou rápido demais.

Ryan gosta mesmo é de receber Vaclav em sua casa. Gosta de exibi-lo, de como ele faz truques de mágica para suas irmãs e diferentes

144

truques de mágica para seus pais, de como ele os cativa. Gosta de ouvir

seu pai dizer: —Ah, isso sim é incrível!|| e depois conversar com Vaclav

sobre física, que é do que ele mais gosta no mundo além da mágica, ou

sobre beisebol, de que o pai de Ryan acha que Vaclav gosta.

É raro, porém, que Vaclav possa ficar na casa dela para jantar. Rasia o quer em casa toda noite. E Vaclav nunca discute, ele simplesmente vai

para casa. Isso é irritante para Ryan, o fato de ele nunca enfrentar Rasia

por ela. Portanto, pede desculpas, recusa os convites para jantar e faz

Vaclav acompanhá-la até o trem Q, de modo que ela possa pegar o metrô

expresso a duas paradas de sua casa, jantar com sua própria família e não

ter de pensar em como segurar a faca.

Rasia acha que Ryan não fica porque não gosta de comida estranha

e, para falar a verdade, Ryan não gosta mesmo é de comer — basta olhar

para ela, a prova são seus pulsos, ela é tão magra. Nas noites em que

Rasia está preparando algo que considera com certo grau de confiança ser

totalmente normal, americano e saudável, ela anuncia isso em alto e bom

som a Ryan.

— Você está convidada a ficar aqui, se quiser. Hoje tem frango grelhado. Saudável — diz Rasia.

Mas Ryan agradece, diz que não, começa a arrumar sua mochila.

Esses jantares americanos saudáveis estão aparecendo na mesa de Rasia

com mais frequência, desde que o médico disse que ela está gorda demais, que precisa comer menos carne e mais verduras, e perder muitos

quilos. Rasia tem muita fé em médicos, principalmente nesses médicos

americanos jovens, com seus consultórios que parecem estações espaciais,

por isso quando o médico disse que ela precisava perder peso (pelo 145

menos vinte quilos!), ela lhe pediu na mesma hora para especificar, enumerar e escrever exatamente o que ela precisava fazer.

Quando o médico achou graça e lhe disse que estaria ótimo se

inserirse em alguns jantares por semana carne magra e legumes, como

frango grelhado com aspargos ou espinafre, ou uma salada com frango

grelhado, e que desse uma caminhada rápida de vinte minutos todo dia,

Rasia assentiu com ar sério e perguntou quantas vezes são —alguns||. O

médico respondeu que sempre pensou que alguns significasse três.

Três noites por semana, Rasia passou a preparar frango grelhado

com aspargos e espinafre e, todos os dias, ao chegar do trabalho, passou a

calçar seus tênis e andar em torno do quarteirão durante vinte minutos.

Oleg não a acompanhava no exercício, não demonstrava entusiasmo pelo frango grelhado com aspargos e espinafre e vivia em função dos dias, sobretudo as sextas-feiras à noite, em que haveria borsche e challah e grandes nacos de carne no borsche e um grande pedaço de carne em seu prato e uma grande tigela de sorvete depois do jantar. Vaclav acompanha Ryan até a porta, pega o casaco dela, carrega sua mochila. Lá fora ainda não está escuro. O sol se foi, mas a claridade ainda persiste no ar, e a noite está naquele momento em que a luz está prestes a sumir. É outono e ainda está quente, mesmo enquanto o sol se põe. Faltam quatro semanas para a festa de Halloween e uma semana para que toda noite o ar comece a cheirar a folhas queimadas.

## BEIJOLOGIA

### 146

Vaclav espera até dobrarem a esquina para parar e beijar Ryan.

Além da mágica, beijo de língua é a melhor coisa do mundo para ele, e

ultimamente, durante as aulas da escola, ele tem pensado mais em beijar

Ryan do que em mágica. Não importa quantas vezes ele beije Ryan, sempre sente nervosismo e bem-estar ao mesmo tempo, como se estivesse

no alto da primeira grande descida do Ciclone.

Vaclav gosta de beijar Ryan na esquina, mas também pensa em tudo o mais o tempo todo, tudo o mais que um rapaz e uma moça poderiam fazer, e como seria, e quantas dessas coisas eles descobririam

juntos se tivessem uma cama e um quarto e um cobertor e uns travesseiros por uma tarde. Pensar numa noite inteira, em ter uma noite

inteira, isso para Vaclav é incrível, essas ideias das coisas que ele e Ryan

podem fazer. Ele sente todas essas coisas pegando fogo dentro de si

quando a beija, então adora esses beijos mais do que tudo. Quando beija

Ryan, ele pega todos os seus pensamentos sobre as coisas que eles poderiam fazer se tivessem tempo e lugar para fazê-las e as coloca no

beijo. Com o ar de seu nariz ele os sopra nela, com sua língua ele mostra a

ela a veemência e a umidade e a intensidade dessas coisas. Quando ele

beija Ryan, todas essas coisas estão dentro do beijo.

Ryan é diferente. Ryan quer que o beijo seja apenas uma parada no caminho de todas as outras coisas. Vaclav sabe disso, porque ela lhe contou e também porque, quando eles se beijam, ela não parece feliz,

parece desesperada, e seu corpo se comprime contra o dele com muita

força, e ela respira com muita força, e os dedos dela afundam um pouco

na pele dele, e ela o puxa para si com muita força. Quando ela faz isso,

Vaclav sente-se da mesma maneira como quando o metrô está muito

lotado e todo mundo fica perto demais um do outro; ele mal pode esperar

que as portas se abram e ele possa respirar fundo e sair dando passadas

largas, desimpedidas, balançando os braços e andando para onde quiser.

Andam um quarteirão, param e se beijam, andam outro quarteirão, param e se beijam, e se apressam um pouco porque Rasia sabe que não

levam trinta minutos para percorrer dois quarteirões, e porque o trem Q

passa de oito em oito minutos. Quando chegam à plataforma do metrô e

têm tempo de parar e esperar que o trem Q chegue e leve Ryan embora,

eles se beijam cada vez com mais força porque o relógio está correndo, a

qualquer momento as luzes do trem vão aparecer e iluminar os trilhos, e

eles saberão que o tempo está quase acabando.

Ryan se adianta e pressiona seu corpo contra o de Vaclav só um pouquinho, e Vaclav recua só um pouquinho, mas ela se adianta outra

vez e se comprime contra ele com uma agressividade surpreendente, e

então os seios dela estão espremidos contra ele e ele recua, e ela avança,

até que as costas dele estão contra a parede e não há mais como recuar, e

ali na plataforma do metrô Ryan pressiona seu corpo contra o dele cada

vez mais, e ele começa a sentir um movimento de vaivém entre eles, como um coração batendo, ou ondas indo e vindo, e ele não sabe se realmente estão se mexendo ou se juntos estão criando a sensação de

movimento, então o trem chega com uma lufada de ar frio, separando-os.

Ryan abraça Vaclav, entra no trem e acena quando a porta se fecha.

Ele vê o trem partir, serpentear entre os prédios, os cartazes e as árvores.

Fica parado na plataforma do trem, que se ergue bem acima dos telhados

de Brighton Beach, e espia os quintais das casas junto à cicatriz dos trilhos

do metrô, e, nessas casas, as famílias estão se amando em russo, tcheco e

espanhol enquanto assistem aos noticiários e, nessas casas, nos fogões, as

mães estão preparando repolho recheado e pollo e espinafre com creme, e

148

regulam o forno para 190 graus a fim de transformar tortas de maçã

congeladas compradas no supermercado no aroma de um verdadeiro lar

americano em apenas 30 minutos, e o vento do oceano Atlântico, que é a

única coisa entre cá e lá, agora e antes, novo e velho, faz entrar pelas

janelas o cheiro de caldo de mariscos de Coney Island.

**FAZENDO A PERGUNTA QUE NÃO FOI FEITA**

## OU A PONTA DO ICEBERG

Descendo as escadas da plataforma elevada do metrô para voltar à rua, Vaclav admite para si mesmo que não quer mais nada de Ryan. Uma

parte dele, pensa, está um pouquinho contente por ela ter ido embora.

Passaram bastante tempo juntos, e é bom ela ir para casa. Pode dizer isso

a ela? Não, não pode. Ele não quer passar mais tempo com ela. Não quer

se envolver com mais nada do corpo dela. Ela quer mais, mais tempo,

mais envolvimento, mais entrelaçamento da vida deles dois. Ele caminha

mais depressa. Enfia as mãos no fundo dos bolsos. *Será que quero menos*

*Ryan porque ela quer mais Vaclav? Talvez ela queira mais porque quero menos?*

*Os sentimentos de quem vieram primeiro? Será que os sentimentos de um têm a*

*ver com os do outro? Talvez eu quisesse o que quero de qualquer maneira, e ela*

*também.* É um jogo de pingue-pongue muito frustrante dentro de sua

cabeça, e ele não acha graça naquilo.

Outro pensamento toma forma em sua mente. Talvez seja sempre assim mesmo. Talvez alguém sempre queira mais. Talvez para todo mundo chegue uma hora em que a gente se dá conta de que andou mentindo sem querer ao dizer eu te amo, estou com saudades, você é

linda, você é a mais linda, quero que nunca mais vá embora. Talvez esse

149

tempo termine e tudo volte a ser verdadeiro, como a gente sempre achou

que fosse. Talvez esse tempo nunca termine. Se esse tempo termina, uma

decisão inteligente seria esperar que chegasse ao fim. Se não termina,

então talvez a gente não devesse esperar, talvez fosse melhor procurar

outra pessoa a quem se possa dizer essas coisas sem mentir. Mas talvez

isso sempre aconteça, seja qual for a moça ou o rapaz a quem se está

tentando amar, e nesse caso então seria melhor a gente ficar onde está,

para não repetir o mesmo processo com outra pessoa.

Vai andando pelo quarteirão onde mora desde que se mudou para os Estados Unidos, treze anos atrás. A calçada está ficando acidentada,

mais e mais traiçoeira a cada dia, e Vaclav nota que nunca foi reformada

durante todo o tempo em que ele mora ali.

A claridade praticamente já acabou na rua quando Vaclav abre a porta de casa e sente o cheiro do jantar antes mesmo que sua mão solte a maçaneta.

— Vaclav? — Rasia grita. — Venha se sentar! Estamos esperando! O jantar está esfriando.

— Pensei que fosse salada — grita Vaclav de volta para a mãe.

— É salada. Está ficando menos fria. Ah, dane-se — diz ela. Rasia agora fala —dane-se||, algo que detestou quando ouviu primeiro na televisão, e detestou mais ainda quando ouviu da boca de seu filho, até

começar a usar a expressão e esta se incorporar facilmente ao seu vocabulário.

Rasia agora acha essa expressão muito útil. Equivale a dizer as seguintes coisas, todas ao mesmo tempo:

150

Não me importo

&\*#@-se

Você é ansioso

Eu sou descontraída e livre

Não me submeto à sua ansiedade

Rasia gosta de inverter os papéis para que o filho passe a ser o ansioso.

— Desculpe, mamãe — diz Vaclav.

Ele compreende que a pressa para jantar nada tem a ver com a temperatura da comida, quente ou fria, mas apenas com a felicidade que

a mãe teve de prepará-la para ele e a extraordinária injustiça que foi ele

fazê-la esperar para servir essa comida. É uma forma ligeiramente egocêntrica de enxergar as coisas, mas várias vezes já ficou provado que

sua mãe existe somente para ele. Tudo o que ela faz, de certa forma, é

para ele, e tudo o que ela quer é de certa forma para ele. Ele resolve que

não pode lhe perguntar aquilo que vem querendo perguntar o dia todo.

Vaclav senta-se na sua cadeira à mesa da cozinha. Essa mesa sempre foi a mesa da cozinha da família até onde Vaclav se lembra, assim

como a calçada sempre foi aquela calçada, a mesma, desde sempre. O

alcance da memória de Vaclav faz essas coisas parecerem antigas, mas

treze anos não é muito tempo para uma calçada ficar sem conserto, e

treze anos não é muito tempo para se ter uma mesa de cozinha. Treze

anos não é muito tempo para se viver num país; é muito pouco tempo

para se viver num país. Entretanto, pode ser um tempo enorme sob

151

outros aspectos. Treze anos é um tempo enorme para estar longe de seu

velho país, de sua pátria. Até um ano é um tempo enorme para ficar longe de alguém e ainda pensar naquela pessoa todo dia. Faz sete anos

que Lena se foi e Vaclav ainda sente falta dela, todo dia. — Mamãe

—

começa Vaclav, enquanto Rasia serve caesar salad murcha com frango

grelhado para Oleg —, você costuma pensar em Lena?

A pergunta paira no ar, mudando tudo. Havia uma pergunta não formulada na família deles, e era essa, e agora foi feita, e o ambiente foi

todo esvaziado de ar. Rasia continua servindo a salada murcha no prato

do marido.

Durante muitos anos, Vaclav soube que não deveria fazer essa pergunta, que na verdade é a ponta de um iceberg: um iceberg que poderia ser rotulado de LENA, ou talvez de O QUE ACONTECEU COM LENA, ou quem sabe O QUE ACONTECEU COM LENA NAQUELA ÉPOCA E DEPOIS DISSO, ou A HISTÓRIA TODA SOBRE LENA.

Por duas vezes, desde a noite em que Lena se foi, Vaclav tentou perguntar. Uma vez, na cozinha, depois que Rasia o encontrou no Sideshow, e na outra, dois anos depois, quando tinha 12 anos. Na segunda vez, Vaclav perguntou a Rasia: —Onde está Lena agora?||, e ela

ficou tão perturbada que ele percebeu imediatamente que não deveria ter

perguntado. Ela respondeu: —Como vou saber?|| e se afastou, e, embora

Vaclav não soubesse muito bem por quê, evidentemente ele a deixara

zangada. Apesar de Vaclav nunca mais ter perguntado e de Rasia nunca

falar do assunto, a pergunta esteve sempre ali com eles. O iceberg esteve

sempre ali na cozinha.

— Não — diz Rasia.

É mentira. Vaclav sabe que é, Rasia sabe, até Oleg sabe.

152

— Eu penso — diz Vaclav.

Vaclav dá boa noite a Lena toda noite desde o dia em que ela foi embora. Em voz alta. Cochichando. Quando tem que dormir fora de casa

diz boa noite a Lena no banheiro enquanto dá a descarga para que ninguém o escute. Não porque isso o envergonhe, mas porque as palavras são somente para Lena e para mais ninguém; desperdiçar seu

boa-noite nos ouvidos de outra pessoa que não os de Lena pode usurpar

seu poder.

O poder de dizer boa noite toda noite a Lena é grande. Na primeira noite em que ela foi embora, Vaclav deu boa-noite a ela, pôs o boa noite lá

fora na escuridão assustadora e solitária e pronunciou intencionalmente

cada palavra de um modo muito específico. Boa noite. Boa noite. Quis

que ela tivesse uma boa noite. Não uma noite assustadora. Não uma noite

perigosa. Não uma noite fria ou cheia de pesadelos. Ele encheu as palavras com todo o seu amor, cuidado e preocupação por Lena e despachou-as para ela, e, como pombos-correios, confiou que a encontrassem, e sentiu naquela noite que suas palavras manteriam Lena

em segurança, que, se ele pensasse nela e se importasse com ela e mostrasse isso ao universo, então coisas ruins não aconteceriam com ela.

Vaclav não estava pedindo a um deus onipotente para lhe conceder um

desejo. Estava despertando em si mesmo as próprias e verdadeiras emoções, seus puros sentimentos, e impelindo-os, parindo-os no universo, dando asas a uma poderosa energia que ele acreditava poder

fazer o que ele, sendo criança, era incapaz de fazer.

Daí em diante, toda noite, com desvelo, ele enviava ao universo seu boa-noite para Lena e, a cada noite desde então, ele achou que, se não

tomasse essa precaução, se a esquecesse ou negligenciasse ou não fosse

153

sincero em seu desejo, em sua mente ou em seu coração, a boa noite

poderia não vir para Lena, e isso significaria que Lena teria uma noite

ruim, e para Vaclav isso significava que a vida dela poderia estar em perigo.

— Você sabe o que aconteceu com ela? — pergunta Vaclav.

— Não — diz Rasia.

Isto é e não é verdade. Rasia tem uma ideia do que aconteceu com Lena e do que estava acontecendo com Lena, mas não sabe o que pode ter

acontecido com Lena depois, nos anos que se passaram. Sabe que Lena foi

levada pelo Serviço de Proteção à Criança, mas não sabe para onde. Rasia

também não tem noção do que pode significar ser levada pelo Serviço de

Proteção à Criança além do que viu na televisão.

— O que aconteceu naquela noite? — Vaclav pergunta.

— Eu não sei disso — diz Rasia, e baixa os olhos para sua salada com pedaços de frango grelhado em cima.

Ela não quer responder a essas perguntas. Rasia sempre imaginou a hora em que Vaclav iria querer saber o que aconteceu com Lena.

Imaginou a si mesma sentada sossegadamente numa casa de idosos.

(Oleg? Morto, é claro. Ela não está sendo maldosa, só sincera. É o que os

homens fazem, eles morrem muito antes das mulheres. É a ordem das

coisas, para que as mulheres possam finalmente descansar.) Vaclav iria

visitá-la num lindo dia de verão, trazendo os netos, e eles dois estariam

olhando para a praia, onde os netos estariam brincando na areia (a casa

de idosos seria aquela simpática em Coney Island, claro), e Vaclav diria:

—Mamãe, sei que foi há muito tempo, mas será que pode me contar o que

aconteceu com aquela garotinha com quem eu costumava brincar?||  
E ela

154

diria que estava surpresa por ele se lembrar daquilo, fazia tanto,  
tanto

tempo; quem diria que ela agora fosse avó, e a garotinha, a mãe  
refrescaria a memória do filho, o nome dela era Lena, e então ela  
poderia

contar-lhe a história com doçura nos olhos enevoados, marejados,  
porque

teria acontecido num lugar distante, tanto tempo atrás.

Mas isso agora, isso é real demais. É o mesmo lugar, o mesmo

bairro, nada aconteceu desde então, nada sarou, isso ainda é ruim,  
e falar

sobre coisas ruins não é bom.

— Mamãe, você não quer me contar o que aconteceu naquela noite?

— insiste Vaclav.

— Não me lembro dessa noite — diz ela.

— OK, gostaria que você se lembrasse — diz Vaclav, com a voz  
mais gentil possível.

— Olhe aqui... — começa ela.

— Tudo bem — diz ele.

— Você só está pensando nisso porque hoje é o aniversário dela, daqui a três dias não vai mais lembrar — diz Rasia, e toma um grande gole de água.

Vaclav sorri, porque essa declaração é uma afirmação e uma promessa. Claro que Rasia se lembra.

— É. OK — diz Vaclav. E espera, três garfadas. — Como foi o trabalho hoje?

— Ufa — resmunga Rasia. — Ufa. — E balança a cabeça como se dissesse: —Hoje foi o dia mais horrível que qualquer pessoa que trabalha em qualquer escritório jamais experimentou, as atrocidades que

155

presenciei você nem imagina, mas vou lhe contar só um pedacinho do

meu dia para lhe mostrar que horror, e fique sabendo que não estou me

referindo à pior parte, isso porque quero poupá-lo de um sofrimento que

só eu sei como é.|| — Bárbara, sabe quem é Bárbara, aquela que está

sempre faltando um dia aqui e outro ali dizendo que está doente e

voltando para trabalhar no dia seguinte com uma caixa de lenços de papel e o cabelo arrumado com uma permanente nova? Pois hoje ela foi

trabalhar, e ontem tinha de cuidar de uma pilha inteira de encomendas,

mas o dia todo escutei ela falando ao telefone, conversando sem parar,

sabe-se lá com quem, mas provavelmente com os homens daquela coisa

on-line sobre a qual ela sempre fala, que é para marcar encontros com

homens judeus, não que isso seja uma coisa ruim, mas na internet todo

mundo sabe que existe um monte de perversos. Por que uma mulher

iria querer se atirar naquela cova de serpentes, eu não sei. Seja como for,

ela não fez nada com aquela pilha de encomendas...

Enquanto Rasia fala, fala, Oleg adormece um pouco, roncando à

mesa, o ar retorna sorrateiro ao ambiente, devagar, sem ruído, e as coisas

parecem normais, exceto pelo fato de que há uma nova ternura que

Vaclav e Rasia sentem um pelo outro, porque ela disse a ele, embora lhe

fosse difícil e ela não quisesse falar, que ainda pensa em Lena, que se

lembra do aniversário dela, e assim garantiu ao filho que não só se lembra

de Lena, que pensa nela, que pensou nela naquele dia mesmo, mas que

numa boa hora, na hora certa, vai contar a ele.

Além disso, Vaclav sente uma nova proximidade entre ele e Rasia porque descobriu que algo que é grande em seu coração também é grande no coração dela.

156

## **UMA LISTA PARA DEPOIS DO JANTAR**

Depois do jantar, Rasia e Oleg assistem a programas da televisão russa no grande sofá de couro preto da sala de TV. Vaclav senta-se no

chão com as pernas esticadas à frente e seu fichário da escola no colo. Está

estudando para a prova de física, mas tem consciência de que possui uma

base sólida da matéria, por isso está revisando as fórmulas de que precisa

saber só para memorizar os pequenos detalhes, para garantir. Vaclav tem

uma ótima média em física; é sua matéria favorita.

Numa folha de papel pautado, Vaclav testa a si mesmo, copiando as fórmulas que decorou para a prova. Enquanto faz esse trabalho, sua

mente vagueia uma porção de vezes de volta para Lena. Vaclav precisa ir

para seu quarto, ficar sozinho, pensar em Lena, e para ele isso é uma

coisa fantástica — como ler uma história de mistério que não deixa a gente se concentrar em nenhuma de nossas tarefas cotidianas, e só se quer

voltar para o livro, se quer passar o tempo apenas no mundo daquele

livro e ver o que vai acontecer.

No quarto, Vaclav se deita na cama em cima das cobertas todo

vestido, e percebe que isso lhe proporciona uma sensação especial, pois é

algo que raramente faz. Uma sensação de entrega, perfeita, deitar-se na

cama por cima das cobertas e pensar em Lena.

Ele pensa em como deve ser a aparência dela. Isso é difícil, porque

ele nem se lembra realmente de como Lena era quando ele a conheceu.

Pensa em como deve ser o som da voz dela, mas é difícil lembrar-se da voz de Lena. Ele acha que é porque Lena raramente falava quando a

157

conheceu. Lembra-se dela falando coisas, mas não consegue ouvir sua

voz.

Lena está fazendo 17 anos hoje. Deve estar mais alta. Vaclav tenta imaginar se ela é alta ou baixinha; era baixa quando a conheceu, muito

menor do que as outras crianças da idade deles. Pode ainda ser baixa.

Vaclav se pergunta qual deve ser o penteado que ela usa. Pode usar rabo

de cavalo, ter cabelo curto ou usar franja. Vaclav se dá conta de que ela

pode ter piercings no nariz ou ter descolorido o cabelo para pintá-lo de

rosa. Pode ser gorda ou usar botas grandonas e pesadas, ou usar camisetas decotadas com a palavra —princesa|| escrita no peito, e agora

Vaclav percebe que há muitos anos entre eles, que os dois podem ter se

tornado pessoas diferentes.

Ela pode ser o tipo de garota com quem ele jamais falaria, uma garota que escuta música ruim, que só conversa com os jogadores de futebol ou que sai para fumar na hora do almoço.

Tentou encontrá-la no Facebook, mas na última vez que verificou havia 193.000 garotas chamadas Lena, e nenhuma com o sobrenome dela.

Quando percebeu que ela poderia ter outro sobrenome, desistiu; estaria

procurando por uma menina com um nome, sem sobrenome e morando

em qualquer lugar.

Lena poderia já ter carteira de motorista. Poderia ter um namorado.

Lena provavelmente está falando inglês muito melhor. Lena

provavelmente já tem seios. Vaclav percebe que nos últimos sete anos ele

manteve Lena pequena, ele a manteve da mesma idade, e que agora, no

aniversário de 17 anos dela, ele finalmente a está deixando crescer e ela

está se afastando dele. A única Lena que Vaclav tem é a Lena de sua

lembrança; a Lena real é alguém que ele não conhece, alguém de quem

pode não gostar. Deitado na cama, sente que Lena lhe escapa e pensa que,

pela primeira vez, pode ser que hoje não dê boa noite a Lena. E de repente a sensação é assustadora, e também agradável e libertadora.

Vaclav tenta pensar no que pode significar não dar boa noite a Lena. Faz uma lista:

#### NÃO DAR BOA NOITE A LENA: PENSAMENTOS

Há sete anos dou boa noite a Lena

Isto significa que devo continuar

Também significa que deveria parar

O que vai acontecer se eu parar

Talvez nada

Talvez Lena morra

A última linha da lista surpreende Vaclav, porque ele nunca quis admitir para si mesmo nem para mais ninguém que pensa que Lena vai

morrer se não lhe desejar boa-noite.

É uma bobagem de se pensar, mas Vaclav se pergunta se Lena vai mesmo morrer caso ele não lhe dê boa noite. Ele não tem certeza.

Vaclav então percebe que nunca saberá se desejar boa-noite a Lena teve algum resultado porque muito provavelmente ele nunca mais a verá

e, ainda que veja, nunca terá nenhuma prova de que seus votos de boa-

noite a mantiveram segura.

159

## LENA DESCONHECIDA

Vaclav ainda está tentando decidir o que fazer com relação ao boa-noite, e sente que, se disser boa noite hoje, terá de dizer boa noite para o

resto da vida, porque se decidir dizer hoje não vai conseguir parar nunca

mais, porque parar vai significar que ele é responsável por algo de ruim

que aconteça a Lena. Se não disser hoje, estará correndo um risco muito

grande, mas nunca mais o dirá. Além disso, teme que se não disser isso

hoje estará abandonando Lena, mas também sabe, por causa do que

pensa sobre Lena, que Lena já se foi.

Vaclav troca de roupa, veste calças de moletom. Dobra seus jeans e os coloca de volta na gaveta, depois se olha no espelho.

Decide que vai se deitar e não dizer boa noite a Lena. A cama está fria, ele sente seu corpo aquecer lentamente a cama, o edredom e o travesseiro sob a cabeça.

Ele se pergunta quando a noite se tornará aquela em que ele não

disse boa noite a Lena, porque naquele momento ele ainda pode dizer.

Vai contar quando ele pegar no sono ou só quando acordar de manhã e

não tiver dito? Receia por um instante que o diga sem querer; que, só de

pensar, ele vá pensar no boa-noite e isso conte.

Os olhos de Vaclav percorrem as paredes de seu quarto como se fosse um quarto novo onde ele nunca esteve antes. Fecha os olhos, apesar

de não estar com sono naquele quarto novo, onde tudo parece diferente.

Vaclav não diz boa noite a Lena, mas fica pensando. Pensando, pensando em algo que parece tão desconhecido para ele quanto os limites

do espaço sideral ou a face de Deus. Não, nem mesmo a face de Deus,

160

que uma pessoa pode tentar imaginar. Lena é agora tão desconhecida

para Vaclav quanto a sensação da pele nas dobras internas dos joelhos de

Deus, se é que Deus tem joelhos, que evidentemente é algo que ninguém

pode saber. Lena, para Vaclav, é um conceito inconcebível. Lena é infinitude. Lena é o universo em expansão. Lena é a parte mais profunda do oceano, onde nenhuma luz jamais esteve.

161

.

.

162

## **LENA ESTÁ NUMA CABINE DE BANHEIRA**

Lena não sente que está fazendo 17 anos. Mas tem aquela sensação gostosa de feliz aniversário, como se o dia tivesse um odor um pouco

diferente do odor murcho de todos os dias comuns. Este dia tem um odor

mais ensolarado, mais vivo, mais intenso, mais claro, mas Lena não se

sente com 17 anos, não da maneira como vê suas amigas se sentirem em

seus aniversários de 17 anos.

Lena não está empolgada com as novidades dos 17 anos, como poder dirigir, estar a um ano de poder comprar cigarros, de poder

comprar bilhetes de loteria, de poder ser a convidada de uma gravação ao

vivo do programa de David Letterman, de votar, da formatura do ensino

médio e da vida adulta.

O seu último aniversário que realmente pareceu ser um aniversário foi o de 9 anos, desde então ela entrou numa louca roda-viva, mal se

equilibrando, e, apesar de ter lembranças de estar sempre indo em frente,

de um ano e outro ano e mais outro ano e outro passando, sente que

ainda tem 9 anos e não chegou aonde deveria estar.

Já ganhou uma porção de presentes hoje, incluindo os seguintes:

*Novos diários, de Emi.*

*Vales-presentes de entradas para o cinema e um cartão da Hallmark cheio*

*de purpurina, dos avós.*

*Meias novas, de Emi.*

*Coleção de dez discos "indispensáveis" para melhorar sua formação musical, de Emi.*

*Pulseiras da loja que vende coisas tibetanas, de Olivia.*

*Cartão assinado pela assembleia de alunos.*

*Camiseta de aniversário enfeitada com tinta-relevo, de Perri e Faye*

*Exemplar de Franny&Zooey, de J. D. Salinger, velho e com aparência de usado,*

163

*com uma dedicatória: "Para minha verdadeira Franny da vida real, em seu 17º*

*aniversário", do namorado de Emi, Allen.*

*Coleção de vinte cartões de aniversário de personagens fictícios, mas na*

*realidade de Emi.*

*Caixa de material divertido de desenho, incluindo borracha limp-tipos e*

*canetas com pontas minúsculas, dos membros do clube de arte.*

Além desses presentes, o aniversário de Lena contou com muitas festividades de aniversário, balões amarrados em seu armário da escola,

um bolo com velas na hora do almoço e um aviso de aniversário pelo

alto-falante na hora da chamada.

Lena não tem a sensação de que hoje é seu aniversário porque Lena hoje não se sente uma pessoa. Essa não é uma sensação nova, é uma

sensação que sempre existiu, embora venha à tona e desapareça como seu

dente do siso.

Nos dias ruins, Lena acha difícil falar com os outros. Acha mais difícil ainda quando precisa coordenar uma reunião da assembleia de alunos ou do clube de arte, ou quando tem de incentivar seus companheiros de time no treino de futebol, mas ela dá conta do recado, um minuto de cada vez, fingindo.

Às vezes essas sensações são apenas incômodas, feito estar em uma

festa onde você não conhece ninguém direito e tem de pensar no que falar

o tempo todo. Outras vezes esses dias são muito dolorosos. Hoje está

sendo. O dia inteiro teve gente querendo desejar-lhe feliz aniversário, e o

dia inteiro falar com cada uma das pessoas foi como esfregar um pequeno

ponto dolorido dentro do próprio crânio. Aquelas conversinhas no corredor o dia todo foram descendo de mau jeito por sua garganta, foram

lhe subindo pelo nariz, eram como entortar o tornozelo num salto de trampolim, tudo isso uma porção de vezes seguidas.

Soa o último sinal do dia, o final da sexta-feira, o final da semana, e apesar de estar combinado que ela vai a um jantar de aniversário com um

monte de amigos que pediram dinheiro aos pais para ir comer sushi e

pagar a parte dela, Lena escapole para um banheiro considerado nojento,

um banheiro no corredor velho da escola, na parte que ainda não foi reformada, um banheiro que Lena e seus amigos evitam.

No corredor, todos se apressam para o fim de semana, para uma noite que ainda está quente como noite de verão. É sexta-feira, e o fim de

semana parece extenso, como um mar se alongando infinitamente.

Nesse banheiro há apenas duas cabines. A dos deficientes físicos, ao fundo, já está ocupada, portanto Lena entra na menor, larga sua mochila pesada no chão e senta-se no vaso. O nome LENA bordado em

sua mochila parece estrangeiro e completamente arbitrário. Seu nome,

sua identidade, num bordado branco sobre um fundo azul-marinho.  
O

*que pode ser mais simples do que um nome bordado numa mochila?  
Isto sou eu?*

Ela conta quatro pés na cabine ao lado da sua, e pode apostar que duas garotas estão fumando, por causa do cheiro e pelo silêncio que fizeram quando ela entrou.

Lena apoia a cabeça nas mãos, fixa o olhar no chão. Sente um consolo momentâneo ao fazer uma nova descoberta: haja o que houver,

sempre existirão banheiros, que sempre serão lugares particulares para

onde ela poderá fugir e sentir-se segura. Diz a si mesma que pode ficar na

cabine para sempre. Dentro de sua cabeça, ela diz Lena, você nunca mais

precisa sair deste banheiro. Lena são duas pessoas. Uma que se consola

ouvindo que nunca mais tem de sair deste banheiro e a segunda, que a

165

consolou ao dizer Você nunca mais precisa sair deste banheiro. Lena decide conversar diretamente com a pessoa número dois. Por acaso essa

pessoa consoladora acredita que, uma vez consolada, a primeira pessoa

logo estará pronta para sair do banheiro? Sim. Tendo sido acalmada,  
a

primeira pessoa estará pronta para enfrentar o mundo. Sendo assim,  
a

segunda pessoa precisa permanecer distante da primeira, que  
deseja

nunca sair do banheiro. Então surge uma terceira pessoa, uma Lena  
número três, capaz de interrogar as outras duas e tirar conclusões, e  
depois outra ainda, capaz de fazer essa observação. Lena sente suas  
várias pessoas se multiplicarem, como quando alguém olha em  
espelhos

paralelos e vê a parte de trás da própria cabeça,  
surpreendentemente

desconhecida, numa espiral infinita.

Lena olha para uma marca no chão do banheiro entre seus sapatos.

Gosta daquela marca. A marca é ambígua, e Lena sente uma  
afinidade

com ela. A marca é uma sujeira no azulejo ou parte do desenho  
salpicado

do azulejo que visa esconder a sujeira? Não esconde a sujeira:  
torna-a

ambígua. Essa marca é sujeira ou é só uma marca? O azulejo não  
tapeou

Lena fazendo-a pensar que o chão está limpo, nada disso. O chão está

sujo e feio. Lena pondera se vai se lembrar dessa marca para sempre.

Parece-lhe a marca mais importante que já viu na vida. Está encantada

com ela. Fecha os olhos e tenta visualizá-la. Pergunta a si mesma o que há

naquela marca que a deixa tão maravilhosa, capaz de atrair seu olhar, que

a destacou entre todas as outras. Pensa que talvez seja a primeira pessoa a

prestar atenção àquela marca, reconhecê-la, percebê-la em toda a sua

especificidade.

Por acaso a marca se percebe como marca? Não, certamente não. O

que agrada a Lena, ela percebe, é a especificidade inconsciente da marca.

Lena tem ímpetos de escrever essa frase; parece-lhe tão brilhante, parece

166

expressar algo que ela vem querendo expressar. A especificidade

inconsciente da marca. Embora a frase lhe surja nitidamente aos olhos,

embora ilumine novos e excitantes espaços em seu cérebro, Lena não tem

certeza se vai se lembrar dela. Pergunta a si mesma por que não confia

em sua memória aos 16 anos. Dezesete. Ela tem 17. Conclui que não

confia na própria memória. Lembra-se de todas as funções

trigonométricas, a diferença entre mitose e meiose, todas as preposições

da língua inglesa. Sobre, sob, após, contra e assim por diante. Não se trata

de um problema de memória. O problema são as enormes lacunas entre

suas múltiplas pessoas. Ela se preocupa porque acha que vai perder a

pessoa que observou a marca. Quando falar novamente, quando sair do

banheiro (não, não pense nisso, shhhh), vai perder essa pessoa e com ela a

marca. Decerto existiram antes outros momentos como este, outras

marcas, mais importantes e bem menos importantes. Lembra-se

vagamente de ter pensamentos sobre estar num determinado momento,

sobre estar conectada a um cenário específico. Tem até vagas lembranças

de dizer a si mesma para não esquecer. Não se lembra, no entanto, das

marcas específicas. Decide passar a lembrar de todas as marcas específicas de sua vida, começando com aquela ali. Decide que as marcas

são as chaves para viver como uma pessoa completa, não como uma

pessoa desconjuntada e enigmática feita de muitas pessoas tentando se

disfarçar como apenas uma. Ela abre sua mochila para procurar um pedaço de papel em que anotar esse plano.

— Lena?

Uma das garotas que está na cabine dos deficientes físicos chama o seu nome.

— Lena?

167

É preciso dar uma resposta, e agora a cabine não é mais segura. Ela tem de responder, porque isso faz parte do fingimento de ser uma pessoa

só em vez de várias encarando uma marca. Não responder denunciaria a

situação. Uma das pessoas de Lena está perguntando a algumas das

outras pessoas: —Qual é a sua situação?|| O conglomerado de pessoas não

está muito certo sobre qual é a situação, mas sabe que essa incapacidade

de dar uma resposta é um sinal de que as pessoas não estão funcionando

como uma só, não o suficiente. Pelo menos uma das pessoas de Lena se

preocupa com o fato de, caso não responda, poder dar às garotas fumantes motivo para se preocupar com ela. Uma outra pessoa de Lena

acha que deixá-las preocupadas sobre a sua situação pode ser uma boa.

Mas essa ideia deixa uma outra pessoa em pânico, e reúne um forte contingente pró-resposta, pró-fingimento. Outras pessoas assistem ao

tumulto.

— Lena?

Lena tem certeza de que os outros não têm muitas pessoas em si.

Apavora-a não ter uma pessoa central, uma Lena essencial. Acha que já

teve, mas que a perdeu no caminho, que a certa altura ela ficou enterrada,

sufocada e morreu, porque quando ela olha para além do burburinho das

peessoas, não há nada. Talvez a sensação de estar fraturada esteja predominando porque algo morreu dentro dela, ou está faltando.

— Lena?

A voz, outra vez. Lena começa a falar baixinho para si mesma: —Se temos a capacidade de tomar decisões sobre revelar ou não nossa situação, então agora, em especial, não é hora de discutir qual é a situação. O que quero dizer é que se temos a capacidade de decidir, então

ainda estamos no controle, e devemos exercer esse controle.||

168

— Lena? É você? Está tudo bem?

Lena sente novamente o espelho atrás de sua cabeça e vê a

multiplicação infinita, e essa sensação é desagradável. O espelho atrás de

minha cabeça, ela pensa, está anuviando meus pensamentos. Será que

todo mundo tem tantas pessoas assim dentro de si? Será que todo mundo

só alinha artificialmente as pessoas? Se você se aprumar e olhar reto, não

verá os infindáveis reflexos de si mesmo no espelho porque sua cabeça os

encobrirá. Será esta a solução, ou a solução é a variedade de pessoas?

— Lena? — Dessa vez a palavra Lena (Seu nome? Que estranho ter um nome! Ser Lena!) está sendo pronunciado por lábios, lábios num rosto, e esse rosto está flutuando numa cabeça flutuante presa a corpo

nenhum que apareceu invertida sob a divisória entre a cabine de Lena e a

cabine ao lado.

— Oi, Serena — respondem algumas das suas pessoas interiores, as outras se enfileiram atrás e as coisas começam a se ajeitar um pouco.

Serena está abaixada e curvada para espiar dentro da cabine de Lena.

Serena se levanta e se transforma em pés novamente.

Lena aguarda.

— É ela mesma — diz Serena para o outro par de pés da cabine. Então sua cabeça reaparece sob a divisória.

— Você está bem?

Lena olha para o rosto de Serena. A cabeça dela está muito mais

baixa que seu coração. A maneira como ela se curva e olha para  
Lena

provoca coisas esquisitas no seu rosto. Uma grande veia salienta-se  
na

testa, e ela está usando delineador preto em todo o contorno dos  
olhos.

169

Algumas pessoas usam delineador para fazer alguma coisa, para  
fazer os

olhos parecerem mais bonitos ou, sei lá, para ficarem sensuais, mas  
Serena parece usar delineador só para usar muito delineador. Talvez  
queira apenas parecer mais velha.

— Você está bem? — ela pergunta outra vez. Lena está admirando  
a coragem de usar muito delineador só por usar. Lena percebe que  
não

faz coisa alguma só por fazer, e fica desapontada consigo mesma.  
Nem se

permite falar um palavrão em voz alta só por falar.

— Estou preocupada com a veia na sua testa — diz Lena. Isso é tão  
sincero que Lena nem sequer notou que estava sentindo, a sensação  
veio

à tona e foi articulada no mesmo instante.

— Você está preocupada com a minha veia? — pergunta Serena.

— Vocês estão fumando aí dentro? — Ela não se encabula com o tom rígido que usa na palavra fumando, geralmente pronunciada com

certo desconforto. Talvez nesse exato momento consiga até falar *menstruação, vagina, puberdade e umbigo*.

— Estamos. Desculpe. Quer um cigarro?

— Quero. Obrigada. — Mais uma vez, ela respondeu com franqueza e sem pensar, sem planejar. Lena não costuma dizer exatamente o que pensa sem aferição, e nunca fumou um cigarro antes.

— Quer vir para cá? Tem espaço. É a cabine dos deficientes físicos.

— Não — diz Lena. Serena passa um cigarro para ela por baixo da divisória, depois passa um isqueiro.

— Não sei fazer isso — confessa Lena, sem se envergonhar, apesar de ter consciência de que isso não é legal.

170

— Destranque a porta — pede Serena. Lena estende a mão e tateia buscando a tranca, mas mantém os olhos fixos na marca. Os pés de Serena entram em sua visão periférica, depois os pés se cruzam, e o traseiro de Serena está no chão, e agora o corpo inteiro de Serena está em

sua visão periférica. Lena grava as coordenadas da marca em sua memória. Lá está. No canto daquele azulejo imitando linóleo. Não no que

está em parte nesta cabine e em parte na do lado. No primeiro azulejo da

esquerda que pertence apenas a esta cabine.

Lena transfere seu foco da marca para o rosto de Serena. Serena tira

o cigarro da mão de Lena e o acende, depois o devolve a ela.

— Inale só um pouquinho, não muito — diz Serena.

— Não vou fumar. Só quero segurar e dar aquelas batidinhas —

Lena conta a ela.

— OK — diz Serena. Lena olha para o rosto de Serena. Há uma

porção de coisas acontecendo em todo ele. Há o delineador, que é preto, e

a base nas faces que a deixa muito mais pálida do que é realmente. O

cabelo está preso em marias-chiquinhas mas também há uma porção de

trancinhas e vários prendedores pequenos nele todo. Além do mais, as

sobrancelhas são propositalmente muito finas. Fora isso, tem exatamente

o mesmo rosto que tinha quando Lena entrou na escola, quando as duas

tinham 9 anos, e Serena usava uns jeans ridículos da moda como todo

mundo, antes que todos se tornassem um tipo de pessoa, quando estavam tentando aprender matemática e não fazer xixi nas calças.

Lena quer dizer isso a Serena, como o rosto dela continua o mesmo, por ser interessante, mas tem medo de que Serena se incomode, de que

leve para o lado errado, porque pelo jeito ela quer parecer adulta. De

repente, Lena não está sendo sincera; não está dizendo tudo o que pensa.

171

Lena sente uma súbita e extraordinária tristeza por esse espaço entre elas,

entre todas as pessoas. Todo mundo está preocupado, e todo mundo está

usando alguma coisa intencionalmente, mas ninguém quer que os outros

percebam, e ninguém quer que os outros comentem. Todo mundo quer

sair por aí como se fosse um super-herói, que veio ao mundo já pronto;

ninguém quer reconhecer que está constrangidamente criando a si mesmo, mas todo mundo está. Todo mundo está, pensa Lena.

— E aí, por que está pirando? — pergunta Serena.

— Acho que é porque encontrei essa marca no chão. É inconsciente e específica.

— Sei — diz Serena, balançando a cabeça.

Lena se espanta que Serena pareça compreender. Depois Lena pensa que ela pode estar apenas concordando para ser legal, mas que

talvez haja 50% de chance de que Serena compreenda mesmo, e então

Lena percebe que ela própria não está 100% certa se compreende a marca,

mas gosta da maneira como Serena apenas balança a cabeça e diz —Sei||.

No entanto, talvez a especificidade inconsciente seja óbvia para todos, e

Serena sempre soube disso, e só Lena tenha acabado de descobrir. Não

seria a primeira vez que Lena se espanta ao descobrir algo que todo mundo já sabia.

— E também — acrescenta Lena, só percebendo que há um

—também|| quando a palavra vibra pelo ar do banheiro — porque é meu

aniversário e não sei nada sobre quando eu nasci.

Lena percebe que precisa explicar, que deveria apenas ir em frente e contar a Serena o principal sobre sua história, o que condensa tantas

outras coisas, mas que de modo geral poderia ser chamada de:  
—Não sou

172

igual a todo mundo, e a primeira parte da minha vida é um emaranhado

louco e espinhoso.||

— Fui adotada quando tinha 9 anos... — começa Lena.

— Eu sei — Serena interrompe. — Desculpe, continue — diz.

— Todo mundo sabe disso? — pergunta Lena. Todos os seus amigos sabem, mas está surpresa por Serena, que é meio excluída socialmente, e com quem nunca teve uma conversa significativa até este

momento, saiba também. Mas agora Lena pensa, Ah, claro, ela sabia de

coisas estranhas sobre todo mundo, coisas que as mães contam umas para

as outras; essas coisas simplesmente correm. A criança que tinha um

irmão autista, ou a outra cujo pai traiu a mãe, ou aquela cuja mãe foi

modelo, ou a que tinha um tio que cometeu suicídio, todo mundo sabe.

— É, acho que todo mundo sabe. Quer dizer, parece legal, entende?

Deixa você mais interessante, ou misteriosa.

Enquanto Serena fala, Lena começa a pensar nos mistérios da própria vida, que parecem inextricavelmente ligados ao seu ego perdido.

Talvez o fato de haver tantas coisas faltando em sua história, coisas que

ela tem tido medo de descobrir, talvez seja essa a chave para encontrar a

parte dela que aparentemente se perdeu, se entorpeceu, morreu ou pior.

— É, acho que é misterioso mesmo. A primeira parte inteira da minha vida é um mistério, e acho que não quero mais que seja.

# OS PAIS QUE DESAPARECERAM

## E A MENINA QUE NÃO

173

Lena não sabe onde nasceu. Num prédio invadido em Moscou?

Num prédio residencial em Brighton Beach? Alguém sabe — os pais de

Lena, onde quer que estejam, certamente sabem —, mas Lena não. Tudo o

que Lena sabe é que apareceu no Brooklyn, muito pequena e sem pais.

Como foi parar em Brighton Beach é um mistério.

Lena tenta imaginar o que aconteceu. Seus pais vieram da Rússia e ela nasceu no Brooklyn ou ela nasceu na Rússia e eles a trouxeram para

cá. Depois, ou eles voltaram para a Rússia e a abandonaram ou ainda

estão em algum lugar dos Estados Unidos. Seja como for, deixaram Lena

em Brighton Beach e desapareceram. Lena não desapareceu. Ela é a menina que não desaparece mas fica para trás, lamentavelmente, como

uma mancha escura. Os pais de Lena vão embora e deixam Lena para

trás. Com uma babá? Olhe, tome conta da criança por algumas horas, está

bem? Da? Na soleira de uma porta? Num saguão? Com o porteiro?

Talvez pretendessem levá-la, prepararam sua bagagem toda, todas as

coisas pequeninas dos bebês, fraldas, chupetas, mamadeiras, roupinhas,

livros para a hora de dormir, e só perceberam quando já era tarde demais,

quando o avião voava por cima do oceano Atlântico, dando tapas cômicos na testa, —O bebê! Esquecemos o bebê!||.

Lena tenta formar uma imagem; tenta entender como acabou

chegando aonde chegou. Talvez algo tenha acontecido a seus pais, novos

imigrantes, e eles tentaram arranjar alguém para tomar conta dela. Ela

imagina que haveria parentes distantes por todo lado. Talvez seus avós

ainda estivessem na Rússia. Os parentes, contentes por poder partilhar a

vodca e as novidades para estreitar as relações (Somos primos de 3º grau

com diferença de duas gerações, mas crescemos como irmãos!),

começaram a se afastar (Primos de 4º grau. Só pelo casamento, que não

174

durou. Nem ao menos parentes de fato, mas ficaríamos com a menina,

com toda a certeza, porém, com a situação apertada como está, com os

preços das coisas, educar uma criança que nem é da família, e onde está a

família dela? Eles deviam assumir essa responsabilidade!), e ninguém a

quis. Lena passou de mão em mão, de um lado para o outro, e aprendeu

que era um fardo, e se tornou calada, se manteve em segundo plano,

observando, sem querer incomodar, e isso não era simpático, e as pessoas

sentiam o silêncio dela como se fosse um barulho, e sua pequena presença

sombria, seu rosto sério, como uma pedra em seus estômagos, e não a

queriam por perto.

Lena não sabe como foi deixada sob os cuidados de uma mulher

com quem não tem nenhum parentesco, mas no gel das lembranças mais

remotas de Lena ela está morando com Radoslava Dvorakovskaya, a quem ela chama de Vovó mas que não é sua avó.

## **LENA FAZ UMA MANCHA NA VIDA**

## **DE RADOSLAVA DVORAKOVSKAYA**

No verão em que Lena completaria 5 anos, já vivia com Radoslava desde quando era capaz de lembrar. Lena estava enclausurada sozinha

num pequeno prédio residencial cheio de senhoras idosas baixinhas num

bairro russo chamado Brighton Beach, que estava cheio de russos, no

Brooklyn, que estava cheio de imigrantes. As senhoras idosas eram todas

parecidas; eram variações de um tema, com seus panos na cabeça e seu

aparato médico para andar lenta e penosamente até a mercearia a fim de

buscar quantas sacolas de compras fosse necessário. Necessário para quê?

Necessário para dar finalidade ao dia. Necessário para comprar cebolas

175

na banca da esquina da avenida Ocean, porque as cebolas do

supermercado custam dois centavos a mais o quilo. Um crime, quando do

outro lado da rua se encontra cebolas ótimas por dois centavos a menos.

Quem eles pensam que são, esse pessoal do supermercado? As senhoras

idosas não são fáceis de enganar.

Elas vão à banca comprar as cebolas boas e voltam. No dia seguinte, vão ao açougue. Todas as senhoras se arrumam para ir ao açougue, vestem uma roupa especial que possuem. Passam no rosto a

esponja com base de maquiagem de uma cor que não combina com nada,

ou que talvez combine com o tom de pele de uma fotografia de 1934.

Depois passam ruge por cima e lambuzam com batom a área aproximada

dos lábios, batom esse que sempre parece escapar dos lábios e avançar

pelo rosto através dos sulcos fundos em torno da boca. Para ir ao açougue, algumas mulheres até soltam o cabelo dos rolinhos. Para ir ao

açougue, estão vestidas, caprichadas e cheirando a um perfume que diz:

—Estou usando perfume; é de um vidro de perfume; botei esse perfume

hoje de manhã, antes e depois de enfiar minhas meias-calças de alta compressão.||

Radoslava sempre dizia a Lena que o açougueiro era igual a todos os outros homens, em qualquer lugar. O açougueiro, dizia ela, tem o que

você precisa e sabe que você vai pagar. Ele sabe que você está com fome,

mas que vai fingir que não está. Ele sorri para você, chama-a pelo nome,

que soa tão bem na sua boca forte, doce, masculina, mas ele vai roubá-la

e, se você não tomar cuidado, dará o que é seu para outra mulher, portanto tenha cuidado. Como todos os homens! Mas se você quiser o

que é seu, então sorria para ele, mostre-lhe que você conhece carne, que

não é insistente, que confia nele (mas nunca confie). Pergunte a si mesma,

Radoslava dizia a Lena, ele está lhe dando uns cem gramas a mais sem

176

cobrar? Está lhe dando a parte sem gordura? Está lhe dando a carne mais

fresca ou as sobras de ontem, ressecadas? Se não está dando a melhor

parte para você, a quem está dando?

Radoslava era igual a milhões de outras senhoras, perambulando com suas shmatas pelas calçadas de Brighton Beach, fazendo compras,

esperando para morrer no Novo Mundo, onde suas filhas desfrutavam de

um saudável e próspero mercado capitalista e enfeitavam as unhas de

acrílico com pedras preciosas de plástico.

Radoslava Dvorakovskaya gostava de se sentir especial porque sofria mais do que a maioria. Fazia questão de sair o mínimo possível do

apartamento. Contava às amigas, as outras senhoras que apareciam para

tomar chá com biscoitos, que tinha pavor de ser assaltada por uma pessoa

negra. Ou até por um dos filhos delas, que eram tão desrespeitosos e

cometiam tantos crimes que não se sabia mais em quem confiar. Também

dizia que tinha pavor de cair e quebrar o quadril como a Sra. Galipova,

que agora não podia mais cuidar de si mesma e por isso seus filhos a

havam posto naquela casa de repouso, que era pior do que o inferno. Ou

que tinha pavor de ser atropelada e morta por um daqueles horríveis motoristas de táxi. Eram essas as razões.

A verdadeira razão por que Radoslava Dvorakovskaya não saía era porque era preguiçosa, gorda e não gostava de andar. Sempre fora assim;

sempre fora uma pessoa insensível e imprestável; quando criança, era

preguiçosa e rancorosa, e a idade dera-lhe belas desculpas para fazer

exatamente o que sempre quisera. Queixava-se de que ser velha era um

horror, uma vergonha, e se lamentava sobre como era medonho, mas na

verdade, sinceramente, a velhice era para Radoslava um sonho que se

tornara realidade.

177

E ainda por cima havia Lena. Lena estragava tudo. Isso não era segredo. Radoslava Dvorakovskaya gritava com a menina em russo:

—Yelena! Estou velha e estou morrendo, e você estragou meus últimos

anos de paz.|| Havia em geral outras pessoas por perto, pois Radoslava

Dvorakovskaya recebia muitas visitas. Lena estava sempre presente. Lena

era tímida e quieta, e não fizera amizade com as outras crianças do grande prédio residencial nem da rua. Tinha pavor dessas crianças, que já

se conheciam, que corriam para todo lado, gritavam e faziam muito barulho. Não conseguia se imaginar interagindo com elas. Quando ela e

Radoslava Dvorakovskaya saíam do prédio para fazer compras na mercearia, ir à lavanderia ou mandar e receber correspondência, Lena

agarrava-se às pernas de Radoslava, segurando a barra de seu vestido,

quase grudada nos seus vastos flancos macios. Radoslava Dvorakovskaya

dava-lhe tapas como uma vaca bate com a cauda nas moscas.

Lena estava brincando no tapete felpudo no dia em que mais se lembra de ter ouvido falar sobre sua mãe. Costumava deitar de barriga

para baixo nesse tapete, que era verde, e imaginar que estava numa

floresta exuberante, ou numa selva, e fazia seus dedos andarem através

da mata de pelos, exploradores pequeninos, pálidos e roliços numa floresta de macarrão. Seus dedos conversavam uns com os outros ou

simplesmente exploravam, evitando os perigos à espreita. Devia haver

tigres lá! Até leões! Ou aquelas panteras negras!

Enquanto Lena brincava no tapete, Radoslava Dvorakovskaya

estava sentada a poucos metros de distância, à mesa da cozinha, com as

amigas que vinham lhe fazer companhia e compadecer-se dela. Fumavam

e tomavam chá, serviam-se da pilha de doces secos colocada no meio da

mesa, mexericavam e se lamuriavam em russo.

178

— Por que não pode dá-la para outra pessoa? Por que tem de carregar esse fardo?

Quem falava assim era a Sra. Yablokov, sentada à mesa com

Radoslava Dvorakovskaya nesse dia, cujo marido estava vivo, e cujos

filhos estavam no ensino médio, eram bonitos e, segundo a Sra. Yablokov,

estudavam para serem doutores. A Sra. Yablokov não trabalhava, o que

era raro, mas ia a todos os apartamentos para contar histórias tristes de

outras pessoas e ficar perturbada por causa delas. Sua vida era muito

difícil e ela sentia tanto a dor dos outros que sempre precisava partilhá-la

com todo mundo, então tomava um pouquinho da dor de todos e falava,

falava, falava, para ter certeza de que todos estavam sempre conscientes

do sofrimento alheio.

Se você caísse e torcesse o tornozelo, ela lhe contava sobre a vizinha

que morrera dormindo.

— Acha isso ruim? Devia ver a Malka. Sente tanta dor que nem

pode se mexer! Um tornozelo torcido, que falta de sorte. É muita dor. Isso

é a vida. Não é um horror? É, é um horror. Ah, nem aguento, é um

horror. E você consegue se vestir? Eu já imaginava que não. Que horror,

ah, coitada, como sinto por você. Que tristeza.

A Sra. Yablokov fazia a pessoa se sentir pior. Fazia a pessoa se

sentir pior com relação a este novo país, com seus perigos e mistérios, e

com relação ao país antigo que se deixara para trás, o país de que se

sentia falta como se fosse um marido grosseiro, porque ao menos se sabia

toda noite o que esperar.

— Olhe para ela? O que está fazendo no tapete? Pode ser retardada

— dizia a Sra. Yablokov, e neste ponto Lena começou a escutar, porque

estavam falando sobre ela.

179

— Sabe-se lá que drogas a mãe usava. Ou o pai! Vai saber!

Lena não sabia o que eram drogas. Estava incrivelmente confusa a respeito de drogas, na realidade, porque vira os cartazes em russo dizendo para não usar drogas, e mostrando imagens de pessoas loucas

desvairadas, ou muito doentes, ou roubando coisas. Dava para ver que

eram pessoas ruins pela maneira como haviam sido desenhadas.

Portanto, drogas eram para pessoas ruins.

E no entanto ela e Radoslava Dvorakovskaya iam sempre à

drogaria, e o que Radoslava comprava lá então eram drogas, que um

homem vendia para ela, mas aquilo não se parecia com as coisas do cartaz, não parecia que aquele homem fosse mau ou que Radoslava fosse

ruim. Talvez não houvesse problema em usar drogas se a pessoa fosse

velha, só se fosse jovem como Lena. Isso fazia sentido. A mãe de Lena

usara drogas e era errado porque ela era jovem.

— Tão jovem! — gemia Radoslava. — Crianças trazendo crianças ao mundo! Um horror. E sem serem casados. Não é de admirar.

E assim Lena ficou terrivelmente confusa sobre sua mãe, que era uma criança que usava drogas, que não era casada e que fora embora.

Teria morrido? Lena não sabia. Tinha medo de perguntar.

— Lena! Nosso chá está frio. Você faz chá novo. E não forte dessa vez. Estou fraca e não posso fazer meu coração disparar.

— Está bem, Babushka. — Lena sempre chamou Radoslava

Dvorakovskaya de Babushka, Vovó. Era o único nome que Lena tinha para chamá-la, embora não acreditasse que Radoslava fosse a mãe

verdadeira de sua mãe. Se Radoslava fosse mãe da mãe de Lena não

falaria dela da maneira como falava.

180

— Como um cão vadio, ela foi criada como um cão vadio. Portanto, quem pode se admirar que ela tenha se agachado e posto no mundo essa

vira-lata neste país de vira-latas e depois dado no pé? Yelena! Meu chá

está esfriando. É o mínimo que você pode fazer, não acha?

Lena ia buscar o chá e pensava, *Ah, a vira-lata sou eu. Queria saber o*

*que é uma vira-lata. Minha mãe é o cão vadio que deu no pé. Como é que este país*

*é de vira-latas? O que é uma vira-lata?* Essa mulher, pensava *Lena, não é a*

*mãe da minha mãe, ou então não diria que minha mãe foi criada como um cão*

*vadio.*

Com 4 anos, Lena era muito boa fazendo chá para sua babushka.

Puxava uma cadeira da mesa e a encostava no fogão, de onde pegava a

chaleira, enchia de água, recolocava em cima do queimador cheio de

crostas, acendia o fogo, sentava-se na cadeira e esperava o apito da chaleira soar. A parte mais difícil era servir o chá, porque a chaleira era

pesada e em geral a primeira água que saía do bico inclinado da chaleira

não acertava a xícara e respingava nos tornozelos dela ou salpicava os

dedos dos pés.

Lena levou o chá para as senhoras e isso as fez lembrar dela.

— Onde está a mãe? Onde está o pai? Não há outros familiares?

Certamente outra pessoa deveria tomar conta dela, com você sem poder

sequer andar três quarteirões até a mercearia... Uma vergonha.

A Sra. Yablokov parecia extremamente satisfeita que Radoslava

Dvorakovskaya não conseguisse andar três quarteirões até a mercearia.

— A mãe e o pai foram embora. Morreram ou voltaram para a

Rússia. Se estivessem aqui, estariam batendo à minha porta para pedir

181

dinheiro, para usar o telefone, tomar um banho ou dormir no meu sofá,

como se eu vivesse no luxo e tivesse muito para dar!

A Sra. Yablokov aceitava essa explicação, pois era mais uma prova do desrespeito e da irresponsabilidade dos jovens.

— Não há mais ninguém?

— Há a irmã da mãe, que a deixou aqui — explicou Radoslava, e os olhos da Sra. Yablokov ficaram agitados.

— E por que ela não leva a menina? — perguntou.

— Ela se recusa. Já pedi, já implorei a ela para tirar esse fardo das minhas costas, para o bem de Lena. Ela desliga o telefone, e logo depois o

número não é mais o dela. Quando a encontro na rua, grito por ela; ela

corre de mim, eu, uma velha.

A Sra. Yablokov balança a cabeça. Um horror, um horror.

Enquanto isso, Lena, no chão, escuta tudo. Por ser calada, os

adultos se esqueciam dela, e Lena adquiriu um superpoder que a maioria

das crianças desejava ter: tornou-se invisível. Sabia de tudo o que se

passava, de tudo o que se dizia, bastava ficar muito parada e muito quieta. Sempre pensou que os adultos fossem como os animais, se você

ficasse parada eles esqueceriam que você estava ali. Era difícil para uma

menina pequena como Lena ficar imóvel por tanto tempo. Mas ela ficou

naquela ocasião, porque estava recolhendo informações sobre seus pais,

sobre outras pessoas que pudessem querê-la, sobre sua vida.

— Posso lhe contar uma coisa? E isso deve ser um segredo nosso

— disse Radoslava, baixando a voz.

— Claro, Rada. Suas confidências estarão seguras comigo. Conte.

182

— A irmã, ela trabalha no clube.

Os olhos da Sra. Yablokov se arregalaram, pois isso era ainda

melhor do que não poder se vestir sozinha. Trabalhar no clube era uma

ideia nebulosa para as mulheres, mas tinha a ver com dançar, ou tirar a

roupa, ou servir bebidas alcoólicas aos homens, ou tirar fotografias nua,

ou fazer sexo por dinheiro. Trabalhar no clube era fazer tudo isso e mais

um pouco.

Para Lena, o clube parecia maravilhoso, como os clubes que viu na

televisão, onde a pessoa podia ter um chapéu com seu nome gravado

nele, um grupo de amigos, senhas secretas para uma sede de clube secreta. Lena também queria trabalhar no clube, e queria estar com essa

mulher que parecia ser o oposto de Radoslava.

**O SONHO DA SRA. YABLOKOV SE REALIZA:**

## **RADOSLAVA DVORAKOVSKAYA CAI MORTA**

Duas semanas depois do dia em que Radoslava Dvorakovskaya conversou com a Sra. Yablokov sobre os pais de Lena, sobre sua tia, sobre

o clube, sobre Lena ser retardada, Lena acordou enquanto Radoslava

Dvorakovskaya estava no banho. Lena escutou a água correndo no banheiro. Dobrou rapidamente seus cobertores e guardou-os no armário

de roupa de cama, rearrumou as almofadas no sofá onde dormia, depois

sentou-se diante da televisão, ligou-a e assistiu a um desenho animado de

um bode no programa Vila Sésamo. Lena gostava de Vila Sésamo porque

compreendia o que estava acontecendo mesmo sem saber nada de inglês,

183

e gostava do barulho engraçado que o bode fazia quando o cachorro puxava a barba dele.

Quando Vila Sésamo acabou, Radoslava Dvorakovskaya ainda

estava no banho e Lena precisava fazer xixi. Foi até a porta do banheiro e

escutou. Voltou para a TV e assistiu ao desenho animado que vinha depois de Vila Sésamo. Lena gostava de assistir a esse programa, mas se

entediava logo porque não entendia as palavras que os personagens falavam. Poderia mudar para o canal russo, mas era para adultos e não

tinha imagens divertidas.

Lena ainda precisava fazer xixi, e agora estava muito difícil ficar sentada, mesmo estando no chão e balançando o corpo para a frente e

para trás com o tornozelo encaixado na virilha. Agora Lena não conseguia mais assistir à televisão nem se concentrar no que via; só se

concentrava na vontade de fazer xixi e no esforço para não fazer xixi no

pijama. Radoslava Dvorakovskaya ficaria muito brava se ela fizesse xixi

no pijama porque isso daria trabalho (para Lena), e certamente Radoslava

contaria para todas as visitas que Lena ainda fazia xixi nas calças.

Lena foi se contorcendo até o banheiro e escutou. O chuveiro

continuava ligado. Isso era estranho, porque geralmente a água quente

acabava e, quando Lena tomava banho, Radoslava Dvorakovskaya parava do lado de fora e gritava para ela não usar a água toda. Ouvir a

água correndo foi demais para Lena, de modo que ela se contorceu até a

cozinha, gotinhas começando a pingar, apanhou uma tigela e a colocou

no chão de linóleo debaixo da mesa da cozinha, para que Radoslava Dvorakovskaya não avistasse Lena quando saísse do banheiro.

184

Lena se agachou em cima da tigela, fez xixi e, apesar de ser uma tigela grande, um pouco de xixi respingou no chão e, quando Lena tentou

se mexer para melhorar a mira, foi pior ainda.

Quando Lena terminou, não se sentiu muito melhor, por causa da tigela quente cheia de xixi, do xixi no chão e da possibilidade de ser pega

em flagrante e constrangida. O que Radoslava diria se descobrisse que

Lena havia feito xixi numa tigela? Contaria para todo mundo como Lena

era esquisita, biruta, ruim. Rapidamente, Lena puxou uma cadeira para

perto da pia, apanhou a tigela, que estava mais cheia do que pensava, e

tentou subir na cadeira sem derramar o xixi.

Lena botou uma perna na cadeira, depois a outra, mas, ao se levantar, cambaleou um pouco, só um pouco, e o xixi da tigela, agora tão

frio, entornou no seu pijama, acima da barriga, o que também era inexplicável. Como se explica uma mancha de xixi na barriga, de onde

não sai xixi?

Ela derramou o resto do xixi na pia e enxaguou. Lena então pegou uma esponja com detergente, limpou todos os outros respingos e esfregou a frente de seu pijama. Percebeu que assim era melhor: poderia

dizer a Radoslava Dvorakovskaya que se molhara com água. Poderia até

dizer que se molhara ao tentar fazer chá. Lena decidiu limpar tudo e depois fazer chá para que a mentira fosse menor. O chuveiro continuava

ligado. Mesmo que parasse naquele instante, ainda haveria tempo de

sobra, já que Radoslava levava muito tempo para sair do chuveiro, passar

talco no corpo e depois recolocar seus dentes.

Por que Radoslava Dvorakovskaya ainda estava no chuveiro? Lena estava com medo de bater à porta.

185

Tudo estava limpo. O pijama de Lena só estava um pouco úmido na barriga. A chaleira estava no fogão, a água esquentando e quase fervendo. Lena trocou o pijama pelas roupas do dia, que estavam numa

pilha pequena ao lado do sofá em que ela dormia. Vestida, sentou-se

outra vez diante da televisão e correu os olhos pelo apartamento. Estava

tudo limpo e seco, portanto não havia nenhuma prova de que a tigela do

xixi fora usada, nem mesmo de que os panos de cozinha tivessem sido

usados para enxugar o que quer que fosse. Nenhuma prova. Por que Radoslava Dvorakovskaya ainda estava no chuveiro?

Havia mais um episódio de Vila Sésamo na televisão. Lena

procurou aprender as letras do alfabeto, os números do Conde. Três morcegos voando. Ah, ah, ah, ah, ah. Que sons eram aqueles que o Conde

fazia? Era a risada dele. O que eram aquelas coisas voando, aquelas coisas

pretas? Essas Lena não conseguia descobrir.

Quando Vila Sésamo acabou, Radoslava já estava demorando demais no banho. Lena calculou que já haviam passado quatro programas desde que ela acordara, e era tempo demais para Radoslava

estar debaixo do chuveiro. Lena estava com fome, e aquilo também era

um sinal. Tempo demais. Lena pensou no que deveria ser feito. Poderia

bater à porta, caso algo estivesse errado. Não era um bom plano, porque

se Lena interrompesse o banho dela, Radoslava ficaria muito zangada.

Lena assistiu a um comercial de uma boneca do tamanho de uma menina

de verdade cujas mãos se podia segurar e que abraçava a gente quando se

dormia com ela.

Lena se levantou, foi até o banheiro e comprimiu o rosto na porta, com cuidado para não deixar a porta bater na moldura, porque isso faria

Radoslava saber que ela estava escutando e Radoslava ficaria zangada.

186

Lena não escutou nenhum som, exceto o da água do chuveiro. Lena levantou o punho e bateu três vezes.

Não obteve resposta. A batida de Lena era suave demais; como se nem tivesse batido. Poderia voltar a assistir à televisão e fingir que nunca

pusera em prática o plano de bater. Recuou dois passos. Virou-se depressa e deu dois passos ligeiros, o segundo quase um salto, e bateu na

porta com muita força. E parou. E escutou. Nada. Pam, pam, pam, de

novo. *Nada. Uma, duas, três batidas*, pensou Lena. Ah, ah, ah, ah, ah.

*Ela está morta dentro da banheira*, pensou Lena. Isso não a deixou muito perturbada porque ela não sabia muito bem o que isso significava.

Pensou naquilo porque Radoslava repetira aquela frase uma porção de

vezes. —Qualquer dia desses eles vão me encontrar morta na banheira.||

Lena não compreendera a parte sobre qualquer dia desses, mas agora

compreendia uma parte nova. Lena era os —eles|| que a encontrariam

morta na banheira. Antes, ela havia pensado, *Quem são essas pessoas, esse*

*bando de pessoas que anda por aí encontrando gente morta ou mandando gente*

*embora, ou correndo por aí roubando? Quem são "eles"?*

Já que Radoslava estava morta, pensou Lena, não poderia ficar zangada. Então Lena abriu a porta do banheiro. A água estava correndo.

Estava frio dentro do banheiro, quando em geral ficava muito quente por

causa da água aquecida. Havia uma cortina cor de pêssego, só que com

mofo marrom subindo pela barra, de modo que Lena não podia ver nada

atrás da cortina. O espelho não estava embaçado. O vapor deve ser da

água quente, Lena pensou. Lena fechou a porta atrás de si.

Lena ajoelhou-se junto à beirada da banheira. Com um dedo e tomando muito, muito cuidado, sem fazer ruído nenhum, puxou a cortina, abrindo um espaço minúsculo para enxergar do outro lado.

Devagarzinho, Lena moveu a cabeça na direção da pequena abertura na

cortina. Lena estava sendo muito cautelosa para o caso de Radoslava não

estar morta dentro da banheira, para o caso de ela estar viva; Lena não

queria que Radoslava soubesse que Lena a espiara no banho.

A primeira coisa que Lena viu foi o cabelo de Radoslava, que era

grisalho, liso e falhado em algumas partes. A princípio, Lena pensou que

estivesse olhando para a nuca de Radoslava, que Radoslava estivesse

virada para o fundo da banheira, mas então viu que se tratava do rosto de

Radoslava, com o cabelo molhado grudado nele. Os olhos estavam abertos mas não estavam olhando para Lena, e o cabelo os cobria, de

modo que Lena teve certeza de que Radoslava não podia vê-la.

Lena encarou Radoslava por muito tempo. Radoslava não piscou

nem respirou. Depois de um longo tempo, Lena fez um barulhinho com a

garganta. Radoslava não pareceu escutar. Lena puxou mais a cortina e

então soube que Radoslava não podia ver nem escutar nada.

Lena baixou o olhar para o corpo de Radoslava. Não deveria olhá-lo. Lena sabia disso porque Radoslava estava nua, e estava morta. A babushka de Lena jazia dentro da banheira com as pernas afastadas, e

Lena podia ver entre o pelo negro que se espalhava das coxas até a barriga, e as dobras de pele entre as pernas dela, e essa pele era arroxeadada, ou amarronzada. Era a coisa mais feia que Lena já vira.

Lena olhou de novo para o rosto de Radoslava, que não mudara. A água caía em cima dela, caía sobre a barriga, sobre o peito, onde os seios

começavam antes de caírem um para cada lado, os mamilos largos e roxos, como os olhos dos personagens de Vila Sésamo, olhando para dois

lugares ao mesmo tempo quando estavam sendo bobos.

188

Havia um cheiro de banheiro vindo do chuveiro, e Lena viu que tinha havido cocô ali, mas que quase todo escorrera pelo ralo com a água,

com exceção de uns pedaços grandes que não cabiam.

Não havia sangue em nenhum lugar, que era como as pessoas morriam na televisão, o que deixou Lena meio insegura. Pensou em

desligar a água mas achou que de alguma forma isso faria Radoslava

acordar, e então também de alguma forma saberia que Lena olhara o pelo

entre suas pernas e em sua barriga. Ela contaria aos vizinhos, e Lena

achou que isso seria embaraçoso. Lena saiu do banheiro e fechou a porta.

Quando a Sra. Yablokov chegou para o chá às quatro horas, Lena estava defronte à televisão outra vez, assistindo de perto demais. A Sra.

Yablokov entrou sem bater, viu Lena e perguntou:

— Onde está Radoslava?

— *Ona miortvaia v dushe* — respondeu Lena.

—Ela está morta na banheira.||

## ESSAS PESSOAS PODEM SER ELES

O que aconteceu em seguida foi que a Sra. Yablokov gritou e correu para o banheiro, e gritou um bocado dentro do banheiro, e desligou a

água (que desperdício!), e ligou para o 911 do telefone de Radoslava,

depois ligou para todo mundo que ela conhecia. Lena continuou vendo

TV enquanto a Sra. Yablokov gritava e telefonava. Finalmente, a Sra. Yablokov veio e se ajoelhou junto de Lena e disse:

189

— Coitadinha de você — depois abraçou Lena, apertou-a nos

braços e exclamou em russo: — Sua babushka, ela morreu! Está morta,

para sempre! Você não tem mais ninguém!

Comprimida no colo perfumado da Sra. Yablokov, Lena sentiu-se presa. Queria que a Sra. Yablokov a soltasse para assistir à TV.

— Para onde você vai? O que vão fazer com você? — gemia a Sra. Yablokov.

Lena continuava a ver televisão, numa língua que não compreendia, tentando ignorar a Sra. Yablokov.

A Sra. Yablokov pensava que os paramédicos chegariam logo e, enquanto ligava para todos os vizinhos e chorava ao telefone, espiava

pelo olho mágico para ver se os paramédicos já haviam chegado, e de vez

em quando abria a porta e espiava o corredor para ver se os paramédicos

estavam lá. Também passou um tempo enorme contando às pessoas que

havam se reunido no corredor o que se passava, e como fora ela a primeira a encontrar Radoslava, já que era a melhor amiga de Radoslava.

Depois de 15 minutos, a Sra. Yablokov ficou nervosa. Iniciou uma segunda rodada de telefonemas.

— Posso lhe contar uma coisa? Eles ainda não chegaram para levar o corpo. Ela está apodrecendo lá dentro daquela banheira. Há 15 minutos.

É horrível. Uma desgraça.

Trinta minutos depois, ninguém havia chegado.

— Não, só eu e a garotinha no apartamento com o corpo, largado lá. Não. Acho que ela não compreende bem o que está acontecendo. Não,

está sentada vendo TV. Acho que deve haver algo de errado com essa

190

garota. Presa aqui com a mulher morta, não pode fazer bem, com ela

apodrecendo aqui dentro. Apodrecendo! É demais.

A Sra. Yablokov disse isso em russo com Lena ao alcance de sua voz. Depois de duas horas, a Sra. Yablokov ficou nervosa demais por estar no apartamento com o corpo. Disse ao telefone que podia haver

doenças no ar. Disse ao telefone que dava para sentir o cheiro da decomposição. Lena não sentia cheiro nenhum. A Sra. Yablokov disse ao

telefone que estava tendo um colapso nervoso, que o dia fora traumático

demais. Depois foi embora.

Três horas mais tarde, quando os paramédicos chegaram, Lena atendeu à porta e apontou-lhes o banheiro. Então foi ao quarto de Radoslava e pegou o envelope na gaveta da mesa de cabeceira. Esse

envelope continha o testamento de Radoslava. Radoslava dissera a Lena

vezes sem conta: —Entregue a eles quando eu me for, quando meu

sofrimento acabar.|| Lena achou que esses homens podiam ser os  
—eles||,

poderiam ser os que vêm e encontram as pessoas mortas. Achou  
que não

devia ter sido ela a encontrar Radoslava porque esses homens  
sabiam o

que fazer, eles falavam muito e tinham equipamentos.

Quando Lena entregou o envelope a um dos homens, ele estava ao  
telefone e disse:

— Espere aí. — E para Lena: — Qual é seu nome, querida?

Disse isso em inglês, de modo que Lena fixou o olhar nele, depois  
no chão, porque não compreendeu. O homem voltou a falar ao  
telefone.

— Ela não está falando. Deve ter uns 5, talvez 4 anos. É pequena.

Não. Sozinha no apartamento. OK. Ficamos aqui até então? OK. —  
Ele

desligou o telefone e sorriu para Lena.

191

— Daqui a pouco vai chegar alguém para conversar com você,  
querida — disse ele, sorrindo. Depois voltou para o banheiro  
atravancado

com os dois outros homens, e Lena sentou-se diante da televisão.

Lena escutava os ruídos dos homens no banheiro. Perguntava-se como eles tirariam Radoslava Dvorakovskaya de dentro da banheira, não

porque ela fosse grande e estivesse morta, molhada, mas porque estava

nua. Lena não imaginava ninguém tocando outra pessoa nua.

Durante muito tempo os homens conversaram entre si, e Lena

ouvia as vozes vindo do banheiro. Havia três homens, e às vezes um deles saía e ia buscar algo numa grande bolsa vermelha que tinham

deixado no corredor. Depois de algum tempo, os três homens saíram do

banheiro e o homem que falara antes com Lena falou com ela de novo.

— Nós já voltamos, está bem? Não se preocupe. Voltamos já.

Ele falou devagar, depois os três homens saíram do apartamento e fecharam a porta atrás de si. Lena se perguntou o que ele teria dito.

Quando a porta se abriu, ela pôde ver que o corredor estava cheio de

pessoas que olhavam para os paramédicos e pareciam muito agitadas.

Ninguém entrou no apartamento e ninguém bateu na porta.

Lena voltou ao banheiro para ver o que eles haviam feito.

Radoslava Dvorakovskaya continuava dentro da banheira,  
exatamente da

mesma forma, mas parecia diferente. Sua pele estava de outra cor e  
algumas coisas pequenas tinham mudado. Os homens haviam  
fechado

seus olhos, então ela não estava mais olhando para o teto. Além  
disso,

seus lábios pareciam estar sumindo e mais dentes apareciam. Lena  
olhava

para Radoslava e ainda não conseguia imaginar como os homens a  
tirariam dali. Escutou baterem na porta, a porta se abrindo e uma  
voz de

homem dizendo:

192

— Paramédicos.

E Lena saiu correndo do banheiro, porque não queria que  
soubessem que entrara lá. Achava que não deveria querer ver sua  
babushka morta, nua e molhada, com os olhos fechados e os dentes  
à

mostra.

Os homens não a viram sair do banheiro — não viram de onde ela  
vinha porque estavam se esforçando para fazer uma cama de metal  
entrar

no apartamento. Levaram a cama para a sala, empurraram-na e ela deslizou sobre rodinhas, deixando marcas profundas no tapete-selva.

Sobre a cama havia uma prancha com almofadas vermelhas em cima, e eles a retiraram e levaram somente a prancha para dentro do

banheiro.

Mesmo na sala, com a televisão ligada, Lena escutou os sons da pele molhada de Radoslava roçando na banheira. Escutou os homens,

seus grunhidos e sua respiração. Escutou a prancha de madeira bater no

chão de azulejos do banheiro, depois bater na banheira, então um guincho, que devia ser a pele de Radoslava roçando com um pouco mais

de força na banheira. Lena já produzira esse ruído com o próprio corpo

na banheira quando se mexia de encontro ao fundo, portanto sabia que

guincho era aquele.

Os sons que vinham do banheiro eram sons úmidos e sons duros.

Lena queria ver. Esse dia era diferente, Lena sentia, e as regras dos outros

dias não estavam valendo. Sua babushka não podia vê-la. Lena podia

olhá-la nua na banheira e ela não iria saber, e Lena queria ver o que os

homens estavam fazendo, e que barulhos eram aqueles.

193

Lena andou muito devagar com seus pequeninos pés calçados com meias pelo chão de linóleo do corredor e não deixou o chão fazer nenhum

ruído. A porta do banheiro estava aberta, e Lena espiou só um pouquinho

para ver se os homens estavam olhando, se eles podiam vê-la. Estavam

todos de costas para a porta.

Lena se inclinou mais para a frente, olhou mais um pouco, então se postou na soleira da porta. Ainda assim, não a viram. Ela podia espiar.

Os homens haviam virado Radoslava Dvorakovskaya de lado, ela estava deitada de frente para os homens. Dois deles a mantinham nessa

posição: um deles segurava seus ombros, o outro segurava-lhe as pernas

logo abaixo do traseiro. Deitada assim de lado, ela parecia pior e mais

assustadora a Lena. Sua barriga caía-lhe à frente como se não estivesse

suficientemente presa ao corpo e havia rugas nela toda, e o umbigo era

uma coisa feia e escura. Seus seios eram igualmente enrugados.

O terceiro homem, o que falara com Lena, colocou então a prancha atrás de Radoslava e os outros dois a deitaram de volta em cima da prancha. Lena viu que agora eles podiam levantar a prancha para tirar

Radoslava de dentro da banheira em vez de puxarem seu corpo mole.

Eles usaram tiras negras para prendê-la à prancha e então um dos homens disse: —Um, dois, três.||

Ao levantarem a prancha, Lena notou que era difícil mantê-la reta porque os braços dos homens tremiam um bocado, e eles precisaram se

curvar por cima da banheira e se agachar um pouco. Todos os homens

eram muito fortes.

Quando estavam com Radoslava na prancha e a carregavam, dirigiram-se para a porta e um dos dois homens que não tinham falado

com Lena então a viu, parada junto à porta, e ele não esperava vê-la ali, e

preendeu a respiração.

— *Deus do céu!* — exclamou.

— Merda — disse o homem que falara com Lena. — Querida, você não deveria estar aqui. Por que não vai ver um pouco de televisão?

A voz do homem era simpática; ele não estava zangado. Lena não compreendeu a sugestão de ir ver televisão, não compreendeu que o

homem queria que ela sáísse do lugar onde eles estavam fazendo aquele

trabalho difícil. Não achou que devesse se afastar, sobretudo porque aquele homem estava falando com ela, e de modo tão simpático.

Lena saiu do caminho para que os homens pudessem tirar sua babushka do banheiro e seguiu-os até a sala, onde passaram Radoslava

para a cama de rodas e a cobriram com um lençol branco, seu corpo inteiro, até a cabeça e o rosto. Lena gostou muito disso. O homem que

falava segurou a porta da frente para os dois outros e eles empurraram

Radoslava para o corredor, passando por todas as pessoas que esperavam

só por aquele momento — estar tão perto de Radoslava Dvorakovskaya,

que caíra morta em sua banheira, e ver, na maca, uma pessoa morta de

verdade.

O homem que falava ficou com Lena e fechou a porta, olhou para

Lena e suspirou, como se estivesse muito cansado.

— Vou esperar com você até a assistente social conseguir chegar aqui, e pode levar algum tempo. Precisa de alguma coisa? — A voz dele

continuava muito simpática, e ele não parecia frustrado por Lena não

responder.

195

— Você teve um dia duro, hein? Quer comer alguma coisa? Quer beber alguma coisa? — Lena desejou poder compreender, porque gostava

daquele homem e esperava que ele continuasse falando.

— Bem, vou beber um copo de água e vou pegar um para você também. É melhor ficarmos à vontade, não é?

Lena viu o homem ir para a cozinha e estender os braços fortes para abrir os armários, um após outro, procurando alguma coisa.

Encontrou dois copos, encheu-os de água da torneira, entregou um deles

a Lena e sentou-se no sofá. Lena pegou seu copo e sentou-se no sofá

também. O homem apanhou o controle remoto e ligou a televisão.

— Adoro esse programa — disse ele. Era Vila Sésamo. — Sempre o assisto com meus filhos. — Ele sorriu e olhou para a televisão. Lena adorava Vila Sésamo e dava para ver que esse homem também, porque

ele revelava isso com o sorriso.

Lena aproximou-se do homem e pensou, *Talvez ele esteja aqui para cuidar de mim.* Ele havia entrado na casa quando Radoslava

Dvorakovskaya se fora. Entrara direto e procurara os copos como se os

armários fossem dele, na própria casa. *Ele está agindo como se morasse aqui,*

pensou ela. *Talvez agora ele more aqui.*

Lena ficou muito animada por se sentar no sofá com o homem simpático de voz simpática que ria com Vila Sésamo. Bert e Ernie apresentaram um desenho animado em que havia um menino, uma menina e uma planta. A planta parecia muito triste. Lena gostava desse

desenho porque o compreendia. Havia palavras em inglês nele, mas ainda assim ela compreendia o que estava acontecendo.

196

Primeiro o menino chamava a menina e apontava para a planta, que estava triste. Dava para ver que estava triste porque suas grandes

folhas verdes caíam pelo chão. Então a menina olhava para a planta e

dizia alguma coisa, e o menino voltava com um despertador. E o despertador fazia barulho de despertador. Então eles diziam coisas um

para o outro, e o menino ia embora e voltava com um cachorro. O cachorro babava e latia para a planta. Aí o menino e a menina diziam

mais coisas um para o outro, o menino saía e voltava com um regador,

regava a planta e a planta ficava feliz, suas folhas se levantavam e a música dizia que a planta estava feliz, que o menino e a menina estavam

felizes.

O homem também gostou desse desenho e ambos riram juntos no final, Lena e o homem simpático. O homem simpático recebeu várias

ligações de um telefone que ele guardava no bolso, e todas as vezes ele

falava de um jeito que soava meio triste a Lena, mas quando desligava o

telefone sorria e falava com Lena com uma voz carinhosa.

O homem até preparou um prato de biscoitos para eles, com os biscoitos que estavam na despensa. Serviu um copo de leite para si e um

para Lena, depois mostrou a ela como molhar o biscoito no leite e comer.

Lena nunca mergulhara um biscoito num copo de leite antes e achou a coisa mais maravilhosa, e que o homem simpático devia saber

muitas dessas coisas maravilhosas. Sentia-se aquecida, bem, e adormeceu.

## **TOC TOC ATÉ LOGO**

Lena não acordou por causa da batida na porta, acordou porque o homem simpático se levantou do sofá. O homem simpático se levantou

197

do sofá, foi até a porta e a abriu, e Lena abriu os olhos e desejou que ele

voltasse. Ela gostou de dormir com o homem acordado, sentado ao seu

lado. Gostou daquele cochilo na noite quente, enroscada no sofá com a

televisão ligada, mesmo quando o homem trocou para o canal de notícias.

Quando ele mudou para as notícias ela acordou, só um pouquinho, mas

fingiu ainda estar dormindo para que o tempo deles juntos nunca terminasse.

A mulher à porta falou com o homem por alguns minutos, depois entrou e sentou-se ao lado de Lena no sofá. O homem simpático ficou de

pé diante delas.

— Você fala inglês? — A voz da mulher era tão simpática quanto a do homem. Lena não compreendeu, por isso não respondeu. — Você fala

russo? — a mulher perguntou em russo.

Lena compreendeu.

— *Da.*

— Como você se chama?

— Yelena — respondeu, dando seu nome inteiro, como sempre fazia com adultos.

— Yelena, meu nome é Anna, e vou lhe fazer algumas perguntas,

mas não há respostas erradas.

O homem simpático estava vestindo o casaco.

— Você mora aqui? — perguntou ela.

Lena não entendeu por que ela estava fazendo aquela pergunta.

Onde mais ela poderia viver? Lena não gostou que o homem pusesse seu

198

casaco. Observou-o com cuidado, preocupada. Queria que Anna parasse

de falar para que o homem ficasse.

— Onde você dorme? — perguntou Anna.

— Aqui — respondeu Lena, e apontou para o sofá.

Anna assentiu com a cabeça e levantou os olhos para o homem simpático.

— Mark, muito obrigada. Pode deixar comigo daqui em diante.

Mark sorriu, balançou a cabeça, depois se inclinou e falou com Lena.

— Você vai ficar bem, garota. OK? — Deu-lhe um tapinha afetuoso na cabeça, virou-se e foi para a porta, abriu-a e saiu. Lena perguntou a si

mesma se ele iria voltar. Esperava que voltasse logo.

Anna fez mais uma ou duas perguntas a Lena e em seguida ajudou-a a colocar suas roupas em uma bolsa, e saíram de mãos dadas pela porta para o corredor vazio até o elevador, tomaram o elevador até a garagem, onde o carro dela estava estacionado, e ela levou Lena daquele lugar para um lugar novo.

Lena não queria ir embora porque não tinha certeza de que o homem simpático conseguiria encontrá-la, e começou a se preocupar que ele voltasse para assistir à Vila Sésamo e ela não estivesse mais lá.

## **BOM DIA, SOL**

199

Lena adormeceu no carro de Anna e, quando acordou, estavam estacionadas diante de uma casa grande. Anna a levou para dentro da casa, onde estava escuro e silencioso porque era o meio da noite, e colocou Lena na cama no próprio quarto, e Lena adormeceu imediatamente.

Lena acordou cedo com os sons da casa, sons atarefados da manhã,

sons de crianças sonolentas, sons de crianças agitadas. Havia crianças

correndo de um lado para outro do corredor; havia crianças gritando. Ela

nunca estivera perto de tantas outras crianças antes. No quarto ao lado do

seu, alguém estava com um rádio ligado e cantando junto, e havia mais

alguém cantando junto com o que cantava junto com o rádio.

Lena precisava fazer xixi, mas não queria sair do quarto e não

podia imaginar o que seria, mas tinha certeza de que estava fazendo algo

estúpido, de que havia algo que ela deveria ou não saber fazer, e tinha

certeza de que as outras crianças ririam dela, então não queria falar com

elas nem vê-las.

Lena esperou até os ruídos irem para o andar de baixo antes de sair

do quarto, devagarzinho, silenciosamente, e correr para o banheiro para

fazer xixi. O banheiro ficava perto da escada, e por ali subiam cheiros

vindos da cozinha. O cheiro era familiar — torrada —, e Lena estava com

fome, mas não tinha coragem de descer.

Voltou para o quarto e sentou-se na cama em que havia dormido, a  
de flores azuis, e esperou, quieta. Começou a ficar com medo de  
que

quando alguém entrasse fosse querer saber por que ela estava  
parada

quieta, ou de notarem que ela era tímida demais para falar com as  
pessoas e deixar as pessoas olharem para ela, e Lena não queria  
isso

200

porque tinha vergonha de ser tímida, e tinha vergonha de não

compreender o que as pessoas estavam dizendo e de não conseguir  
falar.

Lena deitou-se novamente na cama e fingiu dormir. Escutou passos  
no corredor e certificou-se de que seus olhos estavam bem fechados  
e de

que estava muito, muito parada.

Os passos cessaram do lado de fora e a porta se abriu com um  
rangido.

— Trouxe umas torradas, caso esteja com fome — Lena escutou as  
palavras, mas não as compreendeu e manteve os olhos fechados,

pensando que talvez a pessoa acharia que não acordara Lena porque ela

estava tão cansada que dormia como uma princesa de conto de fadas, e aí

a pessoa iria embora.

— Anna me disse para trazer essa torrada para o caso de você estar com fome, então você deveria acordar e comer — disse a pessoa, mais alto.

Lena estava começando a detestar aquela pessoa.

Os passos e o cheiro da torrada — tinha manteiga nela! — entraram no quarto e se aproximaram mais de Lena.

O prato da torrada foi colocado no chão de madeira, fazendo um barulhinho gostoso, e então a mão da pessoa sacudiu o ombro de Lena.

Agora Lena não podia mais fingir que estava dormindo. Lena se virou na

cama e olhou para a pessoa. A pessoa era uma menina, mais velha do que

Lena, muito mais alta do que ela. Era negra, e tinha trancinhas no cabelo

com prendedores na ponta. Os prendedores tinham formato de borboletas, de diferentes cores.

201

— Você não estava dormindo de verdade — disse ela. — Você não fala? — Lena estava envergonhada por não compreender, e desejou que a

menina parasse de falar com ela.

— *¿Habla español?* — perguntou ela.

Lena não respondeu.

— Certo, tudo bem, você não fala. Tanto faz. Coma se quiser. Você não vai descer nunca? A senhora que trouxe você está lá embaixo.

Lena nada disse; ela não entendia. A menina não parecia tão amável quanto Anna e o homem simpático por falar com ela sem ter respostas, e essa menina sem dúvida não era tão simpática quanto eles.

A menina se foi, e Lena comeu a torrada. Lena percebeu que o prato da torrada seria uma boa razão para descer. Não podia

simplesmente manter o prato sujo no quarto e sabia que o mais educado,

que a coisa certa a fazer, seria devolver o prato, ir até a pia e lavá-lo. Isso

ela sabia como fazer.

Lena saiu do quarto para o longo corredor. Algumas crianças

havam voltado para seus quartos, e todas as portas estavam abertas.

Todos os quartos tinham uma ou duas camas. Alguns quartos tinham

uma porção de coisas dentro, animais de pelúcia e cartazes, e outros não

tinham nada, como o de Lena.

Dentro dos quartos, algumas crianças dobravam suas roupas, ou liam, ou conversavam, ou brincavam.

Outras estavam apenas deitadas nas camas, viradas para a parede, como Lena estava.

202

Enquanto Lena descia a escada, escutou a voz de Anna. Ela estava conversando com outra senhora, e usavam o mesmo tom sério da véspera, quando Anna deixou Lena. Lena seguiu suas vozes.

As duas estavam sentadas à mesa da cozinha, e Anna estava

falando em seu telefone celular. Havia papéis diante delas e Anna estava

escrevendo várias coisas em seu papel. Anna viu Lena entrar na cozinha.

Levantou-se rápido da cadeira. — Oi! Bom dia! — Tirou o prato da mão

de Lena e colocou-o numa pilha de louça junto à pia. Duas crianças estavam de pé diante da pia lavando louça juntas, e conversavam e batiam uma na outra com o traseiro, respingando água e sabão em ambas. Estavam rindo. Não riam uma da outra, riam porque se divertiam

juntas.

Anna levou Lena para outra sala ao lado da sala de estar.

— Aqui é a sala de artes, de artesanato, de recreio em geral — disse ela em russo.

— Você pode fazer o que quiser aqui.

Lena olhou ao redor. Havia prateleiras em todas as paredes com brinquedos e livros, e mesas com caixas de lápis de cera em cima delas,

junto com folhas grandes, enormes, de papel branco. Havia bacias de

plástico transparente por todo lado cheias de brinquedos. Havia crianças

da idade de Lena sentadas no chão brincando com carrinhos em cima de

um tapete com ruas e casas desenhadas nele.

— Você gosta de colorir? — perguntou Anna. — Venha, vamos colorir.

Anna puxou uma cadeira para Lena junto a uma mesa onde havia outra garotinha colorindo. A menina parecia mais velha do que Lena,

203

mas não tanto quanto a Torrada. A menina não levantou a cabeça quando

Lena e Anna sentaram-se. Estava colorindo de azul um mar em torno de

um minúsculo peixe cor-de-rosa, tentando fazer o mar chegar cada vez

mais perto do peixe sem passar por cima dele.

— Janelle, essa é Lena.

Janelle não disse nada. Anna puxou uma folha grande de papel e pôs na frente de Lena, depois puxou outra folha grande e pôs na sua

frente. Então colocou uma caixa grande de lápis de cera entre as duas.

Com um lápis marrom começou a desenhar uma flor grande no centro do

papel. Tinha pétalas perfeitamente afiladas e, tendo desenhado seu contorno em marrom, ela começou a preenchê-las de cor de laranja.

Então Anna tirou de dentro da caixa um lápis cor-de-rosa e entregou-o a Lena.

Lena, lenta e cautelosamente, levou a ponta do lápis ao papel, como se ao fazê-lo pudesse desencadear uma reação química. Em seguida, com

o olhar fixo no lápis, não no papel, empurrou o lápis adiante, mal rabiscando o papel. Estava concentrada em fazer o lápis deslizar pelo

papel. Então deitou o lápis de lado e deslizou-o pelo papel. Meneou o

lápis para a frente e para trás e movimentou-o do jeito que para ela parecia uma minhoca. Pensou em como vira minhocas se mexendo, como

elas comprimiam o corpo e o expandiam, e tentou captar com seu lápis

aquele movimento de vaivém. Pensou em seus dedos no tapete, e pensou

no novo tapete daquela casa, em como seria fantástico ficar sozinha ali,

fazendo seus dedos andarem por suas ruas, guiar suas mãos por suas

estradas.

Lena gostava daquela atividade — não exigia conversas — e

gostava de estar sentada à mesa concentrada e calada enquanto outras

peessoas estavam concentradas e caladas. Queria rabiscar o papel como as

outras pessoas — aquilo parecia legal —, mas também gostava de como

estava colorindo. Do jeito de Lena, ela podia colorir para sempre sem

gastar papel nem lápis.

# COMO LENA SE TORNOU

## UMA MANCHA NA VIDA DA TIA

As pessoas que tomaram conta de Lena durante aquelas horas estranhas depois da morte de Radoslava Dvorakovskaya, com seus rostos

carinhosos, seus protocolos, sua papelada e suas boas intenções, essas

pessoas examinaram o testamento que Radoslava Dvorakovskaya deixara

na mesa de cabeceira. Radoslava Dvorakovskaya claramente desejava que

a custódia de Lena fosse concedida à tia da menina, Ekaterina. Radoslava,

porém, não era a guardiã legal de Lena e não tinha autoridade para legar

a guarda de Lena a Ekaterina ou a quem quer que fosse. Para complicar a

questão, não havia nenhum documento indicando quem deveria ter a

custódia de Lena. Lena estava fora do mapa infantil desde o

desaparecimento de seus pais. Na verdade, não se sabia ao certo se algum

dia Lena estivera no mapa: a falta de uma certidão de nascimento

americana dava a entender que ela nascera na Rússia; a falta de documentos da imigração dava a entender que ela nascera nos Estados

Unidos.

O testamento de Radoslava Dvorakovskaya, que identificava Ekaterina como tia de Lena, era o único documento que ao menos reconhecia a existência de Lena. Depois de muita pesquisa e discussão,

205

decidiu-se que Ekaterina seria a melhor guardiã legal de Lena. O parentesco era próximo; os pais de Lena não estavam em lugar nenhum,

para todos os efeitos, haviam desaparecido; e Ekaterina concordou. No

final.

— Qual a idade dela? — perguntou Ekaterina.

— Com essa idade, ela pode ir para a escola pública?

— Meu trabalho não rende o suficiente para me deixar rica: como vou pagar as coisas todas? Material escolar, comida, roupas e o resto?

— Estipêndio? O que é isso?

— Quanto custa isso?

— Quando chega o primeiro cheque?

Portanto, Lena foi morar com a Tia. Disso Lena se lembra. Com clareza demais ou sem clareza suficiente, que é como a memória funciona.

Foram muitos dias colorindo com Anna antes que a Tia viesse buscar Lena. Lena se lembra desses dias como os dias de colorir, porque foram cheios dessa atividade, o quanto ela quisesse, com quanto papel desejasse, quantos lápis de cera tivesse vontade, e ela mergulhou nas horas de colorir, e vinham as refeições, e os lanches, e alguns ela colocava na boca e outros não, dependendo de quem estivesse olhando para ela e quão corajosa se sentisse no momento. Geralmente, deixavam-na colorir o dia inteiro e, na segunda noite, na hora de dormir, ela sabia para que quarto ir, sabia que ninguém a perturbaria e que poderia entrar debaixo das cobertas, usar o banheiro sempre que quisesse e que, quando acordasse, poderia colorir outra vez.

Lá pelo terceiro dia ela estava começando a se sentir realmente bem, começando a esperar com prazer pelo dia seguinte, para colorir, para se perder naquilo até os olhos e as mãos doerem. Tudo o que havia sido assustador na casa ela agora compreendia. Sabia onde estava a comida e onde pôr a xícara quando terminasse de usá-la. Além disso, chegara alguém novo, um menino mais novo do que ela porém mais alto, e que tinha uma cabeça muito redonda, mais redonda do que todas as que já vira, de modo que ela não era mais a novata dali, era uma menina que conhecia aquele lugar, que estava à vontade e que estava ali, e tinha consciência de que, quando o menino novo a visse, se sentiria inseguro e medroso, e pensaria que ela devia saber de tudo, e ela sabia mesmo.

Então a Tia chegou. Lena nunca a vira antes, mas ouvira falar dela, por Radoslava, e pensou, pela primeira vez desde que encontrou Radoslava Dvorakovskaya morta no chuveiro, sobre Radoslava estar

morta e enterrada, e pensou em como os dias haviam sido agradáveis

desde a morte de Radoslava Dvorakovskaya, com os lápis de cera, a comida, com todos sendo simpáticos, brincando com ela e a deixando em

paz, e percebeu que estava feliz por sua babushka ter morrido, e que as

coisas seriam ainda melhores com sua tia, de quem ouvira falar.

Através de Radoslava, Lena sabia que a Tia dançava, usava maquiagem, gostava de sair tarde e aproveitar a vida.

Quando a Tia chegou, Lena sentiu-se muito encabulada, quis dizer alguma coisa para que a Tia gostasse dela, mas não conseguiu dizer nada

porque não sabia o que dizer. Lena estava colorindo quando a Tia chegou, e a maneira como a Tia olhou para o que ela estava fazendo a

deixou constrangida por estar colorindo; deu-lhe vontade de parar e

207

esconder os pequenos círculos claros que fizera para que ninguém os

visse.

A Tia não agiu como Lena achava que ela fosse agir. Não ficou

animada; não sorriu para Lena; nem mesmo disse oi para Lena ou fez

alguma coisa simpática.

Lena achou que tivesse feito alguma bobagem; não sabia o que fizera para aborrecer a Tia, como a deixara zangada. Achou que poderia

ter sido realmente muito bom ir morar com a Tia, mas que agora estragara tudo. Tinha uma porção de perguntas para fazer à Tia, mas

agora tinha a impressão de que não deveria fazê-las. Queria saber o que a

Tia era dela, como uma pessoa se torna tia de alguém. Lena achava, por

causa do que Radoslava dissera, que a Tia poderia saber coisas sobre sua

mãe. A Tia e Anna conversaram um pouco; a Tia preencheu um monte

de papéis e assinou coisas; e Anna falava e balançava a cabeça, e até

sorria, mesmo sem a Tia sorrir de volta.

Então a Tia se aproximou de Lena e falou com ela em russo, o que foi um alívio, porque Lena estava preocupada que talvez a Tia falasse

inglês.

— Você está pronta para ir? Suas coisas estão com você?

Lena assentiu com um gesto de cabeça.

A Tia segurou a mão dela e as duas foram para a porta da frente da casa, e Anna sorriu para elas, e Lena achou que talvez Anna estivesse um

pouco nervosa, ou algo parecido, e isso deixou Lena um pouco nervosa.

A Tia tinha um carro, que estava estacionado na frente da casa.

Radoslava Dvorakovskaya nunca tivera carro, e esse parecia brilhante e

novo (Era prateado! E pequenininho! Só para duas pessoas!), e parecia tão

208

elegante, e Lena pensou que a Tia devia ser rica e ter muitas coisas bonitas como aquele carro.

Lena ainda não entendia de carros, nem de leasing, namorados ou fraude de seguro.

A Tia foi para o banco da frente do carro e Lena seguiu para o outro lado, abriu a porta, e o interior do carro não era como ela esperava, porque havia coisas e lixo espalhados. Havia roupas por toda parte, e

latas de refrigerante no chão, e o carro cheirava mal, e havia cigarros

apagados no cinzeiro, e CDs pelo chão, todo tipo de tralha pelo chão, nos

assentos e por toda parte. Havia um minúsculo assento traseiro, que Lena

não compreendeu. (Havia apenas duas portas? Como alguém chegava lá

atrás?) E o assento traseiro também estava cheio de roupas e outras coisas.

O lugar em que Lena deveria se sentar estava igualmente coberto de coisas, e Lena não sabia o que fazer. Sentou-se na pontinha do assento,

não querendo sentar em cima nem tirar do lugar nenhuma das coisas da

Tia. Lena sabia que deveria colocar o cinto de segurança, mas estava com

medo de se mexer, com medo de sair da sua posição na beirada do assento. Permaneceu sentada na extremidade do assento durante todo o

trajeto sacolejante, muito sacolejante, com uma porção de curvas, e música muito alta, e Lena estava ficando com fome, mas sentindo-se muito enjoada e nada bem ao mesmo tempo. Lena estava começando a

ficar com medo de ir para a casa da Tia, estava começando a sentir falta

de Anna, até a sentir falta de Torrada.

O que pode uma pessoa como Lena fazer nessa situação? O que há para fazer quando se é criança e pequena? Quando se tem apenas a roupa

que está vestindo e uma presilha no cabelo, que sempre escorrega e se

209

prende no cabelo cheio de nós atrás da orelha? Quando não se tem um

telefone nem números de telefone para que ligar? Mesmo que pensasse

que alguém, como Anna, poderia ajudá-la e a fizesse se sentir melhor,

mesmo que isso fosse verdade, como ligaria para ela? Como começar a

pensar em planejar sair dessa situação em que se encontra, que está

fazendo você se sentir muito, muito mal mesmo? Mesmo que você

comece a achar, no carro de sua tia, que você preferia estar em qualquer

outro lugar do mundo, que você não quer ir para onde está indo, o que

você pode fazer?

## **SEJA BEM-VINDA, LENA**

A Tia estacionou o carro numa rua muito bonita. A rua tinha muitas árvores com folhas de todas as cores, e havia uma calçada e um

pouco de grama junto à calçada, e carros estacionados em torno. A casa

da Tia era dividida em duas partes, a de cima e a de baixo, e a Tia (e

agora Lena) morava na parte de cima, e por isso era preciso subir, subir,

subir um monte de degraus até a porta do apartamento.

A Tia levou um tempo enorme procurando as chaves na bolsa,

imprensada entre a porta de tela aberta e a porta de verdade, remexendo,

remexendo dentro da bolsa, e aí tirou um maço quadrado de cigarros.

Lena sabia o que era porque umas amigas de Radoslava tinham fumado

quando foram visitá-la, e Lena sabia que não eram bons e não eram para

crianças porque Radoslava Dvorakovskaya a proibira de tocar neles, de

mexer nos pedacinhos queimados e sujos que as pessoas deixavam nas

xícaras de chá e nos pratos de vidro que Radoslava Dvorakovskaya pusera na mesa.

210

— Segure isso — disse a Tia, e entregou o maço de cigarros a Lena.

Lena sentiu-se esquisita porque não deveria segurar cigarros, mas gostou

que a Tia lhe pedisse para fazer alguma coisa, que a Tia falasse com ela,

isso era bom, e que a Tia confiasse nela para segurá-los e não fazer nada

de errado.

A Tia encontrou as chaves e abriu a porta. Ela entrou e Lena a seguiu.

Lena deu dois passos e parou. Ekaterina deu vários passos, largou a bolsa em cima do sofá, entrou num quarto e fechou a porta.

Lena ficou parada e olhou em volta porque não sabia o que fazer.

Tudo parecia exatamente igual ao interior do carro da Tia. Havia coisas

espalhadas por toda parte. Havia coisas de mais e outras de menos. Havia

um tapete, que era branco e muito molengo e que cobria todo o chão.

Havia uma porção de marcas no tapete, de coisas derramadas, manchas e

pequenos furos endurecidos cinzentos e negros. Havia um grande sofá de

couro preto e com algumas partes rasgadas que deixavam sair o

estofamento branco. Havia uma mesa na frente do sofá com um tampo de

vidro, mas estava toda coberta de lixo, principalmente, latas e copos e

cinzeiros e umas caixas brancas de comida.

Havia uma cozinha separada desse cômodo principal apenas por

meia parede, não uma parede inteira, e dentro da cozinha também havia

coisas espalhadas, caixas e latas e embalagens para todo lado, mas uma

das portas dos armários estava faltando, e Lena viu que pelo menos um

dos armários estava completamente vazio.

Então a Tia saiu do quarto, e ela estava vestindo um biquíni. O

corpo dela era alaranjado, ou quase todo alaranjado, e havia um anel

saindo do umbigo dela. Ela apanhou uma calça jeans no chão, vestiu-a e

211

abotoou-a depressa, e fez isso como se estivesse zangada com as próprias

pernas.

Lena ainda estava parada ali, a dois passos da porta da frente, e a

Tia agia como se Lena não estivesse presente. O que a Tia fez em seguida

foi ainda mais estranho. A Tia esfregou nos lábios um brilho rosa que

tirou de um potinho, depois afastou para o lado um dos triângulos do

sutiã de seu biquíni e esfregou o mesmo brilho no mamilo, em seguida

beliscou-o três vezes, botou o triângulo de volta e fez o mesmo com o

outro mamilo. Por fim, apanhou um moletom no chão e o vestiu.

— Vou trabalhar — disse, e pegou a bolsa, e pam-pam, fechou as duas portas atrás de si e se foi.

Lena estava aliviada que ela saiu. Lena também estava com muita fome. Espiou na cozinha, e não havia nada que realmente se parecesse

com comida. Comeu um pouco de arroz de um recipiente da geladeira. O

arroz estava frio, branco e granuloso, mas Lena comeu tudo.

Foi para o sofá, abriu um espaço entre umas roupas e revistas e adormeceu.

Quando acordou, já estava escuro e ela não sabia que horas eram, não sabia como ligar a televisão para tornar as coisas menos assustadoras,

nem sabia onde ficavam os interruptores de luz, e assim ficou no sofá,

tentando não chorar porque estava com medo de começar.

## **A CABINE DO BANHEIRO AINDA FEZ**

# UMA CABINE DE BANHEIRO

**212**

Lena pensa no dia que passou sozinha no apartamento da Tia e no dia em que conheceu Vaclav. Lena não quer contar nada sobre Vaclav a

Serena. Ela mantém Vaclav guardado dentro de seu peito, de sua caixa

torácica, acomodado entre suas costelas delicadas e seu coração pulsante,

tão especial, tão sagrado ele é para ela que nem suporta pronunciar o

nome dele em voz alta para ninguém; ele é um segredo que vai guardar

consigo para sempre; como o sacrossanto cobertor-talismã de uma criança, ela não tolera que ninguém mais o toque, mesmo que seja só com

os ouvidos.

Ela tem medo de tocar a lembrança perfeita que tem de Vaclav.

Andou pensando nele, sobretudo nos últimos anos, mas tem pavor de

tirá-lo da lembrança e arriscar-se a perdê-lo para a vida real.

Lena se lembra da história de ninar que a mãe de Vaclav lhe

contava. Lembra-se daquela história quase palavra por palavra.  
Pensa no

final, sobre como o rapaz não suporta ir à janela do castelo na  
última

noite, prefere perder sua chance, continuar sem saber. Por mais  
medo que

tenha de estragar a lembrança perfeita, não quer perder Vaclav para  
a

segurança do não saber. Agora quer ligar para Vaclav e encontrar  
seus

pais.

— Quer dizer, ser adotada com 9 anos deve ser fascinante — Serena  
interrompe seus pensamentos. — Como foi isso de ter de repente  
uma

mãe novinha em folha? — pergunta Serena.

— É, foi meio assustador, mas meio feliz também — responde  
Lena.

Lena recorda os primeiros dias que passou com Emily como sendo  
os mais felizes de toda a sua vida. Lembra Emily mostrando-lhe a  
casa,

dizendo-lhe que agora era também a casa dela. Lembra-se de Emily  
lhe

dizendo que aquele seria seu lar para sempre, que nunca mais precisaria

se mudar nem ir embora. Lembra a primeira vez em que viu seu quarto,

com a própria cama, uma grande cama de quatro colunas com cobertores

e vários travesseiros. Lembra que havia um armário enorme cheio de

cabides vazios, e que Emily disse que iriam comprar todas as roupas que

Lena quisesse para pôr naqueles cabides. Para Lena, era perfeito, um

sonho que se realizava.

Emily se lembra das coisas de maneira diferente.

## DO QUE EMILY SE LEMBRA

Emily estava apavorada. Passeou com Lena pela casa, mostrou-lhe como usar o micro-ondas, como usar a tampa da banheira e como ligar e

desligar a televisão porque não sabia mais o que fazer. Lena não falava

nada e seu rosto estava inexpressivo. Emily antes se preocupara com a

possibilidade de Lena ficar assustada, ou tímida, ou muito instável, mas

ela parecia completamente ausente, incomunicável. Lera sobre pais que

havam adotado crianças negligenciadas em orfanatos na Romênia e de

como as crianças não se apegavam, nunca seriam normais, talvez até se

tornassem sociopatas. Lera sobre pais que, após anos de luta, decidiam

finalmente que seus filhos necessitavam de mais do que eles podiam dar,

e que então tinham de mandar as crianças embora, para clínicas psiquiátricas.

Os dias passavam e Lena não falava. Emily levou-a a uma

terapeuta, uma mulher linda com um consultório cheio de brinquedos

que, depois de uma sessão de uma hora com Lena, chamou Emily e disse-

Ihe que Lena precisaria ser submetida a horas de testes e terapia

214

prolongada. Emily olhou para Lena, sentada em sua cadeirinha, parecendo mais aterrorizada do que nunca.

A terapeuta disse a Emily para voltar com Lena na semana seguinte para começarem os testes e que Lena precisava ser atendida de três a

quatro vezes por semana. Emily levou Lena para casa e Lena ficou sentada à mesa da cozinha vendo Emily preparar queijo-quente.

— Nunca mais vamos voltar lá, e você não precisa falar se não quiser — disse Emily —, mas preparei esse queijo-quente que é disparado

o melhor sanduíche da região, e seria realmente ótimo se você dissesse

obrigada.

Emily colocou o sanduíche na frente de Lena.

— Obrigada — disse Lena.

— De nada — disse Emily, estupefata.

Nos dias seguintes, Lena começou a falar, a perguntar, até a sorrir para os programas de TV. Não dava uma palavra sobre sua tia, sobre o

que acontecera antes. Era como se tivesse nascido com 9 anos, como se

não tivesse memória. Importava-se com o que estava diante dela:

perguntou a Emily se os pombos tinham nomes, de que eram feitas as

calçadas e de onde vinham as cores das tintas. Na maior parte das vezes,

Emily respondia da melhor maneira que podia e Lena parecia satisfeita.

Voltar para a escola foi outra história. Toda vez que Emily

mencionava a escola, Lena ficava agitada. Em um dia de compras de material escolar, Lena teve um acesso de raiva e derrubou uma prateleira

de quadros-brancos quando Emily não compreendeu que tipo de lápis ela

queria. Saíram da loja sem comprar nada.

215

E nada do que Emily fez para preparar Lena parecia ajudar.

Visitaram a escola, encontraram os professores de Lena e passearam pelos

corredores, pela biblioteca, pelo ginásio. Ainda assim, na manhã do primeiro dia de aula, as mãos de Lena tremiam enquanto ela tentava comer o cereal. Emily passou o dia inteiro sentada num banco da esquina

tentando ler. No fim do dia, Emily caminhou com Lena até em casa. Lena

recusou-se a conversar; não respondeu a nenhuma das perguntas de

Emily sobre seus professores, sobre as outras crianças, sobre os livros que

estavam lendo em aula.

Depois do terceiro dia de aula, Emily foi chamada para uma reunião.

— Ela está tendo acessos de raiva todo dia — disse a Srta. Rhys.

Emily estava desconfortavelmente sentada numa cadeira pequena de sala de aula, com a bolsa no colo.

— Estou surpresa — disse Emily.

— Mesmo? — disse a professora, levantando uma sobrancelha.

— Em casa, ela está conversando, é expressiva... — disse Emily.

— Ela fica zangada em casa? — perguntou a Srta. Rhys.

— Ela fica frustrada — respondeu Emily, sem querer admitir que,

quando sentava para fazer o dever de casa, Lena ficava muito irritada.

— Bem, em sala, ela perturba os outros; bate na carteira e... é difícil descrever... faz aquele som. Ela guincha. — Emily sabia exatamente a que

som a professora se referia, um grito agudo abafado que Lena produzia

no fundo da garganta. — Parece que as outras crianças têm medo dela.

216

De certa forma, aquilo era um alívio para Emily; receara que fossem tirar sarro de Lena ou amedrontá-la.

— Olha, ela precisa de tempo para se adaptar... — disse Emily, com medo de que a professora de Lena a fizesse sair daquela escola.

— Espero que compreenda, não posso permitir que uma aluna ameace a segurança do ambiente escolar...

Emily interrompeu-a; não queria escutar o fim da frase.

— Compreendo. Tudo vai melhorar, vai, sim. Agradeço a sua bondade.

Emily saiu furiosa da sala, muito aborrecida por ter de defender

Lena daquela mulher, que ameaçava expulsá-la na primeira semana em

uma escola nova. Enquanto andava para casa, onde Lena estava com a

nova baby-sitter, filha de uma das melhores amigas de Emily, pensou em

como estava desapontada com aquela mulher da escola. Todo mundo

jurara de pés juntos que a escola era um ambiente seguro e acolhedor,

onde se tolerava diferenças, que seriam aliados de Emily no caminho do

sucesso de Lena. No entanto, a Srta. Rhys não havia sugerido nada para

ajudar Emily, para ajudar Lena, e agora Emily teria de ir à diretoria; teria

de relatar as maneiras sutis como aquela conversa deixara claro que Lena

não era aceita nem tolerada.

Emily estava furiosa, mas, quando chegou em casa, parou e

respirou fundo. Não queria que Lena soubesse que estava chateada. Ao

deixar as chaves na vasilha junto à porta, ouviu Lena lá dentro

guinchando para o dever de casa.

Na cozinha, Lena apoiava a cabeça nas mãos e puxava o cabelo.

Amy, a baby-sitter, estava sentada pacientemente ao lado de Lena,

217

esgotada. Ao ver Emily, fez cara de quem pede desculpas e Emily disse

no mesmo instante:

— Amy, está tudo bem. Desculpe. Deixa eu lhe pagar para você ir

logo para casa. Emily deu 20 dólares a Amy, muito mais do que deveria.

Depois que Amy saiu, Emily sentou-se à mesa com Lena.

— Lena, pare de puxar o cabelo — disse, mas Lena parecia não ouvir.

— Lena, pare. Pare. — Sentiu a raiva crescer dentro de si, a raiva que tentara deixar lá fora, mas não conseguira, raiva de Lena por se machucar, raiva da professora, de tudo.

— *Pare!* — gritou. — Você está frustrada, está zangada, você tem direito de estar zangada, claro que está zangada. Você é inteligente. É

mais inteligente do que todos na sua turma inteira; é mais inteligente do

que sua professora. Só não dispõe de todas as palavras de que precisa, e

isso não é culpa sua. Não é culpa sua; não é culpa sua.

Lena chorava.

— Chega de ataques de raiva na escola. Essa é a regra. Nada de gritar. Nada de guinchar. Essa é a regra. — Ela não sabia mais o que dizer, mas desconfiou que Lena gostava de regras. — Você pode gritar

em casa; pode fazer o que quiser aqui. Na escola, não.

Lena assentiu com um gesto de cabeça e enxugou os olhos, o lábio ainda tremia. Emily sentou-se à mesa e elas começaram a fazer o dever de

casa.

218

No dia seguinte, na hora em que Emily sabia ser um intervalo de aula, ela telefonou para a escola e pediu para falar com a Srta. Rhys.

Andou de um lado para outro na cozinha enquanto esperava na linha.

— Alô? — A professora estava nitidamente aborrecida por ter seu almoço interrompido.

— Alô, aqui é a mãe de Lena, Emily... desculpe se é uma hora ruim.

Só queria ter certeza de que hoje tudo está correndo melhor com Lena até

agora. — Eram apenas 11h30.

— Ela ficou a manhã inteira sentada quieta em sua carteira — disse Srta. Rhys.

— Fantástico. Era só o que eu queria saber.

— Mais alguma coisa? — perguntou a Srta. Rhys.

— Não, obrigada — disse Emily. Sabia que Lena estava seguindo suas regras e seu palpite foi confirmado. Lena tinha horror de não cumprir regras.

Lena continuou a ir à escola e voltar para casa todos os dias parecendo magoada. Emily sentava-se com ela durante todo o dever de casa, palavra por palavra. Lena chorava na hora de fazer o dever de casa

e às vezes chorava durante todo o tempo em que trabalhavam nele.

Levava horas. Lena era péssima em matemática; dava a impressão de

nunca ter aprendido nem mesmo as operações básicas. Lena disse a Emily

que se sentia uma idiota, que parecia uma burra falando, que todo mundo estava caçoando dela pelas costas. Emily sabia, por meio dos telefonemas frequentes à professora, que isso não era verdade.

Lentamente, tudo melhorou. Lena começou a compreender mais e mais seus deveres de casa, suas aulas. Tornou-se mais calma. Um dia,

terminaram o dever de casa com o dia ainda claro, e então saíram para

passar, e encontraram um ovo de sabiá que caíra de uma árvore no

Prospect Park. Lena levou-o para casa e colocou-o em sua mesinha de

cabeceira. O dia seguinte foi um pouco melhor. Com o tempo, passaram a

gastar menos tempo fazendo o dever de casa e mais passeando, catando

coisas que encontravam.

No segundo ciclo do ensino fundamental, os professores de Lena já

estavam empolgados com seu progresso e suas notas eram perfeitas. Lena

lia vorazmente e seu vocabulário se expandiu. Certo dia, com 12 anos, ao

voltar para casa, contou a Emily que algumas meninas iriam sozinhas a

Manhattan, de trem, para um jantar de aniversário.

— De jeito nenhum, não — decretou Emily.

— O quê? — disse Lena, com ar incrédulo, embora já devesse saber que Emily nunca permitiria que ela fosse nessa viagem.

— Você não pode ir, Lena, de jeito nenhum.

— Por quê? — perguntou Lena calmamente.

— Porque você é muito criança e é perigoso.

— Você não confia em mim? — Lena perguntou.

— Claro que confio em você. Não tem nada a ver com você, é que não confio no restante do mundo, Lena.

— Então que diferença faz se eu sou criança? — perguntou Lena. —

Se não tem nada a ver comigo e é só porque o mundo é perigoso, então eu

220

nunca deveria ir a lugar nenhum sozinha, certo? Deveria ficar em casa

para sempre.

— Não — replicou Emily. — Um dia você vai ter idade para isso.

— Mas você disse que não tem nada a ver comigo — insistiu Lena.

— Você não pode ir — disse Emily. — Fim da discussão.

Foi a primeira vez que Emily percebeu que Lena podia deixá-la

sem saída numa discussão, e não foi a última. Lena estava descobrindo o

poder de seu intelecto, o poder das palavras, e Emily muitas vezes tinha

de lembrar a si mesma que estava lidando com uma adolescente.

Lena fez amigos rapidamente quando começou a falar na escola.

Emily percebeu que foi fácil para Lena tornar-se uma garota popular

porque todas as outras crianças já tinham medo dela. Ela era inteligente,

mandona e divertida, e todo fim de semana havia um bando de meninas

dormindo na casa dela.

Aos 17 anos, Lena passou a integrar o conselho de alunos, e seus

professores diziam que ela liderava as discussões da turma, mas ainda

era obsessiva e frágil. A hora do dever de casa era outro tipo de campo

minado. Lena ficava horas sentada, às vezes até tarde da noite,

escrevendo e reescrevendo, conferindo e reconferindo. Lena pelo visto

adquirira o domínio da língua inglesa por meio de pura força de vontade,

decorando meticulosamente regras de gramática e expressões

idiomáticas. Era impelida pelo pavor de parecer burra e de seus colegas

de turma rirem dos erros de sua fala. Mesmo depois de seu inglês se tornar impecável, ela não abandonava esses zelo e controle rigorosos.

Começava a trabalhar com calma, mas rapidamente se irritava e se atormentava com pequenas falhas. Qualquer coisa podia tirá-la do sério:

221

uma equação que não conseguisse resolver de imediato, um comentário

levemente crítico de um professor em um trabalho que Lena passara horas corrigindo. Lena parecia uma adolescente perfeita, mas Emily sentia que era como se ela estivesse no olho de um furacão.

## **ATÉ LOGO MARCA**

— Mas você não sabe nada sobre seus pais de verdade? —

pergunta Serena. — Com quem você morava até ser adotada e vir para

cá?

— Não, não sei nada sobre meus pais — Lena diz, resolvendo não

responder à segunda pergunta de Serena. Lena está ficando cansada de

conversar com Serena, está cansada de tudo o que precisa remendar e

esconder, e não quer tentar explicar mais nada: Lena não gosta dessas

várias nuances nebulosas na história de sua vida, quando nas de todo

mundo elas são nítidas e coloridas e felizes como um cartão-postal. Lena

não gosta de editar os pontos estragados; não gosta das vezes em que só

se lembra vagamente ou das coisas sobre as quais lhe deram apenas informações incompletas, passadas de uma pessoa para outra, e sobretudo não gosta de ter enormes lacunas no meio, de modo que pensar em todos os dias até hoje parece perigoso.

Certa vez, contou a Emi sobre essa sensação, a de não gostar de recordar o passado por medo de topar com alguma superfície escorregadia, ou poça de lama, ou ponto morto, e Emi comentou que era

assim que muitos adultos se sentiam o tempo todo. Lena perguntou a

Emi se alguém se sentia desse jeito quando jovem e Emi respondeu que

não, que a maioria das pessoas tem belas infâncias, as quais gostam de

recordar, e é só quando ficam mais velhas e começam a cometer erros, a

ter arrependimentos e infelicidade é que deixam de gostar de lembrar, de

voltar atrás. A maioria, frisou Emi, não todos. Você tem de olhar para a

frente para procurar sua felicidade, não para trás, só isso.

Lena não quer só olhar para a frente e não para trás. Quer preencher as lacunas.

— Só quero preencher as lacunas — diz a Serena.

— Vá à luta, garota — diz Serena, sincera.

Lena resolve que vai preencher as lacunas. Vai procurar Vaclav. Ele vai ajudá-la a encontrar seus pais. Já havia pensado em perguntar a Emi

sobre a possibilidade de encontrar seus pais, mas descartou

imediatamente a ideia. Não que seu relacionamento com Emi seja delicado, ou que Emi não vá permitir; Lena não sabe explicar, é só porque

não suporta ver Emi preocupada, ou magoada, ou decepcionada. Não

quer nem pensar a respeito.

— Obrigada — diz a Serena.

— Não há de quê, foi um prazer — diz Serena, e de repente Lena está pronta (todas as suas pessoas estão prontas) para ir para o corredor e voltar ao dia.

Só quando já está no corredor, a caminho de encontrar seus amigos e ter seu jantar de aniversário, que se lembra da marca com sua especificidade inconsciente, de que se esqueceu de se despedir, de fixar em sua memória e de se lembrar, e que agora tem certeza de que vai se desbotar como todas as outras.

223

.

.

.

224

## **NO MESMO EXATO MOMENTO**

No jantar com amigos tudo é nada, e no percurso de táxi para casa

tudo é nada, e em casa com Emi tudo é nada. Lena está tão excitada, tão

nervosa, tão saturada de adrenalina que cada momento dura uma hora e

cada hora se estende de uma forma impossível, e o tempo não passa de

jeito nenhum. Contudo, é claro que o tempo passa; é uma das verdades

do universo: por maior que seja a dor, a alegria, o nervosismo, a

ansiedade, o amor, o medo, a coceira, o coçar, a febre, a queda, o tempo

passa. Assim, o acontecimento impossível está de repente diante dela, e

então aquelas horas, até as horas que antes pareciam feitas de milênios,

retrospectivamente parecem desmoronar sobre si mesmas, de tal modo

que a chegada do acontecimento parece na verdade repentina, e a espera

parece ter passado absurdamente rápido, e aquelas horas parecem nunca

ter existido. É assim que Lena se sente quando afinal está sozinha em seu

quarto, às 22h30 de seu décimo sétimo aniversário, pegando o telefone

para ligar para Vaclav.

Será que Lena sabe que naquele mesmo exato momento Vaclav está pensando nela (na realidade, pensando em não pensar nela)?

Ela tranca a porta e senta ao lado do telefone. Disca o número de Vaclav sem hesitação. Um número de sete dígitos enterrado desde o ano

em que Lena tinha 9 anos, discado por uma poderosa mas silenciosa parte

de sua mente, como o equilíbrio, a respiração, os barulhinhos do estômago, algo que seu corpo conhece. Seus dedos sabem o que fazer. É

assim com o número do telefone do rapaz que você ama. Amava. Vai

amar. Vai saber.

225

Enquanto o telefone toca, Lena considera a possibilidade de alguém que não seja Vaclav atender. São 22h30. É uma hora um pouco imprópria

para ligar para alguém. E então ela calmamente deixa o telefone tocar

porque sabe quem vai atender. Sabe, de alguma forma, que ele está esperando pelo telefonema dela.

Vaclav acabou de adormecer pela primeira vez sem dar boa noite a Lena quando o telefone ao lado de sua cama toca. Ele o agarra e, antes

mesmo de dizer alô, seu coração já está aos pulos dentro do peito.

— Alô? — diz, mas não é preciso falar, ambos sabem quem está do outro lado da linha.

— Aqui é Lena — diz ela.

O que mais há para dizer?

— Aqui é Vaclav — diz ele.

O que mais?

— Como vai você? — Ela abre um sorriso grande, grande, grande.

— Estou bem! E você, como vai? — Parece que a conversa vai seguindo por trilhos que nenhum dos dois enxerga; está se dizendo a si

mesma.

— Estou bem, também. Hoje é meu aniversário — diz ela.

— Eu sei — diz ele. — Eu sei.

— Você sabe? — pergunta ela.

— Sei. Claro. Sei, sim.

226

Vaclav e Lena agora comunicaram um ao outro a coisa definitiva, o

que ambos querem saber, mas não podiam perguntar: *Você se lembra de*

*mim? Fui tão importante para você quanto você foi para mim? Só eu guardei a*

*lembrança? Ou você estava junto comigo o tempo todo?*

Claro que estavam um com o outro o tempo todo. Mesmo quando

não estavam olhando, nunca precisaram verificar. Ela estava sempre lá;

ele estava sempre lá. Fora do quarto dela, em algum lugar no escuro,

como a lua.

— Onde você está? — pergunta Vaclav.

A pergunta soa estranha para Lena.

— Em casa. — Ela se dá conta de que ele não sabe de nada, onde ela mora, nada. — Park Slope — diz. Ela sabe onde ele mora.

— Você ainda mora no Brooklyn? — pergunta ele, espantado que ela possa estar tão perto.

— Moro — responde ela.

— Em que escola você estuda? — pergunta ele.

— Na Berkeley Carroll. É uma escola muito pequena — diz ela, desculpando-se antecipadamente por ele não conhecer a escola, não querendo deixar nenhuma brecha, nenhuma bolha na pele daquela conversa.

Vaclav, porém, conhece a escola. Vários amigos seus moram na vizinhança, e ele passa sempre por ela para ir às cafeterias próximas.

— Eu conheço. Passo sempre por lá... o Ozzie fica na esquina. Não acredito que nunca encontrei você — diz ele, incrédulo por ter estado a

alguns quarteirões de Lena, por ter passado pela calçada de sua escola

227

enquanto ela estava sentada lá dentro lendo, ou indo para a aula de educação física, ou aprendendo cálculo. Ela estivera bem ali o tempo todo.

— Vou sempre ao Ozzie — ela diz, se perguntando se o teria visto sem saber, mas parece impossível. — Em que escola você estuda?

— Na Brooklyn Tech — ele responde.

— Nossa, parabéns — diz ela, porque a Brooklyn Tech é uma escola-modelo, na qual é muito difícil entrar. É uma escola pública para alunos supergênios em ciências e, quando ela pensa a respeito, não se surpreende que ele esteja lá.

— Ah, obrigado. É meio longe da minha casa, mas eu gosto.

— Vamos nos encontrar? — pergunta ela.

— Vamos — responde ele.

— Na segunda-feira, depois da escola — anuncia ela. — Às 15h30?

— Está bem — diz ele.

— Encontro você perto da sua escola. Do outro lado da rua, no parque Fort Greene — conclui ela.

— OK — diz ele.

— OK — diz ela.

— Lena — diz ele, e falar o nome dela é como um sobressalto.

— Vaclav — diz ela, e falar o nome dele é como cantar em público.

— Estou muito contente por você ter ligado.

— Eu também.

228

— Eu também.

— OK, até logo.

— Até logo.

E os dois ficam sentados imóveis em seus quartos, esperando seu coração parar de bater ou explodir, e se perguntam por que já não estão

juntos então, no meio da noite. Por que não? Tudo, tudo é possível.  
O

mundo se separou, se juntou e se separou outra vez. O mundo está se

batendo como dois címbalos. Plem, plem, plem, plem. É difícil dormir com aquele barulho todo no universo. Plem, plem, plem, plem.

De manhã, na hora do café, com suas respectivas mães, mães diferentes como a noite e o dia, gorda e magra, morena e loura, pesada e

leve, Vaclav e Lena sentam-se e nada dizem a nenhuma das duas mães

sobre o Telefonema, e não mencionam a existência do Plano de Encontro.

Por quê? Por que mentir para essas mães? Por que manter secreta essa

coisa que não precisa de segredo? Vaclav e Lena não sabem. Mas mantêm

seus segredos no bolso secreto entre suas mãos entrelaçadas, protegendo-

os e querendo instintivamente preservá-los como minúsculos sapinhos

brilhantes encontrados na grama molhada, mas ao mesmo tempo

querendo partilhá-los, querendo exhibir e dividir com alguém a novidade

empolgante. Suas mentes repassam irresistivelmente a mesma coisa

várias vezes, entoando as palavras em silêncio: *Adivinhe com quem falei*

*ontem à noite? Você não vai acreditar com quem falei ontem à noite. Escute só,*

*sabe o que Lena disse?* Mas eles não dizem essas coisas, eles as guardam

para si, com cuidado, com muito cuidado.

Será que Vaclav está pensando em contar a Ryan, sua namorada, sobre esse grande acontecimento? Não, ele não está.

229

Vaclav só pensa em encontrar Lena na segunda-feira. Não pensa em Ryan.

Lena começa a trabalhar em seu plano.

**VACLAV FEZ UMA CABEÇA MAIS ALTO**

## DO QUE TODO MUNDO

Lena nunca falta aula, mas na segunda de manhã ela decide que a ideia de ficar na escola é insustentável. Declarar que o argumento de ficar

na escola é insustentável acalma Lena; ela gosta da categorização simples,

da qualidade absoluta disto: Hoje, a escola absolutamente não pode ser

tolerada. A ideia de ficar, de assistir à aula de cálculo, é insustentável

hoje. Durante todo o fim de semana, sua ansiedade cresceu

exponencialmente. Não parou de pensar na voz de Vaclav ao telefone e

de perder o fôlego. Insustentável.

Lena sai da escola e pega dois ônibus para Fort Greene, para sentar diante da Brooklyn Technical High School, num banco do lado oposto da

rua, e esperar três horas por Vaclav. Ela olha para o prédio; conta os andares, as janelas, as portas. Vaclav está dentro daquele prédio, dentro

de uma sala de aula, sentado em uma cadeira, escutando o professor

falar; ele está lá dentro. Ele está vivo. Ele é uma pessoa de verdade.  
Ele

provavelmente está nervoso por encontrá-la. Será que isso ajuda a acalmar os nervos elétricos dela? Não muito.

É um dia de outono, sem dúvida nenhuma, mas quente. O ar não está cortante; é um dia de calor ameno. As folhas estão mudando,

230

começando a mudar, só as pontas estão ficando alaranjadas, perdendo

um pouco do verde, nada exagerado ou extremo ainda.

Há grupos de garotos já passando pela calçada, embora as aulas ainda não tenham terminado. Eles têm tempos livres, ou estão saindo

mais cedo, ou estão matando aula. O que mais parece, entretanto, é que

são apenas um vazamento, que uma escola do tamanho da Brooklyn Tech

vai escoar alguns alunos nas calçadas das redondezas.

O banco de Lena fica embaixo de um bordo que deixa cair

pequenos helicópteros, pequenas hélices marrons de duas asas, como se a

natureza estivesse em festa, escolhendo árvores para lançar suas

sementes em parafuso. Lena apanha um e o rasga ao meio, dobra uma

das metades de uma das asas pensando em cotilédone, de biologia, pensando que essa coisa é de uma planta dicotilédone, mas esquecendo o

que significa ser monocotilédone ou dicotilédone.

O sinal toca dentro da escola, e soa tão alto que Lena o escuta. Em instantes, abrem-se as portas e uma enxurrada de garotos enche a rua.

Lena fica agitada. Há gente demais. O encontro deles vai ser impossível,

ele nunca vai conseguir vê-la, e ela não quer ficar olhando ansiosamente

para a multidão, esticando o pescoço, procurando. Quer apenas que ele a

encontre, quer apenas estar lá. A quantidade de ruído que vem das pessoas é incrível; algumas parecem estar gritando, berrando, só para

usar as vozes depois do dia de silêncio forçado; todo mundo está falando

alto, rindo alto, gritando um para o outro e piando. Alguns garotos estão

de fato dando pios selvagens de aves uns para os outros.

Lena não se lembra de ninguém na sua escola jamais ter sido tão

barulhento. Talvez, ela pensa, quando se é parte daquilo, não pareça

231

assim tão barulhento. A escola de Lena é minúscula, maravilhosa, particular e sossegada.

Na calçada da escola há diversos grupos de garotos, todos vestidos de modo exagerado. Em vez de usarem somente acessórios, eles parecem

fantasiados, e é demais. Pensa vaidosamente sobre sua escola pequena,

onde todo mundo pode ser apenas o que é, depois sente uma onda de

alguma coisa... sente-se privilegiada? Sortuda? Não é uma sensação conhecida. Essa escola, onde a pessoa tem de fazer tanto barulho, de

todas as maneiras, tem de ser tão grande, seria exaustiva para ela.

Prejudicial.

Num dos pequenos grupos de pessoas ela repara em um rapaz

muito mais alto do que todos os outros. Uma cabeça mais alto, até mais

de trinta centímetros, e ele se destaca na multidão. Vira-se para falar com

alguém e Lena vê seu rosto. É inconfundivelmente o de Vaclav, mas está

completamente diferente. É um homem adulto sorrindo o sorriso de Vaclav. Ainda não a viu. Lena pensa na coincidência de sua atenção fixar-

se naquela pessoa em especial, naquela nuca, e a nuca acabar sendo a de

Vaclav, mas, claro, ele é alto, portanto qualquer um repararia nele. Quem

apostaria que Vaclav ficaria tão alto? Além do mais, quais são as chances

de que aquela pessoa em particular que Lena está procurando, aquela

pessoa que é tão especial para ela, seja também tão especial para todo o

universo, esteja tão acima de todo mundo, seja tão obviamente espetacular, luminoso, encantador e mágico?

Está sentada ali, se perguntando se Vaclav vai reconhecê-la da

mesma maneira, quando ele começa a atravessar a rua, seguindo direto

para ela pela calçada. O cabelo dele é tão escuro — igual ao do Super-

Homem dos quadrinhos — que ela quase espera ver pontos azuis de

232

eletricidade contornando-lhe a cabeça. Está desgrenhado, como se tivesse

retorcido as mechas o dia inteiro. Ela está abismada com o cabelo dele,

mas, sobretudo, não consegue tirar os olhos das sobrancelhas.

As sobrancelhas de Vaclav são grandes, escuras, mas separadas

uma da outra, não se fundem no meio, não desmoronam ao peso uma da

outra. São pesadas e densas, mas de certa forma leves, graciosas, como

carvão, porém mais lustrosas, vivazes, reluzentes? Será que podem ser

reluzentes? Ele está sorrindo com o rosto todo, um sorriso que se

expande, que se expande mesmo ao atingir sua capacidade máxima de

sorrir, seu sorriso se expande incrivelmente, e ela também está sorrindo, e

se levantando do banco porque ele está bem ali, diante dela, e ela não tem

certeza se vão se abraçar ou não, mas vão, sim, estão se abraçando, e

então, sim, ela está no ar nos braços dele, seus pés saíram do chão, e o

rosto dele está em seu cabelo, e ela está rindo, rindo, rindo, e ele emite um

som que parece o grito que se dá quando descemos o tobogã de água

mais íngreme do parque, e eles ficam assim para sempre.

233

**ELES NÃO FICARAM ASSIM PARA  
SEMPRE DE VERDADE, MAS ALGUNS MOMENTOS  
PARECEM ETERNOS, NÃO PARECEM?**

Vaclav já sabia que ela estava sentada lá antes mesmo de vê-la.

Sentira que ela olhava para ele. Sabia que era ela, tinha de ser ela, porque

ele sentiu, de repente, a compulsão para se virar e olhar para aquele

banco, olhar na direção dela, como se houvesse ímãs nos olhos dele e ela

fosse um pedaço supermagnetizado de algum outro planeta que tivesse

acabado de cair na terra.

Ela continuava pequena, continuava morena, os olhos ainda eram

perturbadores, mas agora todas as partes de seu rosto estavam se

tornando graciosas. Tinha cabelos tão encaracolados, tão crespos, tão

rebeldes que pareciam uma juba em torno de sua cabeça; parecia ser uma

parte dela como aquelas golas dos lagartos, aquelas que se projetam de

seus pescoços na hora da batalha. Tudo no rosto dela se tornara mais

confiante. Ei! Sou um nariz, sou uma boca; isto é o que eu faço. Tudo

parecia estável; tudo parecia no lugar certo. Ele não poderia tê-la imaginado desse jeito, mas agora que a via não podia imaginar mais nada, mais nada mesmo. E então só quis abraçá-la, mas quando se abaixou e ela estendeu o corpo para cima foi como se ela não pesasse

nada e só quisesse se atirar nos braços dele, e então ele a segurou no ar, o

que não planejara de jeito nenhum, e se preocupou porque quando a

pusse no chão ficariam um pouco constrangidos, ele já está sentindo o

constrangimento beliscando seus calcanhares, só coçando, coçando para

se espalhar.

234

Ele a põe no chão, na calçada, e há outras pessoas tentando passar por eles, o que é uma surpresa. Um momento antes, quando ela estava no

ar, em seus braços, parecia não haver mais ninguém no mundo. Ela

levanta o rosto para ele e sorri, e seu sorriso é dentuço e tolo, mas seus

lábios são bonitos, e Vaclav sorri de volta.

— Quero que você vá para a Rússia comigo — diz ela.

— Claro — concorda ele.

— Estou falando sério — diz ela, sorrindo.

— Eu sei — confirma ele.

— Quer ir a algum lugar? — pergunta ela.

— Pensei que estávamos indo para a Rússia — diz ele.

Ela põe as mãos nos quadris e faz uma cara feia para ele, uma sobancelha para cima, outra para baixo, o queixo impondo atenção, a

mesma cara feia que fez para ele da última vez que se viram.

— Quero dizer agora — diz ela.

— Quando vamos para a Rússia? — pergunta ele.

— Logo — responde ela.

— Hoje à tarde? — pergunta ele.

— Não — responde ela.

— Ótimo, porque ainda não fiz a mala.

— Estou falando sério — diz ela.

— Quando? — insiste ele.

— Vamos ver — diz ela.

— Aonde vamos agora? — pergunta ele.

— Comer alguma coisa, talvez? — sugere ela.

— OK, legal. Porque estou morrendo de fome — diz ele.

— Eu, não — replica ela.

— Estou sempre com fome — explica ele.

— Você deve estar crescendo — diz ela.

— Você acha? — pergunta ele. — Podemos comer pizza. Você gosta de pizza?

Pergunta estranha para fazer à pessoa secreta mais importante de sua vida, mas ele tem de perguntar; ele não sabe. Nunca viu Lena comer

pizza.

— Não estou com fome — diz ela —, mas acompanho você. Temos muito que conversar.

— Para caralho — diz ele.

Ela se surpreende ao ouvi-lo falar palavrão, mas ao mesmo tempo fica empolgada com esse lembrete de que agora são adultos. Ele dizer

—caralho|| faz a Rússia parecer possível. O plano da Rússia é algo que ela

está guardando na cabeça e que cutuca, como um dente mole, para ver se

é real. Às vezes é, às vezes não. Às vezes lhe parece bom, às vezes, muito

ruim. Hoje está lhe parecendo realmente bom. Realmente verdade.

Eles começam a andar pela calçada juntos, lado a lado, olhando

para os pés. Não estão acostumados a percorrer a calçada juntos; não têm

um ritmo para caminharem juntos, como fazem os casais na cidade, como

236

fazem velhos amigos. Vaclav anda devagar para acompanhar o ritmo de

Lena. Eles se espremem, desajeitados, ao passarem por postes de luz ou

grupos de pessoas, e acham complicado atravessar a rua.

— O que você tem feito? — Vaclav pergunta.

Lena sorri para ele com ar malicioso.

— Um monte de coisas — responde. — E você, o que tem feito? —

Ela sorri; é tão esquisito perguntar a ele o que anda fazendo. É como

encontrar o presidente e perguntar: —E aí, como está?||

— O mesmo — responde ele, querendo dizer o mesmo de quando  
você foi embora, querendo dizer mágica, querendo dizer tentar  
tomar

conta de você com a minha mente, tentar controlar os  
acontecimentos

usando poderes sobrenaturais.

## **MISSÃO SECRETA**

Inacreditável para Lena e Vaclav estarem sentados numa pizzaria,  
um de frente para o outro, simplesmente pedindo uma pizza, como  
se

tudo fosse normal.

Felizmente, para Lena e Vaclav, presume-se que Vaclav, sem  
contestação por parte de Lena, não possa falar enquanto come.  
Vaclav

come feito um porco. Lena receia que o molho da pizza respingue  
nela,

que ela vá se queimar com o queijo derretido arremessado.  
Enquanto

Vaclav come suas três primeiras fatias, Lena tira o queijo de outra  
fatia e

explica a ele o plano da Rússia.

— Quero encontrar meus pais — conta. — Quero dizer, meus pais biológicos. Tenho uma mãe agora, uma mãe mesmo, minha mãe de verdade. Ela me adotou. Eu a adoro. Quero apenas saber sobre meus pais verdadeiros.

Vaclav repara na calma impressionante da voz de Lena quando ela fala de sua nova mãe, sua mãe de verdade.

— Quero que você venha. Vai ser muito difícil encontrá-los. Ainda não sei como vou conseguir, mas tenho certeza de que podemos encontrá-los. Quero dizer, não deve ser impossível. Sei que eles estão por aí, a questão é só descobrir a maneira de encontrá-los. Por meio de documentos, ou seja lá do que for.

Vaclav para de mastigar, só momentaneamente, levanta os olhos para Lena; quer fazer uma pergunta, mas está de boca cheia e ela não para de falar.

— Vamos fazer tantas pesquisas aqui quanto for possível antes de viajar, e talvez a gente obtenha algum progresso, mas tenho certeza de que vamos encontrar barreiras e vamos precisar de informações que só

encontraremos lá mesmo, sabe? Talvez sejamos obrigados a bater em

portas e fazer perguntas, ou procurar registros em algum lugar obscuro,

ou sei lá mais o quê.

Vai ficando bem claro para Vaclav que grande parte da concepção

desse plano de Lena foi baseada em programas de televisão. Além disso,

muito do atrevimento de seu plano baseia-se na confiança de uma aluna

estudiosa, a confiança de que, com zelo, esforço, dedicação, pesquisas

completas, investigação e planejamento qualquer resultado pode ser obtido. Vaclav também é discípulo desse método em sua vida. É

238

precisamente por isso que tem certeza de que será, um dia, um mágico

bem-sucedido.

— O problema é chegar lá... mais especificamente, o dinheiro para chegar lá. Mas isso é só um número; a gente conta um número de cada

vez. Um dólar de cada vez — diz ela.

Novamente, esse é o pensamento de uma pessoa que é inteligente o

suficiente para saber que é inteligente e que, mesmo num mundo muito

grande, não existe ninguém significativamente mais inteligente, e portanto qualquer coisa pode ser realizada. Não há nada de infantil em

querer encontrar os pais. Uma necessidade, pensa ele, que deve ser inata,

natural, eterna. Lena é igual a um pombo-correio, a um bumerangue.

Existe um motor dentro dela sempre à procura deles.

Ela não parou de falar.

— O principal é que podemos chegar lá se simplesmente decidirmos ir, entende? E eu sei que você compreende isso, que se decidirmos fazer isso acontecer então é possível. Então está feito.

Praticamente.

— Sabe o que Houdini disse? Ele disse: —Fiz coisas que racionalmente não poderia fazer porque disse a mim mesmo: Você tem

de fazer.||

— Gosto disso — diz ela.

— Achei que gostaria — ele diz, e ambos enrubescem. — Antes de mais nada, sim, claro que vou com você.

Lena nunca duvidou de que Vaclav fosse. Balança a cabeça, concordando.

239

— Então, só quero resolver umas coisas antes, porque é claro que vou, só tenho umas perguntas, umas ideias e coisa e tal, sobre o plano.

Mas não quero que se preocupe de jeito nenhum achando que não topo,

porque eu realmente topo — diz ele. — Primeiro, você tem certeza absoluta de que eles estão na Rússia? — pergunta.

— Tenho.

— Por quê? Se você não sabe onde eles estão, como pode ter certeza

de que não estão aqui?

— Se estivessem aqui, nos Estados Unidos, teriam entrado em contato comigo. Teriam me encontrado. Em algum momento. Lena afirma isso como fato. Vaclav tem menos certeza.

— Como sabe se ainda estão vivos? — pergunta ele e imediatamente se questiona se aquela é uma pergunta que pode fazer.

Parece uma pergunta cruel, horrível.

— Não faz mal. Se eu os encontrar e eles estiverem mortos, ainda assim os terei encontrado. Só quero preencher as lacunas. Não quero

nada deles. Só quero saber. Quero saber por que vieram para cá e por que

me abandonaram. Acho que qualquer um iria querer saber.

Vaclav pensa em como seus pais também vieram para os Estados

Unidos, trouxeram-no para cá. Pensa em como não conversaram muito

sobre isso, há muitos anos que não conversam. Ele não perguntou a sua

mãe ou seu pai como era a vida deles na Rússia, por que saíram de lá, não

perguntou nada. Suas conversas à mesa do jantar são sobre a escola,

sobre política e tudo o mais. Vaclav lembra um pouco da vida na Rússia

de quando ele era pequeno; lembra um dia em que brincou com outro

menino do lado de fora do grande prédio em que moravam, e de um

240

brinquedo, um astronauta de corda que, ao chegarem aos Estados

Unidos, percebeu que deixara para trás, o que o fez chorar. Lembra que

levou seu livro sobre Houdini consigo no avião. São apenas vagas lembranças que tem de quando era pequeno; a vida antes disso nunca é

discutida. Vaclav quer contar isso a Lena, dizer algo como: "*Meus pais*

*moram comigo na mesma casa e não sei nada sobre essas coisas que você acha que*

*a maioria das pessoas sabe.*" Ele não diz isso. *Poderia saber se quisesse, diz a si*

*mesmo, e essa é a diferença.*

— Você vai contar a seus pais sobre isso? — pergunta ele, mais

uma vez se dando conta de que as coisas básicas que desconhece sobre a

vida de Lena dariam uma longa lista.

— Meus pais, não, minha mãe. Só tenho mãe. Não, não vou, porque ela nunca me deixaria viajar sozinha. Sozinha? Para a Rússia? Nunca.

Tem de ser segredo.

É uma missão. Vaclav compreende as missões, compreende a necessidade de manter segredo quando algo é tão importante.

— Também não vou contar à minha mãe; ela surtaria.

Lena quase se encolhe à menção da mãe de Vaclav, e se pergunta

por quê. Por que a menção à mãe de Vaclav a deixa ansiosa? Às vezes sua

mente fica cheia de buracos. Estar ali com Vaclav é bom, mas sente que

ele está tocando em alguns pontos obscuros e sensíveis. Suas perguntas

são mais difíceis de responder, mais difíceis de escutar do que ela pensou

que seriam, como se ele estivesse pressionando alguns músculos dela que

estivessem atrofiados.

— É — diz. — Acho que é melhor ninguém saber. Mais fácil.

241

— Tudo bem — diz ele, sem ao menos questionar por que precisam ir sozinhos, e por que conseqüentemente o plano tem de ser mantido em

segredo, de tanto que lhe agrada ter um segredo com Lena outra vez.

Saem da pizzaria, e Lena diz a Vaclav que precisa ir, que tem uma reunião. Conselho Escolar. Sim, é uma chatice. Ela é a presidente, e ainda

assim é uma chatice. Pois é, é bom para solicitar vaga em faculdades, ela

explica. Essa conversa, esse bate-papo sobre assuntos de escola consiste

apenas em palavras para encher o ar enquanto se entreolham. Não querem deixar a companhia um do outro e não sabem como se despedir.

— Ah, espere aí! — diz Vaclav. — E a sua tia? Será que não pode nos ajudar? Ainda mora na rua Sete?

— Ela se mudou — diz Lena. — Voltou para a Rússia.

— Ah, que pena — Vaclav diz. — Ela provavelmente sabe alguma coisa, não é?

— É — diz Lena. — Bem que eu gostaria de perguntar, mas ela foi embora.

Há uma pausa, que Vaclav preenche com:

— Posso encontrar você amanhã?

E Lena saltita ao final do —amanhã|| com um sim. Aqui, depois da aula. OK, eles dizem, várias vezes, ok, ok, ok, sorrindo, beirando a patetice. Estão prestes a se virarem e se afastarem um do outro, sem saber

nem um pouco o que fazer com essa partida, como deveria ser, e então

dão um passo à frente para o espaço do abraço, que assim que acontece

lhes parece a coisa mais razoável a fazer. Dois amigos de longa data se

abraçando. Razoável. Exceto que há muito contato entre os pescoços,

242

entre a maciez na interseção do pescoço com o queixo, há uma insuficiência de vigor amigável, silêncio demais no mundo enquanto se

abraçam.

Quando sai andando, Vaclav percebe que queria contar a ela sobre seu novo truque, o Sarcófago de Mistério do Antigo Egito. Ela ficaria tão

entusiasmada, porque eles sonharam construí-lo juntos quando eram

pequenos e ele finalmente o fez. É um número para duas pessoas, e ele

ainda não teve oportunidade de praticar. Esteve sempre esperando por

Lena.

## O DIA SEGUINTE

Sentam-se debaixo de uma árvore no parque Fort Greene. Sentam-se no chão e correm os dedos pela grama. É bom que a grama esteja ali,

dá a eles algo para pegar, para puxar, um ponto onde pousar os olhos

enquanto conversam.

Lena está olhando para a grama e Vaclav está olhando para ela.

Não consegue acreditar que ela está bem ali.

Lena diz a Vaclav que quer contar tudo a ele, e então lhe conta quase tudo.

Conta o que sabia a respeito dele antes de encontrá-lo, assunto sobre o qual nunca falaram quando tinham 9 anos. Conta sobre

Radoslava Dvorakovskaya e sobre o dia em que a encontrou morta na

banheira. Conta que não sabe onde estava antes de Radoslava, nem como

chegou à casa dela. Conta sobre a espera pela tia, sobre os dias de colorir

e sobre não conseguir falar.

Vaclav fica muito contente, muito contente porque ela está lhe contando tudo.

Ele pergunta se ela lembra o que houve quando a levaram embora.

Ela conta sobre o Serviço de Proteção à Criança, sobre ir morar com Emi.

Conta a ele sobre o dia em que Emi disse que ia adotar Lena, que foi no

segundo dia de Lena na casa de Emi. Conta a ele sobre como ela e Emi

decidiram como Lena a chamaria, uma vez que Emi eram as primeiras

três letras, a primeira sílaba do nome dela, Emily, e lembravam a letra

eme, de Mamãe, e como seria um modo de chamá-la de Emily e de

Mamãe sem dizer nenhuma das duas palavras.

Vaclav repara que Lena está pulando coisas. Está pulando a parte

sobre a mãe dele ter chamado a polícia. Imagina que ela esteja deixando

isso de fora porque é constrangedor falar a respeito, porque foi culpa da

mãe dele Lena ter sido levada embora. Ele sempre culpou a mãe e

imagina que Lena deve fazer o mesmo. Claro que não está mais zangado;

sabe que sua mãe pensou estar ajudando quando teve uma reação exagerada, estragou tudo e fez Lena ser levada embora. Só porque ela

ficava muito tempo sozinha em casa, só porque a tia dela fazia striptease

e tudo o mais, a mãe chamou a polícia. Ele está realmente contente por

Lena estar mais feliz com Emi, que tudo tenha acabado bem para ela. De

alguma forma, ele sempre imaginou que as coisas haviam piorado para

Lena quando ela foi embora, talvez porque fosse muito pior para ele.

O sol está se pondo e sopra um ar frio. Ele dá seu agasalho a ela; não há possibilidade de ele sentir frio. Conversam até escurecer e o parque estar prestes a fechar. Levantam-se e vão para o metrô, e ele conta

que mal pode esperar para trabalhar no espetáculo de mágica novamente.

Diz que nunca encontrou uma assistente substituta.

244

Ela sorri para ele e diz que mal pode esperar para começar a planejar a viagem deles para a Rússia.

**QUANDO A GENTE ESTÁ AMANDO,**

## **PARECE QUE ESTÁ FLUTUANDO**

Lena e Vaclav passam o tempo em êxtase com a companhia um do outro. Estão de olhos arregalados como cães famintos, como recém-convertidos. Ambos vagueiam pela escola como zumbis, e ninguém nota.

Pela primeira vez, Lena faz o dever de casa no corredor encostada num

armário dez minutos antes do início da aula, em vez de, meticulosamente,

na tarde em que foi pedido, em casa, à mesa da cozinha, com Emi lhe

fazendo companhia, vigilante, como um funcionário de torre de vigia de

incêndios.

Até então, o dever de casa era barra pesada. Uma área

contaminada, uma briga de foice, uma chacina completa. Muitos lápis

mastigados e pontas de lápis quebradas. Muito papel rasgado. Lena

surpreende-se com sua capacidade para ir contra a própria natureza. Emi

também está contente. Lena fazendo seu dever de casa durante horas à

mesa da cozinha, imersa, obcecada, era melhor do que os acessos de

gritos, mas era ainda outra versão de desequilíbrio.

Vaclav agora faz as provas sem estudar; passa pela hora do almoço sem fazer piadas, sem divertir os amigos, sem fazer truques de mágica.

Está ocupado anotando coisas para Lena ler, para dar a Lena, sobre quanto pensa nela, sobre como se sente ótimo. Está ocupado escrevendo

listas, planejando a viagem à Rússia. Está elaborando maneiras de juntar

dinheiro, perguntas a responder, lugares para ver. Sua nova ideia favorita

245

é conseguir dinheiro com espetáculos de mágica. É tão perfeito, um círculo perfeito. Ele e Lena estão juntos novamente — claro, era inevitável, ele, o mágico famoso, ela, sua linda assistente.

## **UM FURACÃO COM MUITOS OLHOS**

Vaclav entra na escola com olhos vermelhos. Não dormiu nem uma hora; passou a noite toda ao telefone com Lena. A noite inteira, planejando. Começou a realmente imaginar entrar num avião com ela e

decolar, voar para algum lugar onde nunca estiveram. Sabe que podem

fazer isso porque podem fazer qualquer coisa.

Vaclav não vê Ryan de imediato, está tão cansado, ainda está pensando em Lena, em como foi fácil passar oito horas no telefone com

ela. Ryan espia Vaclav passar pelo corredor na direção do armário, e ela

não está sozinha. Todos os amigos dela também estão espiando.

— Oi — diz Vaclav, percebendo que algo está errado.

— Você perdeu meu show — anuncia ela.

— Ah, me desculpe — diz ele, dando-se conta de como a esqueceu completamente.

— Lindsey viu você — diz ela.

— O quê? — pergunta Vaclav.

— Lindsey viu você sentado com uma garota. No parque Fort Greene — diz ela.

— O quê? — repete Vaclav.

246

— Ela viu você com uma garota de cabelo crespo.

É a primeira vez que Vaclav percebe que Lena e Ryan podem ser mutuamente exclusivas.

Ryan tem lágrimas nos olhos.

— Ela é só uma amiga... — começa ele, mas Ryan já está indo embora.

## **QUANDO A GENTE ESTA AMANDO**

## PARECE QUE ESTA CAINDO

Vaclav de repente sente-se péssimo com relação a Ryan. A verdade é que ele não pensou nem um pouco nela desde que Lena voltou. Agora

há uma agitação em sua barriga e um formigamento em seu cérebro que

definitivamente não são produtivos, e ele sente que pode conversar com

Lena sobre qualquer coisa, de modo que puxa o assunto. Puxa o assunto

com Lena na vez seguinte em que estão sentados no parque, debaixo da

árvore, que se torna a melhor e mais especial árvore do mundo a partir

do momento em que eles se sentam juntos sob seus galhos e pegam seus

frutos.

— Você já reparou que nós praticamente não fizemos mais nada exceto nos vermos desde que, sabe, nós nos reencontramos? — reflete ele.

— Pois é — concorda Lena, os olhos brilhando, animada. — Não é doido?

— Não tenho feito nada para a escola.

— Nem eu! É uma loucura. — Ela vasculha a memória procurando um exemplo, um exemplo para dar a ele, como um presente. —  
Ontem

entreguei um trabalho de laboratório que fiz em dez minutos, no corredor. Logo antes da aula.

O rosto dela está iluminado como se tivesse uma lâmpada acesa no crânio, e ela tem a sensação de que a luz deve estar saindo pelo canto de seus olhos.

— Não conversei nada com minha mãe; ela nem sabe sobre você. Não sabe que você voltou — diz ele.

— É, ainda não falei com a minha mãe também. Simplesmente não tive vontade.

Isso parece para ele um comentário incompleto. Há mais segredos sobre esse relacionamento do que o que foi dito, e ambos sabem disso.

— E, até hoje, fazia uma semana que não falava com minha namorada — diz Vaclav e, à medida que as palavras alçam voo, ele escuta

o que está dizendo e imagina qual será o impacto dessas palavras, e tenta

falar como se estivesse deixando cair um pequenino marshmallow numa

xícara de chocolate quente, mas as palavras caem como o pedregulho que

são.

— Ah, não sabia que você tinha uma namorada — diz ela.

Contendo as lágrimas? Os punhos? Ela não sabe. Só sabe que está tentando se conter, se controlar.

— Pois é, desculpe. Acho que deveria ter contado a você.

— É, acho que deveria.

248

Ela está zangada. Ela é um cometa se chocando com a Terra. Está tentando não explodir, dá para ele ver, mas vai haver um impacto.

— Há mais alguma coisa que você não tenha me contado? — Lena está enfurecida. As palavras chacoalham em sua garganta.

— Bom, desculpe não ter contado sobre a namorada, desculpe se é tão importante assim, eu teria contado se soubesse.

— Bom, então não é nada de importante. É como você diz, não é nada de mais, certo? Claro. Tudo bem.

Mas ela está enfurecida.

— Não, acho que é importante, sim. Quero dizer, você é

importante. Você é tão importante que não pratiquei mais a minha  
mágica desde que vi você naquele banco... — diz Vaclav.

— Não posso acreditar... — diz ela, com um sorriso, e para.

— O quê?

— Não acredito que você ainda quer ser mágico. — Faz uma pausa.

— Sinceramente, cresça. — Ela fala como se ser mágico fosse ao  
mesmo

tempo hilariante e patético.

Vaclav só é capaz de balançar a cabeça.

Lena se levanta, esperando.

— Não acredito que você tenha dito isso. Você é exatamente a  
mesma de antes — diz ele.

*Como posso ser exatamente a mesma, pensa ela, se nunca tive a*

*ideia de quem sou ou de quem fui?*

249

— Você só se importa com você mesma, com a sua vida fodida.

Com ir para a Rússia, com seus pais. Você não se importa comigo.

— Como posso me importar com você se você não me conta nada  
sobre a sua vida? Não me conta sobre sua namorada, não me conta  
nada.

Como posso saber? — Ela pega a bolsa e vai embora.

*Esqueci completamente dela, e de tudo o mais no momento em que você*

*apareceu, pensa ele. Amo você, vou para a Rússia com você, iria para qualquer*

*lugar com você, estive com você o tempo todo, esperei por você todo esse tempo,*

*faço qualquer coisa por você, sempre foi assim, ele pensa, mas ela já foi embora.*

Ela não tem a menor ideia de o que fazer, o que pensar, e está

pensando em tudo. Está pensando , *eu o amo, eu o odeio, como ele pôde não*

*me contar sobre a namorada, detesto ela, por que a detesto, nem ao menos a*

*conheço, não acredito que falei de um jeito que parece que acho idiota ele ainda*

*fazer mágica, claro que não penso isso, penso? Talvez eu pense que seja idiota ele*

*ainda fazer mágica. Será que ele está certo a meu respeito? Sobre como eu era?*

*Como ele pôde dizer essas coisas?*

A raiva de Lena é nova e estranha para ela, e perturbadora. Ela

desce voando a escada do metrô, e os degraus de concreto parecem

estranhos sob seus pés. O metrô parece esquisito, como se fosse um lugar

onde ela nunca esteve antes. Sua cabeça ainda funciona acelerada, e ela

não quer ficar longe de Vaclav. Passaram-se noventa segundos e já parece

tempo demais. Ela quer voltar, mas não volta.

Vaclav senta-se um pouco, caso ela volte. Depois vai para a estação de metrô, desce devagar a escada e se afunda num assento dentro do

vagão. Olha para o chão, olha para a janela. Não se sente tão solitário

assim desde a primeira vez que perdeu Lena.

250

## **CAIR EM DESESPERO OU CAIR DE AMORES**

Rasia já notou que algo está diferente em Vaclav, e a coisa principal que notou foi a ausência da namorada, daquela sei-lá-o-nome-dela. Isso é

bom. É uma coisa que ela não está questionando. Vaclav tem ficado até

mais tarde na escola, e aquele negócio de ele e a namorada fazerem o

dever de casa no quarto dele antes de ela ir para casa depois das aulas,

aquilo parou.

Rasia se preocupa, é claro, que a garota tenha terminado com Vaclav e ferido os sentimentos dele. Isso é inaceitável. Rasia sente-se

capaz de estraçalhar a garota com seus dentes e cuspir fora os ossinhos

finos dela.

Emi também notou que algo está diferente. Lena está mais feliz, mais leve. Está sorrindo. Está menos obsessiva no que se refere ao dever

de casa, à escola, ao conselho de alunos. Tem até se atrasado para a escola

e ficado lá até mais tarde com os amigos. Emi sempre fica feliz ao vê-la

sendo sociável. Sempre.

Quando Vaclav e Lena chegam cedo em suas respectivas casas

naquela noite, batendo as portas, recusando as refeições, não atendendo

telefonemas, sem ver televisão, as duas mães atribuem aquilo à

montanha-russa dos hormônios adolescentes. Nenhuma das duas percebe

que precisamente naquele dia seu filho ou sua filha aprendeu que é

possível um universo bom, luminoso e emocionante se rasgar de modo

repentino e irreparável.

Lena corre para o quarto e senta-se no chão, no tapete macio, com os dedos enroscados no pelo do tapete, as pernas torcidas debaixo do

251

corpo, soluçando com os dentes cerrados, a garganta áspera. Está tão

desatinada que acredita que jamais vai se sentir melhor, jamais vai viver

feliz desse jeito, em que tudo que é bom pode desmoronar e acabar, em

que coisas terríveis acontecem e não podem ser apagadas, em que coisas

mais terríveis vão acontecer depois dessas, em que as coisas boas serão

definidas por seus finais.

Lena pensou que Vaclav fosse algo seguro, e ele não era.

Vaclav entra no quarto batendo os pés no chão. Bate a porta e anda de um lado para outro. Para lá e para cá. Tentando compreender e tentando imaginar o que fazer em seguida. Quer fazer uma lista, mas

acha que não consegue escrever as coisas em que está pensando.  
Começa

e para uma porção de vezes, escrevendo:

O que fazer com Lena?

O que fazer com Lena?

O que fazer com Lena?

### **VOAR E CAIR AO MESMO TEMPO**

Lena está deitada de bruços no chão, com o tapete irritando sua bochecha, os olhos quase se fechando e gostando, realmente gostando, da

exaustão que toma conta dela, a sensação de umidade nos olhos, as lágrimas no rosto. Sente-se satisfeita e adormece no chão.

Já é tarde quando acorda, mas não está mais cansada. Sente-se bem.

Começa a sentir que tudo vai ficar bem, ou vai melhorar. Enxerga uma

abertura, uma oportunidade. Disca o número de Vaclav.

252

Quando Lena liga, Vaclav quase esquece como estava se sentindo mal. Quando ela se desculpa, a raiva dele parece se dissolver, e ele esquece como ficou magoado por ela ter insultado sua mágica.

— Eu nunca deveria ter me zangado daquele jeito.

— Tudo bem, eu compreendo.

— Nunca mais quero discutir com você. Nunca mais quero brigar com você de novo.

— Não, nem eu com você. Foi horrível.

Lena vê, vê tudo com clareza, e enxerga uma oportunidade. Por causa da briga e da reconciliação, há espaço, há uma mudança, há fluidez.

Existe de repente uma oportunidade para dizer coisas que eles não diriam antes.

— Amo você — declara ela.

— Também amo você — diz ele, sentindo-se voar e cair ao mesmo tempo.

— De verdade — diz ela.

— Eu sei. Não precisa explicar — diz ele. — Eu sei. Sinto a mesma coisa.

— Não sei o que é, mas não quero que você fique com mais ninguém — diz ela.

Ele fica em silêncio. —

Sei que é besteira — continua. — É só o que eu sinto.

— Não é besteira — replicou ele. — Não é besteira.

253

A maneira como Lena está falando com ele passa a impressão de que Ryan é quase tão atraente e importante quanto um manual de instruções de um jogo que você não tem mais, um jogo que você não

consegue imaginar que jamais possa ter sido divertido para alguém.

Vaclav esquece que um minuto atrás ele tinha certeza de que não fizera nada errado, que a raiva de Lena por causa de Ryan era injusta. Ele

deveria ter falado sobre Ryan, é verdade, mas não estava tentando escondê-la ou mentir, apenas se esquecera de falar sobre ela.

— Desculpe — diz ele. — Não quero estar com mais ninguém a não ser você.

Lena sorri e não diz nada.

— Quero ver você agora — informa ele. — Vou até aí.

— É tarde da noite — ela objeta.

— Estou falando sério — insiste ele. — Quero ficar sozinho com você.

— Não posso — diz ela.

— Então amanhã vou à sua casa — persiste ele.

— Minha mãe vai passar o dia inteiro em casa — explica ela.

— Então vamos para a minha casa. Minha mãe só chega na hora do jantar — diz ele. — Pode me encontrar depois da escola.

— Está bem — concorda ela, e desliga o telefone, sentindo-se surpreendentemente calma, como se soubesse que isso iria acontecer, o que sabia mesmo.

254

## **PROCURE NÃO CONTAR NADA**

### **É SUA MÃE NO CAFÉ DA MANHÃ**

Fora da janela o sol sangra no céu e os pássaros estão acordando. A casa está silenciosa a não ser pelo chuveiro ligado e o bum-bum-bum do

coração de Vaclav martelando em seus ouvidos.

O despertador toca uma hora depois, mas ele já está acordado, sem conseguir dormir por causa da adrenalina que corre pelo seu corpo, num

turbilhão atordoante em sua cabeça.

Vaclav está tão empolgado com a perspectiva de ficar a sós com

Lena que não consegue pensar em mais nada, e está apavorado com a

possibilidade de deixar isso escapar e contar à mãe no café da manhã.

Quando ela lhe pergunta o que vai fazer depois da escola, ele precisa se

esforçar para não dizer o que está constantemente na ponta da língua.

No meio da aula de física, quando sua mente se desvia para Lena, Vaclav percebe que Ryan ainda é um problema. Ryan está sentada, emburrada, duas fileiras à frente.

Como Lena se transformou, da noite para o dia, de um anseio em um vício? É como se ela se plantasse em sua vida e brotasse quase instantaneamente, sem ele notar, e uma semente minúscula virasse uma

selva inteira.

Andando pelo corredor, descobre que ele e seus amigos estão

ligeiramente descompassados. Eles estão falando sobre a aula de ética da

manhã, durante a qual ele dormiu quase o tempo todo. Estão comentando

empolgados um programa de televisão a que ele não assistiu nem está

interessado em assistir. Ele se pergunta como os outros podem se

interessar por essas coisas; gostaria de poder contar a eles sua grande e

excitante novidade, e tem a sensação de que de certa forma os amigos

estão se afastando lentamente dele, como todo o restante.

Lena acorda feliz, animada. Na escola, o dia inteiro, fica absorta por um momento conjugando verbos ou fazendo uma linha do tempo, e então um pensamento sobre Vaclav a inunda e sua cabeça rodopia com a

expectativa. À medida que se aproxima a hora em que eles vão se ver, se

beijar, se abraçar, ambos começam a esquecer o que talvez pudesse ser

ruim. Os minutos passam lentamente e tudo o mais no mundo está começando a importar cada vez menos.

Depois da escola, Lena corre para encontrar Vaclav e, no caminho, todas as pessoas na calçada parecem ser senhoras tateando o chão com

suas bengalas, escolhendo por onde andar, entrando no caminho de Lena.

Lena mal consegue respirar de vontade de ver Vaclav, e vai desviando e

se esquivando das aglomerações de pessoas para chegar lá.

Quando Vaclav a avista, tenta conter o impulso de correr, como se contém uma risada em sala de aula, um espirro num enterro, mas quando

a encontra um pouco do impulso escapa do seu controle e sua passada

fica meio saltitante, mas ele não se importa, agarra a mão dela e diz:

— Minha mãe só chega em casa às 18 horas, vamos.

## **EU ME LEMBRO DESSE LUGAR**

De vez em quando, a sensação de estar de mãos dadas é demais para um ou para o outro, ou para ambos, então soltam as mãos, deixam-

256

nas cair e sentam-se em silêncio no metrô, como bêbados tentando pôr as

ideias no lugar.

Ao chegarem à parada de Vaclav, ambos estão sob uma tensão considerável, uma ansiedade considerável, a pele incapaz de conter os

nervos, de segurar galáxias de desejo em constante expansão.

Quando saem do metrô, Lena descobre que está andando numa calçada que reconhece, numa rua que reconhece. Tem a sensação de estar

num lugar inamistoso, como num pesadelo, e suas orelhas estão esquentando, como quando faz exame de sangue num consultório médico. Ela também não escuta nada, não muito bem, mas então pode ser

que sim; escuta um carro passar, e em seguida não escuta nada mesmo,

como se alguém estivesse tapando seus ouvidos com as mãos.

Vaclav olha para ela e Lena tem certeza de que ele vai notar que ela está pálida, verde, que seu sangue está virando álcool, leve e áspero em

seu cérebro, que ela está prestes a desmaiar.

Vaclav olha para ela e sorri, um sorriso grande, franco, e diz:

— Acredita que está aqui outra vez?

— É — Lena se escuta dizer, longe. Pergunta a si mesma se bastou dizer aquilo naquele momento, depois abre a boca e diz: — É, nem acredito. — Surpreende-se por conseguir falar; sua voz não soa normal.

Está surpresa por Vaclav parecer achar que ela está bem, que nada está

errado com ela, e por um instante pensa que pode realmente estar bem,

pondo um pé adiante do outro nessa calçada familiar. Um passo, outro

passo, outro passo, e ela não olha para cima, para as árvores, para as

casas conhecidas, pode continuar dando passos, um na frente do outro na

257

frente do outro. Observa seus dois pés se movendo num estranho ritmo

pela calçada.

Andando naquele bairro, Lena sente-se como se estivesse voltando ao local da própria morte. Isso é estranho e paradoxal para um ser humano, uma coisa viva, que respira, para olhar e dizer: *Ah, sim, eu me*

*lembro deste lugar. Foi aqui que eu morri.*

É menos paradoxal para Lena, que, afinal, tem sentido ultimamente que uma parte dela está faltando, está podre, talvez esteja morta? Sim. É

um pouco menos paradoxal para Lena. Recentemente ela descobriu que

algo dentro dela estava morto e aqui, de modo inesperado, ela se deparou

com a cena do crime. Para ela, faz sentido.

Vaclav a está puxando para uma porta. Lena agora precisa olhar para cima, para a casa, para as mesmas paredes de tijolos, as mesmas

janelas, a mesma caixa de correio. Tudo igual porém mais nítido a seus

olhos do que em suas lembranças nebulosas. A casa parece anunciar que

é real, que é sólida, que existe de fato, com sua detestável postura, seus

detalhes verdadeiros, a argamassa entre os tijolos, o portão da garagem, a

pilha de sapatos do lado de fora da porta telada, iguais ao que ela se

lembra.

Lena hoje não está preparada para clarear essa parte de sua mente.

Não está preparada para as sensações que aquilo desperta. Está com

medo de entrar na casa, percebe, enquanto Vaclav mexe nas chaves. A

casa parece malévola, do mesmo jeito que uma faca com a qual você se

cortou um dia nunca mais parece a mesma.

## **A QUEDA DOS IMPÉRIOS**

258

Lena entra com Vaclav pela porta da frente, e a casa está

exatamente igual, exatamente. Esteve aqui o tempo todo, não era apenas

uma lembrança. Não era apenas uma grande lembrança imprecisa,

sombria, apodrecida, era um lugar de fato, e não importa o quanto Lena

tenha se esquecido, cá está ela, grande e poderosa como sempre. Os pais

de Vaclav são pessoas parcimoniosas, são imigrantes, ex-comunistas. São

refugiados de um tempo e um lugar em que ninguém possuía nada, quando se lutava com a vizinha por uma batata farinhenta. Nem tanto,

mas tanto quanto. O fato é que foram cidadãos de um grande império e o

viram cair. Sentiram o tapete ser puxado sob seus pés. Portanto, até na

América eles economizam cada centavo, colam os pratos quebrados, costuram os rasgos do sofá e nunca, nunca, jamais, jogam fora um bom

tapete.

Por Vaclav ter nascido desses dois refugiados soviéticos, que poupam tudo, que não compram nada, a casa em que Lena entra é idêntica à casa que viu pela última vez quando tinha 9 anos.

Ela abarca tudo com os olhos arregalados, tentando respirar, com medo de estar quase perdendo o controle de si, quando Vaclav a agarra e

a beija, e ela quer empurrá-lo e dizer: —Não, aqui não||, mas as palavras

não saem. Seus joelhos se dobram um pouco, mas Vaclav interpreta isso

como se ela se encostasse nele, e a segura e beija mais.

Cheiros do passado entram depressa em seu nariz e imagens em sua cabeça. O cheiro do limpador de couro no sofá. O cheiro de amônia

na cozinha. O cheiro de vodca no copo de Oleg, e Rasia, seu perfume, seu

rosto, sua papada, sua verruga.

259

## **DIGA QUE ESTÁ ACONTECENDO**

Lena vai para o sofá e senta-se porque tem certeza de que está quase desmaiando. Vaclav se aproxima dela e ela abre a boca para dizer

algo, mas, antes que o faça, ele está por cima dela, as mãos no sofá de

cada lado da cabeça dela, os pés ainda firmemente apoiados ao chão. Ele

está numa posição de flexão de braço inclinada por cima dela e a beija,

beija com força, depois cai de joelhos, um joelho de cada lado dos quadris

dela. Está agachado por cima dela, beijando-a, beijando-a, e é fantástico, e

não é com força suficiente, e nunca vai conseguir beijá-la o suficiente, o

que é uma tortura.

Ele a larga de repente, senta-se no sofá ao lado dela, respira fundo várias vezes, respira muito e muito fundo, como um atleta, então a puxa

para seu colo e a beija mais, mais e mais.

Levanta-se e diz:

— Vamos para o meu quarto.

Ela se levanta, zonzada, segura a mão dele e lembra a si mesma que ela sabia o tempo todo que isso aconteceria. Era isso que ela queria.

Lena vai com Vaclav para o quarto dele e para bem no meio, olhando tudo. O cartaz de David Copperfield ainda está preso com massinha adesiva à parede acima da cama. Há grandes fotos em preto e

branco emolduradas de Vaclav de cartola e camiseta tirando um coelho

de uma cartola. Ela se pergunta quem as tirou. Na escrivaninha dele, reconhece O Almanaque do Mágico, que deu a ele em seu aniversário de

9 anos, e o livro sobre Harry Houdini. Preso à parede acima da

260

escrivaninha há um saco de papel pardo. Escrita no saco, com a caligrafia

cuidadosa de Vaclav, há uma lista.

COISAS QUE são:

1. Um dia ser um mágico famoso
2. Lena ser a linda assistente
3. Perseverança para atingir essas metas apesar de todo e qualquer obstáculo

Num canto, há uma caixa de madeira de 1,8 metro pintada de dourado. O Sarcófago de Mistério do Antigo Egito. Ela sabe o que é; lembra-se de quando eram pequenos, os dois sentados no chão planejando construí-lo, lendo e relendo as instruções detalhadas em O

Almanaque do Mágico, e cá está, ele realmente o fez. Lena quer fazer

perguntas a respeito, quer diminuir o ritmo e apenas conversar, mas

Vaclav se curva e a beija, suas mãos viajando dos ombros aos braços indo

até os quadris.

Cada vez que ele a toca, Lena tenta definir qual é a sensação.

Pergunta a si mesma várias vezes seguidas: Que sensação é esta? Não tem

resposta. Há um pânico em algum lugar; em algum lugar dentro de si ela

está gritando para si mesma para que preste atenção, esteja presente, algo

importante está acontecendo, mas alguma parte importante não responde, é um telefone tocando fora da base, sem resposta para a pergunta muito importante. Todas as pessoas dela saíram para almoçar.

Ligeiro, Vaclav tira a blusa dela pela cabeça. Lena, parada ali sem blusa, tem a impressão de que se surpreendeu contando até três e pulando dentro de um lago gelado. Espanta-se com o que seu corpo é

261

capaz de fazer mesmo quando sua mente está três passos atrás. Ou cinco

passos atrás. Ou nem está lá.

Lena agora está muito zozza. Os cheiros da casa parecem vir de suas próprias horríveis entranhas apodrecidas, cheiros fortes, vergonhosos, constrangedores. Olha para baixo, esperando ver emanções saindo de seu umbigo.

Lena tem apenas sensações. As mãos dele estão nela toda de uma forma inteiramente agradável, de uma forma que insinua que ele vê o

corpo dela como uma maravilha da natureza ou alguma criação perfeita.

Há deslumbramento em suas mãos, e ela é o que é tão deslumbrante. Não

se sente realmente nua. Há uma corrente de ar que vem das janelas.

Vaclav é alto. Ele está todo vestido e ela está despida. Lena tenta pensar,

mas se sente embriagada, e seu nariz foi invadido por um cheiro estranho. Cheira como a parte dela que falta, que apodreceu e morreu.

Cheira como se a tivesse encontrado, ou que essa parte estivesse por

perto, fedendo.

Este lugar, que ela está descobrindo hoje ser um lugar real, um

lugar onde uma parte dela vem apodrecendo esses anos todos, está

puxando outros fios da memória, acordando outras sinapses enterradas, e

as coisas estão começando a voltar para Lena.

Vaclav a leva para a cama. Mais beijos e eles se deitam, e ele parece

ir mais devagar. Ele a beija lentamente, suas mãos se demoram mais,

porém não de um jeito cuidadoso, delicado. É como se ela estivesse numa

montanha-russa, não na parte maluca do sobe e desce, mas no tut-tut-tut

da lenta subida íngreme, quando se começa a ter medo e a perceber que

não há mais saída.

262

Ela ainda está tentando insistentemente entrar em contato com

partes distantes de si, e elas não respondem. Quer fazer a si mesma uma

pergunta importante: *Isso é algo que quero fazer? Estou dizendo sim?* Sim a

essa coisa muito importante? Retorne assim que puder, preciso de uma

resposta. As moças na televisão, no cinema e nos livros sempre parecem

saber se estão prontas para fazer sexo pela primeira vez. Lena não sabe.

Não como uma pessoa insegura, mas como se ela, a pessoa que quer e

não quer coisas, não exista. Como se a sua parte responsável por essa

decisão esteja faltando.

Quando os corpos dos dois se entrelaçam e estão ambos sem roupa,

e as explorações dele levam-nos ao limiar, ela precisa dizer a si mesma:

Está acontecendo, olhe, preste atenção, está acontecendo.

Para Vaclav, é com isso que seu corpo vem sonhando sem sua permissão. É a peça que falta, ou ele próprio é a peça que falta e ele acabou de encontrar seu quebra-cabeça. É tudo certo e maravilhoso, e

absurdamente subestimado, ele acha, apesar de toda a poesia, todas as

canções, as pinturas e os versos dedicados a isso. A sensação, na verdade,

é tão maravilhosa que Vaclav se sente no próprio corpo como nunca antes; é impossível pensar, abstrair-se do puro deslumbramento físico;

tudo o que ele sente é tudo o que ele sente, e Lena, Lena é outro planeta, e

ele é uma estrela cadente atravessando o céu frio e negro. Ele aninha a

cabeça dela em sua mão, e a ama tanto que a protegeria de um meteorito

com seu corpo, e tenta ser delicado, e pergunta se ela está bem.

Ela não está bem. Finalmente sente algo, e é ruim. Sente como se tivesse aberto em si mesma um zíper do umbigo à garganta e não

encontrado nada no interior. A sensação é igual a estender a mão para

263

apanhar uma laranja e encontrá-la oca, estragada, desintegrando-se de

modo repugnante em seus dedos.

## **PARE**

Lena agarra o ombro de Vaclav.

— Pare — diz ela, tentando gritar, mas o que sai é apenas um minúsculo sussurro e ele não a escuta.

— Pare — diz outra vez, mais alto —, por favor.

E ele para, mas ainda não a escutou.

— Preciso sair daqui, Vaclav. Você precisa me tirar daqui. Está acontecendo uma coisa horrível, preciso ir a um médico ou a um hospital,

preciso ir para casa, por favor, me leve para casa.

Ela fala o mais rápido que pode, apesar de não ouvir a própria voz.

Tenta obrigar-se a gritar, embora não tenha certeza de que algum som

esteja saindo de sua boca. Fala o mais depressa que pode, embora haja

cada vez menos sons em seus ouvidos, menos ar em seus pulmões, menos

luz em seus globos oculares e coisas horrorosas, repulsivas, venham-lhe

de repente à cabeça.

Vaclav está paralisado; não se mexe nem fala nada. Ela está presa

debaixo dele. Está em pânico e imobilizada e, quando vira o corpo para se

soltar, vê o que ele está vendo, que é Rasia parada junto à porta.

## **O QUE RASIA ESCUTA E VÊ**

264

No trabalho, um alarme de incêndio disparou no depósito e soou a manhã inteira. Um alarme enguiçado outra vez. Tão alto que os pensamentos fogem da sua cabeça. Os bombeiros precisaram vir e desmontar o alarme para consertar o defeito qualquer que o faz gritar,

gritar, gritar quando não há incêndio nenhum, não há nada. O gerente

disse: —Voltem para casa, o dia está perdido.||

O que Rasia escuta quando chega em casa é o que sempre receou escutar. Movimentos na cama e vozes abafadas. Ryan voltou, ela pensa.

Aquela batonchik voltou. Essa é a verdade. É o que ela acha. Não gosta

disso, de pensar na garota daquele jeito, mas é como ela pensa. Caminha

devagar pela casa; sua intenção não é surpreendê-los, mas também receia

constrangê-los, na verdade receia embarçar Vaclav, e também quer

confirmar que o que acha que está se passando está realmente se passando. Assim, chega um pouco mais perto, um pouco mais, pelo corredor, seu corpo grande movendo-se em silêncio.

Junto à porta do quarto de Vaclav, ela escuta uma garota falando, e não é a voz grosseirona da americana. Não mesmo. Escuta o som da voz

da garota falando, e o som é familiar e assustador — um som como de

ladrões no meio da noite.

Essa voz não é de Ryan.

Rasia empurra e abre a porta do quarto de Vaclav, que está só

ligeiramente encostada porque ele não a está esperando, e vê seu filho,

nu, deitado em cima de uma garota com uma explosão de cabelo, um

cabelo tão escuro que não tem cor, como o negrume da escuridão de uma

caverna. Quem é essa garota que Vaclav trouxe para casa? De tão

preocupada, tão absorta, Rasia se esqueceu de se esconder e empurrou a

265

porta, abrindo-a toda. Rasia fica parada na soleira, de boca aberta,

coração batendo forte, e Vaclav a vê, e seus olhos se encontram.

A garota parece perturbada, e começa a tentar sair de debaixo de

Vaclav, vira a cabeça e Rasia vê (como num sonho em que todo mundo

está com outros rostos, e as portas se abrem para o lugar errado e seu avô

está vivo outra vez mas com corpo de cavalo) que essa garota, que ela é

uma pessoa que voltou do mundo dos mortos, que veio de outro mundo,

de outro tempo.

Rasia está zangada e assustada. Lena deveria estar longe dali para o próprio bem, longe de lembranças que devem ser tão terríveis para ela, já

são bem difíceis para Rasia, que é uma mulher adulta e forte, como se

fosse feita de batatas congeladas. Aqui está a garotinha que ela amava

como se fosse sua própria filha, a quem ela ainda quer abraçar, ninar para

dormir, contar histórias, proteger. Cá está ela, a pequena Yelena, de volta

do espaço sideral, da morte, da sua vida seguinte, da terra do nunca, do

lugar para onde a mandaram, seja lá qual tenha sido.

## **LENA LEMBRA**

Tudo ressurgue quando ela avista o rosto de Rasia. Ela lembra. Ela lembra, e não consegue se vestir rápido o bastante, e sai correndo. Vaclav

corre atrás, mas ela é ligeira demais. Quando ele chega à porta, ela já se

foi.

## O PLANETA E A POEIRA

**266**

Vaclav não vê para onde Lena foi. Corre três quarteirões numa direção, depois se aflige ao pensar que ela seguiu para o outro lado e

corre três quarteirões na outra direção. Ela se foi; ele a perdeu. Corre o

mais depressa que pode. Corre mais um quarteirão, mais um quarteirão

com lágrimas ardendo nos olhos, até não aguentar mais correr.

Rasia está sentada à mesa da cozinha, esperando, quando ele volta.

Os dois não sabem o que dizer.

Rasia está mortificada; por onde começar? Precisam conversar

sobre o assunto. Vaclav não é dessas pessoas que não falam. Isso é porque

ele é americano; não consegue não falar sobre as coisas, precisa falar

sobre tudo. Rasia consegue não falar sobre as coisas. Ainda assim, ela está

tentando, para o bem dele, ser uma mãe americana. Uma mãe americana

para um filho americano. É isso que ele quer, é disso que ele precisa.  
Mas

conversar sobre isso, porém, é demais.

Primeiro eles fazem contato visual. Ela consegue sustentar o olhar  
mais tempo do que ele. Ele não consegue de jeito nenhum. Baixa os  
olhos

para o chão e produz um som, um sonzinho minúsculo, um som que  
Rasia mal escuta. O coração de Rasia começa a amolecer um pouco  
porque esse é o som que os bebês fazem quando ainda estão só  
produzindo sons, e não palavras.

Depois ele diz:

— Não sei se vou conseguir lidar com isso, mãe.

E quando ele pronuncia essa palavra, mãe, seu lábio inferior  
começa a tremer e Rasia vê nos olhos dele que ele vai chorar, e faz  
um

bocado de tempo que ela não o vê chorar. Nem lembra quando.  
Desde

que ele estava na idade de ralar os joelhos.

267

— Isso é demais para mim — diz ele agora, e Rasia concorda. Lena  
foi demais para ela também.

Rasia deveria ter desconfiado que, quando Lena voltasse, seria em segredo, de um jeito dissimulado e mentiroso. Com aquela garota, era

sempre dissimulação e mentira. Sempre. Não era culpa dela, o que mais

podia fazer a não ser dissimular e mentir, com tanta vergonha em sua

vida, tanta tristeza. Sempre furtando e surrupiando algo da geladeira de

Rasia, as mãozinhas pequeninas sempre tentando roubar coisas, coisas

úteis do banheiro, do quarto de Vaclav, do armário de roupa de cama, de

todo lugar.

Sempre que Rasia levava Lena para casa à noite para colocá-la na

cama, depois que Lena adormecia, Rasia examinava a mochila dela e via

o dever de casa que Vaclav estava fazendo para ela, o papel higiênico que

ela estava roubando da casa, os pacotes de biscoito, um tubo de pasta de

dentes, um caderno, um pedaço de pão. Rasia queria ajudar, então usava

o que encontrava na mochila como lista de compras. Deixava papel

higiênico para ela, pasta de dentes, uma escova de dentes nova, biscoitos

para levar para a escola, sanduíches a mais. Deixava essas coisas na casa

de Lena quando ela adormecia ou deixava na própria casa para Lena

levar. Ainda assim, Lena agia com dissimulação e roubava. Talvez

porque houvesse uma lista interminável de coisas de que ela precisasse,

ou talvez porque a vergonha e o instinto de sobrevivência já estivessem

dentro dela. Talvez a dissimulação, a mentira e o fingimento fossem algo

que ela faria para sempre.

Ainda assim, Rasia está surpresa. Não pensou que Lena seria mais poderosa do que Vaclav.

268

Mas é. Lena é igual a um planeta, e Vaclav é como um cisquinho de poeira. Lena é um touro, e Vaclav é um pedaço de corda amarrado em

seu pescoço. Vaclav é uma lasca de tinta no exterior do satélite Sputnik.

Rasia diz a si mesma que Lena exerce poder sobre Vaclav porque ela é

uma garota e ele é um adolescente. No entanto, Lena sempre exerceu esse

poder sobre ele, mesmo quando era uma porcariazinha magricela e

Vaclav só tinha olhos para David Copperfield. Esse poder que Lena tem

sobre um menino bom vem do modo como ela aprendeu a obter poder

quando era pequena. Vaclav é um menino bom que não precisa lutar por

nada. Lena aprendeu cedo a agarrar o poder. É culpa dela? Rasia vai ser a

primeira a dizer que não, não é. Rasia viu em primeira mão que isso não é

mesmo culpa da menina. E será que isso, o fato de a menina não ter

culpa, significa que Rasia queira a menina (agora mais forte, mais

poderosa, mais perigosa, armada de seios e quadris e lábios e aqueles

olhos, iguais a manchas de óleo numa poça) às voltas com seu filho? Não,

ela não quer.

Mas ela gostava tanto de Lena, como se fosse sua filha. Tudo isso

se amontoa na mente de Rasia, tudo de uma vez, e isso é só o começo. E

seu filho ainda está ali sentado ao lado dela, desconsolado, se acabando

de tanto chorar, deixando coriza pingar do nariz na camiseta limpinha.

## **NÃO VAI TER CASTIGO**

Rasia percebe que não pode mais presumir nada com relação a seu filho quando se trata de Lena.

— O que está havendo entre vocês dois? — pergunta ela.

269

Parece uma boa pergunta, abre uma rede bem ampla. Vaclav olha para a mãe como se estivesse decidindo o que lhe contar.

— Escute, ninguém aqui está zangado com você, você não está encrencado, não vai ser castigado. Pare de armar estratégias, pare de

pensar como ela. Só me diga o que está havendo.

O rosto de Vaclav mostra que ele está tentando se organizar, levar seu navio de guerra para águas menos perigosas, caso as encontre.

— O que você quer dizer com —pare de pensar como ela||? — Ele parou de chorar e agora olha zangado para Rasia.

— Com as estratégias e conspirações! Com as mentiras e roubos e

trapaças, e fazer isso e aquilo em segredo! Segredos! Vaclav, olhe!  
Ela é

igual a um esquilo, sempre escondendo algum segredo podre  
debaixo

dessa pedra, daquela árvore, debaixo da cama, dentro da fronha!  
Não é

assim que se faz!

— Do que está falando, mamãe? — pergunta ele.

— Quanto tempo faz que ela voltou? — retruca a mãe.

— Ela não voltou, estava aqui o tempo todo! Estava o tempo todo  
no Brooklyn, nunca saiu daqui. — Vaclav fala como se Rasia fosse o  
diretor de uma prisão, um carcereiro que estivesse escondendo Lena  
dele

esse tempo todo.

— Você está evitando a pergunta. Não seja idiota. Acabei de flagrar  
vocês dois na minha casa, às escondidas, porque você achava que  
eu

estava no trabalho, você estava fazendo sexo, no que não posso  
acreditar,

e com Lena, com quem você deveria ter me contado que estava  
encontrando! Não seja idiota. Quero uma resposta. Quanto tempo?

— Não sei, há pouco tempo — diz ele, olhando para a mesa.

— Você andou mentindo para mim. Você andou fingindo, e por quê? Eu pergunto, como foi seu dia hoje, meu filhinho querido, e você diz

normal, seu mentiroso de marca maior! Por que escondeu isso de mim?

— Por que você precisa saber? Preciso apresentar um relatório completo todo dia sobre com quem eu encontro, como se você fosse o Big

Brother?

Essa referência não tem qualquer efeito sobre Rasia. O que tem efeito é a tentativa de Vaclav de parecer enfurecido, de encenar uma rebelião adolescente. O desempenho dele é fraco, sem desenvoltura, desajeitado. Rasia resolve retaliar com algo que ela também domina mal,

o papel de vítima, a tristeza.

— —Preciso saber||? Ah, Vaclav. Pensei que fôssemos próximos; pensei que você pudesse me contar qualquer coisa, porque você sabe que

meu amor por você é maior do que o oceano que eu botei entre mim e a

minha própria mãe só para dar esta vida aqui a você. Pensei que você,

meu único filho... pensei que fôssemos próximos. Não tinha noção de que

estivesse tão errada...

Vaclav desfaz a cara de zangado para Rasia e as lágrimas enchem seus olhos outra vez.

Será que Rasia está satisfeita por ter feito Vaclav chorar? Não, mas está satisfeita por ele ter parado de aparentemente fingir que estava de

certa forma zangado com ela, de rebater todas as indagações dela com

aquela fúria desnorteada.

— Como isso aconteceu? — pergunta ela. Deixa passar alguns instantes porque sabe que ele quer lhe contar, mas está com medo.

271

— Ela me ligou. Nós nos encontramos depois da escola, sei lá.

— E quanto a Ryan? — pergunta a mãe, lembrando o nome, pronunciando-o perfeitamente. Sabendo que ela está, como eles dizem,

fora do páreo. Vaclav só chora mais.

Rasia está com muita pena de Ryan, porque isso acontece com muitas moças boazinhas, doces e gentis: elas têm seu coração esmagado

como tomates dentro de uma lata por rapazes que as trocam pelas assanhadas que pulam na cama e dizem: —U-hu, vamos lá.||

— Então por que você mentiu de mim sobre isso? — Rasia pergunta.

— É para mim, mamãe. Você deve dizer —mentiu para mim sobre isso||.

— Escute aqui — diz Rasia —, é uma verdade que você está me escondendo, então eu digo de mim. E pare com a aula de inglês, Sr. Americano, estou perguntando uma coisa a você. Por que o segredo?

Você achou que eu não ia gostar? Você me detesta tanto assim?

— É claro que não detesto você. Ela não queria que ninguém soubesse sobre ir procurar os pais dela e tudo o mais, e não sei, sei lá por que tinha de ser segredo, mas foi.

Ele não lembra mais por que resolveu esconder Lena de sua mãe nem como começou a mentir sobre isso.

— Como assim, —ir procurar os pais dela||? — Rasia baixa a voz e fala com muita, muita brandura. — Onde vocês estavam planejando procurar os pais dela?

Vaclav está exausto demais para mentir.

— Na Rússia — responde ele.

Rasia respira fundo, se acalma, lembra a si mesma que deve ficar contente por Vaclav ter lhe contado. Sente-se, porém, como se tivesse

aberto o congelador e encontrado uma mina terrestre em cima das bandejas de gelo, e que agora a está levando com cuidado para fora de

casa.

— Rússia? — Rasia pergunta com voz mansa, imperturbável.

— É.

Rasia lembra-se do país que deixou, no que teve de passar para deixá-lo, em todas as coisas horríveis, sobretudo todas as decisões difíceis

de tomar, e pensa agora como, em poucos dias, essa garota arrastou seu

filho para um poço de mentiras, de sexo e, ainda por cima, ainda por cima, está planejando levá-lo, junto com ela, para a Rússia, para tentar

encontrar gente desaparecida, gente do tipo que abandona seu bebê, para

ir cutucar com vara curta a barriga de um gigantesco monstro ex-

soviético.

— Você ia com ela? Para a Rússia? Quando?

— Não sei, mamãe, não compramos as passagens ainda.

— Quando você ia me contar? — pergunta ela.

— Depois — responde Vaclav, a voz se arrastando, porque quando pensa a respeito, não havia —depois contamos a eles|| no plano de Lena.

No plano de Lena, não explicitamente, mas inequivocamente, havia a suposição de que as mães, as famílias, não poderiam saber, porque não

permitiriam que o plano se concretizasse, e o plano precisava se concretizar, portanto eles deviam mentir para as famílias. Vaclav lembra-

273

se de sair de casa furtivamente a fim de pegar o trem para a casa de Lena

de manhã cedo. Vê agora o que Lena queria que ele fizesse: fugir, entrar

num avião, não contar para ninguém, desaparecer. Eu nunca poderia fazer isso com minha mãe, ele pensa, ao mesmo tempo horrorizado porque estava quase fazendo, e sabe disso.

— Ela também não queria contar à mãe dela — diz ele, para

amenizar as coisas.

— Ela tem uma mãe? — pergunta Rasia, morrendo de alegria e de tristeza por Lena ter uma mãe que não é Rasia.

— Ela foi adotada. Ela gosta muito da mãe. — Vaclav respira fundo. — Não sei o que aconteceu.

Claro que ele não sabe. Lena volta, e cochicha coisas e faz ele se sentir bem, e ela tem segredos, planos, mistério e poder. Rasia se pergunta, contudo, se Lena tinha ideia do que estava acontecendo, do que

estava se passando. Lena é uma pessoa ferida. Lena é uma pessoa triste.

Rasia tem um pedaço inteiro de seu coração dedicado a sentimentos carinhosos por Lena.

Rasia sabe — bem, talvez não saiba, mas adivinha — que Lena também não tinha noção do que estava acontecendo. Não foi ideia dela

vir e envolver Vaclav, e dominá-lo, e fazê-lo mentir e tudo o mais. Ela é

uma menina perdida que está procurando algo. Lena acha que Vaclav

talvez possa ajudá-la a conseguir essa coisa. Fora isso, Lena está funcionando sem manual completo de instruções.



## PAPAI SABE TUDO

274

Vaclav deita a cabeça na mesa. Tenta compreender por que Lena fugiria dele. Não consegue compreender. Não se imagina fugindo de Lena. Quando a porta se abre, Vaclav sabe quem é. Não levanta a cabeça.

O pai de Vaclav chega em casa todo dia na mesma hora.

Ao entrar na cozinha, Oleg nota que não há nada cozinhando para o jantar, e que parece que Vaclav e Rasia andaram chorando. ]

— O que houve? — pergunta, olhando para eles e dirigindo-se ao congelador para pegar vodca. Ninguém responde.

— O que foi? Qual é a tragédia?

— Lena voltou — responde Vaclav, entre coriza e lágrimas.

— Lena? — indaga Oleg, como se ela não fosse o centro do universo.

— É, Lena — confirma Vaclav.

— Ah, a garotinha, aquela de quem o namorado da Tia abusou? Aquela? O cara era um lixo. Mataram ele na prisão.

O rosto de Rasia está petrificado. Vaclav tem a sensação de que o

seu está se separando do crânio.

Oleg olha para Rasia e percebe que disse algo que não devia.

— Que foi? — pergunta Oleg.

— Não era para ele saber — Rasia diz mansamente. — Não quero que ele saiba.

— Por quê? — replica Oleg. — Ele já tem idade para entender.

— Oleg — pede Rasia. — Chega.

275

— Mamãe, isso é verdade? — pergunta Vaclav com voz baixa, cautelosa. — Você disse que chamou a polícia porque a tia não estava

tomando conta dela direito.

— Chamei a polícia — diz ela — por causa do que vi.

— Você viu? — pergunta ele. — Viu o quê?

— Não o que eu vi, o que eu sabia. Sabia havia tempo demais — diz ela, e então abaixa a cabeça porque está começando a chorar. — Eu

sabia, e então eu vi. E aí não podia mais ignorar.

— O que você sabia? — Vaclav pergunta.

Pergunta isso porque está tentando ignorar o comentário sobre o

abuso sexual. Quer que seja outra coisa. Quer que seja qualquer outra

coisa.

— Não se fala dessas coisas! Você sabe o quê é. Vaclav, me obrigar a falar disso... não me castigue. Desculpe, eu tive de fazer o que fiz. É

difícil viver com isso e, eu é que sei, bem que tentei.

Rasia e Vaclav agora estão chorando, e Oleg faz cara de quem está assistindo a uma novela em língua estrangeira.

— O que você sabia? — pergunta Vaclav baixinho. — O que você viu?

Ele se recusa a acreditar. Ele se recusa a compreender. Ele é o silêncio antes da explosão da bomba. Ele é o tic, tic, tic, tic antes do bum.

— Vaclav, ela era uma criança e não havia ninguém para cuidar dela; era uma situação ruim. O que você quer que eu lhe diga?

— Não é isso — responde ele.

276

— Vaclav, que importância tem isso agora? — indaga Rasia.

— Você precisa me contar. Quando ela foi embora, você queria

fingir que ela nunca havia existido, mas eu era só um menino pequeno e

meu coração ficou partido — Vaclav grita porque não consegue evitar.

Grita, arquejante: — Ela foi embora e meu coração ficou partido. Só quero

saber; ela estava aqui e depois sumiu, e ficou sumida por tanto tempo,

mas nunca parei de pensar nela, nunca, e então ela voltou, e agora foi

embora outra vez e eu não suporto isso. Mamãe, por favor, mamãe, por

favor, por favor... — A voz dele vai diminuindo porque ele ficou sem ar.

Vaclav está perguntando à mãe o que aconteceu, mas sabe o que aconteceu. Ele está implorando para que ela faça com que não seja verdade.

— Vaclav — diz Rasia.

— Por favor, me conte o que aconteceu — suplica Vaclav.

— Já contei — diz ela.

— Não — insiste ele.

— O homem, ele fez coisas horríveis com ela...

— Não — diz ele.

— Eu desconfiei — continua ela.

— Não — repete ele.

— Eu não tinha certeza. Ela não foi à escola, ficou em casa porque estava doente, e eu fiquei preocupada, ela era tão magrinha, não estava

comendo bem. Lembra? Ela não comia nada, depois comia demais? Achei

277

que alguma coisa podia estar errada, e ela não tinha ninguém para cuidar

dela, então fui até lá para ver como ela estava, entrei e vi — explica ela.

— Não — diz ele.

— Eu o vi. — Ela escolhe as palavras com cuidado, apavorada. —

Eu o flagrei.

— *Não* — grita Vaclav. — *Não. Não. Não. Não.*

Os gritos se transformam em berros, os berros se tornam raios

partindo árvores antigas, os raios se tornam continentes se despedaçando,

e esse rompimento vira a Terra dividida em duas, e o céu se rasgando da

Terra, a escuridão se rasgando da luz.

Vaclav sai correndo, vai para seu quarto, deixando-a lá com o pai, deixando-a sentada sozinha.

Oleg senta-se ao lado de Rasia à mesa e segura a mão dela.

— Fiz o melhor que pude — Rasia diz para a cozinha, para o marido, para si.

### **DES-ESQUECER, RE-LEMBRAR,**

### **RE-ESQUECER, DES-LEMBRAR**

Lena não consegue recuperar o fôlego. Lena não pode des-ver o que está vendo. No trem, Lena decide que não quer contar a ninguém,

nunca. Não quer contar a Vaclav, nem quer falar com ele nunca mais.

Contar a alguém seria impossível, de qualquer jeito; ela jamais faria as

coisas que está vendo em sua mente alçarem voo ligando-as a palavras,

278

soltando-as. Decide esquecer. Decide esquecer outra vez. Gostaria de

poder desligar seu cérebro. Tenta não pensar, não pensar em coisa nenhuma, mas a sensação das mãos a prendendo deitada, abrindo suas

pernas, está em seu corpo e não vai embora.

Lena não para de ver o rosto de Rasia, não o rosto de hoje, mas o rosto dela junto à porta da casa da tia quando Lena tinha 9 anos. Lembra

agora que sabia que Rasia estava lá para salvá-la, e que o horror no rosto

de Rasia a apavorou.

Experimenta uma sensação conhecida, como se tivesse feito algo medonho. Tenta dizer a si mesma que nada disso é culpa sua. Não é culpa de Lena se Rasia sabia que ela estava sozinha naquela casa, com

Ekaterina, com o tipo de gente que Ekaterina conhecia, vulnerável e desprotegida, noite após noite. Não é culpa de Lena ter nascido Lena. Ela

ficou longe daquele mundo, daquele lugar, daquele tempo, de todo aquele sofrimento e de toda aquela bagunça, longe de Vaclav, e de Rasia,

cujo rosto é parte da repugnante cena que está sendo novamente exibida

em sua mente; Rasia só vai lembrá-la disso. Era melhor antes de Lena

voltar, antes de se lembrar. Ela deve agora ficar com Emi e seguir

brilantemente para o futuro. Com chá de camomila e as amigas de Emi,

que levam lindos produtos do campo para a casa delas. Com as amigas

de Emi, que sentam do lado de fora de casa para contemplar as estrelas,

tomar vinho e reclamar dos homens. Com a música realmente ótima de

Emi, com os sólidos móveis rústicos franceses de madeira, com as colchas

de retalhos e os candelabros.

Lena está num trem a caminho do que é melhor, e já está

começando a esquecer. Emily é um deus que veio a Terra e a salvou. Ela é

o sol em cuja órbita Lena vai girar para o resto da vida. Ela é o centro da

279

nova cosmologia de Lena. Os pais de Lena não existem. Vaclav não

existe; Rasia não existe. Sua tia não existe, e o homem não existe. Emily é

um bastião de confiança, calor e segurança, sempre foi e sempre será.

Lena nasceu de novo e está caminhando na direção do sol em seu trem

debaixo da terra, sem sentir nada.

Quando Lena chega, o cheiro da casa a alcança quando ela está abrindo a porta, e é vivo e claro, como o de janelas abertas e xampu.

Lena encontra Emi na cozinha. Lendo sentada no assento da janela.

Algo está cozinhando no fogão, sopa de legumes, não uma sopa enlatada,

não uma sopa pesada de inverno, não borche, apenas uma sopa leve de

legumes, que será dourada e perfeita, e terá cenouras, abóbora, abobrinha

muito verde, e Emi vai colocá-la numa grande vasilha de cerâmica, porque ela é dessas hippies, e vai trazer pão torrado, e vai haver vinho,

que Lena pode provar.

A mesa está posta, e há flores sobre a mesa. Não são flores comuns, mas um ramo florido de uma árvore. Emi levanta os olhos do livro e observa Lena olhando para as flores.

— Fui caminhar hoje e não resisti. Não são incríveis? Arranquei-as de uma árvore, e pensei imediatamente: *Bem, se todo mundo fizesse isso, não*

*haveria flores para ninguém, mas ainda assim... E as trouxe escondidas na minha*

*sacola de compras até em casa, e estava morrendo de medo, como se alguém fosse*

*me prender.*

Emi vê a expressão do rosto de Lena e se levanta. No momento em que pergunta: —O que houve?||, Lena parece um ovo caindo no chão, e

desfaz-se em pedaços.

280

## **TRIM, TRIM**

Em seu quarto, Vaclav disca o telefone. A pessoa que atende do outro lado está rindo com alguém. Ela diz alô, sua voz é calorosa e descontraída. Há música tocando ao fundo.

— Alô, estou interrompendo alguma coisa? — pergunta Vaclav.

Isso não é maneira de se falar ao telefone. Não era isso o que ele pretendia

falar.

— Ah, não — diz ela —, acabamos de nos sentar para jantar! Sem problemas. Posso ajudar em alguma coisa?

— Humm, aqui é Vaclav, queria falar com Lena, por favor, se ela puder atender — diz ele, mas a mulher não responde; ela não o escutou.

— Desculpe, querido, quem é?

— Meu nome é Vaclav — responde ele.

— Lena não pode atender — diz ela, a voz séria de repente, mas então acrescenta, baixinho:

— Desculpe-me. — E desliga.

Só depois que ela desliga é que ocorre a Vaclav que essa voz doce, calorosa, deve ser da mãe de Lena, sua nova mãe, sua mãe de verdade,

sua mãe adotiva, vai saber.

Vaclav está zangado com ela por não o deixar falar com Lena.

Precisa recordar que ela já é mãe de Lena há sete anos e que provavelmente conhece Lena melhor do que ele, o que é triste para ele. E

de repente tudo é triste para ele, seu quarto, escuro e solitário, sua mãe

281

chorando na cozinha, a cruel felicidade na casa de Lena, a escuridão lá

fora, e tudo lhe parece totalmente solitário, solitário demais.

Emily volta para Lena, que está enrolada num cobertor no sofá.

Embora tenha partido o coração de Emily ouvir Lena dizer que não podia

suportar o que havia lembrado, que não podia mais continuar a viver,

Emily sabia que, na realidade, Lena pode continuar a viver, que pode finalmente começar a viver.

## IR A MOSCOU PARA DESCOBRIR

Vaclav acorda cedo na manhã seguinte e se veste em seu quarto.

Decide não escovar os dentes nem tomar banho, nem ao menos fazer xixi.

Não quer falar com Rasia. Se entrar no banheiro, ela vai escutar, vai saber

que ele se levantou e está se aprontando e vai tentar impedi-lo. Ele vai

fazer xixi no McDonald's, diz a si mesmo; vai comprar chicletes. Nada vai

impedi-lo de procurar Lena.

Quando abre a porta de seu quarto, ela está lá, feito uma parede, sua mãe.

— Você está saindo escondido — diz ela. Sua voz é extrarrussa, como se fosse da KGB. Ele se limita a fuzilá-la com o olhar. — Você está

planejando se esgueirar para a casa de Lena, falar com ela.

— Mãe, me deixe sair.

— Escute aqui, espere. Só estou querendo dizer que isso é um grande emaranhado de problemas, sim? Você, eu, Lena, a família dela, é

uma confusão. Então não pense que é um problema só. Pronto, é isso.

282

— Deixe-me passar — diz ele.

— Espere — diz ela. — Espere. Lena quer saber onde estão os pais dela, não quer? Vocês não precisam ir a Rússia para isso. Nós moramos

praticamente em Moscou, Vaclav.

— Mamãe, por que estamos falando sobre isso? Vou sair para conversar com Lena — explica ele.

— Porque ir para a Rússia é burrice quando todo mundo está bem aqui — diz ela.

— Não estou indo para a Rússia, OK? Estou indo para Park Slope

— explica Vaclav.

— Se Lena quer saber sobre seus pais, deveria perguntar à tia.

— O quê? — Vaclav pergunta. —

A tia de Lena, Ekaterina; ela mora na rua Sete.

— Sei disso. Costumava buscar Lena lá para ir à escola todo dia.

Espere aí, ela ainda mora lá?

— Mora. Claro.

Rasia fala como se ninguém jamais tivesse se mudado. Como se

Vaclav perguntasse se a Tia ainda usa a mesma cabeça em cima do pescoço ou se a trocou por uma cabeça melhor, mais aceitável.

— Lena disse que ela tinha ido embora... Lena disse que ela estava na Rússia.

— Lena tem muitos problemas — afirma Rasia.

283

Ela vê que Vaclav está começando a farejar alguma coisa. Há mágoa em seu rosto.

— Lena mentiu para mim — diz ele. — Vou falar com Ekaterina.

— Tudo bem — diz ela, sem sair do lugar. — Tudo bem, quero, sim, quero que você descubra a verdade e compreenda tudo. Não estou

detendo você — diz ela, detendo-o. — Só quero que você respire fundo e

pense no que vai perguntar a ela, sobre o que vai conversar, o que quer

dizer. Porque falar com raiva é ruim.

— Está bem — diz ele.

— Quero que você saiba que para isso não há conserto. Não existe solução mágica. Lena tem muitos problemas. Você não pode simplesmente fazer isso tudo...

Ele a interrompe.

— Eu sei, mamãe — diz, então faz uma pausa e acrescenta: —

Obrigado.

Vaclav passa por ela e suas pernas compridas o levam à porta da frente e ao ar livre da manhã mais depressa do que imaginava.

Na rua, andando para a casa da Tia, Vaclav se dá conta de que gostaria de que a caminhada fosse mais longa. Gostaria de não lembrar

exatamente onde ficava a casa dela. Gostaria de uma porção de coisas.

Gostaria de ter percebido antes que são apenas 7h30.

A mesma pergunta volta a surgir sem parar, como uma volta de montanha-russa: *Por que ela não quis começar pela Tia? Por que mentir? Por*

*que a viagem para a Rússia?*

284

Quando ele inala o ar matinal e reflete sobre o que sabe agora, faz sentido. Seria horrível para Lena procurar a Tia; seria difícil conversar

com ela e fazer perguntas. Faz sentido perfeitamente, faz todo o sentido

que Lena não queira voltar lá.

A mentira de Lena está carcomendo seu cérebro como um punhado de larvas, transformando as coisas em merda de larvas, transformando

células cerebrais sólidas em poças quentes de ciúmes, desconfiança, suspeita. Ele gostaria de saber se Lena mentiu sobre alguma outra coisa.

Como se pode saber algo, fazer algo, quando não se sabe o que é verdade? Ele nunca mentiu para Lena. Lena o fez mentir por ela. Ela o fez

mentir para sua mãe e talvez mais outras vezes. Talvez. É difícil de dizer.

Quando a mentira começa a transformar a mente da pessoa em merda de

larva, fica difícil dizer o que é branco e o que é preto.

Vaclav não sabe o que pensar, mas sente que se juntar as peças do quebra-cabeça, o quebra-cabeça de Lena, o quebra-cabeça de sua mãe,

então isso vai melhorar. Para ser franco, nem acha realmente que alguma

coisa vai melhorar. Só acha que vai mudar, o que é bom, porque não dá

para aguentar como está.

Descobrir a verdade vai pôr fim à grande busca falsa, esfriar a

campanha de ir para a Rússia. Rússia. Tornou-se uma palavra igual a...

uma coisa repugnante. Uma coisa idiota e repugnante.

Andar ao ar livre tão cedo é bom, da mesma forma que ele tem certeza de que falar com a tia de Lena vai ser bom.

Sente que para Lena ele vai estar curando uma ferida, fechando uma porta. Não lhe parece ser uma enorme intrusão, uma violação excepcional. Lena queria algo; ele quer que ela tenha o que deseja. Não

285

leva em conta que pode estar ligeiramente ou completamente equivocado

quanto ao que Lena de fato desejava.

Talvez também, em parte, ele saiba que, caso consiga o que pretende, Lena sem dúvida irá falar com ele, apesar de tudo.

Cheio de energia, sobe a escada da casa da tia de Lena e bate com força à porta.

Não há resposta durante algum tempo. Vaclav olha para o relógio e então bate novamente. Decide esperar dois minutos e então bate de novo.

Após a terceira batida, depois de seis minutos, há um roçar nas

venezianas junto à janela. Abre-se uma fresta da porta e a Tia se insinua

por essa fresta, esgueira-se como um gato. Olha Vaclav direto nos olhos,

não somente nos olhos, mas dentro deles, fundo demais. Olha para ele de

um jeito que diz que pode fazer sexo com ele naquele instante. Não há

outra maneira de Vaclav descrever esse olhar.

Não o cumprimenta, apenas lança o olhar. Ele fica desconcertado.

Quer falar. Quer sair correndo. Leva um momento para se recompor.

— Posso conversar com a senhora? — pergunta.

— Conversar — repete ela.

— Conheço a senhora. Conheço Lena.

Há uma pausa gigantesca. Há uma pausa como se o Super-Homem estivesse segurando o mundo e o fizesse parar de girar.

— Entre — diz ela, virando-se para dentro de casa.

# TRINA

## 286

Vaclav a acompanha. Nunca entrou ali antes, nem quando era mais novo. Está escuro lá dentro e cheira mal. Tudo está uma bagunça; há pratos sujos, embalagens de comida para viagem e maços de cigarro vazios por toda a parte.

— Desculpe, eu a acordei? Sei que é muito cedo ainda. Vaclav está parado do lado de dentro da porta e a tia de Lena está mexendo em coisas na cozinha. Preparando chá. Ele não sabe mais o que dizer.

— Se me acordou? Não. Ainda nem fui para a cama.

Ela está usando muita maquiagem, maquiagem noturna pesada, que no entanto parece gasta, como se ela tivesse dormido maquiada. O

cabelo também parece o de alguém que acabou de acordar. Está vestindo

uma calça de moletom cinza cheia de manchas grandes descoloridas,

brancas contornadas de amarelo, e uma blusa preta justa com partes de

malha de trama aberta, revelando a base das costas, um pouco de pele

acima do umbigo e o espaço entre os seios. Ela exala um cheiro horrível,

uma mistura de leite azedo e cigarro.

— Quer chá? — pergunta.

— Sim, senhora — responde ele.

— Senhora é o cacete. Me chame de Trina — diz ela, da cozinha. — Sente aí — acrescenta, soando zangada.

Vaclav senta-se no sofá sentindo-se em desvantagem. As mãos não sabem aonde ir; ele não sabe onde colocá-las.

Ela traz o chá e senta-se na outra ponta do sofá. Dobra as pernas debaixo do corpo da mesma maneira complicada como Lena faz. A xícara

de Vaclav está suja, mas ela está olhando para ele, então ele bebe. Não há

287

onde pôr o saquinho do chá. Ela pega um cigarro e o acende, e Vaclav fica

agudamente consciente de que não há janelas abertas, ventilador, nada.

Ele quer fumar um dos cigarros dela, pegar um sem pedir para mostrar

que é um homem, não uma criança, que não tem medo dela. Lança um

olhar para o maço de cigarros. Não consegue. Ela joga o saquinho de chá

dentro de um cinzeiro, um cinzeiro onde já se encontra outro saquinho de

chá ressecado.

— É sobre o quê? — pergunta, olhando fixo para ele. Ela parece um gato, pela maneira como seus olhos nunca se desviam dele.

— Quero saber sobre Lena — diz ele.

Ela olha para Vaclav durante um longo tempo. Um tempo muito longo. É como um computador, cheio de memória, carregando as informações. Seleccionando os arquivos. Ela sabe tudo o que eu quero

saber, ele pensa.

— Não sei de nada — responde ela. — Não vejo Lena há anos.

— Não é o que me interessa. Estou interessado em antes. Quando Lena morava com você.

— Não vou falar sobre isso — responde ela.

Vaclav sabe que ela não quer falar é sobre o homem, o namorado.

— Antes — explica ele. — Antes de Lena ir embora. Não quero

saber desse outro assunto — acrescenta. — Quero saber o que aconteceu

com os pais de Lena. Com a mãe dela. Com o pai dela. Como ela chegou

aqui.

— Por que você quer saber? — ela pergunta.

— Ela quer saber — diz Vaclav, corrigindo-a. — Lena quer saber.

288

— E você dá a ela o que ela quer.

*Por que será, pensa Vaclav, que essa gente, prostitutas, malucos de rua,*

*sem-teto no metrô, às vezes enxergam direto a verdade, seja qual for?*

— Por que ela mesma não vem me ver? — Trina pergunta.

Não seria óbvio para qualquer um o motivo de Lena não querer voltar aqui?

— Ela não sabe que vim aqui.

A Tia assente com um gesto de cabeça. Aparentemente, ele

preencheu todos os requisitos dela, portanto pode contar-lhe a história.

Resolveu contar, mas vai fazê-lo esperar. Vaclav nota que essa é uma história que parte dela deseja contar, mas apenas sob as próprias

condições.

Trina aprendeu com o strip-tease a negociar, a lutar por poder.

Sabe como dar a um cliente tudo o que ele quer, de tal modo que, quando

o faz, ele gostaria de retribuir.

Acende outro cigarro, torce e contorce o corpo no sofá, arruma o cabelo descolorido no alto da cabeça. Está tentando deixá-lo desconfortável. E conseguindo. Ele decide falar.

— Onde estão os pais de Lena? — pergunta.

— Mortos — responde ela, sem hesitar. Diz isso alto, em tom cruel, e ele se sobressalta.

— Onde? — pergunta ele.

289

— Como, — onde? — retruca ela, achando graça naquilo. — Estão mortos, ora! Não há lugar, não é questão de geografia, não é? Quando se

está morto se está em nenhum lugar, em todo lugar, certo?

— Quero dizer, onde eles morreram? — pergunta Vaclav. — Aqui?

No Brooklyn?

Ela sorri.

— Você não sabe nada de nada — diz ela.

Como ele poderia saber alguma coisa? Claro que não sabe de nada.

Ela está zombando dele, e ele a detesta.

— Eles nunca vieram para cá. Morreram na Rússia. Os dois.

— Como aconteceu? Eles morreram juntos?

— Escute aqui, se você está querendo Romeu e Julieta, não vai rolar. Eles nunca ficaram juntos. Estavam só trepando. O suficiente para

fazer Lena e sujar alguns lençóis. Ela nem sabia o sobrenome dele.

— Eles não estavam apaixonados? — pergunta ele, compreendendo afinal. Fez muitas suposições erradas. Tudo isso já está se desmantelando,

como solução, como uma história para levar a Lena, embrulhada para

presente de Dia dos Namorados.

— Eles estavam doidões — explica ela.

— Como assim? — pergunta ele.

— Eles eram viciados, não sabe o que é isso? Criminosos.

Drogados. E ladrões, ela roubava coisas. Foi por isso que foi morta. A rua.

— Ela foi morta na rua? — Vaclav pergunta.

— Ela foi morta na prisão — corrige Trina.

— Sinto muito — diz ele, detestando o som das palavras, porque queria interrogá-la como um detetive de televisão, como se ela tivesse as

informações e estas pertencessem a ele; ele as arrancaria. Em vez disso,

ele a estava mimando, sendo gentil, desculpando-se, o que é bem do feitio

dele.

— Por favor, me conte tudo do princípio ao fim. Preciso saber a história toda, por favor.

Ela concorda com um gesto de cabeça.

— OK, OK, está certo. Vou começar do começo. Na Rússia, era uma época ruim. Foi em, o quê, 1991? Não, Lena nasceu em 1993. O país

estava se desmantelando, todo dia, o governo caía aos pedaços. Tudo

estava uma bagunça. Não havia comida nem emprego, havia crimes por

toda parte e, com o racionamento, todo mundo estava, como se diz, sujo?

Se você pagava por uma coisa, você conseguia a coisa, podia pagar com

vodca, com sexo, o que fosse. Entende?

— Corrupto — diz Vaclav.

— Certo — diz ela. — Então não havia nada. Na nossa família, havia tristeza e fracasso, nosso pai não podia trabalhar e então bebia e

ficava sentado à toa com outros homens. Ele não era mau. As coisas eram

assim. Igual à Depressão neste país aqui. Transforma os homens em nada,

em cães, ou criminosos, ou em mulheres. Nosso pai era assim. Ele não era

nada.

—Havia crime por todo lado. Sair, ir à escola era perigoso. A mãe de

Lena — o nome dela era igual ao de Lena, mas a gente a chamava de

Yelena —, Yelena era dez anos mais velha do que eu. Houve um bebê

291

morto entre nós duas, um menino. Nasceu cedo demais. Minha mãe, ela

gritava o nome dele e oferecia nós duas, suas filhas, para ter o garoto de

volta. Uma bola suja de sangue que nunca chegou a falar, chorar, nem

cagar, mas mesmo assim ela nos trocava por uma criança com um pinto.

Ela dizia sempre: Deus, eu lhe daria de bom grado essas duas meninas se

pudesse ter meu Aleck de volta.'

—Para ela, para Yelena, era uma situação ruim. Havia umas moças que tinham uma porção de coisas, roupas e comida. E havia uns lugares

divertidos para ir onde todo mundo ficava animado quando chegava. E lá

em casa era como eu estava contando a você. Ainda por cima tinha eu. Eu

estava lá, e toda vez que Yelena estava em casa, minha mãe mandava-a

tomar conta de mim para poder beber até cair, feito morta. Yelena fazia o

que podia para me alegrar, fazia bonecas, brincava comigo e a gente se

divertia, mas ela era triste. Mesmo sendo pequena, eu sabia. A gente sabe

quando é com a nossa irmã. — Trina respira fundo. — Aí, ela foi ficar com aquelas moças.||

A Tia diz isso como se fosse a palavra final sobre o assunto — como

se não houvesse mais nada para falar. Vaclav espera que ela continue,

mas ela não o faz, só fuma e contempla as unhas.

— Desculpe, mas não sei o que isso significa — diz Vaclav.

— Ela parou de ir à escola; foi para a rua com aquelas moças para vender a xoxota por dinheiro, para ter coisas boas. Preciso soletrar para

ocê? — vocifera a Tia. *Não é fácil contar que a própria irmã virou prostituta,*

*lembra Vaclav a si mesmo.*

— Pelo jeito, ela não teve escolha — diz Vaclav, para atenuar as coisas. Trina também não gosta disso; faz uma cara feia, como se

292

houvesse cocô em algum lugar da sala que ela farejasse, mas não conseguisse encontrar.

— Sempre há escolha — ela cospe as palavras.

— Quando ela se envolveu com drogas? — Vaclav pergunta.

— Vender boceta, drogas, vem tudo junto num pacote só, não é?

Ela fala como se Vaclav estivesse familiarizado com a situação.

Vaclav nunca ouviu antes a palavra boceta dita por uma mulher de verdade em sua presença. Nunca. A Tia pronuncia bu-ce-ta.

— As garotas precisam das drogas para continuarem se vendendo, e então de repente estão se vendendo só pelas drogas.

Vaclav tem um pensamento terrível.

— O pai de Lena era um desses homens? Que pagavam para ela...

— Vender a boceta? Ele provavelmente dava drogas a ela, não dinheiro. Era um traficante de drogas, o assassino de uma gangue lá. Vai

ver que nem dava nada. Vai ver que só tirava.

— Então eles não estavam juntos. Namorando. Qualquer coisa assim?

— Não.

— Certo. Você o conhecia?

— Não. Só do julgamento, quando eles foram presos.

— Eles foram presos juntos? — pergunta ele.

— Houve uma batida da polícia e prenderam gente da quadrilha de traficantes. Ele estava lá; ela também. Houvera um assassinato. Uma

293

garota rica, filha de um cara importante. Os dois foram presos ao mesmo

tempo pelo assassinato dela.

— Eles dois mataram a moça?

— Sei lá. Alguém matou. Talvez tenham sido eles. Yelena disse que não tinha nada a ver com aquilo. Que não estava no lugar naquela hora.

No julgamento, ela chorou o tempo todo, mas ele não abriu a boca. A

polícia disse que os dois mataram a garota por dinheiro. Num assalto.

Vaclav está confuso. Pelo jeito, a Tia não vai lhe dar uma resposta objetiva e dizer se a mãe de Lena matou ou não essa moça, se ela era

inocente ou culpada, e tudo lhe parece tão importante, tão enorme. Cada

detalhe parece estar próximo do outro que vai fazer sentido, que vai fechar o caso, fazer a lógica funcionar.

— Espere aí... então ela era inocente? E foi executada?

Os olhos de Vaclav estão desatinados, cheios de medo que isso

possa acontecer em qualquer lugar do mundo, seja quando for. Trina está

acostumada a ver esse olhar nos rostos dos americanos. Está cansada

desse olhar, ele a deixa exausta.

— Não, não foi executada... não importa. Ela cometeu muitos

crimes. Prostituição, roubo, drogas. Poderia ter sido julgada por qualquer

um desses. Era uma criminosa. Para eles, era lixo. Não fazia diferença.

— Você estava lá? No julgamento?

— Estava. Fui porque minha mãe não quis ir. Yelena já estava morta para ela.

294

Trina se levanta e olha Vaclav direto nos olhos, e ele não entende como, mas aquele olhar lhe diz que ela não vai responder a mais perguntas sobre o julgamento, que existe algo ali que ainda dói.

— Quer chá? — pergunta ela.

— Ainda tenho, de antes — responde ele. Olha para seu chá frio.

Ela apanha um prato dentro da pia, passa água nele e o coloca de volta.

— Eu não sabia que ela estava grávida naquela ocasião, no julgamento. Não me deixaram falar com ela.

— E você foi vê-la na prisão depois do julgamento? — Vaclav pergunta.

— Não. Houve o julgamento, a consideraram culpada, e então me mandaram para casa, mas não houve sentença. Disseram que ela

receberia a sentença depois. Hoje eu sei que estavam só esperando que

ela tivesse o bebê. O parto foi na prisão e então a mataram.

— Espere, como assim? Quando lhe entregaram Lena?

— Me chamaram na prisão; e eu pensando que Yelena havia pedido para me ver. Entro lá esperando encontrar Yelena e eles me dão

um bebê. E eu pergunto: —Que bebê é esse, e onde está Yelena?|| E eles

respondem: —Esse bebê é dela; ela está no hospital.|| Pedi para vê-la e me

disseram que não era possível.

— Eles simplesmente deram Lena a você?

— Yelena pediu que o bebê fosse entregue a mim. Eu nem sabia que havia bebê nenhum.

295

— Então a mataram? Yelena? — Vaclav está aflito querendo formar a sequência dos acontecimentos.

— Foi, sei que fizeram isso. Seis semanas depois chega uma carta dizendo que ela havia morrido de tuberculose. Mas, naquele dia na prisão, quando eles me deram o bebê e disseram que não, que eu não

podia ver Yelena, eu já sabia que ela estava morta.

— Acha que alguém a matou, que a executaram? E mentiram?

— Acho que ela está morta. Por causa do parto, da tuberculose ou de um tiro na cabeça, não importa. Queriam ela morta; ela morreu. As

peessoas falavam que havia presos morrendo de tuberculose na época.

Pode ser verdade ou não. Pode ser verdade que eles tivessem tuberculose

e também pode ser verdade que a prisão deixasse a tuberculose se espalhar e não dessem remédio para eles. Seja como for, alguém queria

que eles morressem e eles estão mortos.

— O que você fez?

— Levei o bebê para casa.

Ela encara Vaclav, desafiando-o a perguntar mais.

— Então o pai não quis saber dela?

— O homem que foi julgado com Yelena, quem sabe, talvez aquele homem nem seja o pai dela. De qualquer maneira, quem quer que fosse o

pai, aquele homem ou outro traficante cafetão qualquer, não era uma

pessoa a quem se dá um bebê, concorda?

— Concordo.

— Esqueça o pai — diz ela. — É um lixo ou um nada. Morto. Um criminoso. Um nada. Esqueça.

296

— Como você chegou aqui? — pergunta Vaclav, sem prometer esquecer o pai de Lena.

— Minha mãe não olhou para o bebê, nem o tocou ou segurou no colo, nada. Eu via que ela só queria esquecer Yelena. Aquele bebê, ele era

demais para ela, isso ela não queria. Eu comprava leite e tentava cuidar

do bebê e ir para o trabalho, e umas amigas iam na minha casa tomar

conta do bebê, mas minha mãe não fazia nada.

Um dia, ela me deu um passaporte com o nome de Yelena escrito nele, e papéis forjados para o bebê, mais passagens de avião para o

Aeroporto Internacional John F. Kennedy. E me disse para fazer a mala e

ir embora na manhã seguinte. Não foi ela quem pagou aquelas passagens,

havia uns homens da família já morando no Brooklyn, homens que estão

envolvidos com importação ou exportação, sei lá, drogas e mulheres e

venda de coisas roubadas. Alguns desses homens são nossos parentes.

Então minha mãe entrou em contato e disse que tinha uma moça e uma

criança para mandar para os Estados Unidos, e que nós íamos ser úteis, e

aí nos botou num avião para os Estados Unidos, e foi isso.

— Por que o passaporte estava no nome de Yelena?

— Eu acho que foi porque a nossa mãe estava fazendo isso para ela antes de ela ser presa e morrer. Estava arranjando um jeito de ela vir para

os Estados Unidos.

— Estava tentando salvá-la? — indaga Vaclav, perdido.

— Estava tentando vendê-la — corrige a Tia —, como me vendeu.

— Vendeu você?

297

— Ela me mandou para cá para trabalhar para esses homens, e a mentira é que você vai trabalhar para pagar o que eles gastaram trazendo

ocês para cá, mandando fazer um passaporte falso, comprando passagem

de avião, e então eles botam vocês num apartamento, pagam seu Green

Card e pregam uma porção de outras mentiras em seu nome para vocês

ficar amarrado a eles e não poder contar à polícia nem fugir deles. Eles

fazem cartões de crédito em seu nome, fazem leasing de carro em seu

nome, porque sua ficha está limpa e vocês não pode conseguir essas coisas

sem eles, e ficam dizendo que vocês já deve dinheiro a eles por tudo isso, e

a dívida cresce todo dia. Algumas garotas acham que vão conseguir

pagar a dívida, contam seus dólares e pensam todo dia que esse trabalho

vai libertá-las, mas todas acabam desistindo e aceitando ser escravas

permanentes desses homens, e, em vez de sonharem em cair fora,

começam a achar que é assim que a vida delas vai ser para sempre,

começam a sair com um desses homens, usam drogas e deixam esses

homens tornarem a vida delas um desastre.

Vaclav sabe que aquela história não é a de uma moça qualquer, é a história de Trina.

— O homem com quem eu estava saindo não foi quem abusou de Lena.

— O quê? — exclama Vaclav, atordoado, confuso.

— Foi algum amigo dele, algum cúmplice bêbado lá do clube. Ele veio aqui naquele dia procurando por mim; eu não estava em casa, ele

encontrou Lena. Sempre tentei manter Lena fora daqui, mas naquele dia

ela ficou doente em casa, eu não sabia. Seja como for, sua mãe chegou, viu

tudo, saiu de fininho e ligou para o 911. Quando eles chegaram, ele já

tinha ido embora. Aí, quando a polícia chegou, perguntou: —Quem fez

298

isso?||, dei a eles o nome do meu namorado, o homem com quem eu tinha

uma dívida. Disse que ele vivia batendo na gente, abusando de Lena.

— O quê? Você mentiu? — pergunta Vaclav.

— O homem que sua mãe viu, ele foi embora, livre. O homem que

era meu namorado foi para a prisão e eu fiquei livre, e eles levaram Lena

e fiquei livre dela também.

— Mas ele nunca abusou de Lena? — Vaclav pergunta.

— Não. Ele nunca faria isso. Eu nunca deixaria que isso acontecesse com Lena; aconteceu uma vez, com aquele homem que veio e foi entrando sem pedir licença, bêbado, procurando por mim. Mas eu sabia

que se dissesse que meu namorado estava sempre abusando de Lena e

que se eles vissem a prova nela somada ao que sua mãe disse que viu,

que ele iria preso para sempre e nós duas estaríamos seguras.

— Mas o homem que fez isso... ele escapou? — pergunta Vaclav, enfurecido.

— Naquele dia, ele escapou da polícia, sim. Depois ele morreu — diz Trina.

Vaclav procura compreender.

— Eu só tentava sempre manter Lena alimentada e na escola, sem ver nada dessas coisas que aconteciam comigo, com nós duas. Quando

chegamos neste país, eu deixei Lena com a velha, mas a velha morreu. Eu

não queria Lena. Eu não queria Lena vendo esses homens, nem sendo

vista por eles, essa ralé, nem vendo essas coisas, o clube onde eu trabalho,

as drogas, esses criminosos, nada disso. Queria que eu e ela saíssemos

desse lugar horrível para onde minha irmã fez a gente vir.

299

Trina se cala; reacende um cigarro que já está aceso.

— Eu amava minha irmã. Queria fazer uma coisa boa para ela, por ela.

Vaclav deixa que ela pare de falar por um momento. Desvia o olhar enquanto ela enxuga os olhos com as costas das mãos.

— Quando eles levaram Lena embora, eu sabia que ela ia finalmente ser feliz. Ia viver num lugar limpo. Ia ficar salva de me ver e

de ver a minha vida; ia ficar salva desses homens e deste jeito de viver.

Isso que eu sempre quis para ela. Fiquei contente de acontecer, sabe?

—E aí aquele homem foi para a prisão e eu me liberei dele. Agora

estou frequentando um curso para aprender a ser enfermeira. Só  
estou

dançando para pagar por isso; é o único jeito. E vai ser minha  
liberdade,

quando eu for enfermeira diplomada... e ganhando salário e  
benefícios e

tudo o mais. Só falta um ano. O salário inicial de enfermeira é 90  
mil. É

bom. E aí eu vou procurar Lena, quando eu estiver bem para ela me  
ver.

Quando ela estiver adulta e segura. E é isso. Isso é tudo o que eu  
tenho

para contar a você; agora já sabe a história toda.||

Vaclav está sem palavras.

— Você quer contar isso a Lena, e só vou pedir uma coisa, depois

você faz o que quiser. O que sei é que você é um rapaz que tem  
suas

ideias e vai fazer o que acha que é certo. — Faz uma pausa, fuma.

— Mas

é o seguinte: Lena não sabe nada disso. Ela está protegida de todas  
essas

coisas horríveis. Eu a protegi, eu a mandei para longe disso. E agora  
você

vai levar isso tudo para ela. Estou achando que você sabe que Lena  
não

está preparada. Que ainda é fraca, que não é uma pessoa madura, feliz e

300

preparada. Não sei. Não a vi. Você deve saber melhor. Quem sabe ela

esteja preparada.

Vaclav examina o rosto da mulher e nota que ela está se divertindo à sua custa, que existe algo

que quer ou que não quer que ele faça, mas que não vai dizer o que é. — Imagino, já que você está aqui e ela não, que isso é um sinal de que

com toda a certeza ela não está preparada. Agora vá embora de minha

casa. Encerramos o assunto. Dá-lhe as costas e vai para a cozinha, abre a

torneira. Depois se vira, olha para Vaclav e tenta suavizar as coisas.

— Estou muito cansada. Tchau.

## O BROOKLYN FEZ UM BAIRRO

Vaclav caminha para a casa de Lena. Está longe da casa de Lena; o Brooklyn inteiro está entre eles. Mas o Brooklyn é só um bairro, não é um

país. A casa de Lena fica a quase 10 quilômetros, e Vaclav pode dar todos

os passos até lá. Vaclav precisa pôr um pé no chão, depois o outro pé no

chão e empurrar a calçada para trás de si; precisa mover-se por cima do

chão e sentir que é uma pessoa se movimentando pelo mundo. Primeiro,

sobe a Ocean Parkway e percorre a Midwood toda, passando pelos grupos barulhentos de garotas chassídicas em suas saias de cor azul-

marinho, de mães com seus carrinhos de bebê e cabelos combinando.

Atravessa o Ditmas Park, onde, de um lado, há grandes mansões vitorianas, exibindo varandas orgulhosas e gramados bem-cuidados na

frente, e, do outro, bodegas e suas placas com mais de oito camadas

sobrepostas de pintura. Anda por Prospect Park, onde as árvores estão

explodindo de cores, e todas as pessoas que estão correndo, passeando

301

com seus cachorros ou falando no celular debaixo delas parecem não

notar.

Vaclav anda, anda, anda e anda mais um pouco.

Quando chega à casa de Lena, já sabe o que fazer.

O bairro de Lena é bonito de um jeito que o de Vaclav não é. As

casas são grandes, altas e enfileiradas, com grandes janelas imponentes

que lembram velhos olhos sábios. Parecem perspicazes e velhas. Parecem

sólidas e belas. Não parecem espremidas e pequenas, feito dentes tortos e

acavalados, como as casas no bairro de Vaclav. Existem árvores aqui,

árvores perfeitas que se arqueiam sobre a rua e formam uma pequena

cobertura. Os pés de Vaclav não aterrissam na calçada nua, mas num

tapete de perfeitas folhas secas.

A casa de Lena conseguiu adquirir aquele agradável americanismo que a casa dele jamais conseguiu. A casa dele tem sempre o cheiro errado,

o capacho errado à porta, a postura errada.

A campainha da entrada produz um som maravilhoso, um ressoar profundo, como um sino de verdade, e tem dois tons lentos, prolongados,

ding, dong. Ding, dong. Há risos lá dentro, há gritos lá dentro.

— Eu ateeendo! — E risos pelo caminho.

Uma mulher abre a porta com grande esforço; a porta é pesada. O interior da casa é marcado por uma luminosidade cálida, como se a mãe

de Lena de alguma forma tivesse aprendido magicamente a fazer lâmpadas com aquelas pequeninas tangerinas doces.

A mãe de Lena é baixinha, talvez da mesma altura de Lena, menor que Vaclav, com certeza. O cabelo é comprido, grisalho ou louro, ou louro

302

ficando grisalho, mas ela tem uma aparência jovem; seu queixo é jovem e

ela usa uma franja reta sobre a testa, os olhos têm rugas nos cantos, como

se ela soubesse das coisas, mas ainda assim ela parece jovem. Está usando

um vestido preto, os braços de fora, e uma espécie de lenço comprido no

pescoço, apesar de estar em casa. Está de pulseiras, uma porção delas,

que vão do pulso ao antebraço, como uma armadura. Usa anéis nos polegares. Está sorrindo para Vaclav, ele repara, sabe quem ele é, e agarra

seus ombros e o abraça, enquanto o puxa para dentro de casa.

— Vaclav — diz, como se o esperasse. Segura a mão dele e o leva para dentro. Vaclav se dá conta de que Lena deve ter contado tudo a

Emily.

— Entre — diz ela —, entre.

Ela o conduz pela casa, que é esquisita, mas mesmo assim normal.

A casa não está tentando ser normal; tem coisas esquisitas por toda parte.

Há panos coloridos espalhados, e nada combina, e há tantos quadros nas

paredes que não sobra espaço vazio, mas parece mais bonita que a casa

dele. A cozinha é completamente diferente da dele. É grande, e há pilhas

de livros em cima dos balcões, e há três ramos de flores diferentes em três

vasos diferentes, e há panelas penduradas no teto.

Lena está sentada à mesa da cozinha, lendo. Ao ver Vaclav, seu rosto se petrifica.

— Lena — diz Emily —, não vamos ser dramáticas, nada de Days of Our Lives. Vamos ser pessoas, simplesmente. Ele veio aqui porque se

importa com você. Está tudo bem, vamos só conversar, certo? — E olha

para Vaclav.

303

Ele hesita, sem tirar os olhos de Lena. Lena está vestindo calças de pijama de xadrez cor-de-rosa e esconde os braços dentro de um suéter

enorme de tricô no estilo pescador. Parece menor do que nunca, encolhida junto à mesa.

— É — começa ele —, quero contar a verdade a você. Lena não consegue dizer nada.

— Sobre seus pais — diz ele. — Eu sei. Lena olha para sua mãe como uma criança pequena que acabou de ser ferroadada por uma abelha,

quando começa sentir a dor e a ardência.

— Vaclav — diz Emi —, não quer sentar?

Vaclav senta-se, e está desajeitado na cadeira, como se não soubesse

o que fazer com o rosto, com as mãos, com nada. Ninguém fala.

— Vim aqui contar a você a verdade sobre seus pais — começa

Vaclav, e Lena olha-o direto nos olhos.

— Fui ver sua tia, a irmã de sua mãe. Com quem você morava quando éramos pequenos. Ela ainda mora no mesmo apartamento.

Lembro agora como ficava nervoso ao ir lá. Ela me contou sobre sua mãe

e seu pai, contou tudo sobre eles.

As sobrancelhas de Lena mostram o quanto ela está ansiosa para saber, e também como está amedrontada. Emily senta-se à mesa da cozinha ao lado de Lena e faz um sinal com a cabeça para Vaclav.

— Sei que você não queria ir lá, nem queria que eu fosse. Sei que não me contou nada a respeito, e não há problema. Eu fui, e está tudo

bem. — Vaclav respira fundo.

## **A VERDADE**

Eles eram estudantes. Sua mãe e seu pai eram alunos de doutorado na Universidade de Moscou, ambos eram bolsistas e pessoas brilhantes.

Sua tia disse que todo mundo sabia que eles eram os mais inteligentes;

todo mundo comentava sobre isso.

Ela era cientista, ele era poeta. Apaixonaram-se no primeiro minuto em que se viram na cantina da universidade. Um avistou o outro do lado

oposto da sala e simplesmente se aproximaram. Apaixonaram-se no mesmo instante. Saíram juntos da cantina em silêncio e então enxergaram

o céu, as árvores, a relva e as cúpulas no alto dos prédios pela primeira

vez. Durante o primeiro mês só ficaram de mãos dadas, não por obrigação, respeito, ideais ou religião, ou para se absterem, mas porque

sabiam que qualquer coisa a mais seria excessivamente rápida, que os

destruiria, os mataria, explodiria seus corações, seus crânios, a ponta de

seus dedos.

Claro que não esperaram para sempre.

Havia protestos o tempo todo naquela época. Protestos de estudantes, rebeliões, contra o governo, contra a tirania, contra as filas do

pão, o concreto, o céu cinzento. Contra a arquitetura tremendamente

opressiva de todos os prédios. Eles saíam juntos para protestar, com os

outros brilhantes escritores, poetas, cientistas e escultores, autores de

ensaios e exploradores de coisas novas, ideias novas, teorias novas.

Foram para as ruas segurando cartazes, marchando e entoando canções,

canções maravilhosas e edificantes sobre a força e a beleza do mundo.

E foram cercados e agredidos por policiais. Foram presos por suas crenças, suas convicções, pela pura beleza de suas ideias. Nessa época,

305

você sabe, as pessoas desapareciam porque pensavam a coisa errada, o

governo as fazia desaparecer. Ao serem largadas na prisão, nenhuma

recebia um julgamento justo nem nada parecido.

Ela mandou para ele uma mensagem final, dentro da prisão, para contar que estava grávida, grávida de você. Dizia: Vamos continuar juntos nas estrelas, na relva, no concreto, no ruído das árvores à noite, em nossa filha.

Ele mandou uma mensagem final para ela. Dizia: Amo você. Tive a vida mais linda que alguém poderia ter. Não podem tirar nada de nós; tivemos tudo.

Ele recebeu a mensagem dela um dia antes de ser executado. Ela recebeu a dele um dia antes de dar à luz.

Ela foi levada embora assim que você nasceu, e entregaram você à irmã dela. Deram a você o nome dela, um nome lindo, Yelena. Luz. Sua

tia fez o melhor que pôde. Trouxe você para cá; seus avós ajudaram-na a

fazer você chegar em segurança aos Estados Unidos. Ela era jovem; tentou fazer o possível. Mas era difícil: você lhe lembrava a irmã que perdera; a beleza, o brilhantismo dela, tudo isso está em você. Sabia que

não podia tomar conta de você direito, por isso a deixou com aquela

velha senhora por algum tempo. Sua Tia está muito contente por você

estar bem agora. Ama você e sente muito, seu coração dói o tempo todo.

### **QUEM SABIA QUE ELE ESTAVA MENTINDO**

A mãe verdadeira de Lena, Emily, sabia que aquilo não era verdade, mas também sabia que Vaclav não estava mentindo.

306

Vaclav sabia que estava dizendo a verdade.

Lena sabia que era tudo mentira, mas adorou a história e acreditou nela, como se fosse um conto de fadas, uma canção, uma história para

ninar, um truque de mágica.

Amou Vaclav até aquilo se tornar verdade, e assim foi.

fim

307



Este livro é uma digitalização feita de leitor para leitor.

Não possui fins lucrativos.

***Prestigie o autor comprando o livro ;)***